

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO**

**A EDUCAÇÃO PARA O CUIDADO DE SI COMO ESTRATÉGIA DE
RESISTÊNCIA AO DISPOSITIVO DE BELEZA**

RONALDO NEZO

**MARINGÁ
2019**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: EDUCAÇÃO**

**A EDUCAÇÃO PARA O CUIDADO DE SI COMO ESTRATÉGIA DE
RESISTÊNCIA AO DISPOSITIVO DE BELEZA**

Tese apresentada por RONALDO NEZO, ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá, como um dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em Educação.

Área de Concentração: EDUCAÇÃO.

Orientadora:

Prof^(a). Dr(a).: ELIANE ROSE MAIO

MARINGÁ
2019

RONALDO NEZO

**A EDUCAÇÃO PARA O CUIDADO DE SI COMO ESTRATÉGIA DE RESISTÊNCIA
AO DISPOSITIVO DE BELEZA**

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Eliane Rose Maio (Orientadora) – UEM

Profa. Dra. Íris Yae Tomita – Unicentro

Profa. Isaura Monica Souza Zanardini - Unioeste

Prof. Dr. Pedro Luis Navarro Barbosa – UEM

Prof. Dra. Teresa Kazuko Teruya – UEM

Maringá, PR, 15 de Março de 2019

AGRADECIMENTOS

O percurso de uma pesquisa acadêmica desta proporção é bastante cansativo. Um cansaço mais emocional que físico. Por isso, as pessoas que de alguma maneira participam com a gente desta caminhada tornam-se muito importantes. Elas acabam por representar um oásis em meio ao deserto. Sim, porque a sensação, por vezes, é justamente esta: a gente se sente num terreno vazio, sob um sol causticante e sem ter para o que olhar e nem a quem recorrer. Entretanto, algumas pessoas aparecem vez ou outra e ajudam a tornar as coisas menos difíceis. São elas que agradeço.

Em primeiro lugar, à minha companheira, ao meu filho e à minha filha. Embora a Rute não se envolva diretamente com o que faço, estudo ou escrevo, a compreensão e apoio que recebo são fundamentais. Afinal, são horas e horas ausentes da vida dela e ainda assim sempre me incentivou a prosseguir. Ela ajuda a tornar a jornada mais leve. Quanto ao Victor e a Maria Eduarda, o simples fato de existirem justificou todo meu esforço. Obrigado por estarem sempre comigo. Espero ser um orgulho para vocês!

O que dizer da orientadora mais incrível do mundo? Eliane Rose Maio, professora e amiga. Tenho dito há alguns anos que a sua importância em minha vida vai além da trajetória acadêmica; você me tornou uma pessoa melhor. Ainda lá atrás, na pós-graduação em Psicopedagogia, suas aulas, seus comentários me levaram a entender melhor o ser humano, a respeitar quem é diferente de mim e a observar que a vida pode ser mais simples se nos despirmos dos preconceitos, discriminações, dos olhares de julgamento. Em mais de uma ocasião, tive provas de que você é alguém que vive o que defende, que pratica o que fala.

Agradeço aos membros da minha banca. Ao querido Pedro Navarro, que conheci ainda no mestrado e que, com sua generosidade ao ensinar, levou-me a querer descobrir mais a respeito do trabalho de Michel Foucault. À Teresa Teruya, a primeira professora que me recebeu no PPE, quando eu ainda nem tinha começado o mestrado e me explicou sobre o funcionamento do programa. Apenas anos depois aceitei o desafio de tornar-me um pesquisador, mas ainda lembro de suas orientações. À Íris Tomita, com a qual tive o primeiro contato pessoal apenas na qualificação do doutorado, mas que já se tornou uma amiga querida. Também à Monica Zanardini; inicialmente, nosso contato se restringiu ao parecer escrito por

ocasião da qualificação, porém suas palavras trouxeram bons sentimentos. Na defesa, isso tudo se concretizou e me fez acreditar que nossa luta - inclusive política - vale a pena!

Sou grato também a cada colega do programa de Educação - em especial aos membros do Nudisex. É fato que o contato que tivemos foi bem pequeno, mas vocês fizeram a diferença nos meus dias. Certamente a militância que exercem, muito diferente da postura que adoto na academia (e fora dela), ajudaram-me a crescer e ampliaram minha visão de mundo.

Obrigado aos professores e professoras do PPE, ao secretário Hugo, à Márcia (que agora atua noutro departamento), à coordenação do programa... Enfim, toda essa equipe linda que acredita na educação e numa educação libertária, transformadora, cidadã.

Ainda deixo meu obrigado aos meus pais e irmãos, pela torcida, pelas orações e pelo carinho; aos professores e professoras que trabalham comigo na Faculdade Maringá; aos meus alunos e alunas, pelas conversas, interações e questionamentos, que valorizaram esta pesquisa.

Por fim, a Deus, que tem tornado possível o que parecia impossível.

NEZO, Ronaldo. **A EDUCAÇÃO PARA O CUIDADO DE SI COMO ESTRATÉGIA DE RESISTÊNCIA AO DISPOSITIVO DE BELEZA.** 275 f. Tese. (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Orientadora: Eliane Rose Maio. Maringá, 2019

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo geral propor a educação para o cuidado de si como estratégia de resistência ao dispositivo de beleza. Define-se o cuidado de si na perspectiva estudada por Michel Foucault a partir dos textos clássicos da filosofia grega. Para se chegar à proposta, observaram-se 35 publicações de mulheres que falam sobre seus corpos e três *prints* de comentários de amigos/as dessas usuárias do *Facebook*. O período selecionado se estendeu de janeiro a dezembro de 2017. Considerando as prováveis especificidades dos discursos sobre os corpos, partiu-se do pressuposto que as publicações nas redes sociais permitiriam compreender se estaria em funcionamento uma memória sobre a beleza feminina, entendendo que saberes constituídos em relações de poder possuem efeito de verdade e participam do processo de subjetivação dos sujeitos. Frente a isso, objetivou-se apresentar noções teóricas a respeito do corpo a fim de entender o lugar da mulher e os saberes sobre seu corpo em diferentes momentos históricos, considerando as questões de gênero; também mostrar as representações simbólicas sobre o corpo da mulher, no que diz respeito inclusive ao corpo belo, em circulação na sociedade e, principalmente, na mídia. Apresentou-se a especificidade material do *Facebook* como espaço de circulação de discursos e sua participação na constituição de verdades funcionando como um dispositivo de poder-saber. Ainda, descreveu-se e interpretou-se, por meio dos textos verbais e imagéticos os discursos, materializados em publicações no *Facebook*, que reverberam e produzem ‘verdades’ sobre o corpo da mulher. Tendo como referência teórica e metodológica os estudos empreendidos por Michel Foucault e sua compreensão de Discurso, considerando-os como uma caixa de ferramentas, levantaram-se alguns conceitos e noções desenvolvidas pelo filósofo francês que referenciam as diferentes discussões desenvolvidas na pesquisa. Na construção do *corpus* analítico, em torno das publicações no *Facebook*, partiu-se das noções de arquivo formuladas por Foucault e Michel Pêcheux, construindo séries enunciativas que possibilitaram a confirmação de que as resistências ao dispositivo de beleza ainda são pouco significativas nas redes sociais na internet; em jogos de verdade, prevalecem os discursos de que os corpos belos são jovens, magros, (re)construídos por meio de exercícios físicos, alimentação e/ou procedimentos estéticos. Buscou-se responder como a educação para o cuidado de si pode contribuir para a resistência aos saberes construídos pelo dispositivo de beleza sobre o corpo da mulher. Conclui-se que, embora a educação tenha limites, as ações pedagógicas e o trabalho de professores/as em sala de aula podem contribuir para o desenvolvimento de práticas de liberdade que assegurem a autonomia dos sujeitos, inclusive no que diz respeito ao corpo da mulher. As condições de possibilidade que se apresentam são da resistência por meio da produção de conhecimentos que devem ser comunicados, divulgados, publicizados, discursivizados para acesso de todos/as.

Palavras-chave: Educação; Mulher; Beleza; *Facebook*; Cuidado de Si.

NEZO, Ronaldo. **THE EDUCATION FOR THE CARE OF ONE SELF AS STRATEGY OF RESISTANCE TO THE DEVICE OF BEAUTY**. 275 p. Thesys. (PhD in Education) – State University of Maringá. Advisor: Eliane Rose Maio. Maringá, 2019

ABSTRACT

This research has as general objective to propose the education for the care of oneself as strategy of resistance to the device of beauty. It is defined the care of oneself in the perspective studied by Michel Foucault through the classical texts of the Greek philosophy. To reach the proposal, 35 publications of women that speak about their own bodies and three comments on Facebook were observed, in the period from January to December in 2017. Considering the most probable specificities of speeches about bodies, it was assumed that the publications in social medias allowed the understanding whether the memory's operation about the female beauty, understanding that knowledge constituted in relations of power has the effect of truth and participates in the process of subjectivation of the subjects. Against this, it was focused to present the oratical comprehensions about the body in order to understand the place of women and the knowledge about their body in different historical moments, considering the issues of gender; also showing the symbolic representations about the women's body, in regard to even the beautiful body, in circulation in society and, mainly, in media. The material specificity of Facebook as a place of circulation of speeches and one's participation in constitution of truths working as a device of power-knowledge. Also, the speeches, materialized in publications on Facebook, were described and interpreted through the verbal and imaginary texts, which reverberate and produce truths about the woman's body. Having as the oratical and methodological reference the studies undertaken by Michel Foucault and his comprehension of Discourse, considering them as a tool box, some concepts and notions were raised by the French philosopher which referenced the different discussions developed in the research. In the construction of the analytical *corpus* on Facebook publications, which was based on the notions of archive formulated by Foucault and Michel Pêcheux, constructing enunciative series that enabled the confirmation that resistance to the beauty device is still not very significant in social networks on the Internet; in truth games, prevailed the speeches that the beautiful bodies are young, thin, (re)constructed through physical exercises, healthy food and/or a esthetic procedures. It was sought to answer how education for the care of oneself can contribute to the resistance to the knowledge built by the beauty device on the woman's body. It is concluded that, although education has limits, the pedagogical actions and the work of teachers in the classroom can contribute to the development of practices of freedom that ensures the autonomy of subjects, also with regards to the woman's body. The presented conditions of possibility are from resistency through the production of knowledge that should be communicated, publicized, discoursed for access by all.

Keywords: Education; Women; Beauty; Facebook; Care of Oneself.

LISTA DOS POSTS ANALISADOS

Post 1: Não existe mágica	182
Post 2: Minha meta	183
Post 3: Patinho feio	183
Post 4: Estilo de vida	183
Post 5: Alimentação saudável	184
Post 6: Colher o que planta	185
Post 7: Linda magra	185
Post 8: Determinação	189
Post 9: Depois do chocolate	191
Post 10: Mulheres que comem nada	192
Post 11: Tentações	193
Post 12: Questão de prioridade	194
Post 13: Vestido PP	195
Post 14: O limite está na cabeça	196
Post 15: Ficar como eu quero	198
Post 16: Nunca parar	199
Post 17: Vai cansada mesmo	200
Post 18: Quase tudo duro	201
Post 19: Mais perto	202
Post 20: Que exemplo	203
Post 21: Voltar a malhar	205
Post 22: Coragem pra começar	206
Post 23: Parecer magrinha	207
Post 24: Tá gostosa?	208
Post 25: Feia	209
Post 26: Músculos	211
Post 27: Comentários I	212
Post 28: Apaixonada	214
Post 29: Comentários II	215

Post 30: Sua graça.....	216
Post 31: Comentários III.....	218
Post 32: Tanta feiúra.....	220
Post 33: Vestir 36.....	221
Post 34: Vovó enxuta.....	222
Post 35: Minhas curvas.....	223
Post 36: Me amo.....	225
Post 37: Vergonha de si.....	226
Post 38: Uma mulher bonita.....	227

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
2 ABRINDO A CAIXA DE FERRAMENTAS DE FOUCAULT	23
2.1 O QUE TIRO DA CAIXA DE FERRAMENTAS	26
2.1.1 O sujeito.....	27
2.1.2 Subjetividade	33
2.1.3 Saber-poder	36
2.1.4 Discurso.....	42
2.1.5 Enunciados	49
2.1.6 Dispositivo	53
3 O CORPO DA MULHER E AS QUESTÕES DE GÊNERO	60
3.1 A HISTÓRIA E O CORPO	60
3.2 O CORPO COMO OBJETO DE REFLEXÃO.....	65
3.3 O PODER SOBRE OS CORPOS	74
3.4 CORPO BELO: UMA QUESTÃO DE GÊNERO?.....	87
4 A MÍDIA E A REPRESENTAÇÃO DA BELEZA NA HISTÓRIA	98
4.1 A BELEZA NA HISTÓRIA	98
4.1.1 A beleza em terras brasileiras	101
4.2 O CORPO BELO.....	116
4.3 BELEZA MITIFICADA	119
4.4 A MÍDIA NA CONSTITUIÇÃO DE VERDADES SOBRE OS CORPOS	127
5 O FACEBOOK E O DISCURSO SOBRE SI	132
5.1 AS REDES SOCIAIS NA INTERNET.....	135
5.2 O FACEBOOK COMO ESPAÇO DE CIRCULAÇÃO DISCURSIVA	156
6 ANÁLISE E IMPLICAÇÕES NA/DA EDUCAÇÃO PARA O CUIDADO DE SI....	168
6.1 METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE.....	168
6.1.1 Seleção e especificidades do material de análise	175
6.1.2 O recorte para a construção do <i>corpus</i>	179
6.2 ANÁLISE DO <i>CORPUS</i> : O CORPO EM EVIDÊNCIA.....	180
6.2.1 A beleza é conquista com esforço	181
6.2.2 Magras que se dizem gordinhas	204
6.2.3 Prazer em se exibir	210

6.2.4	Provocações	219
6.2.5	“Resistência” ao discurso de beleza	224
6.3	O <i>FACEBOOK</i> COMO CONFESSORÁRIO	228
6.4	EDUCAÇÃO PARA O CUIDADO DE SI E A RESISTÊNCIA	231
6.4.1	Os "limites" da resistência	232
6.4.2	A reprodução de práticas pedagógicas.....	238
6.5	EDUCAÇÃO PARA O CUIDADO DE SI	244
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	253
	REFERÊNCIAS.....	262

INTRODUÇÃO

Durante séculos, a humanidade tem mudado a aparência de acordo com os referenciais de beleza estabelecidos em cada época. Estes, por sua vez, consistem em imagens idealizadas de aparições de homens e mulheres, que são interpretadas como sendo a expressão do belo e, conseqüentemente, adotadas pelas pessoas de um determinado período histórico. Na sociedade ocidental contemporânea, a beleza feminina é retratada com mulheres, quase sempre, brancas, jovens, magras, rostos suaves, curvas bem definidas. Essas características, frequentemente, são apresentadas como possíveis de se conquistar, pois a beleza é tida como um atributo feminino. E torna-se imperativo que a mulher seja bela. Quase como regra, noutras palavras, só não é bela quem não quer. Dessa forma, o corpo é considerado como moldável, adaptável, passível de ser (re)construído.

Todas as maneiras de adaptar, criar a forma e a aparência desejadas – fazendo uso de dietas, exercícios físicos, tratamentos estéticos, inclusive cirúrgicos – são meios de disciplinar e controlar o corpo. Durante as últimas décadas, métodos para atender a esses ideais e padrões se intensificaram. Cirurgias estéticas, dietas extremas, medicamentos e procedimentos clínicos ganharam popularidade e se tornaram disponíveis a uma parcela considerável da população. Não são raras as ofertas de produtos e/ou serviços estéticos parcelados no cartão de crédito. Afinal, a promessa do mercado é de que todas as mulheres podem ser belas.

O corpo pode ser visto como uma tela na qual a história, e tudo que a constrói, deixa sua marca. É formado por meio de experiências que são compartilhadas dentro do contexto histórico, social e cultural da sociedade. O corpo em si e as ideias sobre o corpo estão, portanto, sujeitos a mudanças. Isso significa que características como idade, peso, gênero e raça não estão simplesmente situadas nos genes, mas adquirem significado na trama histórica, ocorrem dentro de um conjunto de relações de poder. A beleza é um desses fenômenos construídos, expressa no e pelo corpo. Embora pareça ser ‘natural’, ganha sentidos distintos e, por vezes, serve para classificar as pessoas, funcionando como valor que hierarquiza e, conseqüentemente, no caso das mulheres que não são consideradas belas, causa sofrimento, ansiedade, baixa autoestima.

As referências de beleza, as ideias estabelecidas a respeito dos gêneros e até mesmo os estereótipos que atravessam homens e mulheres dentro de uma

comunidade fazem parte da cultura. Os ideais de beleza tomam forma dentro de um contexto social e cultural particular. As classes econômica e social, o gênero, a localização geográfica da sociedade e o período histórico são apenas alguns dos fatores que contribuem para o modo como a beleza é construída numa determinada sociedade. É necessário considerar que, nos anos em que vivemos, o mundo está cada vez mais interconectado, em virtude das tecnologias de transporte e, principalmente, da comunicação. Isso intensificou, ainda que virtualmente, o contato entre as pessoas, os fluxos de produtos e bens, a informação e os valores culturais. Este movimento também afeta o universo das ideias e, conseqüentemente, a formação da identidade dos sujeitos. É fato que há lugares no país e no mundo que ainda não têm a possibilidade de se juntar a esses avanços tecnológicos de volume e velocidade de tráfego de mídia; e esses, de certo modo, talvez sejam excluídos¹ – ou menos afetados – pela disseminação dos ideais estéticos da sociedade contemporânea.

Na atualidade, compreender o funcionamento das referências de beleza levamos a estudar a influência não apenas dos meios de comunicação, da mídia, de um modo geral. É necessário pesquisar as especificidades das redes sociais na internet e como as pessoas comportam-se no espaço virtual. Estas unem pessoas e grupos, fornecem apoio e proteção social, mas também exercem influência sobre padrões de comportamento e pensamento. A mídia digital cria a oportunidade para os sujeitos manterem grandes redes (*on-line*), fornece plataformas nas quais os/as usuários/as podem influenciar uns/umas aos/às outros/as, criam a possibilidade de as pessoas exibirem uma determinada identidade, mostram-se como gostariam de ser percebidas e como desejam e esperam ser identificadas. Enfim, o que se produz e se reproduz no universo *on-line* parece ser pautado e também pautar o *off-line*. Na rede ou fora dela, a beleza ganha evidência e, especialmente afetando as mulheres, e há uma espécie de saber que se impõe – não apenas de forma verbal – disciplinando, vigiando, moldando os corpos.

Um estudo realizado por Brown e Dittmar (2005) revelou que a exposição de imagens de modelos magras contribuiu para aumentar a ansiedade de mulheres relacionada ao corpo e reforçou a necessidade de emagrecerem. As autoras notaram que as mulheres pesquisadas assimilaram um ‘pensamento magro’,

¹ Esta é apenas uma hipótese que poderia ser melhor estudada, mas não é o propósito desta pesquisa.

sentindo-se desconfortáveis com o corpo que possuíam. Isso aponta que situações cotidianas nas quais são expostas aos referenciais de beleza – seja folheando uma revista, vendo um filme, uma novela ou perfis de influenciadoras digitais –, as mulheres são colocadas como diante de um espelho, identificando supostas imperfeições, sendo estimuladas a empregarem diferentes métodos a fim de conquistar o corpo ideal.

Os modelos de beleza são construídos socialmente. Não existe um olhar individual, autônomo. As pessoas se constroem como sujeitos na relação com a exterioridade; e é necessário considerar que não apenas pertencem a uma rede ou grupo social, mas a múltiplos grupos sociais e culturais. Esse ambiente é rico em saberes que atravessam os sujeitos e formam subjetividades. As normas e valores de uma determinada sociedade são assimilados, incorporados. Tornam-se verdades. De modo geral, as pessoas se ajustam aos saberes da época e se comportam como personagens de um espetáculo. As práticas de poder são gravadas nos próprios corpos e até mesmo as escolhas, tidas como individuais, funcionam como respostas aos saberes de uma época.

É o que parece ocorrer em relação às mulheres e seus corpos. Tradicionalmente, elas são valorizadas em seu capital corporal. Além disso, a ideia de que as mulheres são ‘belas’ e os homens, ‘racionais’, está conectada às normas e papéis atuais de gênero. Essas normas e papéis têm uma associação com masculinidade e feminilidade, que são socializadas e aceitas na sociedade. Wolf (1992, p. 15) ressalta que, no caso das mulheres, “a beleza é um sistema monetário semelhante ao ‘padrão ouro’”. Embora a beleza não seja universal, tampouco imutável, as mulheres competem entre si por meio da beleza (WOLF, 1992) – o que reforça a ideia de que há uma institucionalização dos padrões de beleza e estes se tornam parte da subjetividade feminina.

Em cada parte do mundo, os elementos da juventude são considerados referenciais de beleza. Características como lábios carnudos, pele firme e lisa, dentes brancos e olhos vibrantes, cabelos brilhantes são sinais de uma pessoa tida como jovem e bela. Ocorre um processo de aniquilação simbólica que exclui as mulheres que não atendem a esses ideais de beleza ‘juvenis’ estabelecidos nas relações de poder-saber e reproduzidos-sustentados na/pela mídia. Por meio da comparação social com imagens da mídia e de outras mulheres, elas podem criar

uma autoimagem negativa, que tem um efeito adverso em seu cotidiano e afetar, inclusive, a saúde emocional.

Imagens de mulheres mais velhas são sub-representadas na mídia e, portanto, sentem que devem sempre parecer jovens para atender aos ideais de beleza. Referenciado em várias pesquisas – como as de Wolf (1992), Thompson (2014), Sant’anna (2014) entre outros/as autores/as –, sustento que a mídia influencia a natureza dos padrões estéticos que existem dentro de redes de pessoas. Por outro lado, aquelas que obtêm ou aproximam-se desses ideais de beleza, frequentemente, lhes são atribuídos traços de personalidade positivos, como ser mais sociável, competente e ter mais sucesso na vida. Isso motiva até mesmo que algumas mulheres tirem proveito de seus 'encantos' e os usem para ganhar capital social – entendido aqui como o conjunto de conexões e redes que pode estabelecer, valores e atrativos que podem resultar em conquistas profissionais, pessoais etc.

Tendo como premissa que as redes sociais na internet têm dado eco e, devido ao alcance, amplificado essas “verdades”, procuro responder ao seguinte problema de pesquisa: **como a educação para o cuidado de si pode contribuir para a resistência aos saberes construídos pelo dispositivo de beleza sobre o corpo da mulher?** Para isso, a partir da análise do arquivo de publicações feitas por mulheres, de diferentes idades, em perfis pessoais, no *Facebook*, nas quais falam em textos verbais e/ou imagéticos sobre seus corpos, tenho como **objetivo geral**, propor a educação para o cuidado de si como estratégia de resistência ao dispositivo de beleza.

A análise das publicações no *Facebook* cumpre algumas funções: primeira, permite observar se há resistência nos discursos das mulheres ao dispositivo de beleza; segunda, confirmar o funcionamento de uma memória, de feixes de outros discursos históricos que se atualizam nos dizeres dessas mulheres sobre seus corpos; justificar a tese de que há necessidade de práticas pedagógicas para o cuidado de si, pois, parto do pressuposto que existe pouca resistência aos discursos de beleza, que geralmente estão associados ao estímulo ao consumo de produtos e/ou serviços estéticos, a fim de defender que é possível um outro olhar sobre os corpos por meio da educação.

O cuidado de si que aqui discuto retoma o pensamento filosófico grego, estudado por Michel Foucault (2006a/2010). Não diz respeito ao cuidado estético

que se convencionou na sociedade contemporânea, nem se trata de um prática egoísta. O cuidado de si implica, na perspectiva citada ao longo desta pesquisa, na relação com o "conhece-te a ti mesmo" mencionado por Sócrates e, posteriormente, compreendido de outras tantas formas por filósofos que o sucederam. Trata-se, portanto, de um primeiro despertar do sujeito, um momento de abrir os olhos; o princípio de permanente inquietude no curso da existência – o que implicaria também na compreensão de como o dispositivo de beleza pode aprisionar e funcionar como estratégia de poder e controle dos corpos. Foucault (2004) ressalta que as práticas de liberdade se dão por meio da resistência e, para esta seja possível, o sujeito necessita se conhecer e compreender as verdades que, de certo modo, norteiam seus pensamentos e ações.

Como citei, com a análise, busco observar se os saberes, anteriormente citados, a respeito da beleza da mulher são reproduzidos nos textos verbais e/ou imagéticos publicados pelas mulheres na rede social. Afinal, ali, teoricamente, poderiam se manifestar livremente e até mesmo oferecer resistência aos modelos de beleza. Entretanto, parece-me que, talvez por não compreenderem o funcionamento do dispositivo de beleza, pouco se opõem ao que já está em circulação na sociedade tendo efeito de verdade e ainda contribuem para mantê-los como verdades a respeito de seus corpos.

A opção pelo *Facebook* se deu, inicialmente, por observá-lo como uma rede social na internet que dá visibilidade as verdades dos/sobre os sujeitos. A pergunta "no que você está pensando, Ronaldo?"² – que individualiza, indicando o nome próprio de cada pessoa que faz uso desta mídia digital – interpela o/a usuário/a falar sobre isso. De certo modo, reclama a objetivação da subjetividade dos sujeitos, verbalize o que há de mais particular. A exposição nesse espaço – embora seja compartilhada com outras dezenas, centenas ou até milhares de pessoas – parte, na prática, de um ato bastante particular, como se fosse uma espécie de confissão a um ente imparcial, silencioso, sem julgamentos. O *Facebook* não traz: "diga a outras pessoas o que você está pensando"; não há um alerta³ que a postagem é pública. O

² Cada usuário/a ao acessar sua conta no *Facebook* é interpelado por esta pergunta: "no que você está pensando, [...]?" e tem ali seu nome citado. A rede funciona como uma espécie de confessorário.

³ O/a usuário/a geralmente sabe que a postagem não é privada, mas quando digo que não há um 'alerta', busco ressaltar que ninguém é lembrado/a dos efeitos-repercussão que cada texto verbal ou imagético poderá ter e que talvez seja visto por pessoas não desejadas ou que, dependendo do que

convite é intimista, sugere um desabafo – como se falasse: “diga como se sente; aqui ninguém vai te incomodar”. Em suas especificidades, o *Facebook* já atraiu mais de 2 bilhões e 600 milhões de pessoas em todo o mundo⁴. Muitas delas estão diariamente *on-line* consumindo conteúdos de outros/as usuários/as, interagindo, compartilhando e também falando sobre si mesmas, suas impressões, mostrando a vida delas, a intimidade (RECUERO, 2009).

Como usuário desta mídia, antes de propor este projeto, pesquisando sobre outros temas em circulação na rede ou apenas interagindo com as diferentes publicações, havia notado que várias mulheres publicavam fotos, comentários e textos verbalizando as verdades delas sobre os corpos. Percebi que algumas delas falavam sobre si mesmas e mostravam-se como se estivessem falando/olhando-se diante do espelho ou numa conversa íntima com alguém em quem confiam. Isso me levou a concluir que o *Facebook* seria um local produtivo para analisar o discurso das mulheres sobre seus corpos. Uma pesquisa de campo, com questionários e entrevistas, ainda que tivesse – e tenha – valor, não permitiria alcançar e ouvir um número tão considerável e diverso de mulheres, de classes sociais, idade e culturas distintas, regiões distantes do Brasil. O próprio fato de serem convidadas a participar de uma pesquisa realizada por um homem que questiona sobre saberes a respeito de seus corpos poderia criar certa barreira ou estabelecer outra dinâmica ao diálogo afetando os sentidos das possíveis respostas.

Quanto ao meu interesse a respeito do tema, surgiu ainda no percurso de pesquisa do Mestrado em Letras (UEM). Embora estudasse os discursos nas fotomontagens (*memes*)⁵ em circulação no *Facebook* durante a campanha presidencial de 2014, ao fazer os créditos das disciplinas, desenvolvi uma breve análise sobre uma brincadeira que aconteceu naquele mesmo ano envolvendo mulheres que se desafiavam a publicar fotos pessoais sem maquiagem. O aparente desconforto de algumas delas em expor seus rostos sem produtos corretivos estéticos ou filtros presentes em *softwares* ou aplicativos de celulares, ao mesmo tempo que sentiam a necessidade de responder ao desafio de amigas, motivou-me

for publicado, poderá se arrepender depois. Na prática, as pessoas não receberam e nem recebem orientações sobre o uso das mídias digitais; o uso é, de certo modo, intuitivo.

⁴ Informação disponível em: <<https://epocanegocios.globo.com/Empresa/noticia/2018/10/facebook-chega-26-bilhoes-de-usuarios-no-mundo-com-suas-plataformas.html>>. Acesso em: 30 out. 2018.

⁵ O termo *meme*, criado por Richard Dawkins, foi desenvolvido no livro *O gene egoísta* (1976). Na obra, o biólogo tratava de modelos evolutivos. Porém, com a internet, o termo foi ressignificado e passou a identificar os conteúdos virais que circulam na rede – podem ser brincadeiras, frases, imagens etc. (NEZO, 2016).

a procurar compreender melhor a relação histórica da mulher com seus corpos. Descobri que, mais que vaidade ou um capricho pessoal, a mulher foi subjetivada ao longo da história a ser bela. Ser mulher confunde-se com o ser bela – este se tornou um atributo feminino. Entretanto, como compreender essa obrigação de responder a determinados modelos de beleza se estamos em pleno século 21, no qual ser livre, ser feliz e aceitar-se também parecem ser valores imperativos da forma de vida nos dias atuais? As mulheres aceitam passivamente a obrigação de moldarem seus corpos de acordo com os ideais estéticos da sociedade?

Estes incômodos pessoais resultaram no desenvolvimento desta Tese. Desta forma, após propor o problema de pesquisa e o objetivo geral, acima citados, organizei os objetivos específicos. Sendo eles: retomar noções conceituais em Michel Foucault que permitem compreender o discurso das mulheres a respeito de seus corpos; apresentar compreensões teóricas a respeito do corpo buscando entender o lugar da mulher e os saberes sobre seu corpo em diferentes momentos históricos, considerando as questões de gênero; mostrar as representações simbólicas sobre o corpo da mulher, no que diz respeito inclusive ao corpo belo, em circulação da sociedade e, principalmente, na mídia; apresentar a especificidade material do *Facebook* como espaço de circulação de discursos e sua participação na constituição de verdades funcionando como um dispositivo de poder; descrever e interpretar, por meio dos textos verbais e imagéticos, os discursos, materializados em publicações no *Facebook*, que reverberam e produzem verdades sobre o corpo da mulher.

A organização em Seções teve como referência cada um desses objetivos específicos. Considerando que a introdução seria a primeira Seção, na próxima, retomo noções conceituais em Michel Foucault; estas norteiam as escolhas e posicionamentos que assumo durante o desenvolvimento da pesquisa. Sendo assim, a Seção *Abrindo a caixa de ferramentas de Foucault* oferece ao/à leitor/a um resumo de noções e conceitos propostos pelo filósofo francês para compreensão da discussão desenvolvida e reflexões propostas – sujeito, subjetividade, dispositivo, saber e poder, entre outros. Embora dezenas de estudiosos e estudiosas sejam referenciados/as nas próximas páginas, cada paráfrase ou citação feita dialoga, ainda que não textualmente citado, com a maneira com que assimilei o pensamento de Foucault. E algo nele me parece fundamental: nada é absoluto, tudo é transitório, inclusive as coisas sobre as quais pesquisamos ou nos incomodam hoje. Isso

significa que mesmo este estudo pode ser reconsiderado, revisto em pouco tempo, oferecendo-nos outro olhar a respeito do tema aqui proposto.

A preocupação do filósofo parecia ser: o que dizer daquilo que está se passando atualmente? Foi isso que fez Foucault ao longo de trinta anos. Esboçou conceitos, utilizou-os, abandonou-os; elaborou outros, aplicou-os para pouco depois também substituí-los – sempre buscando responder a uma inquietação de momento. E, se estivesse vivo, o que estaria ocupando Foucault hoje? Mesmo não sendo possível saber sobre que assuntos estaria pensando, a trajetória do filósofo permite deduzir que já teria rompido com as discussões que fazia na década de 1980, que não retornaria aos primeiros escritos, mas estaria sim falando, escrevendo, lecionando sobre outros fenômenos – sem perder de vista o sujeito. Rocha (2014), comparando Foucault a um jornalista, ressalta que o filósofo compreendia que os escritos são prisões, caso sejam adotados como algo que quer selar notações definitivas a respeito daquilo sobre o qual se discute⁶.

Descobri Foucault ainda no Mestrado e, mesmo não tendo sido o autor com o qual trabalhei naquela ocasião no desenvolvimento da dissertação, levou-me a pensar sobre as verdades de nossa época, a maneira como nos relacionamos com a ciência e também com nós mesmos. Numa frase, que considero genial, Foucault (2002, p. 295) declara que "eu penso para esquecer". A vida é movimento; os sistemas de pensamento estão em movimento. E a filosofia de Foucault tem essa flexibilidade. Por isso, ele propõe a ideia de que tomemos seus escritos como uma "caixa de ferramentas" – tiramos de seus escritos o que entendemos ser úteis para o desenvolvimento de uma pesquisa e, ainda que buscando ter coerência com seus estudos, não há o rigor que prende, que engessa. "Que os comentadores digam se se é ou não fiel, isto não tem o menor interesse" (FOUCAULT, 2014, p. 81).

É neste sentido que o filósofo atravessa toda a concepção e desenvolvimento desta pesquisa: os autores e autoras aqui mencionados/as são como caixas de ferramentas das quais procuro me servir para responder ao problema de pesquisa e aos objetivos propostos. Alguns posicionamentos desses/as estudiosos/as não são retomados, principalmente quando assumem um caráter interessado e comprometido com uma determinada ideia – é o caso, por exemplo, daqueles/as

⁶ Para Rocha (2014, p. 35), "para Michel Foucault a tarefa da atividade discursiva deve ser outra. Novamente, assim como na prática jornalística, alimentada por situações diárias, escreve-se para dar conta de algo que está aí, em voga. Depois, isso não existe mais e, como no exemplo de um livro escrito, este deveria ser posto de lado".

que trabalham com gênero e feminismo. Embora presentes nas discussões sobre a mulher, o corpo e a beleza, quando as teses por eles/as apresentadas manifestam uma natureza política, opto pelo entendimento foucaultiano de que, mesmo o saber acadêmico, é produzido nas relações de saber e poder – por vezes, trata-se de uma estratégia de resistência que busca oferecer outra verdade substituindo a que até então estava/está estabelecida – e, ainda que objetivem a liberdade do sujeito, não significam necessariamente uma posição final e definitiva, tampouco superior em valor ao saber de uma outra época.

Ressalto que me sirvo de discussões desenvolvidas por pesquisadores e pesquisadoras de gênero e feminismos. Compreendo o valor destes estudos como também entendo sua relevância para combate às desigualdades de gênero e raça. A resistência aos discursos de beleza, por exemplo, tem sido possível graças às inúmeras pesquisas realizadas por estudiosos/as dessas áreas. Foucault, inclusive, é referência para vários estudos feministas, que também se servem de suas pesquisas como caixas de ferramentas aplicando as noções que são convenientes para compreensão das complexas redes de poder que fabricam os sujeitos. Contudo, semelhante ao filósofo francês, que reconhecia e enaltecia o trabalho de feministas, também o faço, mas meu objeto de estudo é o sujeito – neste caso, as mulheres – e a formação de sua subjetividade por meio dos mais diferentes discursos que possuem efeito de verdade. Por outro lado, como cita Louro (2003, p. 142), "[...] o feminismo implica num posicionamento interessado, comprometido e político". Eu, hoje, estudo o discurso de beleza; "ontem", o discurso político; amanhã, talvez as especificidades do discurso tecnológico ou outro discurso em voga. Enquanto isso, diz Louro (2003, p. 142), no feminismo, "[...] ou somos cientistas/pesquisadoras ou somos feministas. Seria impossível ser uma pesquisadora feminista". A pesquisa feminista, portanto, assume uma posição, fala de um determinado lugar, luta efetivamente por determinadas bandeiras – e isso parece diferir da posição de Foucault mencionada em nota anterior e nem diz respeito ao meu posicionamento enquanto sujeito e pesquisador.

Na Seção 3, *O corpo da mulher e as questões de gênero*, apresento compreensões teóricas a respeito do corpo buscando entender o lugar da mulher e os saberes sobre seu corpo em diferentes momentos históricos, considerando as questões de gênero. Nela, trato das questões do corpo ao longo da história, o funcionamento do poder sobre os corpos por meio de regimes disciplinares e

aspectos que se relacionam com o dispositivo de beleza. Também discuto como o poder submete especialmente a mulher a este dispositivo de beleza, reconhecendo o funcionamento de uma questão de gênero ao atribuir a beleza como parte da natureza dela.

Por identificar que esses saberes a respeito dos corpos também são repercutidos e sustentados pelos meios de comunicação, dou sequência ao tema na Seção 4, *A mídia e a representação da beleza na história*. Nela, mostro as representações simbólicas sobre o corpo da mulher, no que diz respeito inclusive ao corpo belo, em circulação da sociedade e, principalmente, na mídia. Trato mais especificamente de como a mídia dá visibilidade aos corpos e cria uma espécie de vigilância sobre o que deve ser um corpo belo. Ressalto, referenciado em autores e autoras, que a mídia distingue pessoas pela beleza, classifica-as, desperta inveja, também funciona como instrumento de poder, mercadoria, moeda de troca.

A meu ver, estas duas Seções – que descrevem, discutem e organizam saberes sobre o corpo, a mulher, a beleza ao longo da história e também a relevância da mídia para o dispositivo de beleza – auxiliam o/a leitor/a a compreender os discursos das mulheres na subseção específica de análise do arquivo – 6.2, *Análise do corpus: o corpo em evidência*. Partindo de Fischer (2001), diria que as teorizações têm a função de mapear os ditos sobre a beleza nas diferentes cenas enunciativas, multiplicando as relações aí sugeridas. O que descrevo nas análises produz sentido no conjunto de relações com os saberes históricos mencionados nas Seções 3 e 4.

Em função da análise ser de publicações numa página de rede social, a Seção 5, *O Facebook e o discurso sobre si*, é reservada para apresentar especificidade material do *Facebook* como espaço de circulação de discursos e sua participação na constituição de verdades funcionando como um dispositivo de poder. Para isso, retomo noções sobre as redes sociais na internet, relação entre usuários/as e essas mídias digitais, a história do *Facebook*, suas características, potencialidades como lugar de manifestação e constituição da subjetividade dos sujeitos.

A Seção 6, *Análise e implicações na/da educação para o cuidado de si*, tem como objetivo específico descrever e interpretar, por meio dos textos verbais e imagéticos, os discursos, materializados em publicações no *Facebook*, que reverberam e produzem verdades sobre o corpo da mulher. Apresento a

metodologia desenvolvida para esta pesquisa, os critérios utilizados para reuni-las e a composição do *corpus* de análise. Para chegar à definição do material de análise que levaria à construção do *corpus* analítico propriamente dito, tendo como referência as definições de arquivo feitas por Foucault (2008) e Pêcheux (1997), construí um arquivo – na perspectiva pechetiana – de publicações feitas por mulheres mencionando seus corpos em que o tema da beleza fosse colocado em evidência.

Arquivei, ao longo dos doze meses de 2017, mais de 300 postagens. Considerei todas as usuárias que se identificavam como mulheres. Não fiz nenhum recorte considerando raça, idade, cor, classe social, ou região do país – bastava morar em território brasileiro e o perfil estar em língua portuguesa. Tendo em vista que o *corpus* em Análise de Discurso é resultante da construção de um trabalho analítico do próprio analista, como explica Orlandi (2000), a partir do arquivo construído, delimitei o material que serviria para análise com base nas regularidades discursivas observadas. Isso permitiu organizar as postagens em cinco séries enunciativas: "a beleza é conquistada com esforço"; "magras que se dizem gordinhas"; "provocações"; "mulheres que sentem prazer em se exibirem"; e "mulheres que 'resistem' ao discurso de beleza". Desta forma, selecionei 38 publicações; na primeira série enunciativa, estão presentes a maior parte delas, pois, de certo modo, é o mais representativo inclusive do ponto de vista quantitativo dos discursos textuais e/ou imagéticos do arquivo construído inicialmente – noutras palavras, das mais de 300 postagens inicialmente arquivadas, um volume superior a 50% delas apresenta o enunciado de que a beleza está disponível a toda mulher, mas é conquistada como resultado do esforço e empreendimento pessoal.

Ainda na mesma Seção, trago algumas ideias sobre a educação, os desafios da escola e de professores e professoras em oferecer saberes que transcendam o conteúdo programático a fim de preparar os/as alunos/as – especialmente, as meninas – a se tornarem adultos/as capazes de estabelecer outros olhares sobre o corpo. Procuo relacionar a educação com as técnicas do cuidado de si, propostas por Foucault (2006a), considerando que o/a educador/a, semelhante ao papel exercido por Sócrates, tem tarefa fundamental de levar o sujeito a voltar-se para si, ocupar-se de si, conhecer-se objetivando respeitar-se e ser livre.

As atividades cotidianas de um grande número de mulheres estão relacionadas com o desejo de alcançar os ideais de beleza. Entretanto, não atingem

esses padrões estabelecidos – até porque isso resultaria num problema econômico para os segmentos de produtos e serviços de beleza –, o que leva a sentimentos de derrota. Dessa forma, as mulheres ficam ocupadas com atividades relacionadas ao corpo, devido ao fato de que isso é ‘necessário’ na sociedade. Defendo, porém, que as mulheres têm a possibilidade de refutar os papéis que lhes são determinados aos seus corpos e a educação para o cuidado de si pode ser um instrumento para a resistência ao dispositivo de beleza.

2 ABRINDO A CAIXA DE FERRAMENTAS DE FOUCAULT

O filósofo Michel Foucault desenvolveu ao longo de um percurso intelectual de 30 anos uma série de estudos nos quais diferentes noções foram concebidas. Foucault não se prendia a essas noções e conceitos. Utilizava-os num determinado momento e, pouco depois, praticamente desapareciam de suas falas e/ou escritos. "[...] Os seus conceitos eram, em sua maior parte, provisórios, isto é, não tinham valor de verdade ou de chaves mestra" (JOANILHO; JOANILHO, 2011, p. 28). Ou seja, "[...] serviam como ferramentas para explorar um determinado assunto num determinado momento de investigação" (p. 28). O rigor científico nunca foi uma preocupação. Entendia que a própria ciência funcionava produzindo verdades que poderiam ser colocadas em xeque noutros momentos históricos. Mostrou o estatuto político da ciência e sua relação com os interesses econômicos. Questionou os saberes produzidos pela Psiquiatria, Medicina, Biologia, História entre outros, discutindo os efeitos de poder que circulam sobre os enunciados científicos. O trabalho do francês foi precioso para desestabilizar campos do conhecimento, deixando como herança outras formas de ver e pensar a própria vida humana. Esta, por sinal, talvez tenha sido a maior de suas preocupações: o que estamos fazendo de nós hoje que permita que tenhamos um espaço de liberdade? Que não sejamos um corpo submisso?

O valor que Foucault atribuía ao sujeito e sua preocupação em, por meio de seus estudos, oferecer ferramentas para viver plenamente, livre, de forma autônoma, aparecem aqui. O pensamento do filósofo atravessa cada discussão que aqui é feita. Ainda que tenha tratado a respeito do corpo numa outra perspectiva, não tenha falado especificamente das mulheres e nem da beleza de seus corpos, muito menos pudesse ter pensado sobre a internet, redes sociais, *Facebook*, me aproprio de algumas das noções que desenvolveu para esboçar a pesquisa. Como apontei na Introdução, alguns/mas autores e autoras que trabalharam e trabalham na perspectiva dos Estudos Culturais, Estudos Feministas e de Gênero aparecem ao longo da pesquisa como suporte para uma ou outra reflexão⁷; porém, é na caixa de

⁷ Esses/as autores/as proporcionam ferramentas que utilizo na pesquisa; também podem ser compreendidas na lógica da "caixas de ferramentas". Inspiro-me no próprio Foucault e na maneira como se relacionava com as discussões propostas por outros/as pesquisadores/as, buscando neles/as aspectos que contribuíam para os estudos que desenvolvia.

ferramentas de Foucault que busco os elementos que me permitem pensar e desenvolver o tema. Para isso, nesta Seção, levanto noções conceituais em Michel Foucault presentes na análise dos discursos de mulheres sobre seus corpos no *Facebook*, compreendendo como, por meio da educação, é possível pensar a resistência ao dispositivo de beleza na relação com o cuidado de si⁸.

Como pesquisador, parto do sonho do filósofo de encontrar intelectuais que questionem e se questionem. De certo modo, Foucault, um pouco como Nietzsche (GIACOIA JUNIOR, 2013), desestabiliza nossas certezas, mas sem colocar outras convicções no lugar – promove deslocamentos ao mostrar que verdades são construções históricas que exercem um efeito de verdade. O que mais me agrada nele é justamente o fato de não ser um cientista que se posiciona expondo certezas absolutas. Foucault nunca diz ‘é assim’; geralmente aponta ‘não me parece que seja isso’, ‘não pode ser assim’, ‘parece funcionar dessa maneira’; outras vezes, reconhece a incompletude de suas elaborações e traz novas explicações, retoma pontos que ficaram confusos e oferece novas reflexões. Ou seja, parece estar sempre aberto a outras possibilidades de explicar o mundo.

Sonho com o intelectual destruidor das evidências e das universalidades, que localiza e indica nas inércias e coações do presente os pontos fracos, as brechas, as linhas de força; que sem cessar se desloca, não sabe exatamente onde estará ou o que pensará amanhã, por estar muito atento ao presente; que contribui, no lugar em que está, de passagem, a colocar a questão da revolução, se ela vale a pena e qual (quero dizer qual revolução e qual pena). Que fique claro que os únicos que podem responder são os que aceitam arriscar a vida para fazê-la (FOUCAULT, 2014, p. 137, grifo meu).

Por isso, busco na caixa de ferramentas de Foucault noções essenciais para o desenvolvimento dos objetivos propostos. A metáfora da caixa de ferramentas é do próprio filósofo que sugeriu que suas obras não ocupassem o mesmo papel de outros estudos acadêmicos, dentro do ritual de citação e comentários. Para o francês, suas discussões deveriam funcionar como efetivo instrumento intelectual; ou seja, os escritos estariam abertos para os/as leitores/as a fim de se apropriarem deles e apresentarem outras problematizações. Foucault (2006c, p. 52) ressalta que

⁸ Esta Seção, ainda que não tenha como propósito tratar especificamente da metodologia utilizada nesta pesquisa, acaba por também cumprir esse papel. De certo modo, inspirado pelo que fez Foucault (2008), em *Arqueologia do Saber*, justifico aos poucos os procedimentos utilizados, explico o que foi desenvolvido, dou indicações dos limites da Tese etc.

"[...] um livro é feito para servir a usos não definidos por aquele que o escreveu". E continua:

quanto mais houver usos novos, possíveis, imprevistos, mais eu ficarei contente. Todos os meus livros seja História da loucura seja outros podem ser pequenas caixas de ferramentas. Se as pessoas querem mesmo abri-las, servirem-se de tal frase, tal ideia, tal análise como de uma chave de fenda, ou uma chave-inglesa, para produzir um curto-circuito, desqualificar, quebrar os sistemas de poder, inclusive, eventualmente, os próprios sistemas de que meus livros resultam, pois bem, tanto melhor! (FOUCAULT, 2006c, p. 52, grifo meu).

Alvarez (2015, p. 16) lembra que "Michel Foucault por diversas vezes convidou seus ouvintes ou leitores a tomarem suas ideias como hipóteses de trabalho, suas análises como experiências provisórias, seus livros como ferramentas para múltiplos usos possíveis". Essa era a relação que o filósofo mantinha com o pensamento de Nietzsche e de outros/as filósofos/as. Numa entrevista, realizada por J. J. Brochier, na qual tratava sobre os mecanismos de poder, explicou que o que mais importava era utilizá-lo, ainda que o deformasse. "Que os comentadores digam se se é ou não fiel, isto não tem o menor interesse" (FOUCAULT, 2014, p. 81).

A metáfora da caixa de ferramentas, comenta Alvarez (2015), representava – e ainda representa – a busca de um espaço de liberdade de pensamento (tanto para ele quanto para seus/suas leitores/as), de produção de conhecimento intelectual. O posicionamento do francês em nenhum momento significou uma leitura frouxa, descuidada ou distorcida dos conceitos e análises de outros/as autores/as. "Foucault buscava não os leitores que leem para falar em seguida do que leram, mas sim aqueles que leem para, a partir disso, fazer alguma coisa, fazer avançar o conhecimento" (ALVAREZ, 2015, p. 17). É esta forma de pensar que procuro reproduzir aqui, tentando um percurso com Foucault, sem perdê-lo de vista: buscando na leitura de diferentes autores e autoras argumentos para sustentar minhas próprias análises. Reconhecendo a minha proposta de pesquisa também como experiência provisória, um gesto inacabado, leitura de um momento histórico, recorte de um arquivo, porém, que talvez permita compreender a relação da mulher com seu corpo de outra maneira, ver o funcionamento do *Facebook* como dispositivo no qual ecoam saberes produzidos nas relações de saber e poder, por fim, que a

educação pode ser a estratégia para constituição de outros saberes sobre o corpo feminino e resistência ao discurso atual de beleza.

2.1 O QUE TIRO DA CAIXA DE FERRAMENTAS

Ao longo desta Seção, retomo alguns conceitos e noções fundamentais que norteiam a maneira como me aproprio dos textos de diferentes autores e autoras, a análise dos enunciados em circulação no *Facebook* e, por fim, as reflexões que proponho a respeito do corpo, da beleza, da mulher e da educação. Quando menciono o dispositivo de beleza, é preciso compreender ao que estou me referindo. Os/as autores e autoras que pesquiso a respeito da beleza, e que trataram especificamente da beleza da mulher, não discutiram esse tema na perspectiva de estar em funcionamento um dispositivo de beleza. Logo, é necessário compreender essa noção para pensar, como faço aqui, o funcionamento de um dispositivo de beleza que, nas relações de poder, produz saberes a respeito dos corpos. Por exemplo, ao analisar como a mulher se relaciona com o corpo, não atribuo esse comportamento como resultante de uma ação intencional do homem sobre a mulher, de um querer do homem controlar o corpo da mulher por meio da estética a fim de submetê-la ao seu domínio. Embora essa perspectiva apareça no trabalho de algumas autoras feministas – entre elas, Wolf (1992), bastante citada nas próximas Seções –, não a reproduzo na integralidade, pois, entendo que, quando a mulher se submete ao olhar do homem do ponto de vista da beleza, tanto ela quanto ele agem de tal forma por estarem atravessados por discursos outros, num sistema de relações que nem sempre são (re)conhecidos pelos sujeitos.

Além disso, na perspectiva de Foucault (2014), não posso pensar numa intencionalidade dos sujeitos, no poder como sendo de uma pessoa, gênero ou instituição, nem mesmo um fato como tendo uma única origem. Na prática, o exemplo ilustra o quanto é necessário retomar alguns conceitos e noções do filósofo francês. Apenas nesta situação exemplificada são requeridos melhor entendimento sobre sujeito, subjetividade, saber e poder. Também apresento outros termos que reúnem uma complexidade de ideias: discurso, enunciado e dispositivo. Mais alguns aspectos do pensamento foucaultiano são tratados nas Seções nas quais aparecem

como parte da reflexão em resposta ao problema de pesquisa e aos objetivos desta – por exemplo, a discussão sobre o cuidado de si e arquivo.

Faz-se necessário explicar que, mantendo-me fiel à metáfora da caixa de ferramentas, não pretendo apresentar um estudo complexo e profundo sobre esses conceitos e noções foucaultianos. Retomo aqui, de maneira breve, definições feitas pelo próprio filósofo e alguns/mas de seus/suas leitores/as a fim de situar aqueles/as que desconhecem tais discussões e permitir, inclusive, certa compreensão do percurso que desenvolvo, pois, embora reconheça outras possibilidades de aplicação e análise a partir dos/as autores e autoras mencionados/as, é preciso fazer uma escolha e esta, reconhecidamente, dá-se também pelo lugar ocupado por este sujeito-pesquisador. Acrescento que as ‘ferramentas’ não serão aqui apresentadas necessariamente na ordem cronológica que foram citadas pelo filósofo e nem na sequência que são mencionadas ao longo das Seções. Na prática, quase sempre aparecem imbricadas; a exposição de cada uma delas, separadamente, tem uma função didática; não significa que foram pensadas por Foucault dessa maneira e muito menos que serão desenvolvidas distintamente durante a pesquisa.

2.1.1 O sujeito

Para Foucault (CASTRO, 2004), não é o poder e nem o saber que se constituem no tema geral de suas investigações; trata-se do sujeito. Entretanto, para compreendê-lo na extensão da obra do filósofo, é preciso observar a maneira como Foucault trata do sujeito nas diferentes fases de seu trabalho (CASTRO, 2004). Assim, na fase arqueológica (como descrição das condições históricas de possibilidades do saber), mostra como o homem/mulher é constituído/a, ao mesmo tempo, em sujeito e objeto do conhecimento. A noção de dispositivo e a história entendida como genealogia⁹ serão a estratégia para, numa espécie de segunda fase, descrever as relações de poder, ou seja, as relações entre sujeitos. Finalmente, para estudar as relações já não entre sujeitos, mas sim do sujeito consigo mesmo, as práticas de subjetividade, Foucault conceberá seu trabalho como uma história das práticas, que resultará nas técnicas ou tecnologias de si.

⁹ Lima (2015, p. 47) ressalta que "a genealogia pressupõe um poder-saber, constituindo, a todo instante, estratégias para se atingir o corpo individual, mas com efeitos globais".

O termo sujeito não é inaugurado como conceito por Foucault¹⁰. Embora a vontade de verdade nos motive a perguntar "quando foi criado?", ao adotar a perspectiva foucaultiana, ressalto que a verdade sobre qualquer tema é precária, provisória e parcial, pois é constituída a partir de certas relações de força. Entretanto, sem me aprofundar na historicidade do conceito, é possível identificar referências ao sujeito ao longo da história da filosofia. Com René Descartes, a filosofia moderna parte do "*Cogito, ergo sum*" (Penso, logo existo) trazendo a ideia da pessoa como sujeito e, como ressalta Heidegger (2007), essa noção de sujeito implica num indivíduo que busca se colocar em posição dominante, como centro e medida de todas as coisas. O 'eu humano se torna sujeito de maneira predominante. O nome e o conceito de 'sujeito' passaram para uma nova significação e se transformaram no nome próprio e no termo essencial para o indivíduo (HEIDDEGGER, 2007).

Essa concepção de sujeito implica também a interioridade; o sujeito é consciente de si, faz-se conhecido e se coloca diante do mundo como autônomo. Consciente, pode organizar o mundo, determinar a ciência, mede, calcula, legisla, prediz. Ao ser soberano, converte tudo que acontece em objeto. Nessa perspectiva, o sujeito constrói em sua interioridade um saber que lhe outorga poder sobre a natureza e os demais indivíduos – pretensão que realiza mediante a tecnologia. Diferencia-se do mundo; do outro; enquanto é único, é livre e, por ter domínio de si, escapa das determinações naturais, ao administrá-las. Essa liberdade que se exerce no âmbito da interioridade, funciona como ação moral, que se manifesta exteriormente na capacidade de apropriação, mediante leis, de propriedades que deveriam servir ao bem comum – ou seja, transforma o que era propriedade comum em propriedade privada (GIACCAGLIA, 2009).

A tese de um sujeito consciente, senhor de si, é sustentada no/pelo pensamento capitalista moderno. A burguesia necessitou pensar o homem/mulher como sujeito livre, racional, autônomo, porque, ao passar de uma ordem dada por Deus a uma ordem produzida, o homem – que ocupa o lugar da divindade – deve ter o domínio sobre o mundo, saber organizá-lo, conhecer suas leis e construir sentidos.

¹⁰ Apresento aqui brevemente algumas noções a respeito do conceito de sujeito, contudo, sem aprofundamento. Não cabe aqui fazer um amplo resgate bibliográfico a respeito deste e outros temas, melhor discutidos em obras de diferentes e pensadores, inclusive clássicos, ao longo da história. As noções mencionadas objetivam apenas facilitar a compreensão dos temas desenvolvidos e permitir, inclusive, que o/a leitor/a, por curiosidade, busque estudar mais esses tópicos tomando como referência outros autores e autoras.

A meu ver, o capital se favorece desse saber. Como ressalta Giaccaglia (2009), o sujeito que surge na modernidade é unidade interior, proprietário de seus atributos e de uma identidade fixa, que se relaciona com o outro como exterioridade também, e, semelhante à natureza, pode ser conhecido e dominado.

Embora Kant não tenha deslocado a concepção da unidade do sujeito, ao entender que, para estabelecer um juízo sobre os objetos, o homem/mulher possuía critérios subjetivos – ou seja, a relação que tinha com o objeto estava relacionada com as representações que fazia deste –, o pensador alemão abriu brechas para colocar a tese sob suspeita. Afinal, se os critérios de juízo são subjetivos, por que isso também não se dá em relação aos próprios homens/mulheres? Dessa forma, a partir do século 19, pensadores como Rimbaud, Nietzsche, Marx e Freud desconstróem a tese de Descartes. Neles, o/a homem/mulher aparece como um sujeito dividido, sujeitado por estruturas que desconhece, atravessado pela linguagem e pela cultura, ao mesmo tempo livre e encarcerado (GIACCAGLIA, 2009).

A leitura de alguns desses filósofos – especialmente, Nietzsche – contribuiu para a formulação da noção de sujeito de Foucault. Para o filósofo alemão, o homem/mulher, tendo como referência o cogito de Descartes, é o que pensa ser, toma por verdade o que pensa ser verdadeiro. "[...] Ninguém mais é hoje tão inocente para estabelecer, a modo de Descartes, o sujeito 'eu' como condição de 'penso'" (GIACÓIA JUNIOR, 1990, p. 141)¹¹. Conforme explica Heidegger (2007), Nietzsche entende que o/a homem/mulher como senhor/a de si não passa de uma representação, um produto do/a próprio/a homem/mulher, resultante de sua vontade de poder. Sustenta que a unidade do sujeito não passa de ilusão totalizante, uma espécie de superstição dos lógicos. Nietzsche ilustra que o próprio pensamento não vem quando eu quero, mas quando ele (o pensamento) quer (GIACÓIA JUNIOR, 1990). Noutras palavras, o pensamento irrompe, se impõe.

É o fato de que um pensamento ocorre apenas quando quer e não quando 'eu' quero, de modo que é falsear os fatos dizer que o sujeito 'eu' é determinante na conjugação do verbo 'pensar'. 'Algo' pensa, porém não é o mesmo que o antigo e ilustre 'eu' (NIETZSCHE, s.d., p. 26).

¹¹ A citação é de um trecho do texto *Fragmentos Póstumos* de Nietzsche publicados por Giacóia Junior (1990), conforme referência.

Nos *Fragmentos Póstumos*¹², o filósofo alemão diz: "O pensar não é para nós um meio para 'conhecer', porém para designar o acontecer, para ordená-lo e torná-lo manipulável para nosso uso: nós hoje pensamos dessa forma sobre o pensar: talvez amanhã de outro modo" (GIACÓIA JUNIOR, 1990, p. 141).

Como é possível observar, a tradição filosófica e científica a respeito do sujeito é colocada em xeque por Nietzsche (s.d.). Para ele, a unidade do sujeito não passa de uma ilusão, objeto de ficção, que acaba por encobrir uma pluralidade de forças. Nessa linha crítica, o pensador alemão também vai desconstruir noções como consciência e eu, pois, para ele, tudo o que ocorre no nível da consciência é superficial, conclusão incapaz de produzir, por ela mesma, algum efeito. O que se faz consciente se encontra na dependência de poderes e forças que permanecem inconscientes. São discussões como essas que abrem espaço para as reflexões elaboradas por Foucault.

Opto por começar a pensar o sujeito, em Foucault (2008), tendo como referência a maneira como aparece em *Arqueologia do Saber*. Ao mencioná-lo, já nas primeiras páginas dessa obra, o sujeito de Foucault é descentrado, não é autônomo, dono de si. O filósofo questiona o que foi construído ao longo da história do pensamento que propõe unidade universal, evolução contínua e a possibilidade de o sujeito, "sob a forma de consciência histórica" (FOUCAULT, 2008, p. 14), fazer a sua revolução, ter o domínio de si e do mundo. Foucault se contrapõe aos/às autores e autoras que apresentam um sujeito que tem controle de suas intenções, de suas atividades falantes, que sabe o que quis e quer dizer. É também por isso que Foucault propõe em seus trabalhos uma análise do discurso. Para ele, é por meio do discurso que se pode vislumbrar a singularidade de uma determinada situação, as condições de existência do sujeito etc. "Fazer da análise histórica o discurso do contínuo e fazer da consciência humana o sujeito originário de todo o devir e de toda prática são as duas faces de um mesmo sistema de pensamento" (FOUCAULT, 2008, p. 14)¹³.

¹² Idem nota acima.

¹³ Toda e qualquer teoria e/ou pesquisa que apresente o sujeito como indivíduo, capaz de, racionalmente, administrar seus próprios desejos, linguagem, ações, distorce o pensamento desenvolvido por Foucault. Com o filósofo, compreendemos que, mesmo o acesso à história, não nos permite entender apreender um fenômeno, alcançar uma verdade, pois não temos domínio do funcionamento dos sentidos, do jogo das determinações materiais e muito menos dos sistemas inconscientes.

Weizenmann (2013, p. 11) explica que Foucault "[...] coloca-se contra as ideias de uma substancialidade imanente a esta individualidade que pensa e define seu mundo". O filósofo vai além, conforme o autor, pois também se opõe "[...] igualmente aos universais antropológicos que engessam o sujeito moderno a uma forma pretensamente acabada e autossuficiente" (p. 12). Candiotto (2007, p. 8) avalia que

o mérito de Foucault foi ter apresentado o deslocamento do sujeito doador de sentido para o sujeito constituído pelo discurso a partir da perspectiva da história. Não é o sujeito que faz história; ele é constituído por ela, tem data de nascimento e esta prestes a desaparecer.

O sujeito, em Foucault (2005), é o lugar ocupado por homens e mulheres na história e subjetivado pelos dispositivos de saber e poder. Ele apresenta que "[...] me constituo como sujeito através de um certo número de relações de poder que são exercidas sobre mim e que exerço sobre os outros" (FOUCAULT, 2005, p. 327). Não existe um sujeito constituinte; o sujeito existe dentro da história¹⁴, é constituído como sujeito pelas relações de poder. Ninguém escapa da posição-sujeito; é nela que se tem um lugar para se colocar como sujeito do discurso¹⁵. A própria concepção do que é o sujeito é uma construção discursiva. Isso quer dizer que o sujeito não é, torna-se; e a proposta do filósofo é entender como o ser humano se torna sujeito, pois este não é preexistente.

Uma das questões que Foucault trata ao longo de suas pesquisas é demonstrar como as práticas sociais podem vir a projetar certos domínios de saber que não apenas fazem emergir novos objetos, conceitos, técnicas, mas também propiciam o nascimento de novas formas de sujeitos (SILVA; MACHADO JÚNIOR, 2016, p. 207).

Foucault, inicialmente, procurou compreender o sujeito pelos lugares que este pode ocupar: por exemplo, o sujeito da loucura; o sujeito da sexualidade. Durante

¹⁴ É justamente por compreender o sujeito dentro de uma trama histórico, que Foucault trata do que chama de genealogia. "[...] Isto é, uma forma de história que dê conta da constituição dos saberes, dos discursos, dos domínios de objeto, etc., sem ter que se referir a um sujeito, seja ele transcendente com relação ao campo de acontecimentos, seja perseguindo sua identidade vazia ao longo da história" (2014, p. 7).

¹⁵ Ilustrando, nesta pesquisa, coloco-me como sujeito pesquisador; todavia, ocupo outras posições-sujeito: sujeito-homem, sujeito-homem casado, sujeito-professor entre outras. E todas elas, de alguma maneira, me atravessam, falam em mim e por mim.

esse período, desenvolveu obras importantes como a *História da loucura na idade clássica* (1961), *O nascimento da clínica* (1963) e *As palavras e as coisas* (1966). Elas mostram como o indivíduo tido como louco se transforma no doente mental, objeto de estudo da Psiquiatria, produzindo saberes sobre quem é esse sujeito. Os trabalhos do filósofo permitem dar conta das descontinuidades dos discursos e colocam em evidência que todo discurso tem uma história que lhe é própria e que não pode ser atribuída a uma história geral. Ou seja, o que é tido como verdade sobre o/a louco/a e/ou a loucura é o 'verdadeiro' de uma época; esses saberes são descontínuos, sofrem rupturas ao longo de diferentes épocas. Foram trabalhos como esses que permitiram compreender que o sujeito não é uma substância; é uma forma e esta não é sempre idêntica a si mesma.

Partir desse pressuposto de sujeito permite-me entender a mulher na categoria sujeito (sujeito-mulher) e, ao fazer isso, também sustentar que o que se diz a respeito dela é uma construção histórica e discursiva. Posso, portanto, analisar o que se diz sobre as mulheres como saberes de uma época, resultantes das relações saber-poder. As definições dadas sobre o ser mulher deixam de ser 'isto é a mulher' para um 'isto é o que se diz, numa determinada época, sobre ser mulher'. A beleza, por exemplo, é atribuída como parte do ser mulher. Noutras palavras, na sociedade contemporânea, o sujeito-mulher é bela; se não possui tal atributo, falta-lhe alguma coisa – não é uma mulher completa.

A mulher se torna sujeito-mulher na perspectiva do que sabe/pensa sobre ser mulher. Ocupa um lugar que lhe é atribuído historicamente. Contudo, esse lugar não é fixo, estático; está sempre em movimento. Não há uma homogeneidade. As contradições estão em funcionando, pois há resistências. Ressalto o risco que há em se compreender esses lugares como construídos de cima para baixo, como se um poder ou poderes nos submetessem e ocorresse um processo de repressão. Tendo Foucault como referência, pode-se afirmar que o que se coloca como verdadeiro é resultado de uma regularidade que se dá numa determinada formação discursiva. O discurso que produz esse sujeito mulher é constituído pelas regularidades que se encontram na dispersão.

O sujeito não é corpóreo, físico, material. Como tenho dito, é um lugar ou posição construído na trama histórica. A mulher se identifica como mulher quando ocupa a posição de sujeito-mulher. Esse lugar reúne o conjunto de sentidos que representa o ser mulher. E a mulher, enquanto indivíduo, ocupa outras posições de

sujeito. Pode, no discurso, ser sujeito-enfermeira, sujeito-mãe, sujeito-motorista, sujeito-professora, sujeito-aluna entre outras. Foucault (2008, p. 58), ao tratar das formações enunciativas, ilustrando com o discurso médico, lembra que "as posições do sujeito se definem igualmente pela situação que lhe é possível ocupar em relação aos diversos domínios ou grupos de objetos". Ainda tratando do/a profissional médico/a, o filósofo menciona que, ao longo do século 19, foram redefinidas as diversas situações que podem ser ocupadas pelo sujeito do discurso médico. A afirmação permite entender que, independente de quem é o sujeito, além de não haver um sentido fixo para o sujeito, as situações nas quais atua também são diversas e mutáveis. O que temos no sujeito, portanto, é uma espécie de síntese, uma função unificante, que de alguma maneira organiza os sentidos atribuídos àquela posição.

2.1.2 Subjetividade

Embora tenha tratado de muitos temas, o filósofo francês buscou evidenciar nos últimos trabalhos que tinha tentado analisar o eixo de constituição do modo de ser do sujeito, mas, em vez de se referir a uma teoria do sujeito, procurou analisar as diferentes formas pelas quais o indivíduo é levado a se constituir como sujeito (FOUCAULT, 2010). E isso se dá em sua subjetividade. Ou seja, o indivíduo torna-se sujeito como efeito dos modos de subjetivação. Por isso, torna-se fundamental compreender o que ele entende por subjetividade e como somos subjetivados. "[...] Toda experiência que concretiza uma subjetividade envolve modos historicamente peculiares de fazer a experiência do si (subjetivação)" (CARDOSO JR., 2005, p. 341).

O tema da subjetividade está presente em vários/as autores/as. Porém, como é possível notarmos, em Foucault, ganha outros contornos, pois é compreendida como histórica, influenciada pela época e cultura. O sujeito não tem domínio pleno de sua subjetividade, já que esta é construída na relação com a exterioridade. Na chamada terceira fase de Foucault (ROCHA, 2014), quando passa a tratar das técnicas de si, o filósofo indica as estratégias para que o sujeito compreenda o funcionamento de sua subjetividade e possa encontrar novas formas de viver e estar

bem consigo mesmo. Sem voltar a si, olhar para si mesmo, o sujeito funciona sob uma lógica inconsciente, porque a subjetividade não é transparente, consciente.

A subjetividade da qual trata Foucault não é psicológica, também não é pura, envolve um modo de vida. Dá-se por meio de práticas discursivas nas relações de saber e poder. Não se trata de uma consciência individual e/ou coletiva, não é transcendental, soberana; porém, configura-se em diversas formas de subjetividade, é histórica e sofre transformações (WEINZENMANN, 2013). Os modos de subjetivação sofrem descontinuidades. Não são os mesmos, por exemplo, do início do século 20, muito menos se assemelham ao período da Idade Média. Hoje, por exemplo, também somos subjetivados/as nas relações que estabelecemos com os dispositivos eletrônicos, as redes sociais etc.

Para o filósofo, a subjetividade é constituída na relação que estabelecemos com a exterioridade, ou seja, é construída no contato que o indivíduo tem com o mundo. Para Weizenmann (2013, p. 34), "[...] é concebida como efeito de superfície de um conjunto de saberes e poderes situados no tempo e no espaço, sendo a que vige locada a partir da realidade europeia pós-iluminista".

Na perspectiva foucaultiana, a subjetividade é resultado da ação dos mecanismos de normalização que incidem sobre o indivíduo; noutras palavras, as formas em que os dispositivos se articulam entre si e produzem um tipo de mentalidade coerente com as condições histórico-político-econômicas e culturais existentes. As relações de poderes e saberes são responsáveis pela produção das subjetividades, fazendo com que os sujeitos cumpram e/ou atuem conforme seus papéis dentro de um determinado corpo social. O processo de normalização se dá por meio da linguagem. "A linguagem, à medida que comunica, produz mercadorias, mas, além disso, cria subjetividades, põe umas em relação às outras e as ordena" (SOUSA, 2012, p. 46-47). Aquilo que nos parece 'natural' e 'evidente' é, segundo o filósofo, fruto de condições históricas que resultam em certos saberes que funcionam em determinados discursos.

O que se entende como sendo os pensamentos de um indivíduo são, nessa perspectiva, efeitos dos saberes sobre os quais foi e é construída a subjetividade. O processo de subjetivação se dá na medida em que o saber tido como individual é histórico; na prática, o sujeito faz seus (subjetiva-se) discursos que reconhece como verdadeiros, toma-os e os torna em suas verdades e se objetiva em práticas discursivas como sendo essa ou aquela a sua forma de ser e/ou pensar. As

considerações feitas por Foucault e seus/suas leitores/as permitem-me considerar que o pode ser definido como a identidade de um sujeito é efeito de sua subjetividade. O que a pessoa toma como sendo ela, na prática, é o que se tornou ao se constituir como sujeito histórico.

A maneira como Foucault (2009) compreende a subjetividade nos leva a entender que as nossas crenças, valores e até mesmo a ética que desenvolvemos e praticamos são resultantes dos modos de subjetivação que nos afetam. Noutras palavras, o que tenho por ‘verdadeiro’ reflete a forma como está constituída minha subjetividade. Isso também se dá no que diz respeito à beleza. O que se toma como belo hoje é resultado de saberes – construídos nas relações de poder – sobre o que é ser belo. Esses saberes em circulação na sociedade nos atingem, nos subjetivam e os tomamos como verdades.

Foucault (2009) insistia em tratar da subjetividade, pois a considerava uma dimensão fundamental da política contemporânea. O filósofo sustentava que não podia ser considerada como um componente natural; isso porque as atividades e os pensamentos cotidianos do homem/mulher se dão dentro de uma determinada história, época, cultura. Para ele, as pessoas são prisioneiras de algumas concepções de si mesmas e de suas condutas. Libertar a subjetividade seria libertar a si mesmo/a¹⁶. E o acesso do sujeito à sua subjetividade se dá por meio do conhecimento que tem de si mesmo, a possibilidade de compreender quais são as suas verdades (FOUCAULT, 2006a). Dessa forma, o filósofo investiu em seus últimos anos na discussão das técnicas de si¹⁷ – ou cuidado de si. Afinal, ao entender o funcionamento das práticas de subjetivação é possível inventar novas possibilidades de vida (BAMBI, 2002).

¹⁶ A leitura das obras de Foucault e de seus principais comentadores/as e estudiosos/as permite observar melhor o pensamento do filósofo e até o que parece ser suas contradições. Ao tratar do sujeito no que foi chamada fase arqueológica, este parece assujeitado pelas condições históricas – alguns podem chegar a interpretar que o sujeito, em Foucault, é totalmente determinado pelo mundo exterior e está condenado a essa condição. Já na fase genealógica, o sujeito parece dono de si, capaz de resistir e viver suas verdades. Contudo, não há incoerência no pensamento foucaultiano. O que temos é resumido por Carvalho (2007, p. 24): [...] a arqueologia faz emergir os processos históricos que ativaram os mecanismos de sujeição constituidores de sujeitos; de outro, a genealogia quer ativar os mecanismos de dessujeição dos saberes históricos e de suas verdades constituidoras de sujeitos".

¹⁷ Veja o que diz Foucault (2006, p. 95) sobre as técnicas de si: "Fui me dando conta, pouco a pouco, de que existe, em todas as sociedades, um outro tipo de técnicas: aquelas que permitem aos indivíduos realizar, por eles mesmos, um certo número de operações em seu corpo, em sua alma, em seus pensamentos, em suas condutas, de modo a produzir neles uma transformação, uma modificação, e a atingir um certo estado de perfeição, de felicidade, de pureza, de poder sobrenatural. Chamemos essas técnicas de técnicas de si".

O trabalho de Foucault ao longo de cerca de três décadas teve como foco estudar como se constituem os sujeitos em diferentes momentos e contextos institucionais em objetos de conhecimento possíveis, desejais e indispensáveis. O fio condutor que priorizou foi o que chamou de 'técnicas de si' – os procedimentos que em cada momento histórico permitem aos indivíduos fixarem sua identidade, conservá-la ou transformá-la em razão de um certo número de finalidades, isto em função do domínio de si, do conhecimento que é possível se ter de si mesmo/a. O que preocupava o filósofo era explorar o que fazer de si mesmo/a, que trabalho operar sobre si, como governar-se. Justamente por isso, Foucault (2006, p. 8) retornou aos gregos para analisar o imperativo "conhece-te a ti mesmo", que havia ocupado algumas das discussões apresentadas por Sócrates, conforme citei anteriormente: "[...] ocupai-vos com tantas coisas, com vossa fortuna, com vossa reputação, não vos ocupai com vós mesmos". O conhecimento de si é também um conhecer o funcionamento dos modos de subjetivação, da subjetividade do sujeito e de como se objetiva em diferentes práticas– linguagem, trabalho, ciência etc. O conhecimento de si, em Foucault, recebe sua significação em relação à questão do cuidado de si, entendido como experiência e também como técnica que elabora e transforma essa experiência.

É esta compreensão, de que as pessoas não precisam estar eternamente submetidas a um determinado tipo de saber, um saber que por ora as domina, que permite pensar noutras formas de subjetivação das mulheres e a relação delas com a beleza de seus corpos. É baseado nos argumentos propostos por Foucault a respeito das técnicas de si, proponho uma educação para o cuidado de si como uma das estratégias de resistência ao dispositivo de beleza.

2.1.3 Saber-poder

A concepção de poder talvez seja uma das mais importantes nos estudos do filósofo francês. Apresento aqui, semelhantes aos demais tópicos, apenas algumas observações feitas por Foucault e seus/as leitores/as a fim de retratar como o pensador francês define o poder. Por ser um dos conceitos mais discutidos pelo filósofo, há inúmeras obras tratando especificamente sobre o assunto e com muito mais profundidade. A retomada que aqui faço busca apenas, como mencionei

anteriormente, auxiliar o/a leitor/a a entender alguns posicionamentos adotados ao longo da pesquisa, inclusive na análise dos discursos de mulheres, no *Facebook*, sobre seus corpos. Também parece-me que alguns/as pesquisadores/as, ainda que se refiram a Foucault para falar de poder, comentem certos equívocos na interpretação que fazem de tal conceito. Talvez não seriam sequer equívocos, apenas leituras fragmentadas dos textos de Foucault. A noção de poder ganha contornos distintos em algumas de suas obras. Em *Vigiar e Punir* (1999b), por exemplo, o poder pode ser compreendido como estando ligado ao confronto, até mesmo a luta (ALVAREZ, 2015). O próprio Foucault (2004) reconheceu mais de uma vez que nem sempre conseguiu ser objetivo nas discussões que fez e talvez tenha feito formulações inadequadas ao expor suas ideias. Entretanto, ainda que o termo possa ganhar sentidos distintos dependendo do contexto, quando trata do poder, o filósofo não o faz estabelecendo um juízo negativo, muito menos como algo que está nas mãos de alguns poucos e que submete aos demais.

[...] se deve compreender o poder, primeiro, como a multiplicidade de correlações de força imanentes ao domínio onde se exercem e constitutivas de sua organização; o jogo que, através de lutas e afrontamentos incessantes as transforma, reforça, inverte; os apoios que tais correlações de força encontram umas nas outras, formando cadeias ou sistemas ou ao contrário, as defasagens e contradições que as isolam entre si; enfim, as estratégias em que se originam e cujo esboço geral ou cristalização institucional toma corpo nos aparelhos estatais, na formulação da lei, nas hegemonias sociais (FOUCAULT, 1999b, p. 89).

Para ele, o poder não pertence necessariamente a ninguém – nem a uma classe dirigente, dominante, aos/as governantes etc. –, ele atravessa as relações e afeta a todos os sujeitos. Ao romper com a noção de que o poder estaria nas mãos do Estado ou de uma determinada classe, Foucault apresenta uma nova perspectiva de análise das práticas sociais. Ao definir o poder como presente em todos os lugares, em todas as relações, o pensador francês indica a necessidade de analisar os micropoderes. "Falar em Foucault é analisar o poder em suas mais diversas formas, não mais como um ente enraizado e fixo que pressupõe aqueles que o têm e os que não" (LIMA, 2015, p. 37).

Conforme Weinzenmann (2013, p. 130),

[...] Foucault afirma ser necessário desligar-se das análises que concebem formas homogêneas e regulares de ação do poder como vetores guiados verticalmente desde uma classe ou vontade subjetiva dominante contra a base social dominada. Para o filósofo o poder não se exerce em bloco.

Na perspectiva de Foucault (2014), o poder é produtivo, gera conhecimento, saber. O filósofo ressalta que o poder não seria obedecido se fosse somente repressivo.

O que faz com que o poder se mantenha e que seja aceito é simplesmente que ele não pesa só como uma força que diz não, mas que de fato ele permeia, produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir (FOUCAULT, 2014, p. 8).

Segundo o filósofo, se tivesse apenas a função de reprimir, seria muito frágil. "Se ele é forte, é porque produz efeitos positivos a nível do desejo – como se começa a conhecer – e também a nível do saber. O poder, longe de impedir o saber, o produz" (FOUCAULT, 2014, p. 84). Sustenta que o exercício do poder não é simplesmente um relacionamento entre parceiros/as, individuais ou coletivos; é uma maneira pela qual certas ações modificam outras. O que significa que algo chamado Poder – com ou sem uma letra maiúscula, que supostamente existe universalmente de uma forma concentrada ou difusa – não existe. O poder existe apenas quando é colocado em ação, mesmo que esteja integrado a um campo díspar de possibilidades exercidas sobre estruturas permanentes.

O poder, porém, pode ganhar formas particulares de ser exercitado e aplicado, inclusive de controle e coerção. São poderes, na perspectiva de Foucault (2014), que se manifestam como abuso, como os que se exerce sobre prisioneiros/as, mulheres, homossexuais, doentes nos hospitais, entre outros. Embora o poder exercido sobre essas pessoas não pertença a um grupo ou classe, oprimem e podem restringir liberdades, mas também geram outras formas de saberes que permitem a revolução, a resistência. Um exemplo disso nos estudos do pensador francês é o discurso sobre o sexo, que ganha contornos repressivos. Entretanto, como ressalta Lima (2015, p. 75), "ao mesmo tempo em que ocorre esse discurso repressivo sobre o que é o sexo, cria-se uma força de resistência, capaz de falar livremente o que ele é, e daí a ideia de relações de poder". Ou seja, o poder,

ainda que busque reprimir, é produtivo, pois produz outros saberes e resistências. "[...] Tem-se o conceito de poder como um fenômeno relacional que eclode a partir dessas relações que se manifestam na estrutura do corpo social, por meio dos sujeitos e das instituições" (LIMA, 2015, p. 37). Foucault (2014) alerta que a noção de repressão a qual alguns/mas relacionam os mecanismos de poder parece ser insuficiente e até mesmo perigosa. O pensador sustenta que se o poder por vezes parece aprisionar isso é efeito de saberes que possuem efeito de verdade e que motivam as pessoas a agirem de tal modo que não se desprendem de seus vínculos e crenças.

Foucault (1999a) explica em *História da sexualidade I: a vontade de saber* que a compreensão do poder como um dispositivo de dominação e/ou interdição está relacionada a uma memória histórica que remete à Idade Média, com as monarquias, o Estado e seus aparelhos; poderes densos, intrincados, conflituosos, ligados à dominação direta ou indireta sobre a terra, à posse de armas, a servidão entre outros. Trata-se de um poder que atua de maneira arbitrária e que se justifica na aplicação de leis. "Desde a Idade Média, nas sociedades ocidentais, o exercício do poder se formula no direito" (FOUCAULT, 1999a, p. 84). Contudo, o filósofo não entende o poder como um conjunto de instituições e aparelhos garantidores da sujeição dos cidadãos, nem mesmo como modo de sujeição, com suas regras ou algo que funcione como "[...] um sistema geral de dominação exercida por um elemento ou grupo sobre outro e cujos efeitos, por derivações sucessivas, atravessem o corpo social inteiro" (FOUCAULT, 1999a, p. 88)¹⁸.

O pensador, no capítulo 2, Método, de *História da sexualidade I: a vontade de saber*, apresenta uma série de proposições para explicar o funcionamento do poder; em todas, de alguma maneira, aponta que o poder não funciona de maneira binária e global – como se existissem alguns que o possuem e outros que por ele são dominados. As relações de poder, conforme o autor (1999a), são móveis, reorganizam-se, remodelam-se. As estratégias de funcionamento do poder também são múltiplas, variadas. Por tratar nessa obra mais especificamente sobre o sexo, Foucault (1999a, p. 98) afirma que "não existe uma estratégia única, global, válida

¹⁸ É por adotar a noção de poder desenvolvida por Foucault que não atribuo o funcionamento do dispositivo de beleza como uma força que submete as mulheres a fim de mantê-las em condição subalterna em relação aos homens. Embora admita que isso também possa ocorrer, parece-me ser uma conclusão que apequena a complexidade dessa discussão, que, ressalto, também não é um dos objetivos aqui propostos (veja Seção introdutória).

para toda a sociedade e uniformemente referente a todas as manifestações do sexo". Deslocando essa ideia para o tema desta Tese, é possível entender que o funcionamento do dispositivo de beleza também ocorre por múltiplos objetivos, inúmeros meios postos de ação e que afetam, com estratégias específicas, os diferentes gêneros, idades e classes sociais.

Brígido (2013, p. 57) lembra que, na perspectiva do filósofo francês, o poder está presente nas relações humanas. "Onde existem pessoas, aí está uma relação de poder". E "[...] o poder acontece como uma relação de forças". Está em todas as partes e ninguém está fora dessa dinâmica, pois, na concepção foucaultiana, o poder funciona e se exerce em rede. Somos colocados/as em posição de exercê-lo e também de sofrer suas ações. "Somos seres relacionáveis, e isso nos envolve nas relações de poder" (BRÍGIDO, 2013, p. 61). Ainda sobre isso, Lima (2015) confirma que não existe relação que não seja uma relação de poder.

O poder é algo que emerge das relações, constituídas por indivíduos não detentores de um poder que se possa dominar, agarrar ou conquistar, pois se trata de um poder presente em qualquer espaço. O que há é uma combinação interminável dessas relações que alocam seus recursos, a fim de dar continuidade à trama das relações. Os indivíduos estão dentro de uma complexa engrenagem de poder que se movimenta a todo instante (LIMA, 2015, p. 47).

Esse poder, como tenho dito, produz saber. O saber permite o funcionamento do poder. As relações de força são produtivas, sustentam determinados tipos de saber e são sustentadas por eles, pois emergem como verdades. "Somos submetidos pelo poder à produção da verdade e só podemos exercê-lo através da produção da verdade" (FOUCAULT, 2014, p. 101). O filósofo diz que

[...] somos obrigados pelo poder a produzir a verdade, somos obrigados ou condenados a confessar a verdade ou a encontrá-la. O poder não para de nos interrogar, de indagar, registrar e institucionalizar a busca da verdade, profissionaliza-a e a recompensa (FOUCAULT, 2014, p. 101).

Em Foucault, Alvarez (2015, p. 21) explica que "o conceito de saber rompe com a ideia de cientificidade como critério de investigação histórica, recurso utilizado por análises que operam a partir da oposição esquemática ideologia/ciência". O saber é identificado em diferentes práticas discursivas e pode ser observado nos

campos jurídicos, religiosos, literários, filosóficos etc. A rede de saberes que cerca todos os sujeitos atua na subjetivação destes, "[...] promovendo automatismos, adestrando suas paixões, fabricando individualidades dóceis, úteis e produtivas" (WEINZENMANN, 2013, p. 12).

O poder "[...] desempenha também o papel de produtor de conhecimentos. Aqui, o poder engendra o saber e o saber engendra o poder. Portanto, o poder é um exercício que produz um saber materializado no discurso" (LIMA, 2015, p. 43). A sua força está justamente pelo seu funcionamento como sendo a manifestação de verdades. O autor também afirma que "O importante será pensar no poder como constantes transformações e constituidores de novos saberes" (p. 43).

Em *Microfísica do Poder* (2014), Foucault questiona o posicionamento de autores e autoras que se identificam como humanistas, mas que colocam o poder como algo superior ou não presente no exercício diário de vida das pessoas, e principalmente não analisam o fato de ser produtivo, de produzir saber, inclusive para a resistência.

O humanismo moderno se engana, assim, ao estabelecer a separação entre saber e poder. Eles estão integrados, e não se trata de sonhar com um momento em que o saber não dependeria mais do poder, o que seria uma maneira de reproduzir, sob forma utópica, o mesmo humanismo. Não é possível que o poder se exerça sem saber, não é possível que o saber não engendre poder (FOUCAULT, 2014, p. 80-81).

Ao tratar do saber, o pensador segue coerente com seu objetivo de pensar o sujeito. Isso porque os saberes, como constituintes das subjetividades, sustentam maneiras particulares de ver e falar do mundo. Ou seja, asseguram a condição essencial de todo o comportamento de uma época, ou, diríamos, da mentalidade de uma época¹⁹. O saber, explica Deleuze (2013), não é necessariamente científico e não se reduz a um conhecimento. A ciência é um tipo de saber. O que quer dizer, para Foucault, que todo saber é fundamentalmente uma prática. De fato, práticas de visibilidade e práticas de enunciados, ou práticas discursivas (DELEUZE, 2013).

¹⁹ Não se trata, portanto, de uma ideologia dominante, pois a própria ideologia seria a objetivação de determinados saberes em funcionamento numa época.

2.1.4 Discurso

Ao longo desta Seção tenho procurado apresentar brevemente alguns conceitos e noções presentes nos estudos de Foucault. Contudo, como apontei inicialmente, o pensador em poucas ocasiões procurou defini-los. Este tem sido um trabalho que ocupou/ocupa muito mais seus/as leitores/as que o próprio filósofo. E o motivo principal, para esses/as leitores/as e estudiosos/as de Foucault, parece ser compreender as discussões por ele propostas e manter certa coerência com o que apresentou, ainda que o pensador francês tenha sinalizado que suas discussões eram preliminares e poderiam ser revistas. E por que volto a escrever sobre isto? Porque a noção de discurso, não é definida por ele como, por exemplo, "o discurso é..." ou algo parecido. Além disso, geralmente aparece associada a outros termos aqui presentes. Lima (2015, p. 20, grifos meus) cita que "o tema do pensador francês será o poder e o saber, cujos discursos serão os objetos selecionados e descritos, que evidenciarão as práticas de subjetivação".

Veja que nesta última citação quatro noções que busco descrever separadamente, de forma didática, aparecem relacionadas – como se todas fizessem parte de uma única coisa. É como se para entender o funcionamento das relações de poder e saber, necessitássemos analisar os discursos que atuam na formação das subjetividades e, acrescento, materializam-se nas práticas dos sujeitos.

O próprio Foucault (2008, p. 61), conforme cita Lima (2015), declara que é no discurso que se articulam poder e saber; também que o discurso veicula e produz poder. Por isso, argumenta que é fundamental analisá-lo a fim de observar seu funcionamento.

O discurso, assim concebido, não é a manifestação, majestosamente desenvolvida, de um sujeito que pensa, que conhece, e que o diz: é, ao contrário, um conjunto em que podem ser determinadas a dispersão do sujeito e sua descontinuidade em relação a si mesmo. É um espaço de exterioridade em que se desenvolve uma rede de lugares distintos (FOUCAULT, 2008, p. 61).

Veyne (2009, p. 12) define o discurso como "[...] a descrição mais precisa, a mais cerrada de uma formação histórica na sua nudez, é o pôr em dia da sua última

diferença individual". Embora seja preciso avançar para de compreender o que é o discurso para Foucault, é possível concluir que não é um ato de fala, uma palavra²⁰, um gesto – ainda que possa reunir todos esses elementos, pois neles também emerge o discurso. Por isso, partindo do filósofo francês, podemos dizer que existe um “discurso científico”, “discurso médico”, um “discurso religioso”, “discurso político”, “discurso feminista”, “discurso midiático” etc., que funcionam dentro de uma determinada formação discursiva²¹. Os discursos são complexos e muitas vezes são subdivididos em subcategorias que também são divididas pelas regras que as governam. Dependendo de como se olha, fala-se em “discurso científico” como um todo, ou em “discurso psiquiátrico” como uma subcategoria desse todo maior. E então isolar tensões específicas do discurso científico que talvez se estendam por vários campos: discurso biológico racista, por exemplo, que teve influência em muitos campos científicos diferentes por volta da virada do século 20, e também influenciou a cultura e política ocidentais em geral. Cada um deles põe em jogo uma infinidade de elementos dispostos em seu redor – até mesmo contraditórios. Ao falar da beleza, por exemplo, não podemos separá-la do discurso no qual se encontra contida. Por isso, a noção de dispositivo, que abordarei um pouco mais adiante, ganha destaque nos estudos foucaultianos.

Courtine (2013) ressalta que não existe discurso fora dos dispositivos e não existem dispositivos sem discurso. Como lembra Veyne (2009, p. 27), “o discurso deve ser compreendido a partir daquilo que Foucault denomina dispositivo, isto é, de um conjunto heterogêneo de instituições e de leis, de coisas e de ideias, de atos e de práticas, de palavras e de textos, de ditos e de não ditos”²². Retomando Courtine, o discurso funciona como um elemento que impregna os elementos heterogêneos

²⁰ Tenho a impressão que alguns/as estudiosos/as ainda citam o termo discurso fazendo menção a Foucault compreendendo-o como aquilo que se verbaliza, o que se fala. E não é essa a proposta do filósofo, como podemos observar neste tópico.

²¹ Foucault (2008) convencionou chamar de “formação discursiva” aquilo que se pode descrever semelhante, entre um certo número de enunciados, em sistemas de dispersão. Também, no caso em que entre os objetos, os tipos de enunciação, os conceitos, as escolhas temáticas, se puder definir uma regularidade (uma ordem, correlações, posições e funcionamentos, transformações). Importante acrescentar que o termo “formação discursiva” deu origem a um conceito relevante para a análise de discurso francesa desenvolvida a partir dos estudos de Michel Pêcheux (1995), porém, foi ressignificada por este e possui sentido distinto ao trabalhado por Foucault.

²² Temos aqui uma breve definição do que pode ser compreendido como dispositivo. O/a leitor/a pode observar mais uma vez como os conceitos e noções elaborados por Foucault estão sempre em relação uns com os outros (estou falando de discurso e o termo dispositivo não pode ser ignorado e/ou deixado para depois). É desafiador explicá-los separadamente como faço aqui. Para o/a leitor/a, recomendo que veja o entendimento sobre dispositivo abordado em páginas seguintes, caso tenha ficado alguma dúvida sobre a relação entre discurso e dispositivo.

do dispositivo dando-lhe uma existência material e histórica. “Existem unidades mínimas de discursos que se deixam descobrir” (COURTINE, 2013, p. 25).

Para Lima (2015, p. 33), “[...] o pensador [Foucault] não quer o outro lado dos discursos como se existissem dois lados de uma história: o que passa a interessá-lo são os discursos em sua imanência e sua instância fundadora”. Veyne (2009) explica que a consciência nunca está presente na descrição dos discursos porque estes permanecem invisíveis para o sujeito; os discursos são utilizados sem que necessariamente se tenha consciência deles. “O discurso mal nomeado, essa espécie de inconsciente, é justamente aquilo que não é dito e que permanece implícito” (VEYNE, 2009, p. 23). Podemos ilustrar com o discurso machista: subjetivado por determinados saberes, produzidos nas relações de forças, o sujeito muitas vezes reproduz um discurso machista sem ter consciência disso. Ao longo do trabalho de Foucault, ao tratar das técnicas de si, o seu objetivo passa a ser justamente identificar formas desse sujeito reconhecer quem é, conhecer os saberes que permeiam os discursos a fim de que se liberte – no caso ilustrado, passe a ter consciência do discurso machista que reproduz e coloque-se numa condição de respeito e valorização do outro e de si mesmo.

Veyne (2009, p. 22) afirma que o “discurso é aquela parte invisível, aquele pensamento impensado onde se singulariza cada acontecimento da história”. Esse discurso não se observa de forma homogênea, como se funcionasse interligando uma ideia a outra; está disperso, em acontecimentos dispersos e, para observá-lo, apenas por meio da inquietação e trabalho incansável (e que sempre estará aberto para novas análises) em busca de se identificar as regularidades que se formam num determinado conjunto de enunciados²³.

É preciso estar pronto para acolher cada momento do discurso em sua irrupção de acontecimentos, nessa pontualidade em que aparece e nessa dispersão temporal que lhe permite ser repetido, sabido, esquecido, transformado, apagado até nos menores traços, escondido bem longe de todos os olhares, na poeira dos livros (FOUCAULT, 2008, p. 28).

²³ Nenhuma pesquisa dará conta de chegar ao verdadeiro do discurso, pois também é resultante de um recorte, que se faz necessário no trabalho do/a pesquisador/a, feito num determinado arquivo. O próprio Foucault (2008) aponta a necessidade de se aceitar o recorte, ainda que seja provisório e possa ser reorganizado noutro momento. Afirma que está fora de cogitação se descrever, sem limites, todas as relações que possam aparecer.

Ainda sobre isso, o filósofo sustenta que o estudo do discurso se distingue da tentativa de se identificar o que estava ou está sendo dito naquilo que foi ou está dito. A análise do campo discursivo é completamente diferente. Não se busca a conversa semi-silenciosa. Ou o que está nas entrelinhas, como se diz comumente. Quando tomamos como referência os estudos sobre o discurso tendo Foucault como base ou outros/as autores e autoras da Análise de Discurso de origem francesa, não é feita essa busca do que está por trás do texto. "Para Foucault, nada há por trás das cortinas, nem sob o chão que pisamos. Há enunciados e relações, que o próprio discurso põe em funcionamento" (FISCHER, 2001, p. 198). Como escreve o próprio filósofo (FOUCAULT, 2008, p. 31), "trata-se de compreender o enunciado na estreiteza e singularidade de sua situação; de determinar as condições de sua existência, de fixar seus limites da forma mais justa". E essa compreensão também se dá ao "[...] estabelecer suas correlações com os outros enunciados a que pode estar ligado, de mostrar que outras formas de enunciação exclui" (FOUCAULT, 2008, p. 31)²⁴. Citando Foucault, Lima (2015, p. 29) explica que

o discurso é o que permite e o que deve ser revelado, pois, ao se evidenciar por meio de sua realidade material em sua atividade 'cotidiana e cinzenta', ele mostra todas as artimanhas, que de alguma maneira, retirou as pontas que saltavam na aparente linearidade.

Até mesmo a estrutura de uma pesquisa como esta se dá justamente pela compreensão de como funciona o discurso na concepção de Foucault, pois, para ele, não é possível analisá-lo sem observar que ocorre num feixe de relações, com suas regras, que motivam uma determinada configuração. Dito de outra forma, o discurso de beleza de mulheres sobre seus corpos no *Facebook* assume o conjunto de regras que são imanentes a esse espaço discursivo e as próprias condições históricas da atualidade. Por isso, tornou-se necessário tratar da mídia, das redes sociais, do *Facebook*, da história do pensamento sobre o corpo, as noções atuais

²⁴ Ressalto que, quando se parte do pensamento foucaultiano, as noções de descontinuidade e dispersão não podem ser ignoradas nos estudos do discurso. Como tenho repetido, embora seja possível descrever muitas das transformações ocorridas na sociedade, não devem ser compreendidas num processo contínuo, inclusive de desenvolvimento. A história, para Foucault (2005, p. 293), é "[...] um grande emaranhado de descontinuidades sobrepostas". Os períodos históricos possuem diferentes tipos de duração e são também portadores de um certo tipo de acontecimentos. E deve-se compreender a singularidade destes, reconhecendo que os pontos importantes de contato de um acontecimento estão num universo disperso, amplo, povoado de contradições.

sobre beleza, o corpo e o funcionamento do mercado, que responde à lógica capitalista.

Para Foucault (2008, p. 54), "quando se descreve a formação dos objetos de um discurso, tenta-se identificar os relacionamentos que caracterizam uma prática discursiva". Isso mostra que não cabe ao/a pesquisador/a determinar "[...] uma organização léxica nem as escansões²⁵ de um campo semântico" (p. 54). O discurso não está no campo semântico, lexical ou mesmo linguístico – ainda que o discurso possa se materializar fazendo uso destes. O discurso se encontra nos vestígios que vão sendo depositados ao longo dos textos e das imagens. Foucault sustenta (2008, p. 54, grifo do autor) que "[...] de uma análise como a que empreendo, as *palavras* estão tão deliberadamente ausentes quanto as próprias *coisas*"²⁶.

O discurso não deve ser assumido como o conjunto das coisas que se diz, nem como a maneira de dizê-las. Ele está outro tanto no não dito, ou no sinalizado por gestos, atitudes, modos de ser, esquemas de comportamento, deslocamentos espaciais. O discurso é o conjunto das significações coercitivas e constrangedoras que perpassam as relações sociais (FOUCAULT, 1976 *apud* COURTINE, 2013, p. 26).

Ao analisar o discurso, com Foucault, é necessário não nos limitarmos aos diferentes níveis linguísticos, mas pensarmos e descrevermos a maneira com a qual se entrecruzam as memórias individuais e coletivas, séries de enunciados, redes de imagens etc.

Em *A ordem do discurso*, Foucault (1999c) traz considerações sobre o desejo que se pode ter de não entrar num determinado discurso, de escapar dele – como se houvesse transparência, clareza suficiente para que tivéssemos consciência da presença do discurso e isso nos possibilitasse escapar dele. Contudo, a vontade de verdade, a pressuposição da existência de um verdadeiro, leva o sujeito a participar, inscrever-se em uma certa ordem discursiva; além disso, em nosso sistema de cultura, atribuímos a alguns campos de conhecimento maior valor – exemplos: literatura, religião, ciência entre outros. Isso produz um constante retorno ao espaço

²⁵ Ato de medir, contar as sílabas – se longas ou breves.

²⁶ A afirmação do autor é fundamental para entendermos que mesmo naquele período (final da década de 1960, início dos anos 1970) já havia certa confusão quanto ao que Foucault pensava sobre o discurso e outras noções que apareceram na obra *As palavras e as coisas*, publicado em 1966. Em *Arqueologia do saber*, primeira edição de 1969, o filósofo procura oferecer ao público uma leitura (ou explicação) mais ampla de seus estudos anteriores.

de exterioridade que norteia os saberes que o sujeito acredita que são seus. "[...] Não nos encontramos no verdadeiro senão obedecendo às regras de uma 'polícia' discursiva que devemos reativar em cada um de nossos discursos" (FOUCAULT, 1999c, p. 35). Acrescenta que a disciplina é um procedimento de controle do discurso. "Ele fixa os limites pelo jogo de uma identidade que tem a forma de reatualização permanente das regras" (FOUCAULT, 1999c, p. 36).

A autonomia do sujeito não passa de uma ilusão construída nas relações de poder-saber. Há diferentes procedimentos que permitem o controle do discurso. O pensador ressalta que as condições de funcionamento dos discursos são determinadas e isso impõe aos indivíduos certo número de regras. "[...] Ninguém entrará na ordem do discurso se não satisfizer a certas exigências ou se não for, de início, qualificado para fazê-lo" (FOUCAULT, 1999c, p. 37). Ilustrando, não é possível dizer sobre beleza nas redes sociais que funcionam na internet se a pessoa não estiver habilitada para isso. Ou seja, quem não se inscreve no verdadeiro da época sobre beleza não é ouvido/a, visto/a, notado/a. Observei na formação do arquivo desta pesquisa que muitas mulheres não falam sobre seus corpos. Por que o não fazem? Talvez por não se sentirem autorizadas a verbalizarem sobre isso. Os corpos delas – quem sabe até mesmo os enunciados que pronunciaríamos – seriam examinados e questionados, não resistindo ao que se tem como verdadeiro da época. "Os discursos [...] não podem ser dissociados dessa prática de um ritual que determina para os sujeitos que falam, ao mesmo tempo, propriedades singulares e papéis preestabelecidos" (FOUCAULT, 1999c, p. 39).

Estudioso de Foucault, o professor Whisnant (2012), ressalta que o discurso opera de quatro maneiras básicas. Em primeiro lugar, cria um mundo. Ao moldar nossas percepções do mundo, reunindo cadeias de associações que produzem uma compreensão significativa e depois organizando a maneira como nos comportamos em relação a objetos do mundo e em relação a outras pessoas, o discurso gera o mundo de nossa vida cotidiana. Embora a ciência ensine que o "mundo real" é o mundo material composto de átomos e energia, de maneira geral o mundo, para a maioria, é um mundo de cores, emoções, ideias e vida. É um tipo de mundo virtual gerado por nossas mentes, mas não apenas por nós – construímos este mundo socialmente em meio a uma complexa interação entre experiência, instrução e educação. Discursos, como cadeias de linguagem que unem os seres sociais, desempenham um papel fundamental na construção social da realidade.

Para Whisnant (2012), o discurso também gera saber e ‘verdade’. O discurso constitui não apenas o mundo em que vivemos, mas também todas as formas de saber e ‘verdade’. O saber, na perspectiva proposta por Foucault, não é algo que existe independentemente da linguagem. Em outras palavras, não é simplesmente comunicado por meio da linguagem; é organizado pelas estruturas, interconexões e associações que são construídas na linguagem. O discurso, como tenho repetido, gera a verdade – ou o que alguns chamam de efeitos de verdade. Certos discursos em certos contextos têm o poder de convencer as pessoas a aceitarem afirmações como verdadeiras. Esse poder pode não ter relação com nenhuma manifestação – ou prova – objetiva da afirmação.

Discurso diz algo sobre os próprios sujeitos. Na concepção de Whisnant (2012), ao analisar o discurso materializado na linguagem, por exemplo, as posições assumidas pelo sujeito e os saberes presentes em sua subjetividade – sobre o sexo, a sexualidade, a etnia etc. – emergem no discurso. Ainda que de forma inconsciente, os posicionamentos emergem, objetivam-se por meio do discurso.

A quarta forma de operação do discurso é que também está intimamente envolvido com as redes de poder socialmente incorporadas (WHISNANT, 2012). Como certos discursos permitem que tipos específicos de indivíduos ‘façam a verdade’ ou, no mínimo, acreditem em assuntos específicos, os discursos também conferem a esses indivíduos graus de poder social, cultural e até possivelmente político. Os/as médicos/as, quando falam de doenças físicas ou mentais, ocupam uma posição discursiva que lhes dá autoridade para recomendar cursos de ação ou padrões de comportamento. Em muitas sociedades, e por longos períodos da história ocidental, as autoridades religiosas exerceram poder social e político porque tinham o poder de falar sobre o divino. Esse poder, explica Whisnant (2012), foi alcançado pela posição específica de autoridade que possuíam, mas também se baseou no fato de que o discurso religioso impregnava toda a vida, moldando a organização social e influenciando a forma como as pessoas interpretavam o mundo.

Whisnant (2012) explica que as culturas são construídas a partir de numerosos discursos concorrentes. Alguns discursos podem dominar a cultura ajudando a moldar instituições políticas e sociais e se infiltrando em diferentes níveis da vida – como Foucault (1995) acreditava que o discurso científico havia feito na era moderna. Mas ele também ensinou que, num movimento de resistência, as

peças procurem outros discursos que podem competir por poder e influência. Afinal, o que se tem como verdadeiro é o verdadeiro de uma época. Os discursos mudam com o tempo e são eles que constroem as verdades. Essas mudanças ocorrem pelos embates entre saberes distintos construídos nas relações de poder.

Os discursos são múltiplos também no sentido de que sofrem transformações. A ciência, por exemplo, não é estática, e embora o discurso científico seja baseado em certas suposições e regras que permitem que seja definido contra outras formas de discurso (religião, por exemplo), assumirá formas diferentes em momentos diferentes. Uma vez que as transformações ocorrem em um dado discurso, as novas regras podem se espalhar, infiltrando-se em novas áreas da vida e até mesmo transformando discursos mais antigos ou forçando-os a sair da prática. Os discursos vigentes sobre beleza não precisam ser eternos. Lima (2015, p. 20, grifo meu) ressalta que

Foucault observa a importância de se atentar para as lutas e interesses, conforme uma genealogia do poder, diagnosticando relações que se fazem por meio do saber e do poder, e que o saber sempre produz novos discursos, enquanto o poder se relaciona constantemente, produzindo novas estratégias.

Isso me permite pensar que é possível contribuir para a construção de novos saberes sobre a beleza do corpo feminino, ressignificando a própria relação das mulheres com seus corpos.

2.1.5 Enunciados

Embora o propósito desta Seção não seja necessariamente falar sobre métodos e técnicas de pesquisa, o resgate de conceitos e noções também cumpre essa função: apresentar o que norteia o trabalho do pesquisador. Por isso, as considerações propostas mais ao final do estudo ocorrem apenas após um trabalho de descrição e análise de um conjunto de enunciados que compõe o *corpus* da pesquisa. E o que entendo por enunciado? É necessário retornar à *Arqueologia do saber* a fim de começar a tatear uma espécie de definição do termo. Na obra, o filósofo francês tece considerações sobre a ausência – quase uma negligência, nas palavras dele – de oferecer uma definição ao enunciado. Menciona que mesmo o

termo 'discurso' permanecia aberto a múltiplas significações e isso também interferia, e ainda interfere, na compreensão do enunciado, pois não é possível estudar o discurso sem tratar do enunciado – este, nas palavras de Foucault (2008, p. 90), "[...] é a unidade elementar do discurso".

A partir de alguns questionamentos, o filósofo mostra o que o enunciado não é: uma proposição, nem o que os gramáticos caracterizam como frase tampouco "*speech act*" (atos de fala)²⁷. Foucault (2008) explica que uma mesma estrutura proposicional, estando noutro contexto, pode colocar em jogo outros enunciados. Quanto à frase, embora nela possa ser identificado um enunciado, não é preciso ter uma frase para termos um enunciado – um livro contábil, as estimativas de um balanço comercial, uma equação ou uma árvore genealógica são enunciados.

[...] Um gráfico, uma curva de crescimento, uma pirâmide de idades, um esboço de repartição, formam enunciados; quanto às frases de que podem estar acompanhados, elas são sua interpretação ou comentário; não são o equivalente deles (FOUCAULT, 2008, p. 93).

Isso permite concluir que o ato de fala – mencionado pelo autor como ato de ordenar, avisar, criticar, perguntar, convidar, ameaçar etc., quando o ato comunicativo tem um propósito – também não pode ser um enunciado. Semelhante ao que ocorre com a frase, pode conter um ou mais enunciados, mas não serve como definição do termo.

O autor esclarece que "[...] os enunciados não existem no sentido em que uma língua existe" (FOUCAULT, 2008, p. 96). Ou seja, não possui um conjunto de signos, de traços oposicionais e nem regras de utilização. "Se não houvesse enunciados, a língua não existiria; mas nenhum enunciado é indispensável à existência da língua" (p. 96). A língua, só existe enquanto um sistema de construção para enunciados; estes adquirem forma material por meio da língua, que não carece de uma organização sintática para formar um enunciado – o autor exemplifica que o teclado de uma máquina de escrever (poderia citar, hoje, o do computador) não é um enunciado, mas a sequência de caracteres que se tem forma o enunciado da ordem alfabética do teclado.

²⁷ Para se aprofundar na discussão, sugiro a leitura do capítulo "Definir o enunciado", de *Arqueologia do saber*. Como tenho insistido, esta pesquisa não tem por objetivo propor uma leitura aprofundada de estudos já desenvolvidos por outros/as autores e autoras; apenas ofereço aspectos que se tornam fundamentais para a compreensão do que apresento.

Ainda que seja indispensável para que se possa dizer se há ou não frase, proposição, ato de linguagem, Foucault (2008, p. 96) ressalta que "[...] o enunciado não é uma unidade do mesmo gênero da frase, proposição ou ato de linguagem; não se apoia nos mesmos critérios; mas não é tampouco uma unidade como um objeto material poderia ser, tendo seus limites e sua independência". Evidencia que o enunciado precisa ser compreendido não como uma estrutura, mas como uma função de existência que pertence exclusivamente ao universo dos signos e que permite, pela análise ou mesmo pela intuição, observar se fazem ou não sentido.

Joanilho e Joanilho (2011, p. 31) apontam que "[...] o enunciado deve ser tomado como plenamente histórico". Logo, "[...] não atravessa os séculos e é usado conforme a época, ele é inventado em cada época". Foucault (2008) cita que, mesmo quando uma formulação idêntica se repete – mesmas palavras, mesmos nomes etc. –, não se tem necessariamente em funcionamento o mesmo enunciado. Por isso, de acordo Joanilho e Joanilho (2011, p. 32), o enunciado "[...] está sempre em correlação, quer dizer, nunca está isolado num discurso no qual se busca o sentido numa continuidade, e sim é sempre vizinho de outro".

Machado (2007) comenta que não existe um enunciado sozinho, livre, independente; está sempre em relação a outros, fazendo parte de uma série ou conjunto, integrando-se a outros – seja apoiando-os ou distinguindo-se deles.

[...] O enunciado é uma função que possibilita que um conjunto de signos, formando unidade lógica ou gramatical, se relacione com um domínio de objetos, receba um sujeito possível, coordene-se com outros enunciados e apareça como um objeto, isto é, como materialidade repetível (MACHADO, 2007, p. 109).

Para Foucault (2008), o enunciado também não possui relação com quem enuncia, ou seja, com um sujeito-enunciador. Essa função, do sujeito-enunciador, é vazia, conforme o filósofo, pois pode ser exercida por indivíduos até certo ponto indiferentes ao enunciado formulado. Além disso, "[...] um único e mesmo indivíduo pode ocupar, alternadamente, em uma série de enunciados, diferentes posições e assumir o papel de diferentes sujeitos" (FOUCAULT, 2008, p. 105). Ele ainda lembra que o sujeito que enuncia não pode ser pensado sob a perspectiva de alguém que é a origem do enunciado, o ponto de partida de um enunciado, nem quem o articula de forma escrita ou oral ou que haja uma intenção comunicativa.

Na concepção de Joanilho e Joanilho (2011), o trabalho do/a pesquisador/a na descrição dos enunciados não é de buscar um sentido último e inequívoco. Tampouco de se permitir ao engano de buscar dar visibilidade ao que foi dito, "[...] pois o que vemos ou entendemos pode ser enganoso [...] não se trata de descobrir o não-dito no que está dito, mesmo porque o enunciado se refere a uma materialidade e a um jogo de posições do sujeito" (JOANILHO; JOANILHO, 2011, p. 37). Como sustenta Foucault (2008, p. 124),

a análise enunciativa é, pois, uma análise histórica, mas que se mantém fora de qualquer interpretação: às coisas ditas, não pergunta o que escondem, o que nelas estava dito e o não-dito que involuntariamente recobrem, a abundância de pensamentos, imagens ou fantasmas que as habitam; mas, ao contrário, de que modo existem, o que significa para elas o fato de se terem manifestado, de terem deixado rastros e, talvez, de permanecerem para uma reutilização eventual; o que é para elas o fato de terem aparecido – e nenhuma outra em seu lugar.

Nesta pesquisa, para a análise enunciativa, recorro às publicações²⁸ feitas por mulheres, no ano de 2017, no *Facebook*, nas quais, direta ou indiretamente, fazem menções ao corpo. Ou seja, textos verbais e/ou imagéticos que colocam em evidência os enunciados "mulher, seja bonita!", "mulher bonita é mulher magra", "mulher gorda é mulher feia", "mulher saudável é mulher magra", "mulher bela é mulher feliz" entre outros que remetem a um discurso de beleza feminina, um discurso que funciona ao mesmo tempo de forma instrucional, como controle (vigilância) e punição. É possível observar nesses enunciados o funcionamento não de uma manifestação psicológica ou de um pensamento interno das pessoas, mas sim o retorno, repetição do que se instituiu como verdades. Por isso, Foucault (2008, p. 136) lembra que nos enunciados temos

[...] coisas que se transmitem e se conservam, que têm um valor, e das quais procuramos nos apropriar; que repetimos, reproduzimos e transformamos; para as quais preparamos circuitos preestabelecidos e às quais damos uma posição dentro da instituição.

²⁸ A metodologia usada para formar o arquivo que permitiu a composição do *corpus* de análise é apresentada em Seção específica, juntamente com as definições de outras noções importantes nesta pesquisa. Nela, abordo como selecionei as postagens realizadas no *Facebook* e como tratei cada uma delas.

Para o movimento de análise, parto das relações entre os enunciados. Como orienta Foucault (2008, p. 32), na análise enunciativa é necessário perceber as relações entre enunciados, "[...] mesmo que escapem à consciência do autor; mesmo que se trate de enunciados que não têm o mesmo autor; mesmo que os autores não se conheçam". E isso considerando que "[...] o enunciado não transcende o próprio discurso, ele o compõe mas dentro de determinadas regras de formação²⁹ e que são constituídas historicamente, quer dizer, nas práticas que se instituem em torno de objetos"³⁰ (JOANILHO; JOANILHO, 2011, p. 40).

2.1.6 Dispositivo

O uso do termo dispositivo por Foucault ocorre em um momento específico de seu pensamento³¹. Deleuze (1990) identifica, inclusive, como uma espécie de resposta a uma crise no pensamento do Foucault. A introdução do termo nos estudos do autor corresponde a mudanças nas considerações teóricas e empíricas dele. Embora o conceito seja uma ferramenta que permita a Foucault continuar e desenvolver suas investigações, é também uma mudança em si, anunciando tanto uma conexão com o trabalho já desenvolvido pelo filósofo quanto uma tentativa de trabalhar em uma nova direção. Foucault (2014, p. 138-139) afirma que "entendo dispositivo como um tipo de formação que, em um determinado momento histórico, teve como função principal responder a uma urgência. O dispositivo tem, portanto, uma função estratégica dominante"

Ainda que tenha implicações maiores, o conceito funciona como uma chave interpretativa para o trabalho de Foucault. Para Courtine (2013, p. 127), "os

²⁹ Quando Machado cita aqui o termo 'formação', refere-se às formações discursivas, que antes de serem somatórias de enunciados definidos por um determinado contexto, são a correlação existente entre os enunciados (JOANILHO; JOANILHO, 2011).

³⁰ Há diferentes práticas discursivas em torno desses objetos. E estes são o próprio corpo, a beleza etc. – nas análises de Foucault aparecem como objetos a loucura, a sexualidade, o próprio corpo entre outros.

³¹ Antes de introduzir o termo "dispositivo" em seus trabalhos, Foucault usou o conceito "episteme" nas obras *As palavras e as coisas* e *A arqueologia do saber*. O conceito de dispositivo parece substituir o de episteme, como aponta o próprio filósofo: "gostaria de mostrar que o que chamo de dispositivo é algo muito mais geral que compreende a épistémè. Ou melhor, que a épistémè é um dispositivo especificamente discursivo, diferentemente do dispositivo, que é discursivo e não discursivo, seus elementos sendo muito mais heterogêneos" (FOUCAULT, 2014, p. 139-140). Um exemplo da ordem do não discursivo no que chamo de dispositivo de beleza: um produto para a pele ou um procedimento para clareamento dos dentes. Enfim, ao trabalhar com o conceito de dispositivo, elementos que não estão na ordem do discurso também passaram a ser objeto de análise.

dispositivos devem ser pensados em toda a extensão de sua dispersão, em toda diversidade de suas ramificações, em toda profundidade de sua sedimentação". Para ele, os dispositivos atravessam o universo da ficção, da ciência, do direito, da moral, da literatura.

A ressonância do conceito é tal que toca na teoria de Foucault, nas discussões que fez sobre o poder e aponta para a vinculação que possui com a filosofia de Nietzsche. Relaciona-se centralmente às suas preocupações com a produtividade e a positividade do poder.

[...] Ao invés de partir de uma repressão geralmente aceita e de uma ignorância avaliada de acordo com o que supomos saber, é necessário considerar esses mecanismos positivos, produtores de saber, multiplicadores de discursos, indutores de prazer e geradores de prazer (FOUCAULT, 1999a, p. 71).

Em *História da sexualidade I: a vontade de saber*, onde primeiro e mais extensivamente desenvolveu a noção do dispositivo³², Foucault (1999a) faz uma exposição de sua função analítica e relação com a resistência, mas também em termos de sua relação com os processos históricos e as operações de poder. O uso do conceito é relevante para um aspecto de sua teoria da história como aquilo que não somos mais ou aquilo que estamos nos tornando, a inventividade perpétua. Ele conclui essa obra pontuando, inclusive, a possibilidade de, no futuro, uma outra civilização se surpreender com toda dinâmica do sexo que nos envolvia/envolve no atual momento histórico.

Ao considerar as múltiplas relações de força que são formadas e operam em aparelhos (aparatos) de produção, ele escreve sobre uma linha geral de força que atravessa batalhas locais e as une. Se a sua abordagem genealógica da história é uma que enfatiza contínua mudança nas instituições e conceitos, o dispositivo permita elucidá-la. Permite-lhe ir a um campo de continuidades baseado em mudança contínua – descontinuidades. A sexualidade é tratada no livro como 'dispositivo de sexualidade' e é o assunto que ocupa mais de um terço do livro acima citado. Contudo, o conceito emerge na obra como sendo o nome que se pode dar

³² Esta obra de Foucault trata mais especificamente do dispositivo de sexualidade. Porém, ao fazer isso, o autor nos oferece um conceito bastante relevante para pensarmos o funcionamento de outros dispositivos, inclusive o que desenvolvo, o dispositivo de beleza." Para o pensador, o dispositivo é geral, mas possui múltiplas variações, como o dispositivo de sexualidade, dispositivo de saber, dispositivo de verdade, dispositivo de aliança, dispositivo carcerário, dispositivo de diagnóstico etc." (LIMA, 2015, p. 77-78).

não à realidade furtiva difícil de compreender, mas uma grande rede de superfície onde a estimulação de corpos, a intensificação de prazeres, o incitamento ao discurso, a formação de conhecimento especializado e o fortalecimento de controles e resistências estão ligados de acordo com algumas grandes estratégias de saber e poder.

Gloeckner e Amaral (2013, p. 151) explicam que "[...] um dispositivo deve ser visto como uma cadeia de variáveis relacionadas entre si que vai produzindo determinadas linhas de força e rupturas". Afirmando que "[...] o dispositivo é uma rede que se estabelece entre elementos linguísticos e não linguísticos (discursos, instituições, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas etc.) (GLOECKNER; AMARAL, 2013, p. 151)". Repousa sempre sobre uma relação de poder, sustentada por tipos de saber.

Nas palavras de Foucault (2014, p. 138), o dispositivo é um "[...] conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas". Resume: "em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos" (p. 138). Lima (2015, p. 78) acrescenta que

não há dispositivo que não se relacione com outro elemento, pois se tratam de relações que podem ser estabelecidas entre diversos elementos que, longe de possuírem uma característica uniforme, ocultaram ou justificaram determinadas práticas, explicando e assim ampliando o campo de possibilidades de um determinado saber.

Para Foucault (2014, p. 139), "o dispositivo [...] está sempre inscrito em um jogo de poder, estando sempre, no entanto, ligado a uma ou a configurações de saber que dele nascem mas que igualmente o condicionam". O filósofo continua: "estratégias de relações de força sustentando tipos de saber e sendo sustentadas por eles" (p. 139).

O conceito de dispositivo em Foucault também está integrado à sua teoria do poder e suas descrições de suas operações. É uma ferramenta para analisar ou compreender uma multiplicidade de forças em movimento e contestação. De fato, a maneira como Foucault descreveu o conceito parece, antes de mais, uma ferramenta para pensar o poder, perpetuamente dinâmico. Tem a ver com a relação entre diferentes atores e discursos em uma série contínua de rivalidades. Como é

frequentemente observado, a concepção de poder de Foucault não é institucional – embora reconheça o papel das instituições como parte de um campo mais amplo de relações de poder. Ainda que possa ser acusado por alguns/mas de parecer vago ou excessivamente indeterminado sobre o poder, isso é perder o que ele tentou, tanto quanto é possível descrever casos em que a pesquisa histórica e conceitual poderia ser usada para estudar aspectos de mudanças e instáveis relações de poder que constantemente envolvem a sociedade.

O ponto em questão será observar esses dispositivos, invertê-los e observá-los. Ao invés de partir de uma repressão naturalizada e aceita e de uma ignorância sobre o que se supõe saber sobre os dispositivos, se faz necessário considerar esses mecanismos com positividade, na medida em que se evidenciam produtores de saber. Esse lado positivo também possui seu caráter fomentador e multiplicador de um discurso capaz de induzir os prazeres humanos (LIMA, 2015, p. 99).

Ao introduzir o conceito de dispositivo em suas análises, Foucault mostra que está menos interessado em edifícios específicos ou fontes designadas de poder e enfatiza, em vez disso, uma rede, arranjo ou configuração. Ao dizer que sua análise não pode ser baseada em presunções de soberania ou na forma jurídica, ele sustenta que o poder deve ser visto como a multiplicidade de relações de força que são imanentes ao domínio em que operam e são constitutivas de sua organização; o jogo que, por meio de batalhas e confrontos contínuos, os transforma, reforça e inverte. "Segundo Foucault, os dispositivos em algum momento surgiram para responder a determinadas urgências com uma função meramente estratégica." (LIMA, 2015, p. 91).

Dentro de um campo heterogêneo e dinâmico de relações, o dispositivo parece ser um tipo de marcador móvel que permite a aproximação de uma determinada verdade sustentada numa determinada época ou no equilíbrio de forças em um dado momento. Ajuda a identificar quais saberes foram evocados e desenvolvidos em termos de certos imperativos de poder e auxilia no discernimento das muitas resistências que também, e necessariamente, passam pelas múltiplas relações de força – essa compreensão só é possível porque, em Foucault, o poder não pertence a alguém ou a uma instituição, por exemplo. Isso relaciona o poder como um campo no qual as diferentes linhas de força às vezes se reforçam, às vezes minam e contradizem umas às outras – ler os pontos de confronto e

intensidade é historicamente valioso. O dispositivo, portanto, tem uma função eminentemente estratégica. Está sempre inscrito em um jogo de poder e, ao mesmo tempo, sempre ligado aos limites do saber que dele derivam e que, na mesma medida, o condicionam (FOUCAULT, 2014).

Desta forma, é possível entender que o dispositivo não é tanto os elementos individuais que o compõem – alguns já mencionados anteriormente – quanto o arranjo e as relações particulares entre eles. É essa forma distinta (em movimento) que é decisiva. Como visto em sua análise dos dispositivos de aliança e sexualidade, ou de disciplina e segurança, os mesmos ‘elementos’ ou instituições podem ser parte de mais de um dispositivo. Isso porque este é um conceito explicitamente relacional baseado em uma visão de dinamismo contínuo. Foucault (2014) também destaca que o dispositivo responde a uma emergência e tem uma função eminentemente estratégica. Trata-se de uma intervenção nas relações de força, para orientá-las em uma determinada direção: é um alinhamento particular de poder e incitamento ao saber em um determinado momento (implicando uma conjunção particular de linhas de força). O dispositivo tem funções estratégicas face a uma rede de relações de poder que permitem confluência e direção de forças. Dentro da disputa de forças, tem-se frequentemente pontos de resistência móveis e transitórios, quebrando unidades e criando reagrupamentos, cortando os próprios indivíduos, remodelando-os, traçando neles, em seus corpos e suas almas, novas formas de vigilância e sujeição. "O diagnóstico que se pode fazer consiste em mostrar que há mecanismos de formação e produção de subjetividade. Com o dispositivo existem ganhos, pois muitos sujeitos aderem a ele com muita felicidade, mostrando seu aspecto de filosofia prática" (LIMA, 2015, p. 91).

O aspecto produtivo da explicação do poder também é observado, pois em oposição à interdição ou ao ‘não dizer’ da interdição, que é apenas uma forma ou aspecto de poder, Foucault (1999a) repete que está interessado no caráter produtivo do poder. As maneiras pelas quais corpos, subjetividades e discursos são criados e moldados são muito mais abrangentes do que os simples códigos de atividades permitidas e proibidas. Identificando o que está em jogo em sua investigação sobre o poder, observa que – no caso da sexualidade, mas que entendo também poder ser da beleza – o que está em questão é a produção da própria sexualidade. Novamente, dado o substrato ontológico do jogo de forças em sua visão, a

inventividade perpétua e a manifestação de novas configurações de forças devem ser compreendidas como regulares e mutuamente dependentes.

Deleuze (1990) dedicou parte de seu tempo às discussões sobre o conceito de dispositivo de Foucault e, ter feito isso, indica que o considerou importante na obra do amigo. Ele ressalta que "pertencemos a certos dispositivos e neles agimos" (DELEUZE, 1990, p. 160). Ao retornar ao trabalho de Deleuze, parece-nos que estava bem ciente de que os dispositivos funcionam como máquinas de fazer ver e fazer falar. Descrevendo os aspectos de visibilidade do dispositivo, escreveu que cada dispositivo tem seu próprio regime de luz, a maneira pela qual ele cai, fica borrado e espalha-se por toda parte, distribuindo o visível e o invisível, dando origem ou desaparecendo o objeto que não existiria sem ele. Um dispositivo atua em parte determinando o que podemos ver e dizer em uma certa configuração histórica de forças— num determinado tempo e/ou contexto. Deleuze (1990) enfatiza esse aspecto perceptivo, mas também criativo, descrevendo as curvas da enunciação que são regimes definidos para o visível e para o dizível, com suas derivações, com suas transformações, suas mutações.

Veyne (2009), ao falar sobre a ciência, expõe como funciona o dispositivo de ciência produzindo um sujeito da ciência ou, noutras palavras, um cientista. Segundo ele, a ciência é elaborada sob a restrição de uma instituição, a pesquisa baseada na universidade e sob a regra de conformidade com o rigor de um programa previamente estabelecido. A ciência é baseada em um dispositivo que é composto de regras, tradições, ensino, construções especiais, instituições, poderes etc. Esse dispositivo forma ao mesmo tempo o objeto "ciência" e torna os indivíduos em sujeitos da ciência. Ou seja, forma o papel de cientista; eles interiorizam esse papel. A genealogia de uma ciência nada mais é do que essa gênese mútua do sujeito e do objeto da ciência; o dispositivo consiste na interface de sujeito e objeto. O papel social de ser cientista é produzido pelo dispositivo, que assume inclusive um discurso da ciência.

Para Veyne (2009), Foucault adiciona a condição de subjetivação à objetivação para acabar com a ilusão de que o sujeito existe antes de seus papéis. O cientista e o dispositivo exercem poder um sobre o outro, e a ciência exerce poder sobre a sociedade, o que é concedido em um dispositivo tem o poder de ser obedecido. Tomam-se como verdades determinados enunciados (por exemplo, 'temos que obedecer o governante' ou 'o médico sabe quando estamos doente e

como deve ser o tratamento’) porque são imanentes dentro de dispositivos institucionais, tradicionais, didáticos e legais. Por isso, como é possível observar no que diz respeito ao corpo belo, o dispositivo de beleza se sustenta também em outros dispositivos que fazem ver e falar, entre eles, o da ciência. É isso que faz do sujeito-mulher pensar que, para ser ‘mulher de verdade’, deve ser bela – pode-se ler, jovem, branca, magra, curvilínea, entre outras características mencionadas na Seção específica sobre a beleza da mulher.

Enfim, os dispositivos se articulam por processos de subjetivação. Isso sugere que, de certo modo, o sujeito de posse de um equipamento fotográfico (seja uma câmera ou um *smartphone*), obedece aos automatismos. Guia-se pelo que lhe parece ser o certo a fazer e não se reconhece como sujeito que age de acordo com os saberes externos, produzidos em relações de poder, que norteiam suas escolhas. Questiono-me: até que ponto essas mulheres pensam sobre seus corpos, compreendendo-os como alvo de discursos que os tornam mercadoria, impedindo-as de serem autoras de suas próprias histórias? Observo uma ausência de retorno a si, uma espécie de suspensão do sentido moral. Por isso, parece-me fundamental contar com a escola que, ainda que também possa funcionar como um dispositivo de poder, reúne características que lhe permitem atuar como agente de educação e transformação. Ou seja, como espaço que estimule o sujeito a voltar-se para si mesmo, conhecer-se, reconhecendo os saberes sobre os quais está sustentada sua subjetividade.

3 O CORPO DA MULHER E AS QUESTÕES DE GÊNERO

Não tenho aqui a pretensão de fazer uma discussão etimológica sobre o termo corpo nem tampouco retomar as concepções filosóficas, a maneira como grandes pensadores/as definiram o corpo. Reflexões dessa natureza são encontradas desde os escritos de Platão, em *Fédon*, até obras contemporâneas de autores/as de diferentes campos do conhecimento – da própria Filosofia como também da Antropologia, Psicologia, Medicina etc. Ainda assim, de maneira resumida, intenciono apresentar compreensões teóricas a respeito do corpo buscando entender o lugar da mulher e os saberes sobre seu corpo em diferentes momentos históricos, considerando as questões de gênero. Desta forma, ao longo desta Seção, tendo como referência pesquisadores e pesquisadoras que conversam e/ou convergem com o pensamento de Foucault³³, faço algumas considerações a respeito do corpo na história, exercício do poder sobre os corpos, funcionamento da disciplina e como essas questões se relacionam com o dispositivo de beleza. Por fim, abordo como o poder submete especialmente a mulher a este dispositivo de beleza, reconhecendo o funcionamento de uma questão de gênero ao atribuir a beleza como parte da natureza dela. Afinal, nessas relações de saber-poder existe um discurso que a coloca numa condição distinta do homem, pois frequentemente é valorizada mais por seu corpo que por outros atributos – diferente do que geralmente ocorre com os homens.

3.1 A HISTÓRIA E O CORPO

A história se presentifica no corpo. Para Daolio (1995, p. 105), “no corpo estão inscritas todas as regras, todas as normas e todos os valores de uma sociedade específica, por ser ele o meio de contacto primário do indivíduo com o ambiente que o cerca”. As mudanças na forma de pensar e/ou comportar-se de uma determinada sociedade e um tempo específico afetam a própria relação dos indivíduos com seus corpos. Conforme Le Goff e Truong (2005), a concepção do

³³ Busco apresentar o pensamento de autores e autoras que dão ênfase aos modos como os corpos são construídos socialmente, como os discursos e práticas inscritos no corpo são interiorizados em determinados momentos históricos.

corpo, seu lugar na sociedade, sua presença no imaginário e na realidade, na vida cotidiana tem mudado em todas as sociedades históricas.

A história do corpo humano é a história da civilização. Cada sociedade, cada cultura age sobre o corpo determinando-o, constrói as particularidades do seu corpo, enfatizando determinados atributos em detrimento de outros, cria os seus próprios padrões. Surgem, então, os padrões de beleza, de sensualidade, de saúde, de postura, que dão referências aos indivíduos para se construírem como homens e como mulheres (BARBOSA, MATOS, COSTA, 2011, p. 24).

Isso mostra que deve-se pensar o corpo como algo dinâmico, em movimento, construído e reconstruído pela cultura e pela sociedade. Lachi e Navarro (2012) observam que, ao se percorrer a história, o surgimento de diversos corpos, de diferentes noções, regimes e práticas que “coexistem, rivalizam, se sucedem e se transformam ao longo do tempo” (PRADO FILHO; TRISOTTO, 2008, p. 116).

Lachi e Navarro (2012, p. 27) também apontam que “o corpo não é monopólio de nenhum campo de conhecimento, mesmo que em diversos momentos ele tenha sido enquadrado como natural de uma área específica (como ocorre com a medicina e a biologia)”. Ou seja, diferentes áreas do conhecimento reivindicam o direito de falar sobre o corpo, investigá-lo, descrevê-lo, defini-lo ou mesmo discipliná-lo. Para Le Goff e Truong (2005), onde há mudança no tempo, há história.

O corpo, este volume concreto, não tem nada de natural – em rigor, não existe “corpo natural”, espontâneo e livre, “pura potência”, anterior a qualquer trabalho da cultura – ele é sempre resultado de investimentos de poder e de enunciações por saberes: sua própria “natureza” é construída (PRADO FILHO; TRISOTTO, 2008, p. 116).

Em cada momento histórico, é estabelecido um discurso sobre o corpo. É fato que em épocas passadas o corpo parecia pertencer à natureza e não a cultura, como apontam Le Goff e Truong (2005). Nos dois últimos séculos, porém, notou-se que o corpo tem uma história e esta se constitui tanto pelas estruturas econômicas e sociais quanto pelas representações mentais que, de algum modo, são seu produto e agente. Ory (2008) declara que os corpos se acham, por definição e por delimitação, submetidos à influência do movimento histórico das sociedades. Lachi e Navarro (2012, p. 37) dialogam com essa ideia, ao apresentarem que

cada movimento do corpo é cultural, faz parte do saber e é sancionado pelo poder; a forma como o sujeito utiliza o seu próprio corpo e dispõe do corpo do outro, com ou sem o uso de instrumentos, está condicionada e regulamentada pelas relações de saber e poder.

Ou seja, a cultura de uma determinada época se impõe com seus saberes sobre os sujeitos e a maneira como se relaciona com o próprio corpo, ainda quando pensa estar livre, faz parte de um saber construído nas relações de poder.

Prado Filho e Trisotto (2008) mencionam que, dentro dessa relação entre corpo, historicidade e cultura, existem um corpo e uma corporeidade: o corpo é a materialidade, o objeto concreto, histórico, em ato e como resultado das práticas; já a corporeidade está na ordem dos dispositivos, dos enunciados e das normas. Ou seja, a corporeidade tem a ver com a consciência dos sujeitos, com a construção da subjetividade destes na relação com seus corpos – e esta muda ao longo do tempo. Os autores entendem que o sujeito só tem acesso ao corpo pela corporeidade, pelos enunciados e práticas. É a partir dessa corporeidade que os sujeitos (dos sujeitos do cotidiano até os especializados) se relacionam com o corpo. “Os sujeitos relacionam-se com seus próprios corpos e com outros corpos a partir de uma corporeidade histórica à qual estão eles mesmos assujeitados” (PRADO FILHO; TRISOTTO, 2008, p. 116). Partindo de Marcel Mauss, talvez o primeiro pesquisador a tratar do corpo nas ciências humanas, Le Goff e Truong (2005) sustentam que cada sociedade impõe ao indivíduo um uso rigorosamente determinado de seu corpo.

Ser dinâmico e estar em movimento, porém, não significa um processo de evolução ininterrupta. As discontinuidades marcam a história. E essas rupturas nem sempre são visíveis para a sociedade da época; apenas o olhar distanciado, anos após o acontecimento, permite observá-las. Um exemplo que, hoje, podemos relatar da relação histórica com o corpo vem dos gregos. Para esses, o corpo era visto como elemento de glorificação, era algo de interesse do Estado – a referência era o masculino. Cada idade tinha sua própria referência idealizada de beleza e de estética. Entretanto, físico e intelecto, conforme Barbosa, Matos e Costa (2011), faziam parte de uma busca de perfeição. “O corpo era tão importante quanto uma mente brilhante” (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011, p. 25).

Pensando a história de forma cronológica e linear, conforme as autoras, o Cristianismo, no que diz respeito a uma filosofia sobre o corpo, compreendê-lo separado da alma e como morada do pecado. É no corpo e por meio dele que o/a

homem/mulher peca. Enquanto o/a grego/a desconhecia o pudor físico e o corpo era para ser exibido, no Cristianismo torna-se fonte de pecado. Por isso, precisa estar coberto, não ser visto ou tocado; não deve levar o próprio indivíduo e nem o outro, pela contemplação do corpo alheio, à perdição. Os pecados da carne estariam na sensualidade, na erotização, no sexo. Durante praticamente toda Idade Média, para Le Goff e Truong (2005), o corpo é depreciado, humilhado, condenado. Aponta que o Cristianismo instituído e as cortes vão civilizar o corpo com a aplicação de práticas chamadas de ‘boas maneiras’. No pensamento cristão, representado pelo poder da Igreja Católica, a salvação passa por uma penitência corporal, diz o autor. A beleza feminina estaria presa num conflito entre Eva, a pecadora, e Maria, a redentora. Cuidar da alma é o que importava. É nela que estaria a beleza, a pureza, o valor humano³⁴.

Essa forma de pensar prevaleceu durante boa parte da Idade Média. O Renascimento Cultural, entretanto, promoveu uma nova ruptura na forma de pensar o corpo. Para Barbosa, Matos e Costa (2011), o método científico passou a guiar as ações humanas e isso motivou uma maior preocupação com a liberdade do ser humano – a concepção de corpo foi, conseqüentemente, afetada. “O corpo, agora sob um olhar ‘científico’, serviu de objecto de estudos e experiências. [...] O conhecimento científico, a matemática, enfim, o ideal renascentista: o corpo investigado, descrito e analisado, o corpo anatómico e biomecânico” (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011, p. 27). As autoras ressaltam que a redescoberta do corpo, naquela época, é observável nas obras de arte – exemplo disso são as pinturas de Da Vinci e Michelangelo. Nelas, há uma valorização, deste modo, do trabalho artístico, mas também do pensamento científico e do corpo. “A disciplina e controle corporais eram preceitos básicos. Todas as atividades físicas eram prescritas por um sistema de regras rígidas, visando a saúde corporal” (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011, p. 27). Ou seja, há um saber histórico que atravessa os sujeitos disciplinando-os, moldando-os. Conforme Le Goff e Truong (2005), incorporamos as proibições e as normas sociais – vergonha, timidez, pudor etc. – têm uma história.

Outra descontinuidade ocorre com a intensificação da forma de produção capitalista. A partir do século 17, há uma mudança drástica nas relações de trabalho. A Revolução Industrial provoca a divisão técnica do trabalho, a repetição metódica, a

³⁴ O autor aponta que, apesar da ação desse poder disciplinar, o corpo resiste. Às escondidas, o erotismo e a nudez ganham visibilidade.

ausência de criatividade no exercício laboral. “Nesta lógica de produção capitalista o corpo mostrou-se tanto oprimido, como manipulável. Era percebido como uma ‘máquina’ de acúmulo de capital” (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011, p. 28). Mencionam que, deste modo, “[...] os movimentos corporais passaram a ser regidos por uma nova forma de poder: o poder disciplinar” (p. 28). Essa forma de poder, citada por Foucault (2014) na obra *Microfísica do poder*, instalou-se nas instituições com o objetivo de submeter o corpo, atuar de forma coercitiva na articulação dos movimentos e até sobre o tempo. Para as autoras, as pessoas foram colocadas a serviço da economia e da produção, gerando um corpo produtor, que precisa, ao mesmo tempo, de saúde para ser produtivo e, ao adaptar-se aos padrões de beleza, gera lucro para o capital por meio do consumo. “As novas possibilidades tecnológicas propiciaram à elite burguesa moderna, um crescimento de técnicas e práticas sobre o corpo” (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011, p. 28).

O mesmo capitalismo que mudou a relação com o corpo também potencializou o desenvolvimento de tecnologias para a comunicação. A chamada comunicação de massa torna-se ferramenta poderosa no século 20. E, com ela, a “[...] reprodução do corpo não se reduz agora ao âmbito da pintura ou do desenho, mas parece atingir um vasto número de indivíduos. O corpo pode ser reproduzido em séries através da fotografia, do cinema, da televisão” (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011, p. 28).

Para as autoras, o corpo pós-moderno se tornou credor de reconhecimento e de glorificação. O sujeito se assume e se cultiva como um “eu-carne”, funcionando ao mesmo tempo como sua identidade e como objeto de culto. “Cada vez mais pessoas investem no seu corpo, com o intuito de obter dele mais prazer sensual e de lhe aumentar o poder de estimulação social, assistindo-se a um mercado crescente de produtos, serviços” (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011, p. 29). Destacam, porém, que os meios de comunicação veiculam imagens de corpos que se encaixam num padrão estético que é inacessível para um número expressivo de pessoas.

A projeção de um determinado referencial de beleza é geralmente mediada pelos interesses do capital. Há uma lógica mercantil funcionando por meio de produtos e serviços que atua sobre nossos medos e inseguranças, principalmente da morte, do envelhecimento, do temor à solidão, a rejeição. Ao adotarmos determinados padrões estéticos, temos a ilusão de que a vida pode ser melhor, mais

leve, prazerosa; temos a ilusão que ganharemos mais anos de vida, teremos mais amigos, amores etc. "O que se vende é a possibilidade de se permanecer vivo e belo" (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011, p. 29). Na prática, disciplinamos o corpo para que consigamos reconhecimento social e aprovação. Como tenho dito, o corpo consome e é consumido.

Baseando-se no sociólogo Bryan S. Turner, Barbosa, Matos e Costa (2011) explicam que, no início do capitalismo, o corpo era disciplinado para a produção; no capitalismo atual – chamado por Turner de capitalismo tardio – a ênfase recai sobre o corpo em sua relação com o prazer, o divertimento, o desejo. Há um estímulo ao consumo material que remete a ligação do corpo com a sexualidade, a sensualidade; um corpo que se torna objeto do olhar do/a outro/a, da fantasia alheia. Barbosa, Matos e Costa (2011, p. 29) ressaltam que "[...] em todo este processo, todos os mecanismos instituídos pelo poder que reprimem o corpo, parecem, por seu lado, reforçar a importância da sexualidade"³⁵.

As autoras ainda afirmam que, na pós-modernidade, o corpo físico se decompõe em músculos, glúteos, coxas, seios, boca, olhos, cabelos, órgãos genitais (um exemplo disso é o crescimento das cirurgias estéticas para 'correção' do aparelho genital feminino, as chamadas labioplastias) etc. Também temos reconstrução do nariz, preenchimento de rugas, implantação de cabelo, entre outros tantos procedimentos que levam a (re)construção dos corpos, numa espécie de simulação na qual o corpo ganha uma aparência que, por vezes, não se assemelha à realidade. Voltados/as para imagens quase utópicas, homens e mulheres mascaram seus próprios corpos.

3.2 O CORPO COMO OBJETO DE REFLEXÃO

O corpo sempre desempenhou um papel preponderante no dia a dia de diferentes sociedades até então, mas não figurava como objeto de reflexão e/ou

³⁵ Embora a obra de Turner seja de 1992, a meu ver, os apontamentos do autor ainda podem referenciar reflexões a respeito do corpo, como o fazem Barbosa, Matos e Costa (2011). Mesmo não recorrendo ao sociólogo, outros/as pesquisadores/as parecem confirmar a ideia de Turner de que há uma valorização da sexualidade na estética do corpo. Algumas publicações analisadas na Seção 6 confirmam isso e uma breve consulta às páginas de pessoais de algumas mulheres – Gracyanne Barbosa, Paola Oliveira, Bárbara Evans, Marina Ruy Barbosa, Ísis Valverde entre outras consideradas belas em revistas e sites especializados – que são tidas como modelos de beleza também reforçam tal ideia. Vale acrescentar que, para chegar aos nomes de mulheres bonitas aqui mencionados, basta usar o buscador *Google* e digitar "mulheres mais bonitas do Brasil".

debate no campo das ideias, das ciências humanas. Durante muito tempo, ele foi pensado meramente de forma biológica – talvez sob a premissa de conservar a saúde, evitar doenças. Era concebido, portanto, como uma coisa, algo sobre o qual se pode intervir, transformar (CEVALLOS; SERRA, 2006). Hoje, não é diferente; porém, é ressignificado dentro do universo da estética, objetificado como mercadoria; e, do ponto de vista filosófico, científico, é fundamental pensá-lo na relação do sujeito consigo mesmo e da sociedade para com o sujeito por meio da significação e controle dos corpos.

Para Courtine (2013), o corpo foi inventado teoricamente na primeira metade do século 20. E, como destacam Cevallos e Serra (2006), não se pode perder de vista seu caráter político. Conceber os corpos como construção na história nos permite compreender que os sujeitos não possuem uma essência – não somos assim, estamos assim. Somos sujeitos à história, atravessados pelas relações de força. Tornamo-nos sujeitos, construídos por práticas sociais. O mesmo ocorre com nossos corpos; e há saberes que nos subjetivam. O conhecimento que temos é constituído nas relações de força, como efeitos de verdade.

Um dos primeiros autores a compreender a relação do corpo com a história foi o sociólogo e antropólogo francês Marcel Mauss (1872-1950). Courtine (2013) conta que Mauss chamou de “técnicas do corpo” as distintas formas de homens e mulheres utilizarem seus corpos numa determinada sociedade. Mauss argumentava que cada sociedade tem seus próprios hábitos e técnicas corporais – e essas têm pouca correspondência com os hábitos e técnicas de outras sociedades e/ou épocas históricas. Embora os estudos do sociólogo e antropólogo francês problematizem pouco como essas técnicas são adquiridas e as relações de poder envolvidas, as ideias do autor foram fundamentais para compreender que o corpo tem uma história e que uma série de hábitos, que parecem naturais, são históricos e culturais (COURTINE, 2013).

O sociólogo alemão Norbert Elias (1897-1990) foi outro pensador que trouxe as questões do corpo para o campo do pensamento científico. Na obra *O processo de civilização* (1994a)³⁶, faz uma retomada histórica sobre como o corpo é moldado ao longo do tempo. Para o autor, nossa consciência nem sempre é capaz de retomar os princípios de nossa história e como nossos corpos funcionam de acordo

³⁶ O primeiro volume da obra original foi publicado em 1939.

com a cultura de uma época, incorporando as normas sociais. A proposta de Elias foi oferecer um panorama das transformações do pudor ao longo da história europeia, atribuindo-as as mudanças no sistema de valores das elites e as lutas pelo poder político.

Nesse contexto, Elias (1994a) lembra, por exemplo, que livros escolares do século 16 orientavam as crianças sobre a postura, a forma de sentarem, quais partes do corpo não poderiam ser expostas etc. Embora não desenvolva discussões na perspectiva que Foucault apresentará após os anos 1970, Elias ainda nos anos 1930 ressaltava que o corpo, no início da Idade Moderna, era alvo de coação e controle auto-impostos. Ou seja, havia um saber que se impunha subjetivando os sujeitos, naturalizando determinados comportamentos e atitudes; havia um processo de vigilância. Ele destaca que, já naqueles anos, os atos praticados na presença de outras pessoas poderiam adquirir – ou não – valor de prestígio. No volume 2 de seu estudo, o sociólogo (1994b) comenta a respeito de comportamentos que eram tido como vergonhosos. Cita, por exemplo, que a exposição dos corpos de pessoas de classes inferiores diante daquelas consideradas nobres era um sinal de falta de respeito (ELIAS, 1994b)³⁷.

Courtine (2013) explica, entretanto, que o corpo tornou-se definitivamente objeto das ciências humanas principalmente na década de 1970³⁸, em virtude dos trabalhos de Michel Foucault – em especial, na obra *Vigiar e punir*. Embora os estudos anteriores tenham sido importantes para colocar o corpo sob o olhar das ciências humanas e este tenha sido historicamente alvo de processos disciplinares, de controle, as pesquisas até então desenvolvidas geralmente estavam relacionadas a outros campos das ciências – frequentemente, às ciências da vida.

Conforme Courtine (2013), os estudos de Foucault refletiam o contexto da época, pois um pouco antes, nos anos 1960, o corpo começou a ocupar o papel de protagonista em movimentos de protesto contra o peso das hierarquias culturais, políticas e sociais herdadas de séculos anteriores. Esses movimentos buscavam valorizar as pessoas, independente de classe social, gênero ou raça. Buscavam dar

³⁷ Os estudos de Norbert Elias são bastante amplos. Cito aqui apenas alguns exemplos a título de ilustração, primeiro, de que o corpo passou a ser alvo de estudos das ciências humanas no século 20 – como já mencionado; segundo, que, historicamente, é alvo do poder que disciplina, coíbe, limita.

³⁸ O autor menciona a importância dos estudos de Freud, no início do século 20, e, posteriormente de Merleau-Ponty, já na metade do século. Porém, teria sido Foucault o principal pensador a tratar o corpo fora das ciências da vida – foi quem definitivamente compreendeu que o corpo é alvo das relações de saber-poder.

visibilidade aos corpos das categorias oprimidas, marginalizadas da sociedade, promovendo o enfrentamento do discurso de poder que silencia os corpos.

Foucault, como lembra Courtine (2013), compreenderá como os “micropoderes” são exercidos nos detalhes mais íntimos do organismo humano. Ao colocar o corpo em cena, Foucault, traz à discussão a própria condição de liberdade dos indivíduos, pois esta precisa ser pensada a partir do corpo. Cito, por exemplo, as questões relacionadas à beleza. Embora possam dizer que são livres e felizes com seus corpos, conforme é possível observar na Seção 6, a análise das publicações feitas por mulheres no *Facebook*, selecionadas para esta Tese, indica que algumas delas pouco elaboram um pensamento crítico sobre as condições de aprisionamento impostas por esse dispositivo. As relações de poder adestram os corpos, constroem determinados trabalhos, obrigam a certas cerimônias³⁹, cobram deles signos etc. (COURTINE, 2013). E esse é um agir que parece silencioso. Por vezes, é incorporado como crenças pessoais. Não há consciência das ações coercitivas.

Na perspectiva foucaultiana, mesmo as ciências são concebidas como jogos de verdade, relacionadas com técnicas específicas, que permitem aos sujeitos se compreenderem e se governarem. Esse é um processo geralmente inconsciente. O que é objetivado (manifestado de forma consciente e em ações) é resultado da subjetivação constante que sofremos em meio às relações de poder-saber, tomando como verdade os saberes que circulam em diferentes espaços/instituições. É neste contexto que podemos entender que os sujeitos, corpos, verdades e a própria história são fabricados dentro das relações de poder (CEVALLOS; SERRA, 2006).

Os estudos de Foucault, em *Vigiar e Punir*, retomam, na história, a maneira como esse corpo é disciplinado. Para ele, até início do século 19, essa disciplina frequentemente é traduzida por formas de castigo – a punição era teatralizada, causava sofrimento, fazia parte do sistema penal. O poder, porém, reinventa sua forma de ação e passa atuar sob a forma de um saber, de técnicas, de discursos científicos. Para o filósofo, portanto, a relação com o corpo é uma relação de poder. Tames (2008) apresenta que esse poder é concebido por Foucault como uma estratégia; vê-se refletido em disposições, manobras, táticas e técnicas que funcionam em rede de relações. Também não é privilégio de uma classe dominante,

³⁹ O que dizer sobre as posturas corporais ao se sentarem, colocarem-se à mesa, atitude diante de um homem, entre outros comportamentos cerimoniais?

ninguém o possui; contudo, é efeito que se manifesta inclusive, em algumas ocasiões, naqueles que são tidos como dominados.

Conforme vimos anteriormente, quando menciono o poder, não falo de um poder centralizado, dominador; na compreensão de Foucault, são vários poderes, dispersos, em relações múltiplas de força, e que funcionam localmente. As relações de poder se dão a um nível microfísico. As disciplinas exercem um controle minucioso sobre as mínimas partes do corpo. Isso, conforme Cevallos e Serra (2006), requer a construção de determinados saberes constituídos em práticas, não apenas de ordem discursiva; na verdade, essencialmente na ordem do visível – a mídia, por exemplo, é um dispositivo poderoso para dar visibilidade a determinados padrões de corpos, naturalizando-os como referencial estético, mostrando-os como a verdade sobre a beleza. O controle dos corpos funciona, portanto, sob um complexo sistema de vigilância, resultante dos corpos que se vê e, conseqüentemente, do que é incorporado como verdade.

O poder é exercido diretamente sobre os corpos como efeito de um regime de verdades, que funcionam num sistema de vigilância e de castigo moderno (no caso em questão, o dispositivo de beleza cria um sistema de vigilância constante: a mulher se submete ao olhar do/a outro/a e de si mesma, punindo-se quando não consegue atingir o ideal estético proposto). Simultaneamente, participam do sistema de vigilância inúmeros/as profissionais: médicos/as, psiquiatras, educadores/as, psicólogos/as, fisioterapeutas, esteticistas, entre outros/as (TAMES, 2008). O saber produzido no dispositivo prende o corpo num sistema de coação, privação, proibições e obrigações. Assim, o corpo é construído, rodeado por técnicas e tecnologias de poder, que servem para analisá-lo, monitorá-lo e fabricá-lo. E por que pensarmos a respeito do poder que recai sobre nossos corpos? Porque, partindo de Foucault, podemos compreender que o corpo é o único bem acessível que efetivamente possuímos.

Influenciado por Foucault, o historiador francês George Vigarello (2005) escreveu a obra *Corregir el cuerpo: historia de un poder pedagógico*⁴⁰, um amplo estudo sobre as práticas pedagógicas aplicadas sobre o corpo do século 17 ao século 20. Embora não tenha o intuito de me aprofundar nas discussões feitas por Vigarello (2005), elas contribuem para tratar da escola como lugar para discutir

⁴⁰ Pelo menos até o momento, não encontrei a obra traduzida para o português.

sobre nossos corpos e o dispositivo de beleza que disciplina e impõe modos de consumo. Os estudos do historiador francês dão visibilidade aos discursos que sustentavam as práticas pedagógicas de orientação de postura, de higiene, sobre os exercícios físicos, a atomização dos movimentos numa busca de eficácia física sustentada em valores morais.

Ao buscar compreender as táticas desenvolvidas por professores/as de Educação Física, o autor presta atenção ao discurso pedagógico que disciplina a criança. Para ele, o corpo da criança é o primeiro lugar que se impõe limites sociais e psicológicos de conduta. Ressalta que os olhares sociais e culturais sobre os corpos, com o tempo, são incorporados de tal forma que chegam a parecer 'naturais'. O historiador menciona outro ponto que, por vezes, passa despercebido: as representações dos corpos nas empresas. Para ele, mesmo que não tenha por objetivo principal oferecer um saber sobre o corpo, de maneira direta ou indireta o constituem, lhe dão forma, projetam uma imagem, modelam.

Um aspecto mencionado por Courtine (2013), que importa acrescentar, é que a leitura do corpo – que acaba por resultar numa forma de vigilância – é sempre precedida de uma tradição popular. Isso motiva tanto a pessoa que olha quanto o próprio indivíduo (alvo do olhar), ao observar-se no espelho ou numa fotografia, faz isso a partir de uma memória. “As percepções, os enunciados, as classificações do corpo [...] se apoiam largamente sobre uma memória e sobre procedimentos característicos do uso oral da linguagem” (COURTINE, 2013, p. 65). As leituras dos corpos, ainda que estereotipadas e/ou preconceituosas, são baseadas em critérios que se constituem e se reconstituem na história. Traços da fisionomia, expressões, semblante, o olhar, aspectos corporais, entre outros, são lidos a partir de uma espécie de repertório conhecido. Courtine (2013) aponta que há uma tipografia ordenada do corpo e essa funciona por meio da memória.

Em *Vigiar e Punir*, Foucault (1999b) ressalta que, embora alguns/mas historiadores/as, ao longo dos anos, tenham se dedicado ao estudo do corpo, faziam-no no campo de uma demografia ou para compreensão de patologias históricas. Porém, os aspectos políticos haviam sido ignorados. Em seu trabalho, busca mostrar que o corpo está diretamente “[...] mergulhado num campo político; as relações de poder têm alcance imediato sobre ele; elas o investem, o marcam, o dirigem, o supliciam, sujeitam-no a trabalhos, obrigam-no a cerimônias, exigem-lhe sinais” (p. 29). Destaca que, ainda que esse investimento disciplinar por séculos

tenha ocorrido de maneira física, inclusive por meio de castigos, não se obtém a sujeição apenas por instrumentos de violência ou ideologia⁴¹. Foucault (1999b, p. 29) traz à discussão a “tecnologia política do corpo” – que não são técnicas multiformes, organizadas, que podem ser localizadas tendo como fonte uma instituição; também não está relacionada a um aparelho do Estado. Essa tecnologia, seria “alguma maneira de uma microfísica do poder posta em jogo pelos aparelhos e instituições, mas cujo campo de validade se coloca de algum modo entre esses grandes funcionamentos e os próprios corpos com sua materialidade e suas forças” (p. 30).

Tendo o filósofo como referência, entendemos que esse poder é exercido, mas não pertence a uma classe, a um grupo de pessoas ou de instituições. Também não se trata de um poder que governa, proíbe ou obriga. O poder que atua sobre os corpos nos alcança, atravessa, mas não possui uma lei específica, permite a resistência, os pontos de luta. Entretanto, a história é construída sobre os efeitos induzidos por ele “[...] em toda em que se encontra” (FOUCAULT, 1999b, p. 30). Alerta que “seria talvez preciso renunciar a crer que o poder enlouquece e que em compensação a renúncia ao poder é uma das condições para que se possa tornar-se sábio” (p. 31). O desenvolvimento de uma Tese como esta, que busca produzir um saber, é efeito produtivo do poder. As pesquisas que desenvolvemos – este pesquisador e tantos/as outros/as – sobre os corpos, sobre o dispositivo de beleza, são saberes induzidos pelo poder.

Analisar o investimento político do corpo e a microfísica do poder supõe então que se renuncie — no que se refere ao poder — à oposição violência-ideologia, à metáfora da propriedade, ao modelo do contrato ou ao da conquista; no que se refere ao saber, que se renuncie à oposição do que é “interessado” e do que é “desinteressado”, ao modelo do conhecimento e ao primado do sujeito (FOUCAULT, 1999b, p. 31).

Ao descrever as rupturas ocorridas na política dos corpos, no século 18, Foucault (1999b) mostra que o investimento sobre os corpos, que até então era feito

⁴¹ O termo “ideologia” aparece muito raramente na obra de Foucault. Como ressaltado em diferentes momentos, o filósofo francês não acredita que a noção de ideologia seja a mais significativa para compreender o sujeito e as relações de poder. Contudo, em algumas situações, Foucault faz referência à ideologia até como forma de ressaltar que não é a ideologia que controla os sujeitos. Vale acrescentar que, quando “ideologia” aparece nos trabalhos de Foucault, o autor toma a noção elaborada por Karl Marx. Uma obra do filósofo alemão que pode ser consultada para melhor compreensão é *A ideologia alemã* (2001).

na forma de castigos, suplícios, transcende para o campo das ideias. “No suplício corporal, o terror era o suporte do exemplo: medo físico, pavor coletivo, imagens que devem ser gravadas na memória dos espectadores, como a marca na face ou no ombro do condenado” (p. 129). A punição passa a funcionar, primeiro, de maneira subjetiva. Os modelos desejados de comportamento são visibilizados, a moralidade pública é exposta, mostrada, reafirmada no discurso. O reforço coletivo é promovido pela associação entre “a ideia do crime e a ideia da pena” (FOUCAULT, 1999b, p. 130). Ao observar as estratégias do dispositivo de beleza, noto funcionamento semelhante: a ideia do crime (estar acima do peso, não vestir-se conforme a moda, não preservar as curvas, a sensualidade etc.) e a ideia da pena (sofrer rejeição, ter menor valorização social, não ser tida como uma pessoa de sucesso, entre outras). Na prática, não há um castigo físico, este, porém, ocorre no campo das emoções, afetando o sujeito pelas perdas sociais sofridas e na relação do indivíduo consigo mesmo, por sentir-se inferior aos que possuem corpos considerados belos.

O filósofo (2014, p. 47) sustenta que “o controle da sociedade sobre os indivíduos não se opera simplesmente pela consciência ou pela ideologia, mas começa no corpo, com o corpo. Foi no biológico, no somático, no corporal que, antes de tudo, investiu a sociedade capitalista”. O corpo “[...] é formado por uma série de regimes que o constroem; ele é destroçado por ritmos de trabalho, repouso e festa; ele é intoxicado por venenos – alimentos ou valores, hábitos alimentares e leis morais simultaneamente; ele cria resistências” (FOUCAULT, 2014, p. 18). Por isso, para o pensador, compreender os sujeitos – e a própria história – implica compreender a relação destes com seus corpos.

[...] Sobre o corpo se encontra o estigma dos acontecimentos passados do mesmo modo que dele nascem os desejos, os desfalecimentos e os erros nele também eles se atam e de repente se exprimem, mas nele também eles se desatam, entram em luta, se apagam uns aos outros e continuam seu insuperável conflito (FOUCAULT, 2014, p. 15).

Sustenta, ainda, que o corpo é superfície de inscrição dos acontecimentos. A linguagem marca os acontecimentos e “as ideias os dissolvem”, tendo o corpo como “lugar de dissociação do Eu (que supõe a quimera de uma unidade substancial), volume em perpétua pulverização” (FOUCAULT, 2014, p. 15).

Para ele, o que podemos considerar como um domínio, uma consciência do próprio corpo, são “[...] adquiridos pelo efeito do investimento do corpo pelo poder”. E isso ocorre por meio da “[...] ginástica, os exercícios, o desenvolvimento muscular, a nudez, a exaltação do belo corpo...” (2014, p. 82). Lembra que “[...] tudo isto conduz ao desejo de seu próprio corpo através de um trabalho insistente, obstinado, meticuloso” (2014, p. 82). Ou seja, o desejo de um corpo, a consciência desse corpo é resultado do poder exercido sobre os corpos – e desde a infância.

Para Foucault (2014), essa consciência do sujeito a respeito do seu corpo, ao emergir como uma conquista (eu sei que tenho um corpo e este é meu), reivindica o próprio corpo e resiste contra o poder – “[...], a saúde contra a economia, o prazer contra as normas morais da sexualidade, do casamento, do pudor [a busca pelo direito ao aborto etc]” (FOUCAULT, 2014, p. 83). Entretanto, o poder, que parece vacilar, continua atuando e, ainda que se desloque, recue, reelabora-se em novas estratégias e “[...] a batalha [pelo domínio, controle do corpo] continua” (FOUCAULT, 2014, p. 83).

Ao mencionar a busca de libertar o corpo de alguns processos disciplinares (apropriar-se do corpo, libertar-se do peso de tantas peças de roupas, por exemplo), ele cita que se trata de um novo investimento. Este deixou de ter a forma de controle-repressão, mas ganhou a forma de controle-estigmatização – e funciona até o presente momento, tanto é que está no problema apresentado por esta Tese; afinal, o corpo tido como belo e as roupas que usa referenciam o olhar que a mulher tem para si e as reações de felicidade ou não. Como resposta à revolta do corpo, impõe-se um outro discurso: “Fique nu... mas seja magro[a], bonito[a], bronzeado[a]!” (FOUCAULT, 2014, p. 83, *grifo meu*). Com o exemplo, ele reforça a tese de que o poder está em constante movimento. Ressalta que é necessário aceitar o “indefinido da luta” (p. 83). O que noutras épocas poderia restringir-se mais especificamente ao controle para que os sujeitos fossem produtivos, morais (e uma moralidade que se traduzia também nas roupas que eram usadas), desde o início do século 20, amplia-se para um corpo que consome e é consumido numa extensa rede na qual atua o dispositivo de beleza promovendo, gerando e reafirmando o valor/influência do capital.

3.3 O PODER SOBRE OS CORPOS

Considerando os estudos desenvolvidos a partir de Foucault, entendemos que o discurso de beleza funciona neste dispositivo, que tenho chamado de dispositivo de beleza, e é um exercício do poder sobre os corpos⁴². "A mídia, a moda, a indústria de embelezamento e a ciência estética compõem um mecanismo que funciona como uma forma de dispositivo panóptico⁴³ que aciona técnicas de visibilização e disciplinamento das mulheres" (MOTA, 2012, p. 100). O corpo, que é lugar essencial, prioritário da experiência humana, também é local no qual se inscreve a história dos sujeitos. "[...] Sobre o corpo se encontra o estigma dos acontecimentos passados do mesmo modo que dele nascem os desejos, os desfalecimentos e os erros [...]" (FOUCAULT, 2014, p. 15). Pensamos que o corpo tem apenas as leis da fisiologia, que escapa da história. Ele, porém, ressalta que, sobre o corpo, recai uma série de regimes que o constrói. Isto porque, o controle da sociedade sobre os indivíduos não se dá apenas sobre as consciências; na verdade, começa no corpo, com o corpo (FOUCAULT, 2014).

Nossos corpos funcionam no mundo e não fora dele. Rocha e Rodrigues (2012), sustentam que cada cultura 'modela' ou 'fabrica' à sua maneira um corpo humano. Apontam que não há sociedade que não fira semioticamente o corpo de seus membros. Portanto, são significados de acordo com a própria história. Como afirmam, "segundo as convenções, em cada sociedade são diferentes as ênfases e os direcionamentos dos órgãos dos sentidos. [...] as culturas se aproveitam dos sentidos para codificar o mundo" (ROCHA; RODRIGUES, 2012, p. 13). O corpo não escapa dessa codificação, embora ela seja variável em cada época e/ou sociedade, cultura.

[...] Isto a que as pessoas normalmente chamam de "mundo real" é construído a partir dos códigos da sociedade. É construído, em grande parte, de modo inconsciente: o cérebro, respondendo a um 'programa' que lhe é introduzido pela socialização, seleciona e processa as informações que lhe são fornecidas pelos órgãos dos

⁴² Ao tratar do corpo, não o penso apenas como uma materialidade física representada por cabeça, tronco e membros. Penso, como cita Goellner (2003a, p. 29), num corpo que "[...] é também a roupa e os acessórios que o adornam, as intervenções que nele se operam, a imagem que dele se produz, as máquinas que nele se acoplam, os sentidos que nele se incorporam, os silêncios que por ele falam, os vestígios que nele se exibem, a educação dos gestos...".

⁴³ Foucault trata do panóptico na obra *Vigiar e Punir* (1999).

sentidos, estes submetidos a uma gramática culturalmente estabelecida (ROCHA; RODRIGUES, 2012, p. 15).

Nesta perspectiva, é possível pensar que os códigos de valores estéticos também são condicionados culturalmente e de forma inconsciente. Noutros termos, numa perspectiva foucaultiana, somos subjetivados pelos saberes construídos na relação poder-saber. Isso motiva cada pessoa a tomar como evidentes certos referenciais que, na prática, são verdades de uma época, não são transcendentais e podem ser confrontadas. Ainda assim, sem ter consciência dos elementos condicionantes, por vezes, olhamos para nosso corpo com as lentes de uma determinada sociedade. “Materializado em um corpo, o homem [a mulher] não tem um corpo único ao qual esteja para sempre confinado. Este corpo é muito mais do que algo intrinsecamente ordenado, com existência objetiva ‘lá fora’ no mundo” (ROCHA; RODRIGUES, 2012, p. 15).

Essa ordenação, que impõe modos de ser e representações do corpo, varia de acordo com os contextos culturais, mas, como ressaltam os autores, o corpo é múltiplo, toma formas e não precisa ser experienciado apenas como nos parece possível. Ter consciência do corpo e das possibilidades que se tem de materializá-lo (objetivá-lo) no mundo é libertador, supõe viver a verdade de si. Entretanto, para que a liberdade ocorra e a verdade de cada pessoa se objetive é necessário, primeiro, compreender o funcionamento da sociedade, em seus dispositivos, que limitam nossas ações e a própria experiência do viver.

As representações do corpo não se limitam a ser apenas acontecimentos intelectuais. É sempre necessário saber como ecoam e reverberam na carne: com frequência são violentamente viscerais e não raro se traduzem em entusiasmos, em medos, em prazeres, em ardores, em rancores, em sensibilidades (ROCHA; RODRIGUES, 2012, p. 16).

As sociedades constroem corpos. Por meio da educação – e aqui menciono num sentido amplo, compreendendo o mundo em movimento e seu potencial educativo – faz-se de cada criança um membro da sociedade. Com isso, esse corpo carrega as marcas de sua comunidade. “O corpo humano é, por excelência, uma expressão simbólica da própria sociedade, de cada sociedade” (ROCHA; RODRIGUES, 2012, p. 20). Giddens (2002) reitera que se aprende a controlar os gestos, as expressões. E, na perspectiva dele, esse processo é necessário para a

convivência e relação com as outras pessoas, pois permite sinalizar que não há nada de errado consigo mesmo e nem com os/as demais. “O controle rotineiro do corpo é crucial para a manutenção do casulo protetor do indivíduo em situações de interação cotidiana” (GIDDENS, 2002, p. 58).

O sociólogo⁴⁴ destaca o controle do corpo como um comportamento rotineiro e que parte do próprio indivíduo⁴⁵. Entretanto, o autor reconhece que, mesmo se dando por iniciativa da pessoa, é mediado por uma motivação bastante específica: a aceitação pelo/a outro/a. Os regimes do corpo são constituídos por inclinações e disposições pessoais, mas Giddens (2002) não ignora os ordenamentos das convenções do cotidiano. Ele aponta, inclusive, a importância central do corpo no que chama de auto-identidade. Isso porque esses regimes estão relacionados “aos aspectos mais visíveis do corpo” (p. 63).

Já para Rocha e Rodrigues (2012), este projeto inculcador, nas sociedades hierarquizadas, suscita desde sempre a vergonha dos próprios corpos naqueles/as que não se enquadram nos modelos socialmente aprovados, ou que não se encaixam nos padrões que as classes favorecidas exibem. Isso nos permite compreender que o corpo humano é muito menos individual do que costuma postular o pensamento influenciado pela visão de mundo de nossa cultura (algo que de alguma maneira aparece em Giddens, por exemplo), sob o peso de todo o individualismo que a caracteriza. O corpo possui história. Não uma história geral, mas uma história específica, de uma determinada sociedade, de uma determinada época.

Houve um período histórico em que o corpo era dedicado à produção, era instrumento de progresso, fomentador da economia. Hoje, essas são atribuições das

⁴⁴ Os estudos de Giddens (2002) se distinguem dos propostos por Foucault a respeito do corpo. Ainda assim, além de compreender a relevância e contribuição do sociólogo para as ciências sociais, entendo que, mesmo divergindo de Foucault em alguns aspectos, Giddens faz uma leitura bastante relevante sobre o funcionamento do corpo na sociedade e, por isso, trago algumas de suas considerações.

⁴⁵ O sujeito, em Giddens (2002), é consciente. Embora sofra a influência da história, é alguém que faz suas próprias escolhas. Em Foucault, o inconsciente – que não está relacionado ao que Freud desenvolve sobre o assunto – tem papel fundamental. O inconsciente tem suas próprias leis, domínio autônomo. O filósofo destituiu o homem/mulher desse lugar de sujeito de liberdade, que pensa por si mesmo. Ou seja, as escolhas do sujeito, em Foucault, fogem ao seu controle, pois foi subjetivado pelos saberes construídos numa determinada época e/ou sociedade. “Não foi o homem que criou conscientemente a história de seu saber, mas a história do saber e da ciência humana obedece, ela mesma, a condições determinantes que nos escapam. Nesse sentido, o homem [a mulher] não detém mais nada, nem sua linguagem, nem sua consciência, nem mesmo seu saber; e é esta privação que está no fundo de um dos temas mais significativos da pesquisa contemporânea” (FOUCAULT, 2001, *apud* CARMO, 2009, p. 237).

máquinas. E embora algumas tarefas ainda sejam executadas de forma corpórea, pelo esforço e força empreendidos, o corpo agora é objeto do capital; não voltado à produção de riquezas, mas ao consumo – consumo este em escala industrial, para que novos produtos sejam desenvolvidos e consumidos. “Cada ínfima parte se transformou em consumidor especializado” (ROCHA; RODRIGUES, 2002, p. 35). O que poderia parecer, inicialmente, concretização de liberdade, na prática, torna-se um sistema de submissão, de controle.

Bauman (2008) sustenta a ideia de que, durante boa parte da Idade Moderna, o investimento da sociedade se dava sobre o corpo do indivíduo trabalhador ou do soldado. O espírito dessa pessoa – que aqui trato como sua subjetividade – era silenciado. O investimento no corpo intencionava que esse indivíduo pudesse atuar em benefício do seu *habitat* natural. Ou seja, o chão de fábrica ou o campo da batalha. Porém, a partir do século 20, as pressões coercitivas passaram a recair sobre sua subjetividade e o corpo ficou sob responsabilidade do próprio indivíduo, coagido e treinado para agir individualmente, para viver o “faça você mesmo”. É nesse contexto que, parece-me, haver maior investimento nos textos verbais e imagéticos que remetem a um ideal de beleza. A ação não se dá diretamente sobre o corpo, mas o poder funciona numa espécie de convencimento que faz o sujeito crer (ou seja, atua sobre sua subjetividade) que precisa cuidar de si e ter um corpo magro.

Embora tratem de transexualidade e heteronormatividade, Petry e Meyer (2011) corroboram com esta ideia, pois vivemos nossas vidas e não percebemos como este cotidiano está pautado, regulado e normatizado por compreensões generificadas, apreendidas na cultura e assumidas como certas e verdadeiras. Subjetivados por esse saber, vigiamos e somos vigiados/as. Vigiamos nossos corpos, vigiamos o do/a outro/a num processo contínuo. Goellner (2003b) cita que inúmeros discursos e representações têm atuado para autorregular as pessoas, tornando-as vigias de si mesmas. E, conforme ressaltam Lachi e Navarro (2012, p. 31), o ato de vigiar é um fator de controle, pois a disciplina faz “funcionar” um poder relacional que se auto-sustenta por seus próprios mecanismos e substitui o brilho das manifestações pelo jogo ininterrupto dos olhares calculados.

Graças às técnicas de vigilância, a “física” do poder, o domínio sobre o corpo se efetua segundo as leis da ótica e da mecânica, segundo

um jogo de espaços, de linhas, de telas, de feixes, de graus, e sem recurso, pelo menos em princípio, ao excesso, à força, à violência (LACHI; NAVARRO, 2012, p. 31).

Assim, de acordo Lachi e Navarro (2012), a punição não se dá pela força, mas pelo olhar (olhar que, na sociedade moderna, lembram, também é realizado pela mídia e recai sobre o corpo do sujeito). O que foge ao adequado, ao apontado pela disciplina como 'normal' é penalizado – uma punição que se dá por meio de um certo tipo de exclusão, rejeição, discriminação, pois o sentido que se constrói é de que as pessoas são responsáveis pelo cuidado de seus corpos; se não investem na beleza, deixou de cuidar de si por uma escolha pessoal.

A ênfase na liberdade do corpo no que respeita a sua exposição e desnudamento nos espaços públicos caminha passo a passo com a valorização dos corpos enxutos e 'em forma' onde o excesso, mais que rejeitado, é visto, por vezes, como resultado da displicência e da falta de cuidado (GOELLNER, 2003a, p. 38).

Reescrevemos nossa relação com o corpo: “nossa identidade transitou da mente para o corpo”, afirma Ghiraldelli Jr. (2007, p. 10). Numa espécie de paródia da noção de 'desencantamento do mundo', desenvolvida pelo sociólogo Max Weber, o autor apresenta concepção semelhante ao tratar do que chama de 'desencantamento do corpo', já que este não se ligaria mais ao sagrado, à alma. O corpo parece uma experiência única em si mesma. Giddens (2002, p. 76), por sua vez, declara que “experimentar o corpo é uma maneira de tornar coerente o eu como um modo integrado, uma maneira de o indivíduo dizer 'é aqui que vivo’”.

Para Guiraldelli Jr. (2007), ampliamos a compreensão do corpo como peça manipulável. Investir em si se tornou, por vezes, sinônimo de investimento no corpo. Nesse processo de reinvenção do homem/mulher, o corpo é máquina e, ao mesmo tempo, sede da vida. A mente, embora reconhecida, faz parte do cérebro e, como tal, parece ser apenas um órgão do corpo – importante, mas só um órgão. Para Giddens (2002, p. 164-165), “o culto ao corpo, pela consideração de dietas, roupas, aparência facial e outros fatores, é uma qualidade comum de atividades de estilo de vida na vida social contemporânea”.

Guiraldelli Jr. (2007) destaca que, para compreender nossa relação hoje com o corpo, é preciso compreender esse processo de deslocamento do corpo como duplo – autômato e eu –; o corpo tem vida própria e, simultaneamente, o corpo sou

eu. Giddens (2002) compreende que o controle regular do corpo é um meio através do qual se mantém uma biografia da auto-identidade; ou seja, o indivíduo se reconhece como sujeito a partir do corpo. No entanto, conforme o sociólogo, ao mesmo tempo o eu está quase sempre ‘em exibição’ para os outros em termos de sua corporificação. O eu está seguro no corpo e, ao mesmo tempo, a integridade corporal do sujeito está ligada à apreciação dos outros.

Na pós-modernidade, a identidade, migrando para o corpo, é constituída pelo parecer e aparecer. Somos julgados/as pelo nosso visual, pela imagem externa. Investe-se no corpo como forma de existir. “A sociedade em que vivemos sustenta um bombardeio de informações vindas dos meios de comunicação, de modo a nos lembrar de uma necessidade contemporânea, a de cuidados com o corpo” (GUIRALDELLI JR., 2007, p. 13). Não importa muito se esse cuidado traz ou não benefícios; importa que estejamos de acordo com os padrões estabelecidos. E todos, de forma consciente ou não, participamos disso. Mesmo aqueles/as que olham para o que costumam chamar de alma, de espírito etc., ou buscam investir no intelecto, procuram não descuidar do corpo. Há uma preocupação constante em fazer dieta, melhorar a alimentação, fazer caminhada, entre outros – ainda que isso não se torne uma prática ou se restrinja ao campo do verbal. Quando os investimentos não se dão na forma de esforços físicos ou intervenções que ocorrem no próprio corpo, usam-se recursos da moda, da estética (até mesmo padres, pastores/as – pessoas que supostamente não seriam dadas às “ vaidades ” – cuidam de suas vestimentas, barba, cabelo e adereços). “O corpo é o proprietário burguês de todas as terras do universo” (GUIRALDELLI JR., 2007, p. 13).

O autor (2007, p. 13) ressalta que “a vaidade deixou de orbitar em torno do conceito de pecado e se transformou em obrigação civilizada e civilizadora. [...] Até sair rasgado e sujo é sinal de vaidade e moda – se feito por pessoas que poderiam não sair rasgadas e sujas”. Ou seja, na sociedade contemporânea, há um imperativo moral “[...] que se expressa como imperativo estético: ou nos colocamos como corpos, pois somos corpos, ou não temos espaço na sociedade”. Para Giddens (2002), hoje, nem a aparência nem a postura são definitivas; tudo é transitório e capaz de ser reconstruído, numa constante (re)construção do próprio eu. E, conforme o sociólogo, o corpo “participa de maneira muito direta” da construção do eu. “O eu, é claro, é encarnado. A consciência dos contornos e das propriedades do

corpo está na própria origem das explorações originais do mundo” (GIDDENS, 2002, p. 57).

Estamos no mundo para sermos vistos/as. E se nos colocamos para os olhos das outras pessoas, não é necessariamente para uma relação mediada pela razão. Somos o que somos para sermos consumidos/as, para a apreensão rápida. Nessa relação de poder, quem não se coloca – não se projeta – visualmente, não é nada; é como se não existisse (GUIRALDELLI JR., 2007). Lima, Batista e Lara Júnior (2013, p. 50) comentam que, na sociedade em que vivemos, a imagem corporal tornou-se “[...] uma representação fundamental, porque é através dela que se ganha reconhecimento estético, saúde, bem-estar, fama e status social e financeiro”. Guiraldelli Jr (2007) afirma que não há novidade em dizer que tudo é corpo, tudo é para ser visível. Tornou-se até lugar comum. Numa sociedade em que tudo é espetáculo, o espetáculo deixou de sê-lo – já não exerce fascínio. É uma espécie de obrigação. Isso resulta numa busca quase desesperada por ser notado/a. “A estética substitui a ética e a moral” (GUIRALDELLI JR., 2007, p. 15).

Santaella (2004), referenciada em Lacan, ressalta que a constituição do Eu tem estado ligada à imagem do corpo. Guiraldelli Jr. confirma esse argumento e aponta que, como tenho destacado, a própria noção de identidade tem estado relacionada ao corpo. O indivíduo não pensa a identidade sob uma forma de consciência; associa seu eu a um corpo, algo material, visível, tocável.

Temos uma identidade não mais alojada no plano da consciência tomada no sentido robusto, mas posta no plano de uma consciência minguada que, enfim, se torna dispensável, pois sua referência é o corpo; este é o que se apresenta visualmente, sem precisar de grandes explicações (GUIRALDELLI JR., 2007, p. 42).

Desde o século 19, temos voltado cada vez mais os olhos para os corpos. Antes mesmo de desejarmos ser vistos/as, queremos nos ver. O filósofo menciona que, naquele século, as pessoas da elite começaram a colocar espelhos em diferentes lugares de suas casas. O surgimento da fotografia também potencializou – e popularizou – os retratos. Esse contexto proporcionou uma nova atitude: pessoas que se olham, observam e avaliam seus rostos, seus corpos, motivando-as a um novo regime disciplinar. Guiraldelli Jr. (2007) que destaca esse corpo em busca de correção física, exercícios, ginástica, produtos estéticos etc. Os ideários que sustentavam o sujeito epistemológico se esvaziam. A identidade é reduzida a

um corpo. “Cada vez mais temos nos descrito por meio de qualitativos que só podem ser aplicados ao corpo. Somos ‘brancos’, ‘negros’, ‘doentes’, ‘sadios’, ‘gordos’, ‘magros’, ‘belos’, ‘feios’, ‘altos’, ‘baixos’” (GUIRALDELLI JR., 2007, p. 45). Nosso eu, conforme cita o autor, é assumido como corpo.

Ele explica que a ida da individualidade ao corpo não põe fim à subjetividade dos sujeitos, mas aponta que a consciência do eu tem se desligado dos campos metafísico, filosófico, cultural e se restringido a uma única doutrina: a do corpo. Nesse sentido, o autor não faz referência apenas ao plano estético, mas à noção de que aos sujeitos tudo parece resumir-se ao corpo, ao que se pode sentir, viver, experimentar corporeamente, tendo prazer, satisfação. “Não queremos nos privar dos prazeres corporais, mas, sim, ampliá-los sem ônus, sem arcar com as mesmas responsabilidades que teríamos caso nos envolvêssemos de ‘corpo e alma’” (GUIRALDELLI JR., 2007, p. 51). Acrescenta que “o corpo é máquina, porém, máquina viva que engole o eu, agora parte dele, como cérebro” (p. 53).

Retomando o filósofo alemão Günther Anders⁴⁶, Bauman (2008) aponta que, na sociedade de consumidores, o corpo não trabalhado, não modificado, que não sofre a ação humana, é um corpo menosprezado. Ou seja, em nosso momento histórico, um corpo despido de adornos, não malhado, não reformado pelos instrumentos estéticos, é algo que se deve ter vergonha, é ofensivo ao olhar do outro. E vejamos o que reproduz Soihet (2000, p. 109), ao mostrar em seus estudos sobre quais eram as reações das pessoas, na primeira metade do século 20, a respeito das mulheres: “Que nos importa as feias! Salvem-se as belas, que a humanidade se aperfeiçoará”. A pesquisadora sustenta que naquela época havia um discurso de rejeição às mulheres tidas como feias – estas, inclusive, comprometeriam o futuro da humanidade.

Soihet (2000) – ao tratar de Bertha Lutz, considerada uma das primeiras feministas brasileiras – revela que, há quase 100 anos, num tempo em que a imprensa já se posicionava como espécie de porta-voz da sociedade, a mulher que importava, que possuía valor, era aquela tida como bela. Conforme a autora, era recorrente a preocupação em acentuar o caráter imprescindível da beleza para as mulheres. “A ausência desse atributo representa um pesado ônus, já que,

⁴⁶ Günther Anders, filósofo alemão, viveu entre os anos 1902 e 1992. Foi aluno de Martin Heidegger e Ernst Cassirer; colega de Hannah Arendt, com quem foi casado entre 1929 e 1936. Entre suas obras, destaca-se *Die Antiquiertheit des Menschen*. Nela, o pensador faz críticas à padronização do mundo na era da comunicação de massa, tratando inclusive da estética do corpo.

infalivelmente, serão rejeitadas pelos homens, impossibilitando a realização daquela que é considerada a única aspiração legítima para as mulheres – o casamento” (SOIHET, 2000, p. 109). Del Priore (2014, p. 222) afirma que “a chamada boa aparência impunha-se; os bons casamentos, sobretudo, dependiam dela”.

Algo que me incomoda – e abordo durante a análise do *corpus* desta pesquisa – é justamente isso: em que medida ainda hoje as mulheres, ao se submeterem ao dispositivo de beleza, não reproduzem um discurso histórico, no qual a beleza se tornou uma marca de valor para atração do olhar masculino? E que belas são essas, afinal? Em que medida essa memória retorna aos discursos sobre seus corpos? Como reagem diante de possíveis comentários feitos por homens sobre seus corpos?

Nas práticas de poder, o discurso atua no controle sobre os sujeitos. Trata-se de um discurso de beleza que funciona dentro de um dispositivo de poder que controla os corpos e subjetiva mulheres, produzindo identidades. Isso ocorre porque, conforme ressaltam Lachi e Navarro (2012), no entendimento de Foucault (2008a), o poder se exerce nas ações cotidianas, e é no cotidiano do corpo que ele estará presente. O corpo, só é útil na medida em que é produtivo e dócil, passível de transformação e aperfeiçoamento, um corpo ativo atingido pelo poder, “esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade” (FOUCAULT, 2008a, p. 118).

Na perspectiva de Hall (1997), as imagens e discursos servem como práticas de regulação, de poder sobre os corpos. Em seus estudos, quando mostra que ao mudar a cultura é possível mudar o comportamento, ressalta que, inconsciente, podemos ser guiados. Justamente por isso, existe um processo de regulação através da cultura. Para o autor, “raramente precisamos pensar no que estamos fazendo – todas as nossas ações são automáticas” (HALL, 1997, p. 19). Algumas questões são dadas, inclusive por meio da mídia como normas; ou seja, “nossas ações foram institucionalizadas, sedimentadas naquilo que em nossa cultura é ‘tido como certo’” (HALL, 1997, p. 19). E os meios de comunicação atuam sobre a cultura. Ou seja, a mídia participa da construção de sentidos sobre o corpo, sobre a beleza feminina. O olhar dos/as leitores/as (e das próprias mulheres a respeito de seus corpos) é guiado para observar o corpo feminino sob a perspectiva de uma beleza que se impõe e que se sobrepõe as virtudes do sujeito-mulher.

Para Revel (2005, p. 35), as disciplinas são “técnicas de coerção que exercem um esquadramento sistemático do tempo, do espaço e do movimento dos indivíduos e que atingem particularmente as atividades, os gestos, os corpos”. Atuam, portanto, sobre o domínio do corpo, fabricando corpos submissos e exercitados, corpos dóceis. Sob a ilusão de um saber histórico de valorização de si mesmas por meio do investimento na beleza, mulheres buscam tornar seus corpos os mais úteis possíveis, potencializando-os esteticamente, aceitando a disciplina que, embora pareça promover a aceitação e/ou aprovação social, diminui as suas forças, mina suas resistências na medida em que os tornam corpos submissos e obedientes. “Ao fabricar o indivíduo, a disciplina o coloca tanto como objeto quanto como instrumento de seu exercício” (LACHI; NAVARRO, 2012, p. 31).

Tendo Foucault como referência, Hall (1997, p. 13) ratifica que “[...] toda prática social tem uma dimensão cultural” e “[...] toda prática social tem o seu caráter discursivo”. Isso quer dizer que a cultura normatizada de uma determinada estética do corpo é sustentada pelo discurso. Veyne (2009) lembra que, de acordo com Foucault, não alcançamos uma verdade sobre as coisas, só a alcançamos a partir da ideia que dela construímos. E isso se dá por meio do discurso. “Não podemos separar a coisa em si do discurso no qual ela se encontra contida para nós” (VEYNE, 2009, p. 16).

Veyne (2009, p. 19) apresenta que “as falsas generalidades e os discursos variam através do tempo; mas, em cada época, passam por verdadeiros”. Para ele, “não possuímos uma verdade adequada das coisas, porque só alcançamos uma coisa em si através da ideia que dela construímos em cada época” (VEYNE, 2009, p. 16) – e essa ideia é construída discursivamente. Logo, os referenciais de beleza, que estão na dimensão da cultura, são construídos por meio das práticas discursivas. A verdade, na perspectiva foucaultiana, não preexiste ao discurso. Foucault (2008, p. 64) afirma que “o campo enunciativo compreende o que se poderia chamar um domínio de memória”. Esse domínio, segundo ele, trata-se dos enunciados “aos quais se estabelecem laços de filiação, gênese, transformação, continuidade e descontinuidade histórica” (p. 64).

A identidade da mulher, o ser mulher no século 21, não é resultado da natureza biológica; é construção social. Essa identidade é forjada pela cultura, que reúne saberes constituídos nas práticas discursivas. Para Hall (1997, p. 8), as identidades sociais

[...] são o resultado de um processo de identificação que permite que nos posicionemos no interior das definições que os discursos culturais (exteriores) fornecem ou nos subjetivemos (dentro deles). Nossas chamadas subjetividades são, então, produzidas parcialmente de modo discursivo e dialógico.

A compreensão que a identidade do sujeito pós-moderno está imbricada à relação com seu corpo, nos leva a pensar um pouco mais sobre a noção de identidade no tempo em que vivemos. Conforme Lachi e Navarro (2012, p. 19), o momento histórico “[...] produz mudanças em todos os aspectos da vida social e em todas as instituições, não é de estranhar que ela possibilite uma ressignificação da instância última da sociedade: o sujeito”. E, ao afetar a vida cotidiana, afeta o próprio indivíduo, que experimenta o que podemos chamar de “crise de identidade”.

Bauman (2007) menciona que apropriar-se de uma identidade é uma das emergências do mundo moderno. A noção de indivíduo, que ganha visibilidade principalmente no século 19, parece motivar cada pessoa a buscar a sua individualidade. Essa busca implica numa carência de identidade. Essa identidade – fragmentada, líquida –, como apontam Lachi e Navarro (2012, p. 21), “se dá por meio da diferença e é marcada por símbolos, é vista também como construída no discurso, pois as posições assumidas pelos sujeitos implicam a sua identidade”.

Acontece que essa busca pela diferença, pelo que distingue um indivíduo do outro, ao ser construída na relação com a exterioridade, leva os indivíduos a serem tudo, menos diferentes, diz Bauman (2007). Isso porque, as pessoas seguem as mesmas estratégias de vida, observam e se apropriam de símbolos comuns – o culto ao corpo, por exemplo. Ocupadas em se distinguirem, em terem sua individualidade, não notam o quanto são e assumem práticas semelhantes. São incentivadas à autodescoberta e, para isso, não faltam gurus que sugerem o que fazer para serem autônomas, livres. Contudo, guiada, essa viagem de autodescoberta “[...] termina numa teia global em que receitas de individualidade são vendidas do atacado” (BAUMAN, 2007, p. 29).

O corpo é um dos locais envolvidos no estabelecimento das fronteiras que definem quem somos; serve de fundamento para a identidade. Lachi e Navarro (2012) afirmam que a relação entre a identidade (uma convenção social) e o corpo do indivíduo é que esse eu não é uma mera projeção, mas ele é encarnado e se

configura como um espaço simbólico na formação das identidades. Ou, como sustentam Castro e Bueno (2005, p. 9), “num mundo marcado pela desterritorialização, o corpo desponta como um espaço limite de vivência (ou até mesmo sobrevivência) do exercício da territorialidade”. Na prática, retomando Lachi e Navarro (2012, p. 29), “o corpo é então espaço para a inscrição do pertencimento, é lugar em que ocorre a batalha dos processos de identificação”.

Sarti (2004) apresenta que a relação da mulher com o mundo em que vive carrega as marcas de uma determinada cultura. “[...] As questões que tangem mais diretamente o feminismo, como a relação da mulher com o homem, a sexualidade, o casamento como meio de vida e o significado da maternidade, são experiências com fortes marcas culturais” (SARTI, 2004, p. 44). Embora a autora não trate especificamente das questões relacionadas à estética do corpo, a meu ver, posso incluí-las nessa perspectiva – como também os desejos, a sexualidade, as vontades etc. “As mulheres tornam-se mulheres em contextos sociais e culturais específicos” (SARTI, 2004, p. 44).

Swain (2000), ao tratar sobre a normatização dos corpos femininos, mostra que até o ideário de que as mulheres devem ter filhos/as biológicos/as é uma construção cultural. Creio que é possível deslocar a afirmação da autora para o contexto da beleza e também sustentar que o corpo magro, a ausência de manchas, estrias e celulites na pele, entre outras ‘imperfeições’, são trazidas pela cultura e esta se impõe como verdade.

Para Foucault (2014), o corpo do indivíduo é controlado pela sociedade. Ressalta que o domínio e a consciência do corpo são adquiridos principalmente a partir do final do século 18. É a partir desse momento histórico, que ocorre um maior investimento no corpo pela reivindicação e exaltação de um corpo belo. Ginástica, exercícios, desenvolvimento muscular “[...] conduzem ao desejo de seu próprio corpo através de um trabalho insistente, obstinado, meticuloso, que o poder exerceu sobre o corpo das crianças, dos soldados, sobre o corpo sadio” (FOUCAULT, 2014, p. 82-83). O autor diz que o “[...] poder penetrou no corpo, encontra-se exposto no próprio corpo”.

Numa pesquisa que publiquei com minha orientadora “A constituição de verdades sobre o corpo da mulher pela imprensa esportiva” (NEZO; MAIO, 2017). Nela, analisamos um enunciado publicado pela *Folha de S. Paulo* sobre uma vitória da tenista russa Maria Sharapova num torneio internacional. A edição do dia 1º de

junho de 2013, do caderno Cotidiano, da *Folha de S. Paulo*, estampou a foto da atleta com a seguinte legenda: "Quase perfeita – Maria Sharapova supera a chuva, mas não a celulite, e arrasa rival em Roland Garros". É esse poder sobre os corpos que impede que a vitória seja o que realmente importa. Na prática, a imposição de um determinado tipo de beleza interfere na própria constituição da identidade do sujeito-atleta. No caso da atleta mulher, vencer uma adversária num dos principais torneios de tênis do mundo não é atributo suficiente se ela não é capaz de vencer a celulite. É o poder que se impõe por meio do discurso sobre o corpo, não apenas de Sharapova, mas de todas as mulheres, pois para estas não basta serem bem sucedidas em suas atividades profissionais; também devem ter um corpo 'perfeito' (perfeito para o mercado de consumo).

A sociedade impõe um uso rigorosamente determinado do corpo. Resistir ao normatizado pode significar ser rejeitado no grupo, preterido no trabalho, diminuído em suas conquistas etc. Costa (2011, p. 253) lembra que, para Foucault, o "corpo é um objeto controlado socialmente, subjugado por normas e códigos". Ainda, para Costa (2011, p. 255), tendo Lacan como referência, "é no olhar do outro que cada indivíduo se reconhece como tal". Ou seja, ainda que a pessoa se aliene no olhar do outro, este outro o faz se sentir alguém. Talvez por isso muitas mulheres imponham sobre si mesmas a necessidade de ter um corpo desejável, pois "o corpo idealizado é sexual, provocante, esbelto, extravagante, cuja atitude traduz o sucesso estético do mercado na cena social" (BORGES, 2012, p. 1). Por isso, não se trata apenas de uma busca por sentir-se bem, mas também por sentir-se notada.

A beleza de consumo é aquela que seduz, que sustenta uma forma de poder na relação entre as mulheres ou na conquista da admiração e do desejo do/a outro/a para si; é a beleza fabricada, fruto desse "trabalho insistente, obstinado, meticuloso", como ressalta Foucault (2014, p. 83). E nesse jogo sem cessar de dominação, o sujeito se inscreve nessas relações de governamentalidade e põe em cena a repetição do mesmo no contínuo funcionamento de um complexo sistema em que o sujeito exerce poder e se submete ao poder, domina e é dominado. "[...] A vigilância incorporada expressa que não apenas os corpos, mas subjetividades são formatadas e controladas" (MOTA, 2012, p. 105).

3.4 CORPO BELO: UMA QUESTÃO DE GÊNERO?

Embora os discursos sejam distintos e produzam diferentes sentidos ao longo da história, o corpo belo é tema de sociedades em diferentes épocas. Na Grécia Antiga, por exemplo, a arte da época, principalmente a escultura, mostrava que a valorização da beleza deles se dava por meio da nudez – e isso não foi uma exclusividade da civilização grega; outras também deram visibilidade à beleza dos corpos masculinos. Já as mulheres pouco foram retratadas nuas – quase sempre admitia-se o nu feminino em cultos religiosos dedicados à fecundidade, em cenas eróticas e nas representações da deusa Afrodite⁴⁷. Ainda assim, as mulheres esculpidas eram jovens, tinham corpos delgados e vestiam-se com trajes que remetiam ao que havia de melhor na moda daquele período (MOYA MOLINA; SALA PÉREZ, 2009)⁴⁸. Foi a ascensão da Igreja Católica como um poder religioso e político que tirou a beleza do rol dos valores de homens e mulheres⁴⁹ – até então, inclusive pela beleza estar relacionada aos deuses e deusas, virtuosos/as eram aqueles/as que buscavam ser belos/as física e espiritualmente. Apenas com o Renascimento Cultural e o trabalho de artistas como Leonardo Da Vinci os corpos belos voltaram à cena⁵⁰.

Retornar à história permite compreender que o saber produzido e/ou divulgado pelo dispositivo de beleza, estabelecendo referenciais do que é ser belo/a, não se impõe como uma exigência apenas sobre as mulheres. Há descontinuidades históricas e, na atualidade, ainda que elas sejam o principal alvo, é possível observar o funcionamento desse dispositivo atuando sobre os diferentes gêneros.

Vejamos alguns dados: no início de 2016, um informativo publicado pelo Sebrae, Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (VAIDADE...,

⁴⁷ O guia sobre a beleza do corpo produzido pelo Museu Arqueológico de Alicante revela que, durante a chamada idade do bronze das ilhas gregas, foram produzidas estatuetas de mulheres nuas em tamanho pequeno (MOYA MOLINA; SALA PÉREZ, 2009). Conteúdo disponível em: <<http://www.marqalicante.com/Guiasdidacticas/es/LA-BELLEZA-DEL-CUERPO-ARTE-Y-PENSAMIENTO-EN-LA-GRECIA-ANTIGUA-G17.html>>. Acesso em: 10 mai. 2017.

⁴⁸ La belleza del cuerpo: arte y pensamiento em la Grecia Antigua. Conteúdo disponível em: <<http://www.marqalicante.com/Guiasdidacticas/es/LA-BELLEZA-DEL-CUERPO-ARTE-Y-PENSAMIENTO-EN-LA-GRECIA-ANTIGUA-G17.html>>. Acesso em: 10 mai. 2017.

⁴⁹ Para Tomás de Aquino, a beleza das pessoas estava na posição, no movimento, na espécie e na qualidade. Ao dizer isso, o filósofo católico relacionava tal valor à maneira das pessoas se portarem, o cuidado para não exporem seus corpos e no investimento que se fazia na espiritualidade.

⁵⁰ Na próxima Seção, ao tratar especificamente sobre a história da beleza, retomo este assunto e apresento algumas informações a respeito dos diferentes padrões de beleza.

2016)⁵¹, iniciava com a seguinte afirmação: “Há algum tempo o mercado de beleza cresce constatando que vaidade como exclusividade feminina é coisa do passado”. O texto verbal reunia uma série de dados para mostrar o crescimento do mercado de beleza voltado para atender o público masculino, inclusive com informações sobre o consumo de produtos e/ou serviços na Inglaterra e Estados Unidos. Entre outras informações, apontava que 24% dos/as pesquisados/as investiam em tratamentos faciais; 13% depilavam a sobrancelha; 11% usavam pós-bronzeadores (VAIDADE..., 2016).

Outro informativo do Sebrae, analisando as “tendências para o mercado de beleza” (TENDÊNCIAS..., 2017)⁵², apontou o crescimento de nichos de mercado, reforçou a ideia de que investir no segmento masculino é lucrativo e também destacou o aumento da procura por salões especializados em cabelo, barba e unhas. Esse movimento em torno da beleza do homem é reforçada pelos números da *Euromonitor International*, uma empresa que estuda o setor de beleza em 80 países. De acordo com relatório divulgado em 2017, somente na América Latina, as vendas de produtos e serviços estéticos voltados para o segmento masculino devem crescer 27% até o ano de 2021 (EUROMONITOR..., 2017)⁵³.

O público LGBTI (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais ou Transgêneros, Intersexo) também é alvo do mercado de beleza. Embora seja um fato mais recente, as mudanças podem ser notadas. Em 2012, por exemplo, um artigo publicado pela *Exame* trazia “Mercado é cego para potencial de consumo do público LGBT” (SOUSA, 2012)⁵⁴. Na ocasião, reiterava que a população *gay*, no Brasil, era de 18 milhões de pessoas, com renda média acima de R\$ 3,2 mil e maior potencial de compras. Apenas três anos depois, em 2015, o jornal *O Globo* informava que o público LGBT tinha potencial estimado de compras de R\$ 419 bilhões (equivalente a 10% do PIB – Produto Interno Bruto) e as marcas começavam

⁵¹ VAIDADE masculina incrementa a receita no mercado de beleza. **Sebrae**. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/vaidade-masculina-incrementa-a-receita-no-mercado-de-beleza/>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

⁵² TENDÊNCIAS para o mercado de beleza. **Sebrae**. 24 jul. 2017. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/sites/PortalSebrae/artigos/tendencias-para-o-mercado-de-beleza,65acae21e224f410VgnVCM1000004c00210aRCRD>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

⁵³ EUROMONITOR at in-cosmetics Latin America 2017: download our presentation. **Euromonitor Internacional**. Disponível em: <<http://go.euromonitor.com/EV-LA2017-Incos-Latam.html>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

⁵⁴ SOUSA, Isa. Mercado é cego para potencial de consumo do público LGBT. **Exame**. 15 ago. 2012. Disponível em: <<https://exame.abril.com.br/marketing/mercado-e-cego-para-potencial-de-consumo-do-publico-lgbt/>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

a destinar produtos específicos para eles/as (SCRIVANO; SORIMA NETO, 2015)⁵⁵. No ano seguinte, Nardelli (2016)⁵⁶ mostrou marcas de cosméticos apostando em modelos LGBT a fim de vender produtos especificamente para esse público. Ou seja, num intervalo de quatro anos, o alerta publicado pela *Exame* já havia encontrado eco junto ao mercado, inclusive de beleza.

O movimento reforça as noções desenvolvidas por Bauman (2008) de que a sociedade de consumo é geradora de necessidades a fim de potencializar o capital. Cita que a difusão de padrões de consumo são tão amplos a ponto de abraçar todos os aspectos e atividades da vida. E, no que diz respeito ao corpo, sustenta que, na sociedade líquido-moderna, o corpo do consumidor é um corpo consumista. Para isso, especialistas em marketing atuam para intensificar as sensações – satisfações, alegrias e prazeres – corporais, pois consideram “[...] a ansiedade em torno dos cuidados com o corpo uma fonte de lucros potencialmente inexaurível” (BAUMAN, 2008, p. 121). As ofertas do mercado prometem eliminar essa ansiedade; contudo, o consumo nunca satisfaz – não deve satisfazer –, precisa renovar constantemente os desejos.

Essa breve contextualização, por meio de números econômicos, permite-me dizer que o dispositivo de beleza não atua exclusivamente sobre as mulheres. Portanto, não se trata de uma ‘exclusividade’ deste gênero. O mercado atua sobre os gêneros, observando suas especificidades históricas e, como atesta Bauman (2008), cria desejos de consumo. A insatisfação com o corpo – compreendendo o corpo para além da materialidade corpórea –, a busca por uma beleza idealizada, é apenas um dos elementos de insatisfação constante gerada na sociedade de consumo. “O consumismo não se refere à *satisfação* dos desejos, mas à *incitação* do desejo por outros desejos, sempre renovados” (BAUMAN, 2008, p. 121, grifo do autor). Na prática, o que ocorre em relação a outras áreas da vida ocorre também com o imperativo da ‘boa forma’ física. Segundo o sociólogo, para a boa forma, não existe um limite, pois este é inadmissível. “Seu corpo pode estar em excelente forma, não importa – sempre será possível melhorar” (BAUMAN, 2008, p. 123).

⁵⁵ SCRIVANO, Roberta; SORIMA NETO, João. Potencial de compras LGBT é estimado em R\$ 419 bilhões no Brasil. **O Globo**, 5 abr. 2015. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/economia/potencial-de-compras-lgbt-estimado-em-419-bilhoes-no-brasil-15785227>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

⁵⁶ NARDELLI, Bruna. Beleza inclusiva! Marcas de cosméticos apostam em modelos LGBT. **Metrópoles**. Distrito federal, 24 abr. 2016. Disponível em: <<https://www.metropoles.com/vida-e-estilo/beleza/beleza-inclusiva-marcas-de-cosmeticos-apostam-em-modelos-lgbt>>. Acesso em: 20 nov. 2017.

Feitas essas considerações, é preciso compreender como o dispositivo de beleza afeta as mulheres e a relação com seus corpos, pois, no que diz respeito a elas, transcende às estratégias de mercado – embora estas sejam muito significativas. Para Mota (2012, p. 97), "[...] a beleza é instituída como um atributo feminino, uma condição para o sucesso, o amor e a felicidade" [*grifo meu*]. Embora seja possível notar que o dispositivo de beleza funcione independente do gênero, sobre elas recai como um atributo⁵⁷. Noutras palavras, é como se, para ser mulher, fosse necessário ser bela. Há uma especificidade nesse discurso de beleza. Tem a ver com a própria identidade do ser mulher, que torna-se “menor” quando não é considerada bonita. Os demais gêneros são estimulados a cuidarem de seus corpos, investirem nele por meio de serviços e produtos cosméticos, entretanto, a condição de beleza não está associada como um atributo, como uma identidade dos sujeitos. Por isso, para Sharapova, mencionada anteriormente, não basta vencer uma rival no Torneio de Roland Garros; ela não é perfeita, pois as marcas de celulite sobrepõem a qualidade técnica e as habilidades no esporte (NEZO; MAIO, 2017).

Conforme Wolf (1992), o controle sobre os corpos femininos, principalmente por meio de um discurso de beleza, por vezes tem servido a uma lógica que continua subjugando a mulher e colocando-a numa condição inferior, desigual, de sujeição. "[...] Essas engrenagens de mercado e de publicidade, por um emaranhado de relações de gênero [...] fazem do corpo e da beleza um mecanismo de controle das mulheres" (MOTA, 2012, p. 98). Nessa perspectiva de poder, a utilidade, ou o valor da mulher, se dá à medida que esta se modela, modela seu corpo de acordo com os referenciais de beleza do mercado, sustentados pelos textos verbais e imagéticos em circulação na mídia.

Araújo (2012, p. 5) lembra que "a exposição de corpos femininos invariavelmente jovens, malhados, bonitos, parece ser o atestado das mulheres saudáveis e o passaporte para a felicidade de todas aquelas que se submeteram às recomendações do discurso midiático sobre saúde e estética". Essa tem sido a ‘verdade’ sobre beleza que se impõe e controla os corpos. Como ressalta Goellner (2003b, p. 35), a partir do saber médico, "um conjunto de saberes e poderes [...] investiram no corpo e nele se instauraram, voltados para a educação da

⁵⁷ É atributo algo que é próprio, é peculiar de/em alguém; uma característica que se confunde com o próprio ser, com sua identidade.

gestualidade, a correção do corpo, sua limpeza e higienização". Louro (2003, p. 41) lembra que "[...] o poder é exercido sobre os corpos dos sujeitos".

Referenciando-se em Wolf (1992), Mota (2012, p. 95) afirma que "a beleza resulta de uma produção dos corpos mediada pela cultura, que define as qualidades que são consideradas belas e seus significados". Como ressalta Araújo (2012, p. 9),

[...] entre as propostas para a conquista de um corpo tido como ideal, encontra-se: as atividades físicas, dietas, remédios, etc. Todos possuem um elemento em comum: o sacrifício. No entanto, esse sacrifício ao ser associado à busca da saúde e juventude torna-se positivo, logo é associado à autoestima, felicidade e realização da mulher. Assim, para as mulheres que desejam combater a gordura, nada mais natural do que a corrida em busca das propostas que prometem o milagre de deixar o corpo perfeito [grifo meu].

Tenho ressaltado que foi a partir dos anos 1980 que a inquietação pelo corpo ganhou proporções ainda mais expressivas. Desde então, segundo Muñiz (2014), as mulheres supõem que seus corpos são a única verdade de seu ser, lugar de experimentar liberdade de decisão e ação. Muñiz (2014) recorda que as lutas feministas dos anos 1960-1970 foram essenciais para que a mulher pudesse se apropriar de seus corpos, assumissem controle inclusive de suas experiências sexuais. Esse discurso deu sustentação à ideia de que 'meu corpo me pertence'. Entretanto, o dispositivo de beleza atua sobre a mulher de tal forma que, ao preocupar-se e investir em seu corpo para ser bela, não tem consciência que não está livre. Assume uma disciplina em favor da estética, subjetividade pela verdade da época 'sou dona do corpo', desconhecendo as relações de poder que estão em funcionamento e que as mantêm sob constante vigilância.

A autora ressalta que, na concepção atual dos sujeitos, o corpo é uma criação individual, trata-se, portanto, de um empreendimento pessoal. Tem valor para além das habilidades e capacidades físicas; adquire significação como resultado de autogestão da própria existência, pois representa a possibilidade de construir-se à medida de seus desejos. O que temos, contudo, são pessoas que, subjetivadas pelos saberes de uma época, estão presas pelo dispositivo de beleza ao se submeterem à constante busca por um corpo jovem, magro, sensual; trabalhando para impedir o envelhecimento e a perda da vitalidade – fenômenos físicos impossíveis de serem evitados.

Ao ser considerado atributo feminino, a beleza participa dos esquemas reguladores que tornam inteligíveis os corpos das mulheres unicamente se estão ajustados a certos modelos de beleza aceitos e promovidos pela sociedade – principalmente por meio da mídia. As práticas e os discursos de beleza fazem parte desse processo de materialização do sujeito-mulher. O corpo feminino se torna viável à medida que ostenta características muito bem definidas do que é naturalizado como belo: geralmente, curvilíneo, traços delicados, pele lisa, sem manchas etc.⁵⁸ Muñiz (2014) reforça um aspecto já mencionado por Bauman (2008), que a perfeição é irreal e esta aumenta constantemente suas exigências; qualquer variação ou diferença dos modelos estabelecidos são consideradas defeitos que se devem corrigir.

Compreender a beleza como um atributo feminino não é fenômeno novo, lembra Muñiz (2014). Menciona que o filósofo Arthur Schopenhauer (1788-1860), ao se referir às mulheres, apontava que elas são belas por natureza, donas de graça e perfeição. Já aos homens, comenta Muñiz, o filósofo dava outras características: inteligência, serenidade, formalidade. Desta forma, desde então, à mulher ocidental é associada à beleza, bondade, sensibilidade, entre outros atributos naturalizados como sendo parte delas – noutros termos, se é mulher, é assim⁵⁹.

A naturalização se dá por meio de saberes que se constituem num campo amplo, disperso e sofisticado, pois, frequentemente, é anulada a possibilidade da crítica e/ou questionamento. Bordo (1987) cita o exemplo das imagens de mulheres produzidas por computadores (estas estão presentes em filmes, telenovelas, séries, revistas, catálogos de moda etc.). Não há advertência de que essas imagens são construídas; nada se fala sobre a impossibilidade de os corpos se tornarem semelhantes aos que se presentificam nas imagens. Esta perfeição virtual é o milagre que se espera conseguir por meio de diversas estratégias e práticas corporais de beleza – exercício, dietas, maquiagem, cabelos e, principalmente, a cirurgia plástica, solução “definitiva” para solucionar os “defeitos de nascimento”⁶⁰.

A perfeição é idealizada e impositiva. Não se trata de ser normal, pois a normalidade é uma perfeição virtualizada e normativa, entendida como parte do

⁵⁸ As características dos corpos considerados belos em nossa época são apresentadas na próxima Seção, quando abordo especificamente a história recente da beleza no Brasil.

⁵⁹ Pode-se notar que, para o homem, a beleza é um acessório; para a mulher, é um aspecto obrigatório. Numa metáfora com o mercado de veículos: ser bonita é item de série.

⁶⁰ O raciocínio aqui é mais ou menos este: se a beleza é um atributo da mulher, algo que lhe é natural, quando esta não é bela, trata-se de um defeito, uma deficiência que precisa ser corrigida.

cotidiano da mulher. Por exemplo, há referências estéticas para os lábios, olhos, pele, seios, nádegas etc. E, para que possam moldar seus corpos de acordo com o que é ‘perfeito’, são oferecidos implantes de mamas e glúteos, próteses de nariz, enxertos, *liftings*, aplicações de colágeno e ácido hialurônico (para combate às rugas e marcas de expressão), lentes coloridas, entre outros produtos e serviços. Há uma modelagem, inclusive com orientações coletivas e medidas previamente estabelecidas, que referencia a maneira pessoal como cada pessoa se acomoda ao que é belo. “A mulher recentemente maquiada, penteada ou emagrecida, aquela com um ‘rosto novo’ criado por cirurgia, comemora sua nova identidade e retorna para assumir o que ela espera que vá ser um status superior” (WOLF, 1992, p. 133).

O dispositivo de beleza, que afeta todos os gêneros, coloca em evidência a beleza como atributo feminino por sustentar-se nos saberes médico e biológico – que ressaltam a existência de diferenças biológicas, situando-as como marcas culturais que tentam explicar supostas características de homens e mulheres [grifo meu]. “O corpo feminino [...] é onipresente: no discurso dos poetas, dos médicos ou dos políticos; em imagens de toda natureza – quadros, esculturas, cartazes – que povoam as nossas cidades” (PERROT, 2003, p. 13). Foucault (2014) diz que os nossos pensamentos mais básicos funcionam como verdades que adquirimos sobre o que parece ser a sociedade e uma possível natureza – e essas verdades variam ao longo da história. Os questionamentos e discussões desenvolvidas pelo filósofo francês revelaram as regras – que são móveis, flexíveis, como mencionei na Seção anterior – que governam nossas certezas –, o que é falso ou verdadeiro é um pressuposto histórico. Quando o corpo é discursivizado em materialidades tão distintas e por diferentes agentes, como lembra Perrot (2003), esses saberes são assimilados como verdades.

Wolf (1992), ao tratar do mito da beleza feminina, sustenta que um comportamento, essencial por motivos econômicos, tem sido transformado em virtude social. É justamente por isso que o pensamento genealógico de Foucault me parece tão relevante: não há uma única fonte de poder que aprisiona as mulheres, ou que produz esse saber sobre a beleza. Não é identificável e nem existe uma intencionalidade deliberada em produzir um dispositivo de beleza – este ocorre sem uma origem definida e, em diferentes momentos históricos, assume novas estratégias. “O peito, as pernas, os tornozelos, a cintura são, cada qual por sua vez,

objeto de censuras que traduzem as obsessões eróticas de uma época e se inscrevem nas imposições da moda” (PERROT, 2003, p. 15).

A imposição de um padrão de beleza, o fato desses modelos corporais funcionarem como um atributo, aprisiona a mulher ao ponto de elas sentirem-se culpadas e/ou responsáveis por não terem um corpo que corresponda à estética idealizada. Estratégias discursivas e não discursivas desse dispositivo as motivam a acreditar que seguir ideais de beleza, que são visibilizados pela mídia, é uma escolha, um exercício de liberdade. Isso ocorre porque, conforme Santaella (2004, p. 4), os sentidos que se dão ao corpo são “[...] da ordem de um saber, o saber inconsciente, que sabe do sujeito, sem que o sujeito saiba dele”. É inegável, e veremos isso nas análises, que o “apego à aparência corporal produz sua satisfação” (OLIVEIRA; FERNANDES; SILVA, 2009, p. 17), porém, por outro lado, também estimula atos de discriminação e funciona como um valor do ser mulher. Esse corpo passa a ser marcado, conforme as autoras, em “primeiro plano pela via da beleza e sexualidade” (p. 26). Essas são características tidas como naturais da mulher e acabam por se traduzirem como comportamentos esperados, “[...] reafirmando representações estereotipadas que concorrem para o efeito de sentido de um mundo cindido entre habilidades e demandas próprias do universo feminino” (OLIVEIRA; FERNANDES; SILVA, 2009, p. 26).

Ao mesmo tempo em que, no imaginário, a beleza é atributo feminino, esta é colocada numa relação com o homem. Como apresento na próxima Seção, a mulher busca ser bela para seu prazer, mas também para ser vista, notada, observada e, fundamentalmente, para seduzir o homem. “[...] Os corpos são esculpidos principalmente para seduzir ou corresponder às expectativas do olhar masculino” (OLIVEIRA; FERNANDES; SILVA, 2009, p. 25). Essa relação se traduz num jogo de poder entre homem e mulher. Ele exerce poder pelo olhar de aprovação/desaprovação sobre o corpo dela enquanto ela o faz pelo exercício da sedução⁶¹.

Os jogos de poder entre homens e mulheres – que envolvem corpos, beleza, sedução, sensualidade, o imaginário sexual – servem aos interesses de mercado. Perrot (2003, p. 14) ressalta que “muito cedo a publicidade soube combinar sua

⁶¹ Discursivamente, a sedução por meio do corpo pode funcionar como um poder que se manifesta com diferentes sentidos, num jogo que pode se traduzir em “meu corpo é meu”, “me olhe, me admire”, “aqui você não toca”,

imagem à do produto elogiado”. A autora lembra que, frequentemente, há uma associação entre o consumo do produto e o acesso ao prazer sexual. Exemplifica, mencionando o mercado de alimentos: “saborear o biscoito é saborear a mulher” (PERROT, 2003, p. 15). Ou seja, o mercado se apropria de saber cultural⁶², em que o corpo da mulher exerce fascínio, e o coisifica, transforma-o em produto – vende-se e vende coisas.

A publicidade, que reflete uma verdade institucionalizada, também a reafirma, pois “o discurso publicitário é uma forma de categorizar, classificar, hierarquizar e ordenar tanto o mundo material quanto as relações entre as pessoas” (ROCHA, 2001, p. 25). O processo, portanto, é contínuo. À medida que se apropria do corpo feminino e o coisifica, contribui para reafirmação de ideias já existentes.

Quaisquer que sejam as ameaças do futuro, podemos ter uma boa certeza do seguinte: nós mulheres em nosso estado "cru" ou "natural" continuaremos a ser transferidas da categoria "mulher" para a categoria "feio" e forçadas pela vergonha a aceitar uma identidade física de linha de produção. À medida que cada mulher for cedendo à pressão, ela irá adquirir tal intensidade que se tornará compulsória, até que nenhuma mulher que se preze tenha coragem de aparecer com um rosto sem nenhuma alteração cirúrgica (WOLF, 1992, p. 358).

Na prática, a publicidade não promove rupturas nesse saber cultural. A própria mulher permite-se permanecer nesse lugar que lhe é designado na história. Contudo, como lembra Louro (2003, p. 38), “[...] o poder é exercido pelos sujeitos e tem efeitos sobre suas ações”. A publicidade, a lógica educacional e até mesmo o olhar de homens mudam quando há resistências, mobilizações estratégicas para dar visibilidade a uma outra verdade. Como sustenta Foucault, sujeitos que sofrem o poder, também podem resistir ao poder. A resistência ao poder é inerente ao exercício de poder.

Quando cito que o mercado se apropria de um saber cultural e menciono os jogos de poder entre homens e mulheres, trato de um funcionamento que resulta em discursos que retomam determinadas memórias. É fato, como apresenta Flor (2010, p. 5), que o corpo – na relação com os produtos cosméticos, as cirurgias plásticas, o exercício físico em academias etc., nesta sociedade capitalista que valoriza a boa

⁶² Esse saber cultural que menciono é o mesmo que traz outras marcas discursivas, como, por exemplo, de que mulher possui certo déficit intelectual – como se fosse menos inteligente que o homem (PERROT, 2003).

forma – atua para “criar vínculos e/ou estabelecer distinções sociais e satisfazer necessidades”. No entanto, é preciso ressaltar que, mesmo quando a mulher exercita o poder sobre o homem e sobre o meio em que está (profissional, por exemplo) por meio de sua beleza, não o faz numa condição de liberdade; mas sim de uma ilusão de liberdade. Ela segue dependente do olhar do/a outro/a, pois, para exercer poder sobre alguns/mas, submete-se a uma condição que é imperativa: seja bela. Isso ocorre porque, diferente do discurso geralmente usado na publicidade, o dispositivo de beleza não promove a emancipação, não empodera as mulheres. A aparência física e o corpo como um todo atuam como referências relacionais, são signos de *status* e servem como valor de troca.

Borges (2012, p. 7) ressalta que “a maioria das mulheres ainda se identifica com padrões e tradições míticas sobre o seu papel na sociedade”. A autora aponta que “mesmo assumindo atitudes emancipadas, a sua inserção [da mulher] no mundo se dá pelas vias da desigualdade” (p. 7). Entendo que isso inclui os saberes e imposições que recaem sobre seus corpos, pois concordo com Borges (2012, p. 7) quando diz que “as mulheres da atualidade cultuam certo lapso ontológico e, pelo esquecido, pecam”. Ou seja, parecem esquecer – ou ignoram – as condições desiguais e limitantes que lhes são impostas historicamente. Por isso, compreender o dispositivo de beleza com suas táticas e discursos pode permitir o debate e a busca pela autonomia individual.

Para Borges (2012, p. 9),

o imaginário feminino guarda todos os modelos das representações do feminino através dos tempos. Como uma espécie de museu latente, é na dimensão imaginária que a mulher pode confrontar com os padrões que limitam a sua autonomia e a expansão de sua personalidade.

Isso quer dizer que a luta, ou resistência, começa no desvelamento das memórias ocultas, compreendendo os efeitos do poder sobre si e atuando para reatualizar os saberes incorporados.

Foucault (1994) explica que o corpo é um objeto controlado socialmente, sofre a ação de normas e códigos; sobre ele se exerce coerção sem folga e há um controle minucioso de suas operações. Entretanto, aponta que a luta dos sujeitos é pela subjetividade e é nesse conhecimento de si que pode haver a resistência – que aqui desloco para uma resistência aos saberes produzidos pelo dispositivo de

beleza. Em minha compreensão, embora o dispositivo de beleza pareça se impor, as mulheres não estão condenadas a uma condição eterna de servidão a regimes de poder. Afinal, “o discurso veicula e produz poder; reforça-o mas também o mina, expõe, debilita e permite barrá-lo” (LOURO, 2003, p. 43).

4 A MÍDIA E A REPRESENTAÇÃO DA BELEZA NA HISTÓRIA

Esta Seção tem por objetivo apresentar as representações simbólicas sobre o corpo da mulher, no que diz respeito inclusive ao corpo belo, em circulação da sociedade e, principalmente, na mídia. A proposta é tratar mais especificamente da história da beleza, retomar alguns valores estéticos da humanidade ao longo do tempo e, fundamentalmente, retomar as noções de beleza no Brasil nos últimos dois séculos e como a mídia dá visibilidade aos corpos criando uma espécie de vigilância sobre o que deve ser um corpo belo.

Parto do pressuposto de que uma das formas de violência contra a mulher está relacionada ao controle dos corpos por meio do dispositivo de beleza. A beleza distingue pessoas, classifica-as, desperta inveja. Funciona como instrumento de poder e até moeda de troca. Por isso, a beleza é uma das preocupações de muitas pessoas – e em todas as idades. Historicamente, o belo foi tema de filósofos, artistas, entre outros pensadores. Os referenciais mudaram ao longo do tempo e, a partir do século 20, a beleza se tornou mercadoria. Para Sant’anna (2014)⁶³, as medidas corporais mudaram, também as cores dos cabelos, a aparência das pessoas, a moda etc. A aparência passou a ser determinante e, com isso, um número cada vez maior de mulheres faz uso de produtos estéticos, dietas para emagrecimento e, com frequência, recorrem às cirurgias plásticas para corrigir partes de seus corpos que consideram imperfeitas. Sob o discurso de que a beleza pode fazê-las felizes, muitas mulheres têm vivido a ansiedade constante pela busca de um corpo tido como perfeito.

4.1 A BELEZA NA HISTÓRIA

Como vimos anteriormente, as primeiras referências sobre beleza são dos filósofos clássicos, na antiga Grécia. Ainda antes desse período, nas pinturas rupestres, encontramos a representação do corpo do/a homem/mulher primitivo/a. “Deles emergem a sua relação mítica com o mundo circundante, cheia de medos, de sensações de impotência diante dos mistérios e da agressividade dos eventos naturais que provavelmente colocavam a vida em risco” (COSTA, 2011, p. 247).

⁶³ Voltarei a citar a historiadora nas próximas páginas, pois seus estudos são relevantes para o desenvolvimento dos referenciais sobre a história da beleza no Brasil.

Embora não sejam imagens de fácil interpretação e/ou leitura, naqueles desenhos, objetos de pesquisa em sítios arqueológicos, é possível observar as posturas e posições corporais expressadas nos desenhos – não há referências à estética do belo.

A história da sociedade geralmente silencia e/ou reduz a importância das mulheres. Logo, também pouco se sabe sobre a beleza delas na antiguidade. Tem-se conhecimento que no Egito, por volta do ano 1372 a.C., as mulheres se banhavam com uma "[...] mistura de água e carbonato de cal", usavam uma espécie de pasta de argila e faziam esfoliações com pedra-pome (FLOR, 2010, p. 2). Já os olhos eram destacados com maquiagem. A beleza da mulher egípcia estava relacionada principalmente "[...] com os cuidados da pele" (FLOR, 2010, p. 2).

Também observamos que a influência do Cristianismo, principalmente na cultura ocidental, afetou de maneira significativa o olhar que se tinha para a beleza – em especial, das mulheres. "O corpo passa de expressão da beleza para fonte de pecado, passa a ser 'proibido'" (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011, p. 26). Isso fez com que durante toda a Idade Média, a beleza tivesse uma conotação negativa; e, no caso das mulheres, quando apresentavam formas tidas como mais atrativas, eram vistas como mulheres do pecado (ou até mesmo, bruxas).

O Renascimento Cultural começou mudar essa concepção e se voltar para a beleza feminina como nunca havia ocorrido. Houve uma redescoberta do corpo, que emergiu principalmente a partir do trabalho de artistas; entre eles, Da Vinci e Michelangelo. O corpo feminino se tornou visível por meio da arte e estabeleceu novas verdades sobre a beleza. Desde então, as mulheres passaram a ser vistas como o "belo sexo". Para Mota (2012, p. 96), a partir do Renascimento, "o deslocamento do referente da beleza do homem para a mulher vai se consolidando, fazendo surgir a expressão 'o belo sexo', com base na ideia que as mulheres devem ser belas (os homens devem ser inteligentes e trabalhadores)". Ainda na época, começaram a ser moldadas com espartilhos e corpetes que, apesar das inconveniências (em função de serem muito apertados, causarem dor e até impedirem que se alimentassem de maneira correta), eram peças-chaves, pois demonstravam *status* social (FLOR, 2010).

A era barroca (entre o final do século 16 e meados do século 18) trouxe novas referências de beleza. A fartura das formas – a mulher, hoje, considerada 'gorda' – assegurava o charme feminino. Para Flor (2010, p. 2), "a abundância está

relacionada à fecundidade e marca a condição da classe burguesa, a abastança da vida econômica e dos bens que a leva a adotar uma vida de exagero alimentar, negada à classe trabalhadora".

Moreno (2016) lembra que, no século 16, a ênfase recaía sobre a parte superior do corpo – a delicadeza da pele, a intensidade dos olhos, a regularidade dos traços. Nos séculos seguintes, passou a ocorrer uma valorização também das partes inferiores – a linha dos flancos, a cintura, os quadris, as pernas.

O apelo a uma beleza individual, com referências mais sutis em relação às medidas dos quadris, bustos etc., ganhou força a partir do século 18. Impôs-se a valorização da fisionomia, os cuidados com o penteado, formato do rosto etc. O século seguinte trouxe, como efeito da expansão industrial, das descobertas da medicina e da disseminação dos esportes, silhuetas mais atléticas. Além disso, conforme Flor (2010), o desenvolvimento e a expansão industrial capitalista também afetaram os referenciais de beleza. "Há a necessidade de disciplinar o corpo do trabalhador para este se tornar apto a acompanhar o ritmo da máquina" (FLOR, 2010, p. 3).

Já no final do século 19, o espelho e a balança entraram em cena. O século 20 acentuou as características que emergiram nos dois séculos anteriores em virtude da expansão do capital e da própria ciência. O século começou com a imposição da magreza como referencial estético. Mulheres gordas passaram a ser vistas como relaxadas ou como mulheres que compensavam suas frustrações consumindo alimentos⁶⁴. A ciência, norteadas pelos valores do capital, potencializou (e potencializa ainda hoje) o desenvolvimento da indústria cosmética e da moda. Simultaneamente, ganhou sustentação pelas imagens de beleza que passaram a ser apresentadas pelos meios de comunicação de massa – inicialmente o cinema, jornais e revistas, posteriormente, a televisão, internet etc. No imaginário coletivo, o corpo passou a ser apresentado como objeto de idealização, distintivo dos sujeitos, signo de *status* e condição social.

A mídia é um dispositivo fundamental nesse processo de propagandear modelos, produtos e estilos de vida, atua na formação da subjetividade. Moreno (2016) lembra que, conforme Foucault, essa é uma forma de controle dos sujeitos –

⁶⁴ Observo que, hoje, o discurso de beleza ainda traz esses mesmos enunciados. E, como será possível observar na Seção dedicada à análise do material, a magreza geralmente é associada ao esforço disciplinado; trata-se de uma conquista de quem não tem preguiça de malhar. Além disso, a alimentação regrada – abster-se de comer – faria parte da conquista de um corpo belo, desejável.

não se trata de uma atuação repressiva, mas de constituição de verdades. A criança quando nasce chega a um mundo já codificado. Para pertencer ao mundo social, necessita comportar-se de acordo com os padrões estabelecidos.

Há processos, inclusive, que são excludentes. Moreno (2016) ressalta que mulheres obesas, ‘gordinhas’, são discriminadas. Embora exista um movimento de resistência aos padrões impostos e haja pressão para que sejam aceitas socialmente, a autora cita que, manter a rejeição aos corpos gordos contribui para o sucesso das indústrias farmacêutica e cosmética. Ou seja, ajuda a vender produtos, sustenta determinadas carreiras profissionais, garante a lucratividade de tratamentos estéticos.

Para a autora, a velhice também é colocada à margem do que é tido como belo. A beleza, a vitalidade, o sensual estão relacionados à juventude. Justamente por isso, as pessoas não querem envelhecer. Na Antiguidade (antes da Era Cristã), a velhice era associada à sabedoria, a experiência. Os/As velhos/as detinham parte considerável do poder. Na atualidade, a cultura obriga a mulher idosa a se habituar a discriminação e à invisibilidade. A velhice representa decadência. E ao sustentar tal discurso, esse dispositivo contribui para o mercado, que promete uma série de produtos e procedimentos para retardar o envelhecimento.

O dispositivo de beleza se revela inclusive no discurso literário. Le Goff e Truong (2005) ressaltam que a literatura, frequentemente, traz o herói clássico num jogo entre a nudez e a vestimenta, compondo uma imagem sensual (o herói atrai os olhos). Os/as heróis/heroínas da corte, homens e mulheres, são belos/as. No caso da mulher, a beleza emerge nos cabelos – por vezes, em tranças –, no corpo despido; já o homem se apresenta para o desejo e admiração das mulheres, especialmente de sua amada. O herói, portanto, não se mostra apenas em seus atos, mas também em sua beleza física, sensualidade e certa luxúria.

4.1.1 A beleza em terras brasileiras

Esta subseção é desenvolvida a partir dos estudos realizados pela historiadora Denise Bernuzzi de Sant’anna (2014)⁶⁵, apresentados na obra *História da beleza no Brasil*. O livro resgata as pesquisas desenvolvidas pela autora por

⁶⁵ Busquei a autora como referência principal para as questões aqui apresentadas em virtude da qualidade da pesquisa por ela realizada, o aprofundamento histórico e o cuidado em pormenorizar diferentes aspectos dessa história da beleza no Brasil.

ocasião da Tese de doutoramento dela, na Universidade de Paris, sob orientação da historiadora Michelle Perrot, considerada uma das grandes mestras da história das mulheres.

No Brasil, até o início dos anos 1900, o embelezamento basicamente era preocupação das mulheres e esse processo se restringia à escolha dos vestidos, o cuidado com os calçados e “alguns produtos para o rosto e os cabelos” (SANT’ANNA, 2014, p. 14). Segundo a autora, “beleza rimava com trajes bem engomados, sapatos de couro e alguns adereços. Era de bom tom caprichar no penteado e no comedimento dos gestos” (p. 14). Ela aponta, porém, que já existia certa preocupação com o volume corporal e com a pele⁶⁶. “Hoje, das sobrancelhas à genitália, tudo no corpo torna-se objeto de embelezamento diário (p. 15). Sant’anna (2014, p. 15) ressalta que a beleza, atualmente, implica na

[...] aquisição de respostas maravilhosas em forma de cosméticos, mas também o consumo de medicamentos, a disciplina alimentar e a atividade física. Beleza é, igualmente, submissão a cirurgias, aquisição de prazer acompanhado por despesas significativas, de tempo e dinheiro.

Para a conquista do corpo tido como belo, há uma espécie de aliança entre prazeres e sofrimentos, direitos e deveres – o prazer de se ter um corpo belo implica na admissão do sofrimento que se tem por meio de uma rígida disciplina que reúne exercícios, dietas, procedimentos cosméticos, cirúrgicos etc.; ou seja, o direito aos benefícios (reconhecimento, aplausos, elogios entre outros) está relacionado diretamente aos deveres de investimento nesse corpo.

Os primeiros produtos de beleza surgiram no século 19. No Brasil, antes mesmo da República, já era possível encontrar pós para o rosto, perucas, perfumes, roupas, joias etc. “O interessante é que não faltaram receitas de beleza para dar realidade a tais representações [do que se considerava uma mulher bela]” (DEL PRIORE, 2014, p. 213). A fotografia contribuiu para aumentar a preocupação com a aparência e a imprensa reforçava o desejo por artigos de beleza. Fazia sucesso o ‘pó de arroz’, mas as brasileiras ainda estavam distantes das próteses – tão comuns nos dias atuais –, ainda assim, como apregoa Sant’anna (2014), podiam usar uma

⁶⁶ Nos estudos desenvolvidos pela autora, embora haja um enfoque maior em relação à beleza da mulher, Sant’anna (2014) também aborda as questões relacionadas à beleza do homem. Porém, vou me ater aos estudos desenvolvidos sobre a beleza feminina, tratando do masculino apenas quando se fizer necessário para responder nosso problema de pesquisa e/ou atender os objetivos propostos.

série de artifícios para mudarem o corpo (peitos de algodão, anquinhas⁶⁷ entre outros).

Entre o final do século 19 e início do século 20, as mulheres passaram a ser aconselhadas a usar cremes para clarear os dentes e sabonetes de banho. Higiene, limpeza e odores agradáveis estavam relacionados ao belo. A maquiagem ainda não era recomendada, tida como de gosto duvidoso e, por vezes, associada às mulheres prostitutas. Também significava que a pessoa estaria tentando esconder alguma falha de caráter (SANT'ANNA, 2014).

O incentivo à beleza feminina funcionava sob uma lógica machista, pois elas deveriam ser belas a fim de agradarem aos homens. Sant'anna (2014, p. 28) reproduz um diálogo comum na época: "Preferes ser bonita ou inteligente? Muito bonita [...] porque há mais homens tolos do que cegos". O enunciado revela uma mulher consciente do saber que se estabelecia como verdade da época: precisava ser bela, caso quisesse ser notada e, principalmente, casar. "A mulher deve possuir o *it* para atrair o homem", argumentavam articulistas da época, conforme conta Del Priore (2010, p. 223). Porém, ao mesmo tempo em que se sujeitava a essa condição, entendia ser resultante da atitude de homens tolos (SANT'ANNA, 2014).

Diferente do que ocorre atualmente, a figura da pessoa feia era muito útil na época para a "propaganda de produtos para a saúde e a beleza" (SANT'ANNA, 2014, p. 31). Imagens que remetiam à ideia de feiura eram usadas nos cartazes e páginas impressas juntas com enunciados verbais divulgando produtos dos mais diversos. E quem eram as mulheres feias? As gordas, aquelas que tinham partes do corpo um tanto desproporcionais (nariz grande, orelhas grandes, boca torta etc.), as que aparentavam velhice (enrugadas), excessivamente magras⁶⁸, cabelos encaracolados – características que ainda hoje são depreciadas e/ou consideradas feias⁶⁹. "A obesidade tornou-se o critério determinante da feiura, representando o universo do vulgar, em oposição ao elegante, fino e raro" (DEL PRIORE, 2014, p. 224).

O início do século 20 foi marcado pela expansão da indústria farmacêutica e cosmética. A propaganda insistia em remédios para os/as feios/as encontrarem

⁶⁷ Era uma espécie de armação de arame ou almofadas. As mulheres usavam para realçar os quadris.

⁶⁸ Eram consideradas belas aquelas que tinham curvas.

⁶⁹ As referências para estabelecer os parâmetros estéticos resultavam de comparações culturais, relativas e determinadas no tempo e espaço.

algum consolo. Já na época eram divulgados equipamentos com a promessa de auxiliarem na conquista do corpo deseja e/ou cura de algumas doenças (SANT'ANNA, 2014). Simultaneamente, os banhos de piscina, as práticas de exercícios físicos em clubes motivaram o uso de maiôs e, conseqüentemente, iniciou-se o hábito da depilação. Por outro lado, publicações traziam orientações sobre como eliminar manchas da pele, rugas e pelos. Foi também nessa década que surgiu o leite de colônia com a promessa de limpeza profunda da pele, reativante do rosto, auxílio no tratamento de manchas, sardas e espinhas (SANT'ANNA, 2014).

Pelas descrições da autora, é possível notar que esse período foi afetado pelas indústrias farmacêutica, cosmética e da moda – que tiveram o cinema como forte aliado. "Graças ao cinema norte-americano, novas imagens femininas se multiplicavam" (DEL PRIORE, 2010, p. 223). As imagens reforçavam ainda o culto ao emagrecimento, que também foi inserido nas propagandas. Nos Estados Unidos, a exigência do emagrecimento recaía mais sobre as mulheres jovens que sobre os rapazes. Havia um considerável investimento em escolas de dança, cultura física – modelo que deveria ser seguido pelos demais povos. No Brasil, era possível notar o efeito dos padrões norte-americanos; apenas esse dispositivo de beleza ainda não abarcava tantas estratégias como podemos notar atualmente.

Na década de 1920, as mulheres eram consideradas velhas antes da menopausa (na verdade, pouco se falava sobre a menopausa; apenas em círculos médicos). As pessoas entendiam que os homens envelheciam melhor (mantinham-se elegantes, mesmo quando 'velhos'). Cabia à mulher "esconder a idade" (SANT'ANNA, 2014, p. 45). Já aos homens, os sinais de envelhecimento eram valorizados, inclusive do ponto de vista estético.

A autora cita que a nova década, 1930, trouxe o aumento na venda de produtos para retardar a velhice. A publicidade brasileira introduziu técnicas norte-americanas e alterou as referências até então utilizadas para incentivo ao consumo de produtos de beleza. Sorrir se tornou um argumento publicitário poderoso. As peças publicitárias apresentavam pessoas jovens, sorrindo. O discurso de beleza em funcionamento associava sorriso, juventude e alegria⁷⁰. A promessa era de milagres estéticos. O uso de determinadas drogas – com finalidades estéticas – banalizou-se. A resistência à maquiagem perdeu forças à medida que a presença do

⁷⁰ Na mesma época, o ideal masculino referenciado pela publicidade era do homem robusto, forte. A indústria farmacêutica prometia músculos, força por meio do uso de alguns medicamentos.

cinema norte-americano aumentava no país. Como dito anteriormente, a não-maquagem era associada à pureza, virtude. No entanto, os rostos bem desenhados das atrizes do cinema estrangeiro valorizavam o uso desses produtos.

Sant'anna (2014) relata que estudiosos/as da primeira metade do século 20 sustentavam a necessidade da mulher ser bela. A autora menciona, por exemplo, Hernani Irajá – um médico sexólogo, artista e jornalista ativo entre os anos de 1920-1960, que era aclamado por artistas e profissionais de sua época⁷¹ – que, segundo consta, defendia que o primeiro mandamento da mulher era cultivar o amor e a beleza. Elas devem ser belas tanto quanto possível. A beleza era vista como um reflexo do espírito, como se a “[...] a aparência fosse um espelho fiel das emoções e do caráter” (SANT’ANNA, 2014, p. 52). Cirurgias, porém, ainda não eram bem vindas – significavam uma espécie de afronta à religião.

O corpo da mulher ainda não lhe pertencia; os/as pais/mães, maridos, médicos/as detinham poder sobre o corpo feminino. A livre possibilidade de embelezá-lo causava reprovações. Certas formas de embelezamento eram associadas às prostitutas. Os valores ‘tradicionais’, porém, chocavam-se com as imagens provocativas do cinema. As jovens inventavam pequenos truques para escapar das normais familiares – escondiam os produtos de beleza, mesmo quando eram emprestados.

Sant'anna (2014, p. 62) cita que o influente médico e escritor Renato Kehl⁷², junto com outros/as profissionais de saúde da época, criticavam as mulheres de “seios caídos, ventres flácidos e volumosos, pernas curtas e ‘aparência rústica’”. Tendo como inspiração os referenciais gregos da beleza clássica, os eugenistas⁷³ propunham soluções médicas – ou seja, a medicalização da saúde. Questionavam o

⁷¹ Uma pesquisa que pode ser consultada a respeito de Hernani Irajá está disponível na biblioteca virtual da PUC. Foi desenvolvida como dissertação de mestrado por Alessandro Ezabella, para o Núcleo de História da Psicologia da Pontifícia Universidade Católica. Disponível em: <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/17412>>. Acesso em: 19 ago. 2018.

⁷² Médico, escritor e influente eugenista, Renato Kehl atuou no início da carreira, por volta dos anos 1915-1920, no Departamento Nacional de Saúde Pública. Posteriormente, tornou-se empresário da indústria farmacêutica e diretor da Bayer no Brasil – multinacional alemã. Entre os anos 1917 e 1932, dedicou-se ao Movimento Eugênico Brasileiro, que enfatizava o desenvolvimento social por meio do melhoramento racial.

⁷³ Renato Kehl não foi o único eugenista no Brasil. Os eugenistas foram inspirados pelo movimento que surgiu na Europa e que, inclusive, deu sustentação a algumas ideias de Hitler na Alemanha. Entretanto, no Brasil, a eugenia também tratou de temas considerados importantes para a saúde como o bem-estar da criança, controle de doenças infecciosas, estimulou a criação de cursos de genética etc. Porém, a tese do melhoramento racial tinha raízes elitistas e preconceituosas, principalmente contra pobres, negros/as etc. Embranquecer a sociedade, torná-la forte, atlética, “saúdável” seriam formas de promover o desenvolvimento do Brasil (STEPAN, 2004).

gosto por corpos frágeis e o fato de algumas mulheres serem avessas ao exercício físico. Associava-se saúde e beleza – como se as pessoas tidas como feias não fossem saudáveis. Outro aspecto mencionado pela autora (2014, p. 64) é que as moças brancas, de pele sem manchas e cicatrizes simbolizavam “saúde, *status*, riqueza e limpeza”. Elas eram incentivadas à ginástica como forma de fortalecimento muscular e de conquista de um corpo belo. Entretanto, o foco dos eugenistas não era no indivíduo, como ocorre hoje; buscava-se criar um povo forte e belo⁷⁴.

As ideias eugenistas e de outros/as cientistas daquela época eram inspiradas nos movimentos que ocorriam na Europa, onde “[...] multiplicavam-se os ginásios, os professores de ginástica, os manuais de medicina que chamavam atenção para as vantagens físicas e morais dos exercícios” (DEL PRIORE, 2014, p. 214). Ela cita que, entre os teóricos que inspiravam a importância da atividade física estavam pensadores que viveram entre os séculos 18 e 19, como o francês François Sabbathier; o espanhol naturalizado espanhol, Francisco Amoros; o suíço Johann Heinrich Pestalozzi.

A beleza negra e mulata foi negada por muito tempo; não se mostrava no campo da estética. Só depois dos anos 1980, o mercado se voltou para os/as negros/as – o que não deixa ser um movimento esperado, afinal, ao longo da história, o capital se apropria de toda e qualquer manifestação cultural tornando-a produto de consumo⁷⁵. Durante boa parte do século 20, alisar o cabelo era recomendação constante para que a pessoa pudesse ser vista como bela. Por outro lado, a indústria da beleza oferecia uma série de cosméticos para amaciar, hidratar etc.

A década de 1930 também registrou um aumento no número de cirurgias plásticas. Tinham por finalidade o embelezamento e não causariam sofrimento, de acordo com os anúncios publicitários da época. “Segundo esses anúncios, as tristezas resultantes da falta de beleza eram injustificáveis” (SANT’ANNA, 2014, p. 87). A autora acrescenta que, “charlatanismo ou não, as cirurgias [...] incluíam um poderoso e sedutor argumento: os sofrimentos resultantes da falta de beleza não

⁷⁴ Não podemos ignorar que em várias do mundo, naquela época, ocorriam movimentos que tinham por objetivo um melhoramento da raça – raças puras, fortes, saudáveis e belas. O exemplo mais significativo desse discurso se deu na Alemanha, por meio do nazismo.

⁷⁵ Seja no campo da estética, da música, da dança etc., manifestações culturais inicialmente consideradas marginais, quando ganham importância junto à parcela do público, são incorporadas pelo capital e tornam-se mercadoria.

tinha mais razão de existir”. Aconselhava-se que a mulher não perdesse a chance de se embelezar – ainda que fosse necessário recorrer às cirurgias.

Embora não seja um dos meus objetivos discutir as questões envolvendo as contradições econômicas, principalmente de classes, não dá para ignorar o componente excludente do dispositivo de beleza. O discurso envolve a todos/as, porém quem pode ter acesso aos melhores cosméticos, às cirurgias entre outros serviços e produtos? Se neste século 21, pessoas das camadas mais pobres precisam contentar-se com produtos e serviços de qualidades inferiores, é possível afirmar que esse discurso de beleza era cruel com as mulheres consideradas ‘feias’ e pobres. Como iriam embelezar-se? Com quê dinheiro? Ao que parece, além da pobreza, eram condenadas a permanecerem ‘feias’.

O sucesso profissional, uma excelente carreira, é outro aspecto que passou a ser relacionado à beleza. E uma carreira bem sucedida é atributo importante para a felicidade. Logo, partindo do que vimos até aqui, chegamos a uma ‘fórmula mágica’: beleza é igual a relacionamento, saúde, sucesso profissional, felicidade. Para Del Priore (2014, p. 222), "um controle mais rígido sobre a apresentação pessoal era exigido, até em empregos ocupados por mulheres". De certo modo, esse discurso ainda funciona hoje. Algumas pessoas querem ser ‘bonitas’ e, quando são ‘bonitas’, são admiradas, amadas, sentem-se mais saudáveis e acreditam que isso vai assegurar a elas uma boa carreira e uma vida feliz. No imaginário popular, a mulher não precisa ser inteligente, basta ser ‘bela’ e tudo lhe irá bem.

Entre os anos 1930 e 1940, a indústria da beleza não parou de crescer e de se profissionalizar. Uma das novidades foi a introdução de pesquisas de mercado, com o propósito de identificar os desejos das consumidoras. Dessa forma, os anseios femininos foram contemplados por meio de produtos e suas promessas⁷⁶. E a fim de produzir o desejo (e falo em produzir o desejo, porque este é estimulado por meio de enunciados verbais e imagéticos que subjetivam os sujeitos com uma

⁷⁶ Considerando o funcionamento do *Facebook*, a lógica dos algoritmos, a guerra por reunir dados, melhor representada pelo *Big Data* – imenso volume de dados, estruturados e não estruturados que estão disponíveis na rede mundial de computadores – (MÜLLER, 2016), é possível dizer que, hoje, quando as mulheres falam sobre seus corpos nessa rede social, mais que uma verdade a respeito de si, esses dizeres funcionam como confissões, manifestações de seus desejos que auxiliam o mercado a atendê-las em suas vontades de beleza.

determinada verdade a respeito de seus corpos), as estrelas de cinema eram as principais referências de beleza⁷⁷.

A década de 1950, com uma variedade significativa de revistas femininas, trouxe o rosto como ponto alto da beleza, mas o corpo todo se insinuava na fotonovela e no cinema. A maquiagem durante muitos anos serviu para dissimular uma beleza não existente. “Ainda hoje cumpre essa função [dissimular o que não é tido como belo], embora os produtos estejam cada vez mais comprometidos com a tarefa de corrigir e prevenir problemas” (SANT’ANNA, 2014, p. 96).

Na imprensa, as mulheres feias eram alvo de chacota ou crítica. Sant’anna (2014) recorda que o polêmico escritor Nelson Rodrigues, por exemplo, escreveu o conto *Feia demais*. Nele, o discurso que emerge é de que a mulher feia é descartável, não pode ser esposa. A feiura dela justificava a ruptura, separação. Casar-se com uma feia (algo que tornaria a vida insuportável) só mesmo como um ato de benevolência.

A recomendação às mulheres feias era que dissimulassem o que não fosse considerado bonito⁷⁸ em seus corpos⁷⁹. Esses textos geralmente eram destinados às jovens, para que conseguissem marido e, para aquelas casadas (com menos de 40 anos), a fim de que preservassem o relacionamento (não fossem trocadas por outras mulheres mais belas). “Envelhecer começava a ser associado à perda de prestígio e ao afastamento do convívio social” (DEL PRIORE, 2014, p. 224). A imprensa, a publicidade da época e a própria indústria cosmética da época não costumavam oferecer produtos de beleza e/ou dicas para as mulheres com mais de 40 anos. Estas eram tidas como “fora da idade”, velhas. Apenas após os anos 1960, começaram a ser alvo do mercado de beleza.

A imprensa feminina adotou termos mais amenos, a partir dos anos 1960, para dialogar com as mulheres. “As conselheiras de beleza pareciam, a partir de então, confidentes, amigas com quem cada leitura podia contar sem nenhum constrangimento” (SANT’ANNA, 2014, p. 102). Isso permitiu incluir como público das

⁷⁷ Hoje, as musas do cinema ainda são importantes influenciadoras, mas também é possível incluir as atrizes da televisão, modelos e, talvez de forma ainda mais significativa nesta era da internet, as blogueiras, *youtubers* etc.

⁷⁸ As mulheres tinham que ter cintura fina, curvas, quadris, nádegas, seios fartos, coxas etc. Havia uma preocupação com a modelagem do corpo.

⁷⁹ A título de curiosidade, na imprensa da época, encontram-se inclusive orientações pormenorizadas para que as jovens, que não eram virgens, dissimulassem esse fato na noite de núpcias e enganassem seus maridos. Nos relatos publicados, eles, os homens, geralmente eram vistos como tolos, fáceis de ser enganados.

revistas as “senhoras” (mulheres com mais de 40 anos) e também aquelas consideradas feias. Na mesma época, inúmeras indústrias e empresas estrangeiras especializadas em beleza estabeleceram filiais no Brasil. Os produtos se modernizaram. Cremes, pomadas, pós etc. ficaram mais leves, finos, com cores que se confundiam com a própria pele. Enquanto isso, a imprensa valorizava as mulheres-celebridades. Estas, com frequência, surgiam glamourosas nos jornais, revistas, cinema, televisão e o rádio colaboravam com a imaginação. Nos itens de beleza, não podiam faltar roupas sedutoras – inclusive peças íntimas, *baby-dolls*. Conforme cita a autora, o *sex-appeal*⁸⁰ contagiou a publicidade.

Ao invés de dissimular, disfarçar os supostos defeitos, os produtos passaram a ser vendidos como algo que valorizava, realçava a beleza feminina (nota-se que o discurso deixa de ter um caráter negativo, que funcionava apontando defeitos, e ganha contornos positivos: a mulher é bela – a beleza talvez não esteja visível –, mas, fazendo uso de artifícios estéticos, revela toda sua beleza). A beleza cosmética objetivava potencializar a beleza natural. O discurso que emergia era: “só é feia quem quer”. “Feia? Só quem quisesse”, lembra Del Priore (2014, p. 222). Isso transferia a responsabilidade por ser bela para a própria mulher. Trata-se de uma conquista individual⁸¹.

Partindo da premissa de que o verdadeiro *glamour* é elegante e natural, os produtos ganharam novas embalagens, texturas, tornaram-se mais fáceis de usar, ganharam mobilidade (podiam ser levados nas bolsas). As indústrias cosméticas, aliadas ao saber médico (tendo apoio principalmente dos dermatologistas), ampliaram ainda mais a diversidade de produtos de beleza. Por outro lado, estrelas de cinema mais maduras – com mais de 50 anos – contribuíram para que as mulheres nessa idade passassem a acreditar que era possível retardar o envelhecimento. Ou seja, ultrapassar a barreira dessa idade sem rugas e/ou flacidez.

A pele impecavelmente lisa, combinada com cabelos lisos, permaneceu como um valor importante de beleza para mulheres e homens nos anos 1960 e 1970. Já a moda do *cós-baixo* desnudou partes do corpo e isso demandava que “[...] toda

⁸⁰ A expressão serve para definir, popularmente, a atração que se exerce sobre outras pessoas com base no apelo erótico, na sensualidade. Ou seja, é atração sexual.

⁸¹ Aqui já é possível notar o funcionamento de um discurso de beleza individualizante, diferente do que ocorria em anos anteriores quando, por exemplo, os eugenistas tratavam da beleza, mas voltada para um fim coletivo.

barriga fosse magra, firme e bronzeada. Passou a ser feio ostentar alguma saliência ou flacidez logo abaixo do umbigo” (SANT’ANNA, 2014, p. 128).

As décadas de 1960 e 1970, marcadas pelos movimentos estudantis, pelas lutas feministas, contra a segregação racial, em prol da liberdade sexual e tantas outras, ou seja, tempos de mobilizações políticas importantes, foram também significativas para referenciar os padrões estéticos atuais. “O corpo jovial, magro e bronzeado transformou-se num grande símbolo de beleza, saúde e sensualidade” (SANT’ANNA, 2014, p. 128). Conforme a autora, deu-se visibilidade a imagens de mulheres bronzeadas, de biquíni, corpos resultantes de uma disciplina rigorosa – alimentação, exercícios físicos, academias, sol, bronzeamento artificial. E neste dispositivo de beleza, o discurso que emerge é de que aquilo que o esforço disciplinar não é capaz de fazer, a indústria cosmética pode resolver.

Ao tratar de um dispositivo de beleza – algo que vai para além do discursivo, na perspectiva foucaultiana –, é possível notar seu funcionamento no aparecimento, ainda naquelas décadas, de uma série de produtos não necessariamente relacionados à estética, mas que atuam na vigilância dos corpos. Por exemplo, a oferta de balanças nas farmácias, chás ‘magros’, produtos para substituir o açúcar etc. Simultaneamente, os anúncios sustentavam a ideia de que as mulheres deveriam amar e sentir prazer com seus corpos. Essas publicidades quase sempre mostravam mulheres brancas, magras, com adequada condição financeira, peles lisas. Ao manifestarem a importância do corpo, ressaltavam o viés da sexualidade.

No Brasil da época, ainda predominava a censura, a repressão, mas o cenário internacional, influenciado pela contracultura, impulsionava uma aura de liberação do corpo – que por aqui não se traduziu necessariamente numa forma politizada (como nos Estados Unidos e Europa). “A imprensa, de modo geral, não demorou a publicar conselhos para que os jovens combatessem a timidez, soltassem as amarras corporais, descobrissem o prazer” (SANT’ANNA, 2014, p. 133).

Ao final da década de 1970, a exposição dos corpos era cada vez mais acentuada. “A publicidade dos produtos de beleza adquiriu novos argumentos: ‘seja livre e fique nu’” (SANT’ANNA, 2014, p. 145). Novos produtos prometiam valorizar a liberdade e a exposição do corpo. Por outro lado, a televisão brasileira, com a novela *Gabriela, Cravo e Canela* (1975), abria espaço para uma protagonista (Sonia Braga), que se mostrava de cabelos crespos. “No universo artístico, muitos jovens, como Gal

Costa, Caetano Veloso, Maria Bethânia, entre outros, já assumiam seus volumes capilares” (p. 146). Esse movimento iniciou o processo de ruptura com o padrão até então vigente de valorização apenas dos cabelos lisos.

A exposição dos corpos revelou uma ‘imperfeição’ que parecia desconhecida: a celulite. Quase não se falava sobre essa alteração da pele ou do tecido cutâneo, que provoca, inicialmente, pequenos furinhos, resultantes do aumento de gordura. “A malvada surgiria em matérias de página inteira e seria considerada uma patologia. Pior: todas as mulheres tendiam cedo ou tarde a serem contempladas com a dita desgraça” (SANT’ANNA, 2014, p. 146). Novamente, a imprensa foi a principal responsável por dar visibilidade a essa questão estética. Para combatê-la, a lista de recomendações médicas apontava a necessidade de muita disciplina: ginástica, dieta, uso de produtos cosméticos e farmacêuticos, tratamentos dermatológicos especializados. A autora ressalta que o tema, inicialmente, não provocou uma corrida das mulheres em busca de tratamento. Porém, principalmente após os anos 1980, a celulite se tornou um tema de urgência para as mulheres.

Foi também naquela década que os males da exposição da pele ao sol começaram a ser notados. Além de manchas, tornou-se preocupação a ocorrência do câncer de pele. As indústrias cosmética e farmacêutica acudiram o público oferecendo produtos de prevenção e tratamento, sendo o filtro solar o mais comum deles.

A publicidade investia em sugestões eróticas – e não apenas para vender produtos de beleza. Corpos femininos sensuais ajudavam a vender desde adoçantes até produtos tidos como masculinos. Mais que impor um padrão estético, o que passamos a ter é uma nova ética “[...] na qual o corpo garante sua concretude especialmente enquanto mercadoria, povoando e alimentando um imaginário praticamente publicitário” (CONTRERA, 2002, p. 59).

Malhar o corpo tornou-se expressão recorrente nos anos 1980. A prática do exercício físico popularizou-se em parques, clubes, praias, condomínios, academias e até em ruas e avenidas. Ao mesmo tempo, a moda oferecia roupas esportivas, tênis e outros acessórios para assegurar o conforto das pessoas que treinavam. A publicidade reforçava a importância dessas práticas frequentemente associando o saber médico à beleza, por meio do discurso de saúde. Filmes, novelas, jornais e revistas também reforçavam esse discurso por meio de enunciados verbais e imagéticos.

A partir dos anos 1990, o culto ao corpo desvinculou-se das questões de saúde. Ainda que muitas pessoas recorressem a esse argumento, passou a prevalecer a preocupação estética – o corpo pelo próprio corpo, pela beleza. As academias ganharam mais visibilidade e, nas praias, piscinas e até fora desses espaços, as roupas de *lycra* acentuavam o valor de um corpo malhado. “Os músculos ganharam uma positividade inusitada entre as mulheres, primeiro discretamente, em aulas de dança” (SANT’ANNA, 2014, p. 159).

Em virtude das revistas e toda estrutura comunicacional, as *top models*, modelos internacionais, ficaram muito conhecidas no Brasil – mesmo as estrangeiras, que tinham seus nomes citados em publicações, propagandas etc. A beleza bem-sucedida delas contribuiu para dar mais amplitude ao mercado de cosméticos e marcas de luxo. “As *top models* já eram as grandes representantes da sofisticação de produtos que prometiam uma beleza internacional” (SANT’ANNA, 2014, p. 163).

Retomo outro elemento desse universo estético: as cirurgias plásticas. Havia mencionado anteriormente que, na primeira metade do século 20, essas intervenções não eram bem vistas pela população. A Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica foi fundada em 1949, mas as cirurgias se popularizam de fato após os anos 1980. Até então, embora muitas pessoas recorressem às clínicas desses profissionais, a plástica ainda parecia uma vergonha, algo a ser ocultado. Não era incomum – e ainda hoje isso ocorre – mulheres que colocaram próteses de silicone nos seios, por exemplo, negarem o fato de terem feito cirurgia. Uma breve pesquisa no *Google* sobre o tema revela inclusive o caso de várias famosas que não assumem as mudanças corporais provocadas pelos bisturis de profissionais da plástica.

A década de 1980 também foi um período de desenvolvimento para o setor em virtude dos avanços tecnológicos, evolução técnica, os progressos científicos. Del Priore (2014, p. 231) afirma que

a feiura é vivida como um drama. Daí a multiplicação de fábricas de 'beleza', cujo pior fruto é a clínica de cirurgia plástica milagrosa. Os pagamentos a perder de vista, com 'pequenos juros de mercado', parecem garantir, graças às próteses, a constituição de um corpo: formal, mecânico, teatral – corpo que é a efígie do desejo moderno, desejo derrisório de uma perpétua troca das peças que envelhecem, desde nádegas até coxas e panturrilhas.

A popularização das cirurgias trouxe a sensação que é possível retardar o envelhecimento. De certo modo, parece ter reforçado o sonho da eterna juventude, eliminando do rosto, principalmente, os sinais do tempo. Essas promessas foram sustentadas pelo discurso de beleza em circulação na mídia. Para Sant'anna (2014, p. 175), “os progressos nos âmbitos cirúrgico e estético reforçaram a ideia de que, com eles, qualquer um pode se adaptar ao mundo contemporâneo, melhorar a relação consigo e com os outros e, ainda, escapar ao fracasso, ao abandono e à solidão”.

Ao longo dos anos, estar bem passou a significar estar bem com seu corpo. E, para isso, é necessário, como estamos vendo, seguir determinados padrões estéticos. Entretanto, não é tarefa simples conquistar a beleza idealizada. Moreno (2016) menciona uma pesquisa realizada por um grupo internacional que apontou que nove entre cada dez mulheres gostariam de mudar seus corpos. Muitas delas, cerca de 66% (entre 15 e 60 anos de idade) evitavam atividades básicas em função da aparência que possuem. No caso das brasileiras, entre outros dados, constata-se que, já em 2003, 54% das pesquisadas sentiam necessidade de fazer uma cirurgia plástica; 51% disseram que precisavam emagrecer. O olhar dessas mulheres para seus corpos, como avalia Moreno (2016), causa problemas de autoestima, ansiedade, insegurança. A autora ainda confirma que esse olhar negativo que possuem sobre si mesmas causa uma espécie de cansaço psicológico, produz certa indisposição em se engajarem em atividades, projetos etc. Por outro lado, a mulher que se sente bem com seu corpo, sente-se mais forte, determinada, vive melhor.

A década de 1990 também trouxe uma nova referência estética. Influenciada pelo *funk*⁸², houve o reforço de algumas tendências populares, que ganharam novos contornos. As mulheres consideradas poderosas eram as “popozudas”. As roupas buscavam valorizar a exuberância dos corpos num visual típico: tops justíssimos, calças ou micro shorts apertados, barriga à mostra, marcas de biquíni em evidência. A mulher, que parece tomar posse do seu corpo no *funk*, também é transformada em objeto sexual. Por outro lado, como nem todas possuem os atributos físicos das “poderosas”, muitas recorreram a suplementos, academias e/ou cirurgias plásticas.

⁸² Como estilo musical, o *funk* surgiu nos Estados Unidos na década de 1970; no Brasil, chegou nos anos 1980 e ganhou nova identidade, como uma espécie de música que nasce na favela e é produzida pelas classes mais populares.

A *funkeira* também filia-se, geralmente, às classes econômicas mais baixas. Portanto, nem sempre possuem recursos financeiros para o investimento no corpo desejado. Isso, entretanto, não as impedem de representarem a estética do *funk*. Esta se traduz também em atitudes – o corpo discursiviza o erotismo na dança, nos trajes etc.

Não muito distante da imagem da *funkeira* difundida na mídia, os anos 2000 trouxeram mulheres muito parecidas esteticamente como musas do carnaval. A ordem, como ressalta Del Priore (2014, p. 242), "[...] é ela ter um corpo cada vez mais definido, mas é preciso saber dosar para não ganhar uma silhueta masculina". Para Sant'anna (2014, p. 178), "o Programa Big Brother Brasil contribuiu para a divulgação dos corpos turbinados ou bombados". As musas do século 21, que animam o carnaval, devem ter pelo menos um metro de quadris, seios turbinados, nádegas muito salientes (na rede, é possível encontrar expressos do tipo "bumbum na nuca"). Esses corpos se tornaram alvo do desejo de muitas mulheres. Hoje, não é difícil encontrar publicações impressas, também em blogs, vídeos, redes sociais na internet reunindo dicas para a conquista, por exemplo, dos glúteos "perfeitos"⁸³.

Se cada época cria ideias de beleza que expressam seus mais profundos receios e desejos, talvez as superpoderosas possam revelar muito do que é hoje uma parte da realidade brasileira. Seus corpos, como aqueles dos soldados e dos antigos gladiadores, resultam de muita disciplina e treinos diários. Mas também é preciso seguir dietas especiais e, em vários casos, realizar cirurgias plásticas. Se a mulher bela já foi assimilada à flor, à gatinha e, recentemente, à fera, agora, esta última se armou, cresceu e alargou a musculatura (SANT'ANNA, 2014, p. 178-179).⁸⁴

Enfim, como lembra Mota (2012, p. 98-99), "no Brasil, é possível identificarmos a existência de dois padrões de beleza dominantes": a mulher "gostosa", que é aquela definida, no senso comum, com curvas definidas, quadris

⁸³ A modelo *fitness* Gracyanne Barbosa é uma das expoentes dessa estética. Só na rede social *Instagram*, possui mais de 6,5 milhões de seguidores/as, com quase 13 mil publicações; no *Facebook*, são cerca de 6,2 milhões. Os números são referentes ao mês de julho/2018.

⁸⁴ Os dados a respeito das cirurgias plásticas no Brasil são um tanto controversos, quando publicados pela imprensa. E as informações da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCP) também não são pormenorizadas para o público em geral. Contudo, há várias reportagens disponíveis sobre o tema. Uma das mais completas que identifiquei foi escrita por André Cabette Fábio, para o *Nexo Jornal*. Tendo como referência dados da própria SBCP, foram realizadas 1,22 milhão de cirurgias plásticas no Brasil em 2015. Na ocasião, o país era o segundo no ranking mundial e respondia por 12,7% de todas as cirurgias realizadas no planeta. Informações disponíveis em: <<https://www.nexojornal.com.br/expresso/2016/08/13/Por-que-o-Brasil-%C3%A9-uma-superpot%C3%Aancia-da-cirurgia-pl%C3%A1stica>>. Acesso em: 27 jul. 2018.

marcados, coxas grossas, nádegas arredondadas; e o padrão vinculado à moda – magra, alta, sem formas muito marcadas.

Na análise que apresento, na Seção 6, é possível observar que o desejo de ter acesso a esses padrões de beleza emerge nos enunciados de várias mulheres. De igual modo, há um movimento pela promoção-propagação dos ideais de beleza. Mulheres como Gracyanne Barbosa, mencionada em nota, inspiram outras pessoas e são modelos para venda de produtos e ou serviços que prometem um corpo perfeito. Por outro lado, a busca pela estética idealizada confunde-se com a necessidade de aumentar os níveis de satisfação pessoal. De certo modo, é como se a materialização do corpo desejado pudesse proporcionar felicidade.

Historicamente, no funcionamento desse dispositivo que produz esses saberes, observamos que a mídia exerce uma importante influência na construção do padrão estético corporal. Conforme Goldenberg e Ramos (2002), a exigência do que se supõe como uma boa forma física não restringe a um grupo de pessoas apenas – atletas, por exemplo –; acaba atingindo todas as pessoas, de crianças aos/às idosos/as. Não há quem, ao ter contato com o conteúdo midiático (cinema, televisão, jornais, revistas, publicidade, internet etc.), não seja interpelado por imagens de rostos e corpos considerados perfeitos.

Goellner (2003a) destaca que existem várias pedagogias (formas de educar) em circulação, não só na área escolar; também os filmes, músicas, revistas e livros, imagens, propagandas são locais pedagógicos que estão a dizer de nós e para nós, seja pelo que exibem ou pelo que ocultam. Também projetam valores sobre nossos corpos e isso ocorre, frequentemente, de forma tão sutil que nem mesmo percebemos que estamos sendo subjetivados por um discurso que se impõe como verdadeiro. O corpo é visto como material carente de renovação constante. O que parece ser silenciado nesse discurso de beleza é que, inevitavelmente, o corpo envelhece, fica flácido, perde a vitalidade. As pessoas estariam preparadas para isso?

Também é possível notar que essas mulheres foram educadas com respeito aos seus corpos. O processo de subjetivação se deu por meio de verdades construídas pelo saber médico, publicidade, imprensa etc. Justamente por observar o funcionamento desse processo de histórico de subjetivação, é que esta Tese procura propor o questionamento: não seria possível um outro olhar sobre os corpos, também por meio da educação? Sustento que a resistência é possível e esta

também passa por um processo educativo, no qual se desenvolve a consciência das relações de poder-saber. No que diz respeito às mulheres, especificamente, Goellner (2003b) afirma que não são meros objetos nos quais se direcionam os padrões estéticos e comportamentais. Embora interajam com estes padrões e aprendam diferentes maneiras de serem belas e femininas, podem se reconhecer e se assumir nestes padrões ou não. Por isso, é possível defender que há espaço para uma educação de resistência ao dispositivo de beleza.

4.2 O CORPO BELO

Temos observado ao longo da história descontinuidades nos padrões de beleza. Talvez por isso Eco (2004, p.193) tenha perguntado: “que cânones, gostos e costumes sociais permitem considerar ‘belo’ um corpo?”. Como abordei há pouco, os referenciais de beleza mudam. Cada povo, cada época estabelecem seus próprios referenciais estéticos.

[...] o que é belo para um povo pode não receber a mesma qualificação em outra sociedade. Entretanto, em conformidade com a sucinta definição já vista, em qualquer uma delas, aquilo que é visto como belo será, sem dúvida, algo que causa satisfação, prazer, satisfação, agrado ao observador (FREITAS *et al.*, 2010, p. 391).

Isso mostra que “[...] o padrão de beleza corporal seria um conjunto de características que um corpo deveria apresentar para ser considerado como belo por um determinado grupo de indivíduos” (FREITAS *et al.*, 2010, p. 392). Este padrão tem sido referenciado cada vez pelas imagens midiáticas.

A mídia é, sem dúvida, importante agente difusor de um ideal de beleza a ser alcançado, garantindo que a temática esteja sempre presente na vida cotidiana, levando ao receptor as últimas novidades e descobertas tecno-científicas, ditando e incorporando tendências (CASTRO, 2004, p. 4).

Para Vigarello (2006), o século 20 trouxe consigo a exigência de um corpo atlético, magro, livre de gorduras, construído por diferentes atividades físicas. Há uma constante preocupação com medidas, demarcações do que se projeta como o tamanho ideal dos quadris, coxas, nádegas etc. Segundo ele, o corpo está

totalmente tecnificado, cada vez mais demarcado pelos modelos da sociedade industrial. Entretanto, Vigarello (2006) mostra que, para além do corpo produzido pelo esforço na prática de exercícios, a imagem exterior do corpo é fabricada por uma concepção estética que se dá desde a exigência de que esteja bronzeado (pelo sol ou algum produto que sustente um simulacro do bronzeado do sol) até os produtos de embelezamento.

Associando-se a um discurso de saúde, que remete às discussões feitas por Foucault sobre o biopoder⁸⁵, Vigarello (2006) lembra que o corpo magro se torna sinônimo de saúde – e pode observar isso ao retomar historicamente os padrões de beleza no Brasil entre o final do século 19 até os dias atuais. O descuido com o peso geralmente é associado a diferentes riscos; entre eles, o de mortalidade precoce. Conforme o autor, o saber médico sustenta que o corpo magro corre menos riscos de mortes, enfermidades do coração, do fígado, dos rins, diabetes, entre outras. Chega-se ao ponto de converter o corpo em uma instância quase psicológica: este se torna o representante de aspectos sombrios, de mundos sem controle, como se, para estar bem e ser feliz, fosse necessário ser magro.

A imposição de um modelo de corpo belo faz que com que, na concepção de Vigarello (2006), o desenvolvimento de um corpo fabricado dentro de determinados ideais de beleza tenha se convertido, para muitos, no centro de sua própria vida; como se esta fosse a experiência íntima prioritária, a experiência por excelência de/para exploração da própria identidade.

Eco (2004) chama esse tipo de beleza de 'beleza de consumo', pois os seus ideais são determinados pelo interesse econômico. Isso pode ser notado nas próprias ações da ciência e da indústria voltadas para a estética. O autor lembra que, na Grécia antiga, a beleza não tinha um estatuto autônomo; estava associada a outras qualidades. O Oráculo de Delfos definia que o mais justo era o mais belo. A beleza, tendo valor em si mesma, é a 'beleza de consumo'; é aquela em que seus ideais são determinadas pelo consumo comerciais – está na esfera no aparente, apenas do que é visível.

⁸⁵ Embora não seja o objetivo retomar aqui o conceito de biopoder desenvolvido por Foucault, ressalto que diz respeito a uma nova perspectiva sobre as relações de poder entre o Estado e os indivíduos. As políticas estão voltadas ao corpo, geralmente sob a justificativa de cuidado, prevenção, saúde etc. Nesse contexto, atualmente, temos políticas de orientação sobre o uso do tabaco, gravidez na adolescência, obesidade, uso de preservativos entre outras.

Para Ory (2006), o desenvolvimento da indústria estética é resultante da combinação de um certo número de avanços reais. Ou seja, a ciência, hoje, possui conhecimentos sobre a derme, a epiderme etc., que permitem a síntese das moléculas supostamente ativas, com uma oscilação estratégica menos rigorosa, determinada pela evolução dos critérios do que é tido como belo e saudável. Isso assegura tratamentos cada vez mais eficazes para o tratamento de rugas, manchas e outros sinais de envelhecimento – inclusive de estrias, celulites etc. Conforme Ory (2006), a luta contra o envelhecimento tendo feito retroceder os limites da terceira idade – ou seja, as pessoas conseguem manter uma aparência mais jovem por muito mais anos. Temos, portanto, um processo contínuo de popularização dos cuidados de beleza. O autor lembra que tem crescido os espaços (empresas, clínicas, entre outros) dedicados ao cuidado da beleza, e que possuem certa respeitabilidade/credibilidade.

As observações feitas por Ory (2006) também mostram que há uma ansiedade – que em algumas pessoas beira à obsessão –, pela beleza; uma beleza livre de marcas que são consideradas como imperfeições – celulite, por exemplo. Ele menciona que essa busca pelo corpo perfeito se inicia pelas classes dominantes, no entanto se torna medida para todas as demais classes sociais. E, para Ory (2006), os cânones desse ideário de beleza são apresentados em revistas especializadas e pela mídia em geral.

Ainda nesse sentido, Freitas *et al.* (2010, p. 394) declaram que

com a criação e desenvolvimento de instrumentos de captação e divulgação de imagem, seja ela estática ou em movimento, o corpo passa a ser mostrado e visto em escala mundial. Hoje, mais do que nunca, com o advento aprimoramento de um dos mais revolucionários meios de comunicação, informação e entretenimento de massa, a internet, imagens corporais atingem mais e mais pessoas, contribuindo para uma padronização do belo que já estava consolidada graças a outros meios de comunicação mais antigos, mas não menos eficientes. Um desses meios vem acompanhando a concomitante evolução das mulheres e do mito da beleza.

É preciso ressaltar, conforme Flor (2010, p. 2), que "a busca pela beleza e boa forma não é uma característica da sociedade atual, mas com o advento dos meios de comunicação a pressão social e psicológica para o indivíduo se adequar aos estereótipos corporais tornou-se mais intensa". Ou seja, embora não se possa

afirmar que noutros momentos da história não havia valorização de determinados referenciais de beleza, os meios de comunicação hoje atuam constantemente na persuasão dos indivíduos apresentando textos verbais e imagéticos que se inscrevem como verdades a respeito do que é ser belo/a.

4.3 BELEZA MITIFICADA

Naomi Wolf (1992), na obra *O mito da beleza: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres*, mostra como mais de 20 anos de luta feminista⁸⁶ são reduzidos a ilusões pelo dispositivo de beleza. As indústrias de beleza – saúde, cosmética, alimentícia etc. –, apoiada na/pela mídia, minam as resistências psicológica e material das mulheres. A autora problematiza a questão: até que ponto as mulheres são efetivamente livres? Embora a temática da liberdade seja relevante para o movimento feminista, como mostro durante a análise das publicações na Seção 6, muitas mulheres são reféns de um padrão estético e parecem sentir vergonha da aparência física ou terem a aparência como principal referência do que efetivamente são como pessoas.

Wolf (1992) ressalta que, ao longo dos últimos anos, as mulheres romperam estruturas de poder que as impediam de ter acesso à educação formal, ao mercado de trabalho, à política. Porém, o que ela chama de “mito de beleza” – e que em minha pesquisa relaciono como um dos elementos que participam no dispositivo de beleza – funciona como uma arma política contra a ascensão das mulheres, atua controlando-as. A autora (1992, p. 13) cita um exemplo: “a modelo jovem e esquelética tomou o lugar da feliz dona-de-casa como parâmetro da feminilidade bem-sucedida”. Ou seja, esse dispositivo funciona construindo parâmetros, modelos que devem ser seguidos. Como menciona Foucault (2014), o poder é flexível, recua, se rearranja. Quando observamos a afirmação de Wolf (1992), foi isso que aconteceu. Pela resistência e luta das mulheres, estas deixaram suas casas e passaram a atuar num mercado antes restrito aos homens. Até então, a imagem que

⁸⁶ A autora está se referindo ao movimento chamado de segunda onda feminista, que ocorreu nas décadas de 1960 e 1970. Após a primeira onda feminista tratar dos direitos políticos e dos contratos matrimoniais, nos quais as mulheres eram ignoradas, nessa fase, o movimento centrou-se no fim de toda espécie de discriminação e na igualdade entre homens e mulheres. Para saber mais sobre o assunto, várias obras podem ser consultadas - entre elas, *O que é feminismo*, de Branca Moreira Alves e Jacqueline Pitanguy (1991).

se tinha delas era de donas-de-casa felizes. Porém, o poder concebeu uma nova imagem por meio do dispositivo de beleza: a profissional bem-sucedida é magra e jovem.

Outro aspecto mencionado por Wolf (1992) diz respeito à sexualidade. Cita que a revolução sexual permitiu a descoberta do prazer, contudo este está associado à beleza. Para viver a sexualidade em sua plenitude, é necessário estar/sentir-se bela – em outras palavras, a realização no sexo depende dessa mulher sentir-se ‘gostosa’; e este referencial é externo, é dado pela sociedade. Por isso, Foucault defende que um domínio autônomo passa por libertar o sujeito do inconsciente do saber, reencontrando na história da ciência, do conhecimento, como são formados os saberes que nos subjetivam e formam nosso inconsciente (VEYNE, 2009).

Subjetivada pelos saberes constituídos nas relações de poder-saber, a mulher, ainda que anseie pela liberdade, também compete com outras mulheres (não todas, é fato). Numa festa, por exemplo, tenta usar um vestido ‘inédito’, faz cabelo, maquiagem, usa cinta (se precisa ‘esconder’ gordurinhas na cintura). Ela não quer sentir-se menor que as demais – e esse menor se refere à beleza; ou seja, deseja sentir-se tão bela ou mais que as outras. Isso, lembra Wolf (1992), produz sofrimento, angústia, ansiedade. O dispositivo de beleza afeta a mulher ao ponto de tirar dela o amor próprio, a confiança em si mesma. Frequentemente, elas não gostam de seus corpos.

Foi o que mostrou a pesquisa *Relatório global de autoconfiança feminina*, patrocinada pela multinacional de cosméticos Dove, divulgada no primeiro semestre de 2016⁸⁷. Desenvolvido a partir de entrevistas realizadas com cerca de 10,5 mil mulheres em 13 países, o relatório trouxe vários dados. Entre eles, de que 92% mulheres não se sentem confortáveis com o próprio corpo, fazendo com que, em certas ocasiões, desistam de compromissos importantes como encontros e programas com amigos/as. Também 69% entendem que a mídia apresenta um padrão idealizado de beleza que nunca conseguirão atingir; seis em cada dez acreditam que as mídias sociais pressionam as pessoas a terem um padrão de aparência. E embora o Relatório mostre (na comparação com a pesquisa anterior

⁸⁷ Os dados apresentados aqui foram divulgados pela imprensa mundial e brasileira. Podem ser obtidos, em português, no link a seguir: <http://www.huffpostbrasil.com/2016/07/20/autoestima-das-mulheres-e-uma-questao-critica-no-mundo-todo-a_a_21693481/>. Acesso em 9 nov. 2017.

realizada pela empresa, em 2004) melhora na confiança das mulheres em relação aos seus corpos, o índice daquelas que se consideraram bonitas atingiu apenas 4%.

O 'mito da beleza' não foi sempre como é atualmente, diz Wolf (1992). A autora ressalta que, historicamente, a beleza controla os corpos femininos. Porém, o desenvolvimento do capitalismo potencializou os discursos de beleza e toda uma série de outras estruturas que passaram a se movimentar em torno do corpo da mulher. "Não existe nenhuma justificativa legítima de natureza biológica ou histórica para o mito da beleza" (WOLF, 1992, p. 16). A autora demonstra que o dispositivo afeta o comportamento – não se trata apenas da aparência, mas de como a pessoa passa a agir. Esse dispositivo veio "colonizar a consciência feminina" (WOLF, 1992, p. 20). Segundo ela, "recorrendo a conceitos de 'beleza', construiu um mundo feminino alternativo, com suas próprias leis, economia, religião, sexualidade, educação e cultura, sendo cada um desses elementos tão repressor quanto os do passado" (WOLF, 1992, p. 20). Indústrias poderosas – das dietas, dos cosméticos, da cirurgia plástica, da pornografia – influenciam a massa por meio de saberes construídos e reconstruídos constantemente. Por isso, a escritora sustenta que, se as mulheres almejam a liberdade, não de mais manifestações, protestos e cartazes que necessitam, mas sim de uma nova forma de veres seus corpos.

Para Wolf (1992), as ideias acerca da beleza estão relacionadas ao desenvolvimento do capital. O mercado de trabalho é um desses espaços que faz com que a beleza seja avaliada como um bem em si mesmo. Sustenta que, do ponto de vista das horas trabalhadas semanais, as mulheres trabalham⁸⁸ mais que os homens, ganham menos e ainda sobre elas é imposto um padrão estético. "As mulheres assumiram ao mesmo tempo os papéis de dona-de-casa, de profissional que faz carreira e de profissional de beleza" (WOLF, 1992, p. 34).

A beleza tem servido como parâmetro de sucesso profissional – até mesmo para a contratação. "[...] As mentes das mulheres se convenceram da necessidade de podar seus desejos e seu amor-próprio exatamente de acordo com as exigências do local de trabalho, ao mesmo tempo em que a culpa dos fracassos do sistema recai somente sobre elas mesmas" (WOLF, 1992, p. 37).

Ao observar os discursos de mulheres sobre a beleza de seus corpos no *Facebook*, que abordaremos mais à frente, noto que o funcionamento do dispositivo

⁸⁸A escritora menciona que, ainda na década de 1990, quando a obra foi escrita, a semana de uma mulher nos Estados Unidos tinha 21 horas a mais de trabalho que a de um homem.

de beleza é tão eficaz que os saberes construídos se constituem em verdades ao ponto de, no processo de subjetivação, essas mulheres objetivam o desejo de experimentarem e/ou reproduzirem a beleza idealizada. Amam-se, amam seus corpos, quando estes servem, referenciam-se, aos padrões impostos. E esse comportamento, ainda que histórico, acentuou-se nos últimos 40 anos. “Na década de 1980, a beleza já desempenhava na busca de *status* das mulheres o mesmo papel que o dinheiro representa para os homens” (WOLF, 1992, p. 39).

Os estudos desenvolvidos pela escritora norte-americana permitem compreender que o funcionamento do dispositivo de beleza tem relação com o gênero, porque “as aparências de homens e mulheres são avaliadas de forma diferente” (WOLF, 1992, p. 63). No campo profissional, por exemplo, não é requerido deles um padrão estético corporal. Talvez um profissional seja preterido de uma vaga de emprego em função da obesidade num grau acentuado ou uma deformidade no rosto, mas não deixará de conquistá-la por ter barriga, ser careca, possuir rugas etc. Para a mulher, como vimos no parágrafo anterior, sua imagem é seu principal patrimônio.

Wolf (1992) comenta que as mulheres ganham menos e ainda investem parcela significativa da renda em produtos e tratamentos estéticos. Isso, muitas vezes para preservarem seus empregos e/ou carreiras. Há preocupação, inclusive, com as mais jovens, mais “bonitas”. A escritora argumenta que, num mercado tido como livre, o que deveria ser vendido é a força de trabalho; o corpo deveria pertencer à mulher. Contudo, frequentemente, elas fazem uso de seus corpos para transmitir importância, valor, competência. Num espaço que há menos de um século era predominante dominado pelos homens, a mulher, por vezes, aceita a condição que lhe é imposta. Afinal, culturalmente, para o homem, a mulher é uma beldade. E o olhar do macho acaba por nortear o próprio comportamento da mulher em relação ao corpo. Ela se coloca para o olhar do outro e deve ser desejável a ele.

A mídia participa da construção dessa cultura. Wolf (1992) ressalta que as mulheres são profundamente afetadas pelo que apresentam as reportagens e demais conteúdos midiáticos. Segundo ela, com certa frequência, a mídia dá visibilidade a temas que parecem relevantes para a resistência ou posicionamento contrário aos padrões vigentes. Dá-se espaço para falar da mulher ‘gordinha’, daquelas que não são consideradas belas (ou, imperfeitas). Porém, esses temas rapidamente se perdem em meio às fotografias e matérias – textuais ou imagéticas –

sobre beleza, que sustentam padrões que as aprisionam. Isso ocorre, conforme a escritora, porque o conteúdo midiático precisa estar em sintonia com as demandas dos anunciantes. Na prática, o discurso midiático funciona numa constante contradição. Embora pareça dizer 'liberte-se', o argumento que se sobrepõe é 'seja bela, seja desejável, seja jovem'. Entretanto, quando faz isso, geralmente a ideia de liberdade é associada ao consumo de um determinado produto, como fosse o agente que assegurasse a liberdade prometida.

Uma pesquisa sobre imagem corporal desenvolvida pelo *Canada's Centre For Digital and Media Literacy*⁸⁹ contribui para dar visibilidade à contradição do discurso midiático sobre beleza. Segundo o estudo, os/as adolescentes e jovens parecem estar em maior risco de desenvolver atitudes pouco saudáveis em relação aos seus corpos, pois, durante o desenvolvimento de suas identidades individuais, são altamente suscetíveis tanto à pressão social quanto às imagens de mídia, que podem ter um efeito profundo sobre a forma como veem seus corpos. A imagem distorcida sobre o corpo pode ter inúmeros efeitos negativos: um dos mais comuns é a diminuição da autoestima, que traz consigo outros riscos (ansiedade, estresse, depressão etc.). A pesquisa do *Canada's* cita que outro estudo desenvolvido nos Estados Unidos, em 2008, revelou que 25% das meninas com baixa autoestima se feriram de propósito, 25% relataram comer de maneira desordenada. Também estaria relacionada ao *bullying* – os/as jovens que se sentem menos seguros/as em relação aos seus corpos são mais propensos/as a serem agressores/as ou alvos de agressão.

Os estudos mencionados pelo Centro Canadense reforçam o que citei na Seção anterior: o dispositivo de beleza, atualmente, não atua apenas sobre as mulheres. Embora historicamente a insegurança em relação à beleza do corpo seja vista como um problema de meninas, na última década, surgiu um campo de pesquisa explorando a imagem corporal dos meninos. Para Cruz (2014), tem sido observado que um número crescente de meninos sente-se muito magro ou muito gordo. Embora estejam menos dispostos a falar sobre isso, não estão imunes às imagens da mídia que promovem padrões de atratividade. Uma pesquisa publicada em janeiro de 2014 pela revista *Jama Pediatrics*, mostrou que quase 18% dos

⁸⁹A pesquisa pode ser encontrada na página do *Canada's Centre For Digital and Media Literacy*. Disponível em: <<http://mediasmarts.ca/body-image/body-image-introduction>>. Acesso em: 12 dez. 2017.

meninos estão muito preocupados com seu peso e físico (CRUZ, 2014)⁹⁰. Eles também estão em maior risco de uma variedade de resultados negativos: os meninos ouvidos no estudo, que estavam preocupados com o peso, eram mais propensos à depressão e a se engajar em comportamentos de alto risco, como o consumo excessivo de bebidas alcoólicas e o uso de drogas. Ou seja, culturalmente, como sociedade de consumo, tomando de empréstimo o conceito de Bauman, estamos sintonizados/as e/ou correspondendo à pressão exercida sobre todos/as para que alcancem uma figura idealizada.

Andrelo e Almeida (2015) lembram que os meios de comunicação são fundamentais, hoje, para a formação das mais diversas representações, inclusive referentes ao corpo. Sob efeito dos interesses mercadológicos, “[...] interferem na realidade, fornecem versões seletivas do mundo, criam representações e estereótipos” (p. 51). As capas de revistas femininas brasileiras, exemplificam, frequentemente trazem “mulheres altas, magras, olhos claros, cabelos bem cuidados, sorrindo, com grande parte do corpo à mostra, vestindo blusas cavadas, saias curtas e acessórios femininos” (ANDRELO; ALMEIDA, 2015, p. 59).

Esse segmento midiático tem considerável apelo junto às mulheres, ressalta Wolf (1992). Ela aponta que as mulheres são mais sensíveis às publicações especializadas – revistas femininas, por exemplo. Há um processo de identificação. O conteúdo funciona como uma espécie de espelho. “O mito [da beleza] que as separa também as une” (WOLF, 1992, p. 99). Embora a beleza retratada nesses espaços possa ser idealizada, estereotipada, funciona como referência para o público feminino. As mulheres, porém, nem sempre observam as motivações comerciais desse discurso de beleza. Publicações voltadas para as mulheres⁹¹ – também programas de tevê, rádio e, mais recentemente, canais no *Youtube*, perfis no *Facebook*, *Instagram* e outras redes sociais na internet – geralmente são patrocinadas por empresas que têm por objetivo vender seus produtos. Estes, frequentemente, vendem a ilusão de que, usando-os, serão ainda mais belas e bem sucedidas no amor, no sexo, na profissão etc. Justamente em virtude do mercado, Wolf (1992, p. 111) acredita que o “mito deverá se tornar muito mais poderoso”.

⁹⁰ CRUZ, Jamie Santa. Body-Image Pressure Increasingly Affects Boys. **The Atlantic**, Boston, Massachusetts, 10 mar. 2014. Disponível em: <<https://www.theatlantic.com/health/archive/2014/03/body-image-pressure-increasingly-affects-boys/283897/>>. Acesso em: 12 dez. 2017.

⁹¹ Um olhar rápido para essas publicações e outras mídias voltadas às mulheres confirma que as empresas patrocinadoras geralmente estão ligadas ao segmento estético.

Considerando que tratou deste assunto há mais de 20 anos, minha observação dos movimentos atuais desse dispositivo leva-me a concordar com a escritora.

A análise da sociedade de consumo desenvolvida por Bauman (2008) permite-nos compreender o funcionamento desse fascínio pela beleza e, ao mesmo tempo, a insatisfação constante com o corpo. O sociólogo sustenta que, na sociedade de consumo, o discurso predominante é da promessa de satisfação de todos os desejos humanos. Porém, essa promessa só é sedutora na medida em que continua irrealizada. Gera-se o consumo – investe-se no corpo, neste caso –, mas a mulher continuará insatisfeita. “Sem a repetida frustração dos desejos, a demanda de consumo se esvaziaria rapidamente, e a economia voltada para o consumidor perderia o gás” (BAUMAN, 2008, p. 108). O dispositivo de beleza funciona para assegurar o constante jogo entre prazer e ansiedade. Por breves momentos, tem-se o contentamento de sentir-se bela, mas esse sentimento se esvazia e logo é substituído pela ansiedade de alcançar um novo ideal estético.

O ciclo de purificação frequentemente acompanha as estações. As mulheres que acham que têm "algo a esconder" temem a chegada do verão, ansiosas com a perspectiva de que o calor e a exposição total do corpo cheguem antes de elas terem conseguido jejuar e se flagelar ao ponto de se sentirem prontas e sem culpa (WOLF, 1992, p. 131).

A autora comenta que há décadas a indústria cosmética vem fazendo “falsas promessas” (p. 143). A promessa da juventude, por exemplo, geralmente se dá pela oferta de cremes antirrugas, de combate às manchas, procedimentos para tratamento da flacidez, celulite, entre outros. Todavia, nada disso impede o envelhecimento. Ainda assim, as adeptas desses produtos e serviços acreditam que poderiam estar “piores”, se não tivessem aderido às “novidades” do mercado; e, por outro lado, também concluem que, se tivessem acesso a tecnologias mais sofisticadas, marcas renomadas e caras, os resultados seriam mais satisfatórios.

A ansiedade eterna, que gera consumo e assegura o mercado, na perspectiva de Bauman (2008), é resultante da capacidade do capital se renovar. Cito um exemplo: os espelhos e as fotografias (o retrato fotográfico) que se tornaram populares a partir do século 19 ganharam novas significações nos últimos anos. A prática da *selfie*, foto de si mesmo/a, funciona simultaneamente como espelho e autovigilância. À medida que as tecnologias digitais se desenvolvem, as *selfies* se

tornaram mais populares e nítidas (qualidade da imagem). As pequenas imperfeições, rugas, manchas na pele saltam aos olhos. Recorre-se aos filtros (para imagens), maquiagem, mas o dispositivo eletrônico revela as imperfeições. Como diz Wolf (1992, p. 144), “[a] luta pela beleza foi transportada para um plano tão pormenorizado que a própria luta se tornou metafísica”. Na prática, aquilo que poderia passar despercebido aos olhos, torna-se visível por meio das tecnologias.

A beleza ganhou um valor que transcende a experiência do existir. O aspecto físico, a aparência, é cultuado. A mulher está intimamente conectada ao mundo por seu corpo; sua imagem corporal é um elemento fundamental na criação de um conceito sobre si e até mesmo sobre sua autoestima. Como diz Alejandra Walzer (2009), a questão da beleza se faz presente na linguagem cotidiana, nos diálogos, e se manifesta na busca de uma estetização ampla e que afeta todas as esferas da vida. Wolf (1992, p. 170) ressalta que “a própria vida adquiriu um significado contaminado. A mulher que morrer mais magra, com o menor número de rugas, é a vencedora”.

Para Walzer (2009), recai sobre a mulher do século 21 um padrão estético de manequim profissional, de estrela de cinema. Este funciona como modelo, é assumido como o ideal de beleza – uma condição que se apresenta quase como natural. Simultaneamente, o mercado oferece uma maquinaria para que esta beleza possa ser moldada, assumida como uma prática diária, despojando a mulher de sua individualidade, história e expressividade. Walzer (2009) menciona o outro lado do funcionamento desse dispositivo: as modelos de beleza, que estão na mídia, não são personagens de ficção; são mulheres. Contudo, atuam transformando-se em dispositivos de venda das propostas do mercado da moda, das indústrias cosmética e de saúde. Tornam-se referência – e inspiração para as demais mulheres – das imposições do mercado: cabelos, cirurgias, cuidado com a pele, com o gesto, o modo de andar, as roupas, alimentação, descanso, exercícios (WALZER, 2009).

Outro aspecto observado por Wolf (1992), após analisar peças publicitárias de produtos cosméticos (cremes, sabonetes, xampus etc.), que mostram corpos femininos despídos, é que, com certa frequência, fazem referência ao prazer sexual. Esse tipo de publicidade constrói um cenário idealizado no qual os corpos parecem esculturas gregas em seus detalhes, o ambiente é sedutor, cuidadosamente montado – torneiras, chuveiros, toalhas, tudo é “perfeito”. Para Wolf (1992), o discurso que emerge é de que, mesmo no sexo, para ter prazer, é preciso ter

corpos, *lingeries* e até mesmo ambientes como os retratados nessas imagens. Por isso, sustenta: “os anúncios não vendem sexo [...] O que eles vendem é a insatisfação sexual” (WOLF, 1992, p. 189-190).

Ao dar visibilidade a esse discurso, o mercado mantém as mulheres gastando seus recursos na busca por um prazer que seus corpos podem proporcionar, mas as verdades assimiladas configuram um tipo de saber que distorce a ideia de liberdade, resultando numa representação forjada da experiência de liberdade, do pensar por elas mesmas. A autora ressalta que as mulheres não aprendem o desejo pelo/a outro/a; aprendem o desejo de serem desejadas. Para isso, precisam ser belas. “O sexo é um refém da beleza e os termos do resgate são profundamente gravados nas mentes das meninas” (WOLF, 1992, p. 208).

A eficácia do discurso de beleza também ocorre porque esse dispositivo se apoia no discurso médico. A associação de um saber que sustenta a necessidade de manter-se magro/a, fazer dietas, exercícios físicos, corrigir supostas imperfeições físicas, contribui para o funcionamento desse discurso de beleza como uma verdade. Embora, lembra Walzer (2009), seja impossível alcançar uma definição universal de beleza, emergem convicções que se apoiam no discurso médico. Entretanto, Wolf (1992) é taxativa ao relacionar os interesses mercadológicos ao que discursivizam os profissionais de saúde. Ela cita o exemplo dos/as cirurgiões/ãs plásticos/as: “quando se ganha um milhão de dólares por ano com essas cirurgias – renda média dos cirurgiões estéticos nos Estados Unidos – é bem fácil chamar a gordura feminina de doença” (WOLF, 1992, p. 308). Ou seja, o que motivaria parcela significativa do discurso sobre saúde seria o interesse econômico. “Para que vivam bem [os/as médicos/as], como vivem, eles dependem de vender às mulheres uma sensação de feiura terminal” (WOLF, 1992, p. 311).

4.4 A MÍDIA NA CONSTITUIÇÃO DE VERDADES SOBRE OS CORPOS

Como é possível notar ao longo desta Seção, a mídia tem atuação significativa na formação de um imaginário sobre os corpos. Partindo de saberes produzidos pelo dispositivo de beleza, os corpos representados em revistas, jornais, programas de televisão, novelas, séries, filmes e canais de redes sociais na internet geralmente não são se assemelham ao da maioria das mulheres. Santos (2008)

sustenta que, além de apresentar modelos idealizados, o público feminino é estimulado pela imprensa especializada a conquistar uma imagem semelhante ao das mulheres retratados em reportagens e outros conteúdos midiáticos. São comuns frases imperativas do tipo: “Dieta, emagreça comendo o que gosta”; “Vamos andar! Diminui um número do manequim em 15 dias” (SANTOS, 2008, p. 4).

O discurso midiático tem uma função pedagógica, atua direcionando nossos olhares, firmando, estabilizando significados e verdades, formando nossa subjetividade. Por meio de conteúdos diversos, participa da consolidação de signos, levando-nos a ter uma determinada compreensão da realidade.

A sensibilidade comum que a comunicação em grande escala faz aflorar é sedutora, tem a capacidade de nortear escolhas. Nas imagens da imprensa, temos conteúdos comuns que nos dizem sobre nós mesmos, nossos códigos, nossas maneiras de entender o mundo, porém oferecendo um entendimento normatizado do mundo (SILVA, 2011, p. 158).

De certo modo, o discurso midiático legitima certos valores, inclusive morais e éticos, que se concretizam em práticas – como é o caso das referências a respeito de beleza, tomadas como verdades sobre os corpos das mulheres. Segundo Charaudeau (2006), o saber não tem natureza; é resultado de uma construção humana através do exercício da linguagem. O linguista francês classifica os saberes em duas categorias: saberes de conhecimento e saberes de crenças. Os primeiros estão relacionados ao aprendizado de dados científicos e técnicos; os segundos dependem da atividade humana em sua relação com a vida, o modo como se faz e se interpreta o cotidiano. A relação entre esses dois saberes resulta no conjunto das diversas representações dos sujeitos. Ao se relacionar com os diferentes fatos, acontecimentos, o sujeito responde com esses dois saberes, criando assim uma representação (como se fosse o próprio real). Os enunciados presentes no dia a dia dos meios de comunicação estruturam o saber e, por sua vez, o olhar das pessoas depende da maneira como estão estruturados os seus saberes, resultando em suas representações – inclusive a respeito do corpo e da beleza.

As estratégias, por meio da mídia, são percebidas como parte do cenário cotidiano; ou seja, há um reconhecimento do que é apresentado como sendo expressões factíveis, vivenciáveis e isso resulta na constituição e expressão dos imaginários populares. Com isso, da perspectiva de uma estética midiática,

[...] aquelas que possuem condições de investir e que internalizam tal construção discursiva seguem o padrão construído, na busca desenfreada pela modelagem dos seus corpos, enquanto as que não dispõem de recursos financeiros para tais investimentos podem se sentir frustradas (SANTOS, 2008, p. 2).

Thompson (2014) afirma que Foucault não discutiu diretamente a mídia e seu impacto nas sociedades modernas. Porém, ao desenvolver em *Vigiar e Punir* (1999b) e em outros lugares, um argumento sobre a organização do poder, na opinião de Thompson (2014), o filósofo francês construiu um argumento que contribui para compreender a sociedade do espetáculo e que, em meu entendimento, permite tratar da contribuição da mídia – e das redes sociais na internet – no controle exercido sobre os corpos. O pesquisador lembra que, para Foucault, nos últimos séculos, tem funcionado a lógica de que a visibilidade funciona como um mecanismo de controle, de vigilância.

Cada vez mais os indivíduos são conduzidos a um novo sistema de poder no qual a visibilidade é um meio de controle. Eles não são mais testemunhas de um grandioso espetáculo que se desenrola diante deles, mas antes objetos de múltiplos e interligados olhares que, através do exercício diário de controle, dispensa a necessidade do espetáculo (THOMPSON, 2014, p. 176).

Isso é observável nos diferentes conteúdos midiáticos – corpos de famosos/as e anônimos/as ganham às páginas de jornais, revistas, novelas, séries, filmes, *reality shows* etc. –, que são exibidos constantemente criando a sensação de onipresença de determinados padrões estéticos. Com o surgimento da internet, esse fenômeno se amplificou, pois os corpos que se mostram nas redes, com frequência, são magros, torneados, estão praticando exercícios físicos; vestem-se com tendências da moda, estão maquiados, fazem uso de produtos estéticos entre outros.

O efeito da mídia sobre nós – aprendemos por meio dela – se dá porque participa como agente de socialização, para Setton (2010, p. 8), “junto com a família, a religião e a escola (entre outras instituições), elas [as mídias] funcionam como instâncias transmissoras de valores, padrões e normas de comportamento e também servem como referências identitárias”. Isso torna os veículos de comunicação tão poderosos quanto seus companheiros de prática pedagógica. Não quer dizer,

porém, que atuam em concordância o tempo todo. Pelo contrário, embora sejam complementares em muitas ocasiões, também há situações em que a convivência com as demais instâncias é conflituosa. “Por exemplo, uma família evangélica pode se incomodar com conteúdos televisivos que discordam dos dogmas de sua fé religiosa” (SETTON, 2010, p. 9)⁹².

A socióloga brasileira ressalta que relacionar à mídia com os processos educativos não significa compreendê-la como uma influência determinante na construção de verdades. Para Setton (2010, p. 9), não podemos atribuir uma “[...] importância irreal às mídias sem compreender à complexidade das relações que elas mantêm com as outras instâncias e situações de vida dos sujeitos”. O que a autora sustenta é que, ainda que devam ser vistas como espaços educativos, não detêm o monopólio da informação; é fato que participam da formação de uma opinião pública, contribuem para o agendamento dos temas e assuntos de interesse, divulgam saberes, contudo, não agem sozinhas.

Bruck (2006) alerta que não devemos cair na armadilha da concepção de uma recepção passiva dos conteúdos midiáticos por parte do público – se isso ocorresse, lembro, não seria possível pensar a resistência, como sustenta Foucault. “Há uma participação efetiva do receptor na construção do sentido” (BRUCK, 2006, p. 137). A história de cada pessoa, suas vivências participam desse processo e resultam na relação dela com cada discurso. Isso não significa, porém, que não esteja “[...] sujeito[a] aos processos de agendamento do debate público, à imposição de padrões estéticos, à determinação de valores” (BRUCK, 2006, p. 137).

O discurso midiático tem efeito de verdade quase sempre pelo processo de homogeneização do público. Na perspectiva de Martín-Barbero (2001), as mídias, na tentativa de falarem com o maior número de pessoas, reduzem as diferenças ao mínimo, exigem o mínimo esforço decodificador, trabalham com perspectivas discursivas previamente conhecidas a fim de que haja uma identificação por parte dos sujeitos. É imperativo que os fenômenos e a diversidade sejam simplificados a fim de que ocorra uma aproximação com o público. Com isso, a exposição dos conteúdos contribui para reforçar o já existente, pois quase não há questionamento. Para Charaudeau (2006, p. 186), “[...] querer simplificar a todo custo é correr o risco

⁹² Esta é uma das razões pelas quais optei por tratar da beleza compreendo-a como um dispositivo, pois os saberes que são construídos, por vezes, são discordantes. Afinal, Foucault, citado por Lima (2015, p. 79) estabelece que o dispositivo são “[...] estratégias de relações de força sustentando tipos de saber e sendo sustentadas por eles”.

de deformar”. É o que ocorre com os referenciais sobre beleza, pois as diferenças corpóreas são reduzidas a alguns poucos padrões.

Referenciando-se em Moran (1994), Bruck (2006) lembra que os meios de comunicação, principalmente os que utilizam recursos de áudio-vídeo-gráficos/imagens, desenvolvem formas sofisticadas de comunicação sensorial multidimensional, de superposição de linguagens e mensagens, que facilitam a aprendizagem e implicam outras formas e espaços de comunicação, alcançando um efeito bastante amplo na produção de conhecimentos. Moran (1994) sustenta que existem múltiplas formas de aprendizagem e considera que esta segue uma trilha básica: parte do concreto, do sensível, do analógico na direção do conceitual, do abstrato. Por isso, para ele, é fundamental valorizar o sensorial, pois muito do nosso conhecimento é obtido por meio de experiências sensíveis, ou seja, por meio daquilo que nos toca, nos faz sentir e emocionar. E, neste aspecto, a mídia tem considerável participação.

Neste contexto, a internet não tem contribuído de maneira significativa para produção de novos saberes, divergentes, resistentes ao que é apresentado massivamente nas chamadas mídias tradicionais. Como apontei em minha Dissertação de Mestrado defendida em 2016, embora as redes sociais se apresentem como meio “neutro”, “desprovido de ideologia”, “espaço feito por todos/as para todos/as”, lugar de manifestação livre, do pleno exercício da fala, redes como *Facebook*, *Instagram*, *Twitter* e outras, ecoam discussões e temas – inclusive saberes – pautados por outras instituições, inclusive pelos meios de comunicação de massa. “No imaginário do usuário da rede, com o *Facebook*, ele ganhou voz, direito de falar” (NEZO, 2016, p. 180-181). Contudo, o que ecoam nesse espaço discursivo são sentidos geralmente já constituídos noutros lugares. Por isso, busco mostrar na análise dos discursos sobre a beleza que, apesar do potencial que as mídias digitais possuem para dar voz às mulheres na luta por assumirem efetivamente a posse de seus corpos, elas foram educadas para uma determinada estética. Dessa forma, faz-se necessário tomar consciência de si, das relações de poder e saber, do funcionamento do dispositivo de beleza a fim de que haja um movimento efetivo de resistência, com a circulação de novos saberes, tendo a escola como um lugar estratégico para a educação dos sujeitos sobre seus corpos.

5 O FACEBOOK E O DISCURSO SOBRE SI

Embora o *Facebook* não seja a única rede social na internet, em números absolutos de usuários/as, trata-se da principal. No final de outubro de 2018, a rede possuía cerca de 2,6 bilhões; enquanto o *Youtube*, 1,9 bilhão; *WhatsApp*, 1,5 bilhão; *Facebook Messenger*, 1,3 bilhão; *WeChat*, 1,05 bilhão; *Instagram*, 1 bilhão – as demais redes ainda não haviam atingido 1 bilhão de pessoas (AGÊNCIA BRASIL, 2018)⁹³. Justamente por isso – por ser a mais comum, a que faz parte do cotidiano de um maior número de pessoas – escolhi analisar os discursos de mulheres sobre a beleza de seus corpos nesta mídia digital. Ao longo das próximas páginas, mostro a especificidade material do *Facebook* como espaço de circulação de discursos e sua participação na constituição de verdades funcionando como um dispositivo de poder.

A partir disso, além de apresentar o *Facebook* como exposto neste objetivo específico, busco mostrá-lo como um lugar de discursividades sobre si, logo como um lugar que permite a confissão e a exposição das verdades sobre os sujeitos, aspectos que serão explorados na próxima Seção, *Análise e implicações na/da educação para o cuidado de si*, após a análise das publicações selecionadas no *Facebook* e os apontamentos desenvolvidos sobre a educação. Feito isso, mostro que esse funcionamento colabora para a constituição de verdades a respeito do corpo da mulher, pois a rede também participa da educação ao contribuir para a subjetivação dos sujeitos e a maneira como estes se objetivam no mundo.

Já em 1993, o filósofo francês Pierre Lévy assegurava na obra *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática* que o mundo das telecomunicações e da informática estava alterando as formas de pensar e de conviver da sociedade. Segundo ele, as relações entre os/as homens/mulheres, o trabalho e a própria inteligência começavam a sofrer modificações de todos os tipos. “Escrita, leitura, visão, audição, criação, aprendizagem são capturados por uma informática cada vez mais avançada” (LÉVY, 1998, p. 7). Cerca de 20 anos depois,

⁹³ AGÊNCIA BRASIL. Facebook chega a 2,6 bilhões de usuários no mundo com suas plataformas. **Época Negócios**, São Paulo, 30 out. 2018. Disponível em: <<https://epocanegocios.globo.com/Empresa/noticia/2018/10/facebook-chega-26-bilhoes-de-usuarios-no-mundo-com-suas-plataformas.html>>. Acesso em: 30 out. 2018.

este tema segue sendo discutido e, para Lüdke (2012, p. 56), de certa maneira, hoje, a internet é uma espécie de mediadora da própria dinâmica da pessoa do século 21:

a internet é a primeira opção para quem quer ou precisa encontrar algo, seja uma informação, um objeto de desejo, uma rota ou até mesmo um amigo pra conversar. Ela tem de tudo e uma simples busca nos leva quase sempre ao resultado exato, à solução perfeita para o nosso problema. Porém, encontrar na internet exatamente o que se procura não ofusca o encanto que é se perder por ela. Há um lado sedutor na web, o da descoberta ao acaso, do vagar sem rumo, de um link para o outro, até que algo inusitado e fascinante domine toda a nossa atenção.

A internet mudou a própria organização da sociedade. Não adoto aqui a perspectiva de um determinismo tecnológico. Entendo, como Marquioni (2017), que a internet não determina a cultura, mas sim que novos hábitos e comportamentos culturais surgiram – e esse movimento é contínuo – a partir da rede mundial de computadores. A tecnologia, especificamente a internet, não faz nada sozinha; é a maneira como nos apropriamos e nos organizamos a partir dela que produz novos efeitos, hábitos e até uma outra cultura. "Quando as redes digitais de comunicação teceram seus fios ao redor do planeta, tudo começou a mudar vertiginosamente, e o futuro promete outras metamorfoses" (SIBILIA, 2008, p. 12). A autora ressalta que, nos meandros desse ciberespaço de escala global, "[...] germinam novas práticas de difícil qualificação, inscritas no nascente âmbito da comunicação mediada por computador" (p. 12).

Entendo que, ao reunir diferentes mídias num mesmo espaço e agregar as redes sociais, o espaço público se ampliou para uma dimensão completamente nova. Discursivamente, compreendo o espaço público como espaço simbólico no qual, inscritos na história, os sujeitos podem se relacionar, interpretar, produzir discursos, em meio a relações de força. Entretanto, comumente o espaço público era associado apenas a espaço geográfico, empírico. Com a internet, essa ideia foi sendo reconfigurada. Entendo, porém, que o espaço público já é espaço simbólico. A internet apenas abre mais às possibilidades de ele ser visto para além do geográfico.

Os limites geográficos, o espaço-tempo se desestabilizam, virtualmente se dissolvem. Distâncias geográficas não existem na internet. Transitamos de um lugar a outro em apenas um clique. O limite físico também deixou de existir. Por exemplo,

uma gaveta possui limitações e, após determinada quantidade de objetos, estará lotada. Um perfil, no *Facebook*, pode reunir ilimitados textos imagéticos e verbais, gêneros como *memes*, infográficos entre outros. Não há limites. O tempo também se tornou uma unidade que não se conta. Uma publicação pode ser vista aqui e agora, como daqui a cinco anos – é comum acessarmos conteúdos ‘antigos’ e, por vezes, o tomarmos como atuais. Além disso, a rede nos coloca em disponibilidade 24 horas, como se não existissem mais momentos reservados para descanso, privacidade etc. Outro exemplo, se às quatro horas da madrugada desejo comprar um novo *smartphone*, basta acessar uma loja virtual – ela estará aberta e a compra será concretizada em segundos.

A dimensão virtual é uma forma de representação dos sujeitos em suas diferentes práticas. Dias (2007, p. 1) sustenta a necessidade de reconhecermos que a língua em sua materialidade digital é outra.

A internet, com sua linguagem própria, e eu falo aí de uma linguagem que “põe em relação sujeitos e sentidos” (e que transgride o representável sistema da língua), cria um paradigma outro para pensarmos a língua no que diz respeito ao seu movimento histórico, social, cultural.

Isso aponta que a especificidade do meio digital funda um modo específico de dizer, de falar sobre si. Ou seja, como a língua está inserida em uma espacialidade que possui características distintas, as formas de dizer, as formulação e constituições de sentidos possuem outra dinâmica nessa materialidade. Por outro lado, a internet, principalmente por meio das mídias digitais (que popularmente são tratadas como redes sociais), possibilitou a exibição dos corpos de pessoas até então anônimas, desconhecidas, ressignificando a própria relação dos sujeitos consigo mesmos. A rede ecoa um desejo de beleza, que embora seja histórico, não tinha a mesma visibilidade e nem possuía a dimensão atual nas relações humanas, constituindo-se como uma espécie de força que motiva alguns/as a se mostrarem e, por outro lado, silencia outros/as que sentem inibidos, muitas vezes, por não possuírem os corpos almejados e/ou não estarem movimentando-se para conquistarem a estética idealizada em nossos dias.

5.1 AS REDES SOCIAIS NA INTERNET

Estar presente nas redes sociais faz parte da rotina diária de um percentual considerável de brasileiros. Segundo dados da comScore (PESQUISA..., 2014), líder global em medição de audiência digital, em 2013, o Brasil superava a média mundial do tempo médio em visitas de redes. Naquele ano, as sessões duraram, em média, 18,5 minutos enquanto a média mundial foi de 12,5 minutos por acesso. Além disso, o país era responsável por 10% do tempo total gasto por usuários em redes sociais – o país era o 2º do ranking mundial e ficava apenas atrás dos Estados Unidos. Por mês, conforme o levantamento da comScore, das 29,7 horas mensais⁹⁴ que navegava na internet, o/a usuário/a brasileiro/a ficava, em média, 12 horas conectado em redes sociais; em toda Europa, a média é 7,41 horas, e na América do Norte, 6,38 horas (PESQUISA..., 2014)⁹⁵.

Outros dados do levantamento apontaram o domínio do *Facebook* no país. O site foi responsável por 96,7% dos acessos às redes sociais e teve um crescimento de fãs brasileiros/as, entre janeiro de 2013 e junho de 2014, de 179%. Também conforme a comScore, o Brasil reúne outros números distintivos em relação à média mundial. Os/As brasileiros/as diferenciam-se do restante do mundo pelos índices de compartilhamento de conteúdo em redes sociais – usuários/as de outros países geralmente usam mais o botão ‘Curtir’ e não necessariamente compartilham conteúdos de outros/as. Por ocasião da apresentação dos dados à imprensa, em 2014, o vice-presidente da comScore no Brasil, Alex Banks, avaliou que a audiência e o engajamento dos/as usuários/as brasileiros/as chegam a ser “assustadores às vezes” (PESQUISA..., 2014).

Os três maiores posts brasileiros do Facebook em 2013, por exemplo, tiveram combinados 2,5 milhões de ações de usuários – 71% delas foram compartilhamentos. Um deles foi este post da página oficial do site de compras bomnegócio.com, que teve 443 mil compartilhamentos, contra 399 mil curtidas (PESQUISA..., 2014).

⁹⁴ O levantamento da comScore aponta que o brasileiro permanece, em média, sete horas a mais na internet do que a média mundial (ESTUDO..., 2014). Dados mais recentes mostram que o/a brasileiro/a fica, em média, seis horas *on-line* por dia e, embora o consumo de conteúdos seja diferente de pessoa para pessoa, cerca de 1/3 do tempo é dedicado aos aplicativos de redes sociais (POZZEMBOM, 2018).

⁹⁵ Existem pesquisas mais recentes sobre o tempo gasto pelo/a brasileiro/a na internet. Porém, geralmente são mais específicas – por exemplo, qual o tempo que o/a brasileiro/a gasta assistindo vídeos? Embora existam muitas estatísticas diferentes, elas convergem para um fato: o/a brasileiro/a fica muito tempo do seu dia navegando na internet – em redes sociais e/ou aplicativos.

Ainda de acordo com o levantamento da comScore, em 2013, a região Sudeste foi a responsável pela maior parte dos acessos de redes sociais, representando 51% do total. Em seguida apareceram as regiões Nordeste (19%), Sul (17%), Centro-Oeste (8%) e Norte (5%). Quando observados por Estados, São Paulo respondeu por 29% dos acessos, Rio de Janeiro, 12%, Minas Gerais, 8%, Rio Grande do Sul, 7% e Paraná, 6% (PESQUISA..., 2014). A pesquisa também mostrou que, dos 169 milhões de internautas da América Latina, 40% deles/as estavam no Brasil. Em fevereiro de 2014, o país registrou a quinta maior audiência do mundo na internet: foram 68,1 milhões de visitantes únicos/as – o crescimento foi de 11% em comparação com o mesmo mês do ano anterior (ESTUDO..., 2014). Wanderley e Cabral (2012) retomam dados de setembro de 2011 da comScore para dizer que, na época, 90,8% dos/as brasileiros/as que acessavam a internet já estavam nas redes sociais.

Dados mais recentes, divulgados em julho de 2018, mostraram que o *Facebook* seguia em crescimento no Brasil. Ao final do primeiro trimestre, já eram 127 milhões de usuários/as ativos/as mensais⁹⁶ (OLIVEIRA, 2018). Muito do sucesso está relacionado ao consumo e/ou publicação e compartilhamento de conteúdos nos *sites* de redes sociais por meio dos *smartphones* – estes já haviam superado os 220 milhões de aparelhos em abril 2014; o que significa que a quantidade de celulares inteligentes já é maior que a própria população (LIMA, 2018). Para Oliveira (2018), o acesso dos/as usuários/as ao *Facebook* pelos *smartphones*, naquela ocasião, superava 90%. Sabe-se que esse dispositivo facilita o acesso e todo tipo de interação nas redes – tendo um aparelho nas mãos, com acesso à internet, em qualquer lugar as pessoas podem publicar, curtir ou comentar uma fotografia. Ilustrando, a mulher está na academia, fotografa-se (*selfie*) e, imediatamente, divide aquele momento com toda sua rede de amigos/as, conhecidos/as e outros/as.

Entretanto, as redes sociais antecedem a internet. Estas podem ser entendidas como um tipo de relação entre humanos. Aguiar (2007, p. 2) define que “redes sociais são, antes de tudo, relações entre pessoas, estejam elas interagindo em causa própria, em defesa de outrem ou em nome de uma organização,

⁹⁶ Este número considera apenas as pessoas que efetivamente acessam frequentemente suas contas no *Facebook*.

mediadas ou não por sistemas informatizados”. Afirma que as relações cotidianas entre pessoas, sejam elas no trabalho, na escola, na família etc., podem ser consideradas redes sociais, porém também podem ser formadas para atender uma finalidade, um objetivo comum de um determinado grupo de pessoas. Withaker (1993, p. 2) define que uma rede social não possui uma liderança única; os sujeitos estão interligados numa “malha múltipla de fios” que pode se espalhar por várias partes, indefinidamente. Nela há uma vontade coletiva de realizar determinado objetivo. “Nas redes, o poder se desconcentra, por isso também a informação, que se distribui e se divulga para que todos tenham acesso ao poder que sua posse representa.” Ou seja, redes são definidas por seu caráter horizontal, desprovido de uma hierarquia rígida (MARTINO, 2014).

Martino (2014, p. 55) explica que, apesar de relativamente antiga nas ciências humanas, “[...] a ideia de rede ganhou mais força quando a tecnologia auxiliou a construção de redes sociais conectadas pela internet, definidas pela interação via mídias digitais”. Sites como o *Facebook* são popularmente identificados como “redes sociais” (quase sempre ao me referir aos sites de redes sociais, uso apenas a expressão ‘redes sociais’). Contudo, “cada rede social tem sua própria dinâmica, e isso está ligado de alguma maneira à própria arquitetura da tecnologia sobre a qual é construída a interação social” (MARTINO, 2014, p. 56). O tamanho da mensagem trocada entre os/as participantes, o tipo de vínculo que estabelecem, os gêneros textuais publicados etc. possuem suas próprias especificidades em cada um desses ambientes digitais. Quer dizer, a dinâmica do *Facebook*, a forma como os discursos são formulados, se constituem e circulam ali é distinta de outras redes.

Retomando a noção sobre a qual estava tratando, para Recuero (2009), do ponto de vista conceitual, o que temos são redes sociais funcionando em mídias digitais. Como vimos, as redes sociais precedem a existência da internet. Com a evolução tecnológica, espaços de circulação como o *Facebook*, *Twitter*, *Google+*, *Instagram*, *Snapchat* entre outros se tornaram plataformas digitais para as redes sociais. O conteúdo (mídia) compartilhado fora dos meios de comunicação tradicionais é chamado de mídia social. Já as plataformas com algum elemento tecnológico são chamadas de mídias digitais. As mídias digitais são denominadas por Boyd e Ellison (2007) de sites de redes sociais e as definiram como aqueles sistemas que permitem a construção de uma persona através de um perfil ou página

pessoal; a interação por meio de comentários; e a exposição pública da rede social de cada ator.

A grande diferença entre sites de redes sociais e outras formas de comunicação mediada pelo computador é o modo como permitem a visibilidade e a articulação de redes sociais, a manutenção de laços sociais estabelecidos no espaço off-line (RECUERO, 2009, p. 102).

A autora diz que “uma rede social é definida como um conjunto de dois elementos: atores (pessoas, instituições ou grupos; os nós da rede) e suas conexões (interações ou laços sociais)” (RECUERO, 2009, p. 24). Reitera, portanto, que não é possível isolar os atores sociais e suas conexões. Estas podem ser definidas por suas interações nas redes. Um ator social não é imediatamente definível ou identificável, pois ele pode ser representado por um perfil no *Facebook*, *Twitter*, *Instagram* entre outros, sem necessariamente ter uma identificação como sujeito de direito – um/a cidadão/ã, com nome de registro civil, endereço, telefone etc. – alguém juridicamente identificável e responsável pelas publicações. Por isso, conforme Recuero, é possível dizer que os atores sociais não são necessariamente atores, mas representações de atores.

A pesquisadora aponta que, desde o Orkut⁹⁷, muitos/as usuários/as criam contas falsas para não serem identificados/as na rede e ainda assim interagirem com outros/as usuários/as⁹⁸. O fato de existirem perfis falsos não fragiliza esta Tese e nem indica que o ambiente digital não ecoe as verdades dos sujeitos sobre si. Marquioni (2017, p. 226) lembra que, fora da internet, “[...] nós todos utilizamos vários avatares durante o cotidiano desde sempre”. Adotamos personagens específicos para cada ocasião – ambiente familiar, trabalho, escola, relacionamentos etc. Nietzsche (DIAS, 2015) afirmava que a multiplicidade de personagens não deve ser compreendida como manifestações falsas sobre os sujeitos. Para o filósofo, “não existe um verdadeiro eu, pois ninguém pode estar certo de ter se despojado de

⁹⁷ O *Orkut* foi uma rede social criada em 2004 por um funcionário do Google e, no Brasil, até 2011, era a principal rede social, com maior número de usuários (FACEBOOK..., 2012). Entretanto, naquele ano, foi ultrapassado pelo *Facebook*. Em setembro de 2014, o Google encerrou os serviços da rede (REDE..., 2014).

⁹⁸ Justamente por isso, uma parte do material que havia sido arquivado para composição do *corpus* foi descartada em função de suspeitar que as pessoas que se apresentavam no *Facebook* poderiam não ser as mesmas que postavam na rede social. Ainda que o site tenha mecanismos para evitar contas falsas, muitas pessoas conseguem burlar o sistema e criam perfis que ocultam a identidade do/a usuário/a.

todas as suas máscaras – por trás de cada máscara, há sempre muitas outras máscaras; por trás de cada pele, outras peles” (DIAS, 2015, p. 236-237).

Para Recuero (2009), as redes sociais na internet são lugares de circulação de conteúdos que servem de representação dos espaços sociais com os quais se identificam os/as usuários/as. Quando a autora (2009) defende esta ideia de que, nas redes, há representações dos espaços sociais com os quais os/as usuários/as se identificam, podemos entender que esse também é um espaço de discursividades. A realidade do sujeito se estende para a rede, ecoa nela e, por vezes, formula-se e se constitui ali reverberando noutros espaços sociais. Por isso, deve ser compreendida como continuação do que comumente é chamado de mundo real. Não há uma dicotomia ou distinção entre dois mundos – *on-line* e *off-line*. “A internet seria uma continuação da vida comum vivida” (MARQUIONI, 2017, p. 225). É necessário entender a internet como parte do mundo conhecido, não está descolada do cotidiano, das experiências de vida.

Orlandi (2008, p. 9), ao tratar da formulação dos discursos, ressalta que sujeito e sentido têm sua “corporalidade articulada no centro da materialidade da língua com a materialidade da história”. O sujeito das redes sociais na internet, que pode ou não ser identificável, e que por ali transita tentando ter controle dos sentidos, também está ligado ao corpo social. Essa formulação se desenha em circunstâncias particulares, porém, no momento em que diz o que diz, o sujeito “representa seus desígnios, suas expectativas, suas determinações” (ORLANDI, 2008, p. 10) – e mostra suas diferentes faces e verdades a respeito de si. Como lembra Nietzsche, não somos um único homem ou uma única mulher; em nós, somos numerosos seres, passamos de uma individualidade a outra constantemente e, por vezes, sem sequer nos darmos conta disso (DIAS, 2015).

Para Recuero (2009), esse lugar de expressão e representação dos espaços sociais só se constrói em virtude dos movimentos nas redes de sujeitos que falam sobre si, de outros e ainda sobre coisas. E esse é um dos imperativos das redes: para existir nas redes é necessário conectar-se, logo, mostrar-se e interagir com outros/as usuários/as. As interações são uma das formas mais visíveis de conexão e compreendem as ações de cada ator social, conforme a autora. Implicam em ações de “reciprocidade de satisfação” entre um/a usuário/a da rede e seus pares. “São parte de suas percepções do universo que os rodeia, influenciadas por elas” (RECUERO, 2009, p. 31).

Essa rede que se espalha, que parece infindável, também se sustenta sob a lógica do que Lévy (1998) chama de 'hipertexto'. Embora essa noção seja geralmente aplicada à possibilidade de um texto verbal remeter a outro por meio de um recurso conhecido como *hiperlink*⁹⁹, o filósofo francês aponta que a internet funciona por meio de ligações sem qualquer classificação hierárquica. O/a usuário/a navega indo de um lugar a outro num emaranhado continente de saberes e por ali percorre trilhas imaginárias e não lineares. Esse conjunto de nós, ligados por conexões, “[...] podem ser palavras, páginas, imagens, gráficos ou partes de gráficos, sequências sonoras, documentos complexos” (LÉVY, 1998, p. 33). Embora o autor não trate especificamente das redes sociais, podemos observar que o funcionamento desta se dá de maneira semelhante, pois, como diz Recuero (2009), nelas ocorrem hiperconexões e a proximidade entre sujeitos é potencializada pelo modo como elas se organizam.

A partir da noção de hipertexto de Lévy, Grigoletto (2009) afirma que, na dispersão da internet, leitores/as desconhecidos/as se confundem com autores/as. Isso porque, pessoas que até então eram apenas consumidoras de conteúdo (leitoras) puderam se tornar produtoras, seja por meio da publicação de um texto verbal ou imagético. Isso faz com que, conforme a autora, estejamos “[...] diante de um processo de (re)invenção da escrita, no qual novos códigos, novas palavras e novas regras são criadas, consideradas válidas, as quais (re)significam e produzem sentidos” (GRIGOLETTO, 2009, p. 2). Ela aponta que essa “(re)invenção da escrita [...] implica novas formas de leitura, bem como novas formas dos sujeitos se relacionarem com a escrita e, conseqüentemente, com a história”. Segundo a autora, isso não liberta o/a usuário/a da rede de sua determinação histórica: a forma-sujeito do capital (GRIGOLETTO, 2009), por isso, é necessário entendê-lo em sua ambigüidade que atua sobre o seu dizer também nas redes sociais na internet. “Os sujeitos-internautas estão determinados por uma forma-sujeito do capital” (GRIGOLETTO, 2009, p. 2) e, desta forma, “devem acompanhar, estar moldados à velocidade dessa sociedade. Tratam-se de sujeitos ávidos, desejosos por dizer, por consumir, por interpretar, enfim, por produzir sentidos” (GRIGOLETTO, 2009, p. 2).

⁹⁹ Trata-se de uma hiperligação viabilizada por um programa de computador. Esse sistema permite que, ao clicar numa determinada palavra ou frase destacada num texto em circulação na internet, o leitor possa ter acesso a outro conteúdo que trate daquele assunto. As hiperligações são partes dos fundamentos da linguagem da internet e funcionam como atalhos para outros conteúdos que, por sua vez, podem remeter a outros e mais outros. Não há limites para essas ligações.

Há um outro aspecto nessa “forma-sujeito do capital”, mencionado pela autora, embora não discutido por ela: esse sujeito, numa sociedade capitalista, é valorado pelo que parece ter, inclusive no que diz respeito ao seu corpo. Como foi possível ver em Seções anteriores, é requerido da mulher que se tenha um corpo belo – entendido como um corpo magro, sem gordura, de contornos bem definidos, pele sem manchas, cabelos devidamente tratados, pintados etc. Nesse contexto, a rede (no caso, o *Facebook*) não liberta essa mulher; pelo contrário, está condicionada a se exibir como ‘mulher bela’, a jogar com seu corpo, seduzir, ser *sexy*. E a imposição desse padrão de beleza tem relação com objetivos do capital, pois, na época atual, o capitalismo alcançou seu apogeu, “[...] com domínio absoluto do mercado em todas as esferas da vida e do planeta inteiro” (SIBILIA, 2002, p. 28).

A ideia defendida por Grigoletto (2009) também aponta para outra característica das redes, que é sustentada por Sibilia (2002) ao tratar dos diários íntimos na internet e da crise da interioridade psicológica e atesta que nas redes está em funcionamento o que chama de “imperativo da visibilidade”¹⁰⁰. Ela reforça o argumento de que é necessário se fazer notar, por meio de publicações e interações com outros usuários/as, para existir no ciberespaço – diria ainda que, para existir e se mostrar como relevante (atrair curtidas, comentários, compartilhamentos), esta mulher precisa reivindicar e falar/mostrar de si, de sua beleza. Talvez mais do que ser visto/a, explica, essa visibilidade seja um imperativo para a socialidade mediada pelo computador. Sibilia (2008) afirma que as redes determinam uma nova forma de ser e de agir no mundo. Isso, sob o ponto de vista dela, inaugura outros modos de subjetivação de sujeito.

Na perspectiva de Sibilia (2008, p. 50), “[...] a espetacularização da intimidade tornou-se habitual, com todo arsenal de técnicas de estilização das experiências de vida e da própria personalidade”. Seja no *Facebook* ou noutras redes sociais, frequentemente, não há pudor, nem receio de se expor. O que temos é uma “[...] abundância de narrativas autobiográficas que se multiplicam sem cessar” (p. 50). A subjetividade do sujeito, portanto, é formada para portar-se como personagem, pronto para as câmeras, poses, para converter-se na personalidade do momento – uma subjetividade na qual “[...] espetáculos do eu que borbulham nas telas” (p. 51).

¹⁰⁰ O “imperativo da visibilidade” é um conceito desenvolvido por Sibilia e que aparece principalmente em sua obra *O show do eu*.

A autora aponta que "os modos de vida e os valores privilegiados do capitalismo" fizeram surgir uma "subjetividade que deseja ser amada e apreciada, que busca desesperadamente aprovação alheia" (SIBILIA, 2008, p. 235). Por isso não é de se estranhar que uma mulher publique fotos de seu corpo na Rede e pareça esperar as curtidas, comentários e até compartilhamentos. Embora mencione mais especificamente os *blogs* (até pela época de publicação do estudo), Sibilia (2008) ressalta que os comentários deixados nos sites de redes sociais são fundamentais, funcionam como apoio aos/as autores/as das publicações. "A verdadeira criação colocada em jogo é subjetiva [...] são os autores[as] – estilizados[as] como personagens – que precisam dessa legitimação concedida pelo olhar alheio" (SIBILIA, 2008, p. 236).

A rede potencializou e amplificou o espetáculo da vida. "[...] As vidas reais contemporâneas são impelidas a se estetizarem constantemente, como se estivessem sempre na mira dos fotógrafos paparazzi. [...] é preciso estilizar a própria vida como se pertencesse ao protagonista de um filme" (SIBILIA, 2008, p. 241). Cita que a internet proporcionou a criação inclusive do assessor de imagem, profissionais que antes atuavam com políticos/as, empresários/as, figuras públicas etc. e, hoje, também atendem pessoas que desejam ter ajuda especializada para polir seu aspecto e aparência, exibindo uma imagem que melhor combine com sua personalidade. Afinal, no regime de visibilidade, desejam se tornar celebridade, serem vistos/as, notados/as, aplaudidos/as.

A internet cria a ilusão de que todos/as podem se tornar celebridades. Alguns/mas, de fato, tornaram-se conhecidos/as para milhares e até milhões de pessoas em virtude das mídias digitais. Cito como exemplo a influenciadora digital, considerada musa *fitness*, Gabriela Pugliesi. Em dezembro de 2018, possuía mais de 3,9 milhões de seguidores no *Instagram* e 652 mil no *Youtube*¹⁰¹. Tendo sido considerada gordinha no passado, a fama dela foi construída com a exposição de seu cotidiano, a busca por um corpo magro e o discurso de que, com esforço, é possível se tornar bonita. O canal dela no *Youtube* chama-se *Vendi meu sofá*, partindo da ideia de que, para ser magra, é necessário deixar o conforto do sofá de casa e se exercitar.

¹⁰¹ Os números atualizados podem ser confirmados acessando as respectivas redes sociais.

Para Recuero (2013), a conversação em rede é por definição pública. Embora, como aponta Sibilia (2002), exista uma espécie de necessidade do sujeito mostrar-se, a visibilidade na rede também se constitui em uma reordenação dos modos de conversar. Recuero (2013) lembra que, para que alguém possa participar da conversação, é preciso não apenas ser visível, mas que a conversação esteja visível. Outra especificidade das redes sociais na internet é que, para que haja participação, é necessário oportunizá-la; ou seja, o usuário da rede deve aceitar que as conversações sejam divididas, publicadas e republicadas por outros sujeitos que queiram participar. Quando a pessoa publica algo na rede social, especificamente no *Facebook*, de certo modo coloca-se diante do público para ser julgada, avaliada, aplaudida ou criticada. Serviços como o botão compartilhar do *Facebook* e *Google+*, também o *retweet*¹⁰² do *Twitter* publicizam a conversação dando ainda mais visibilidade ao que é dito e isso permite que grupos diferentes participem da conversa.

Há um jogo de relações de força em funcionamento nas redes sociais. Sibilia (2002, p. 41) explica que "a interação afinada entre poderes e saberes é responsável pela criação das mais diversas tecnologias de poder, numa alimentação mútua que jamais cessa". A presença do/a usuário/a nas redes é regulada, administrada, controlada. Os sujeitos são interpelados a dizer, são regidas as práticas nas quais estão inseridos, fazendo-os crer que as coisas são assim e não poderiam ser de outra maneira, pois os saberes produzidos reconduzem e reforçam os efeitos de poder (SIBILIA, 2002). As redes sociais na internet, embora tenham especificidades distintas das instituições especializadas (igreja, escola, família, imprensa etc.), funcionam sob lógica semelhante: a existência do sujeito na rede é forjada, os sujeitos se submetem às regras que ali funcionam e, por efeito do poder, ainda assim sentem-se livres. Ou seja, corpos e subjetividades estão sendo construídos com a ajuda da informática.

A necessidade de dizer, de se expor na rede para que o sujeito exista e não seja excluído (no sentido de deixar de ser visto) é uma das formas de regulação, uma espécie de sanção. É imperativo estar na rede e esta, ao romper o espaço-

¹⁰² O *retweet* é um mecanismo do *Twitter* que permite a um usuário republicar o conteúdo de um/a outro/a usuário, acrescentando ou não um comentário, clicando apenas num botão. Funciona de maneira semelhante ao "compartilhar" do *Facebook* e *Google+*. Ambos sites de redes sociais permitem que os/as usuários/as compartilhem conteúdos já em circulação apenas clicando num botão identificado abaixo na postagem.

tempo, faz com que as pessoas estejam acessíveis 24 horas por dia, independente da localização geográfica no mundo físico (SIBILIA, 2002). É neste contexto que funciona o termo “engajamento”. Rosa (2012), no livro *Para entender as mídias sociais 2*, usa o termo engajamento para definir quem tem visibilidade na rede. Ele ressalta que, embora o termo pareça lembrar luta, envolvimento numa causa, quase um ato de “estar pronto para a batalha”, na rede o sentido se desloca para fazer referência ao/à usuário/a que participa, debate, compartilha, faz publicações. Para Rosa, engajado/a é quem se revela mais presente, quem estimula o diálogo, que comenta e responde comentários. Implica troca, ser/estar visível.

Rosa (2012) cita uma pesquisa realizada na década de 1990 pela Companhia Americana de Telecomunicações AT&T (American Telephone and Telegraph), que trata sobre a desigualdade de participação na rede, para mostrar que nem todos/as os/as usuários/as da rede são necessariamente engajados/as nesses aspectos (partilhamento de conteúdos, debate etc.); nem todos/as participam ativamente, mas ainda assim, estão ali acompanhando o desenrolar dos debates, observando as conversas, curtindo e assegurando visibilidade aos assuntos que vão sendo pautados. De alguma maneira, também estão sendo afetados/as por diferentes maneiras de significar o mundo, estão sendo subjetivados/as na/pela rede.

Na rede, os sujeitos, também identificados/as como usuários/as, parecem impelidos a partilhar suas experiências, como se tivessem uma “obrigação fraterna”, na definição de Bauman (2003), de participar dessa rede. Na obra *Comunidade: a busca por segurança no mundo atual*, o sociólogo polonês caracteriza essa suposta necessidade de estar ligado aos/às demais membros da rede. Trata-se de uma “obrigação fraterna de partilhar as vantagens entre seus membros, independente do talento ou importância deles” (BAUMAN, 2003, p. 59). Embora o autor entenda que a noção de comunidade não seja possível aplicar em sua totalidade aos/às usuários/as da rede (por não haver aqui o mesmo apego, comprometimento entre os membros da rede, já que as experiências são fluídas, líquidas), estes/as ainda assim sentem uma espécie de carência de se aproximar de outras pessoas, de partilhar suas vivências – mesmo que os/as ‘amigos/as’ de hoje não estejam mais na rede amanhã.

Para Bauman (2003), os sujeitos, após integrados na ‘comunidade’, necessitam interagir, pois, do contrário, há muito a perder. Embora seja uma perda simbólica, em sites como o *Facebook*, não dizer de si representa quebrar um dos

nós que ligam essa comunidade virtual e, conseqüentemente, aceitar uma espécie de exclusão do meio. Sobre isso, Recuero (2009, p. 137) afirma que

os elementos formadores da comunidade virtual seriam: as discussões públicas; as pessoas que se encontram e reencontram; [...] o tempo; e o sentimento. Esses elementos, combinados através do ciberespaço, poderiam ser formadores de redes de relações sociais, constituindo-se em comunidades.

A autora ressalta que a “interação persistente” (p. 137) é um dos elementos fundamentais da comunidade virtual. Desta forma, entendemos que faz parte de uma lógica regulatória das mídias digitais, sendo uma espécie de obrigação, a troca de conteúdos, de exposição da privacidade, de intimidades, e isso para alcançar e/ou se manter como parte da comunidade. Costa (2005, p. 240) sugere que, em certa medida, semelhante ao que fazem as instituições (escolas, igrejas, empresas e famílias), as redes sociais exercem “um papel regulador e mediador de processos mais profundos”.

As redes sociais na internet representam, segundo Costa (2005), uma nova forma de manter certos laços relacionais. Ele ressalta que isso ocorre porque, conforme sociólogos/as urbanos/as, “o tamanho, a densidade e heterogeneidade das cidades contemporâneas têm alimentado laços superficiais, transitórios, especializados e desconectados nas vizinhanças e ruas” (COSTA, 2005, p. 238). Ou seja, como as redes pessoais estariam se esgotando, com os laços de família extensos se esvaziando, deixando os sujeitos sozinhos e com alguns/as poucos/as amigos/as, as redes na internet permitiriam uma nova forma de se sentir parte, de pertencer a uma comunidade. “Isso nos remete a uma transmutação do conceito de ‘comunidade’ em ‘rede social’” (COSTA, 2005, p. 239).

Na perspectiva do autor, tal fenômeno tem provocado uma revolução na forma de interação entre as pessoas, no modo de contato entre os sujeitos. Para ele, “vivenciamos hoje, com o surgimento do ciberespaço, a multiplicação das ferramentas de colaboração on-line, as tecnologias de comunicação móvel se integrando às mídias tradicionais etc.” (COSTA, 2005, p. 246). Aponta, ainda, que existe um deslocamento no que se pode compreender como laços sociais, pois as redes sociais na internet motivaram o surgimento de novas formas de comunidade. O próprio sentido que se tem do que são as relações interpessoais é bem diferente

daquele com a qual a sociedade estava acostumada. “Estamos diante de novas formas de associação, imersos numa complexidade chamada rede social, com muitas dimensões, e que mobiliza o fluxo de recursos entre inúmeros indivíduos distribuídos segundo padrões variáveis” (COSTA, 2005, p. 239).

Para o pesquisador americano Rheingold (1994), que estuda os modernos meios de comunicação, as redes sociais na internet parecem estar em expansão por diferentes motivos. O primeiro deles seria a diminuição dos espaços públicos físicos na mesma medida em que são potencializadas as experiências virtuais – o que confirma o argumento de Costa (2005), citado anteriormente. Outra razão seria o próprio entusiasmo provocado pelo fato de as redes se apresentarem como inovadoras e oferecerem maior facilidade nos processos de interação. Numa obra um pouco mais recente, *Multitudes inteligentes: la próxima revolución social*, publicada em 2004, Rheingold comenta sobre as pesquisas que realizou na década de 1990 e lembra que, na época, buscava entender justamente o que levava as pessoas às redes sociais na internet. Além de reafirmar as hipóteses anteriores, acrescenta que, nas redes, os sujeitos têm a sensação que ali podem depositar seus conhecimentos e estados de ânimo; em troca, pensam obter novos conhecimentos e oportunidades de sociabilidade.

Na opinião de Costa (2005, p. 244), “testemunhos como os de Howard Rheingold, por exemplo, vêm comprovando que a sinergia entre as pessoas via *web*, dependendo do projeto em que estejam envolvidas, pode ser multiplicada com enorme sucesso”. Para Rheingold (2004), essa é uma especificidade da própria internet, pois sua arquitetura básica inclui contratos sociais cooperativos. O pesquisador ressalta que a própria criação da internet se deu por meios cooperativos e que seu futuro e inovação dependem dessa dinâmica de troca de experiências, conhecimentos. Tendo como referência o sociólogo e pesquisador de redes sociais Barry Wellman, Rheingold (1994) explica que, embora as redes sociais existam antes mesmo da internet, esta tornou possível a sensação de pertencimento de um espaço que não se limita mais ao bairro, à igreja ou à escola que o sujeito frequenta.

As comunidades virtuais são agregados sociais que surgem da Rede [Internet], quando uma quantidade suficiente de gente leva adiante essas discussões públicas durante um tempo suficiente, com suficientes sentimento humanos, para formar redes de relações

personais no espaço cibernético [ciberespaço] (RHEINGOLD, 1994, p. 20).

Além disso, o/a usuário/a da internet pode se vincular a inúmeras redes ou apenas transitar por elas como uma espécie de visitante. Isto sugere que as conexões e interações são constitutivas desse meio de comunicação.

Outro aspecto levantado por Recuero (2009) é de que, nas redes, as pessoas são percebidas e julgadas por suas palavras, por suas publicações. Apropriando-se do pensamento da pioneira em estudos sobre mídias sociais Judith Donath, do *Media Group Sociable*¹⁰³, Recuero (2009, p. 27) reitera que “é preciso, assim, colocar rostos, informações que gerem individualidade e empatia, na informação geralmente anônima do ciberespaço”. É no espaço da rede que os sujeitos se expressam e pelo qual constroem um campo de percepção do outro. Assim, por meio da comunicação entre atores na rede é que a identidade é estabelecida e reconhecida pelos demais, observa a autora.

Num de seus estudos sobre o assunto, Donath (1999) procura definir quem é o/a usuário/a da internet. Trata-se de um sujeito, diante do computador, que pode criar várias identidades eletrônicas, as quais seguem ligadas a uma única pessoa, que responde por esses diferentes perfis. Ela exemplifica que um homem pode criar uma identidade feminina; um estudante do Ensino Médio pode afirmar ser um especialista em viroses; pacientes desesperados/as por cura leem os pronunciamentos de um virologista virtual sobre tratamentos novos de Aids (Síndrome da Imunodeficiência Adquirida), acreditando que eles sejam apoiados por conhecimento científicos. Isso, de acordo com a autora, cria reputações virtuais. Conforme Donath (1999), essas reputações, na mesma medida que podem ser estabelecidas, podem ser contestadas por outros/as usuários/as.

Donath (1999) declara que a rede é um grande nivelador: ninguém sabe se você é homem ou mulher, chefe ou subordinado, grisalho ou adolescente. "Na internet, ninguém sabe que você é um cachorro" (DONATH, 1999, p. 10, tradução minha)¹⁰⁴. Mas ela também diz que isso não é necessariamente uma vantagem, pois, fora da rede, o sujeito pode possuir certo *status*, autoridade, mas nem sempre é possível saber se trata-se de um/a profissional respeitado/a no trabalho ou de

¹⁰³ O *Media Group Sociable* é um grupo de pesquisas em mídias sociais ligado ao MIT, Massachusetts Institute of Technology. A universidade foi fundada em 1861 e é um centro mundial de pesquisa em ciência, engenharia e tecnologia.

¹⁰⁴ "On the Internet, nobody knows you're a dog" (DONATH, 1999, p. 10).

um/a adolescente conectado/a em um quarto. Entretanto, explica, a mesma rede que pode ocultar identidades permite um mundo de interações complexas, que mistura pessoas de culturas diferentes do mundo real e de culturas diferentes do mundo virtual; “um mundo em que os limites existem apenas como mecanismos sociais e ambos são fluidos e surpreendentemente duráveis” (DONATH, 1999, p. 23, tradução minha)¹⁰⁵. A autora ainda ressalta que esse “é um mundo que tem evoluído de um complexo sistema de sinais e comportamentos que ajuda na criação de identidade e no controle de identidades enganosas” (DONATH, 1999, p. 23, tradução minha)¹⁰⁶.

Recuero (2009) aponta que não é possível falar em redes sociais na internet levando em conta apenas os fatores tecnológicos em questão. É fundamental entender que sujeitos estão se relacionando, porém mediados por uma tecnologia. E essa especificidade afeta essas relações. Os vínculos são frágeis; da mesma forma que hoje uma pessoa pode estar em minha rede, ser minha amiga, posso excluí-la no dia seguinte. (MARTINO, 2014, p. 55) ilustra: “na família ou com os amigos, por exemplo, o vínculo principal é o afeto, enquanto nas religiões um dos laços principais é a fé compartilhada entre os adeptos, e nas empresas vínculos se pautam no desejo comum de sucesso”. Por outro lado, diz, “nas redes, por sua vez, os laços tendem a ser menos rígidos. Em geral, são formados a partir de interesses, temas e valores compartilhados, mas sem a força das instituições e com uma dinâmica de interação específica” (p. 55).

Recuero (2009) sustenta que há outra dinâmica em funcionamento e isso interfere nas posições ocupadas pelos sujeitos em suas relações. Logo, discursivamente falando, é possível considerar que, sendo outras as condições de possibilidades, o sujeito e sentidos devem ser compreendidos “[...] na contradição dos acontecimentos, no caso, o acontecimento das novas tecnologias digitais” (DIAS; COUTO, 2011, p. 632). Afinal, este indivíduo ocupa a posição-sujeito da rede; seus discursos são mediados por essas condições possíveis no *Facebook* e noutras redes.

Donath (1999) aponta que o mundo *on-line* é um ambiente totalmente construído, inclusive tecnologicamente. “Os arquitetos de um espaço virtual – dos

¹⁰⁵ “[...] a world in which the boundaries exist only as social mechanisms and are both fluid and surprisingly durable” (DONATH, 1999, p. 23).

¹⁰⁶ “It is a world that has evolved an intricate system of signals and behaviors that aid in establishing identity and in controlling identity deception” (DONATH, 1999, p. 23).

criadores de *software* aos administradores do site – moldam a comunidade de uma forma mais profunda do que o seu homólogo do mundo real” (DONATH, 1999, p. 22, tradução minha)¹⁰⁷. Para a pesquisadora, as pessoas comem, dormem e trabalham em construções; as construções afetam quão felizes elas fazem essas coisas. Mas as construções não controlam completamente a sua percepção do mundo.

No domínio eletrônico, o desenho do ambiente é tudo. Se você vai ou não saber que outras pessoas estão presentes ou a par de uma conversa, se você pode conectar uma identidade on-line com uma pessoa do mundo real, se você tem apenas uma leve noção das personalidades daqueles que o cercam ou uma impressão vibrante e detalhada – tudo isto é determinado pelo desenho do ambiente (DONATH, 1999, p. 22, tradução minha)¹⁰⁸.

Há necessidade de considerar as especificidades dessas interações. E estas possuem uma dinâmica própria nas redes sociais na internet. A primeira especificidade, conforme Recuero (2009), é que os atores nem sempre se dão imediatamente a conhecer. A segunda está diretamente relacionada ao meio técnico, pois este permite que a interação permaneça mesmo após o sujeito estar desconectado da rede. Ou seja, outros/as usuários/as podem curtir, comentar ou compartilhar um conteúdo, mandar mensagem etc. enquanto o sujeito está *off-line*. Isso significa que as interações também são assíncronicas – não precisam ser em tempo real. A interação também não é necessariamente reativa quando ocorre apenas entre os sujeitos estimulados. Outro alguém, “de fora”, pode interagir ocasionalmente sem necessariamente fazer parte do grupo de “amigos/as”.

Para Miller *et al.* (2016), esse movimento não significa a perda da autenticidade. Contestam que os dispositivos digitais são uma forma de mediação aumentada que leva a uma perda de autenticidade. Isso porque, como dizem, a própria Antropologia rejeita a ideia da ausência de mediação, referente a todos os aspectos da identidade e dos relacionamentos. Nessa perspectiva, identidade e relacionamentos são intrinsecamente mediados pela cultura e por regras sociais. Quando nos encontramos, mesmo a comunicação ‘cara a cara’, é mediada por

¹⁰⁷ “The architects of a virtual space – from the software designers to the site administrators – shape the community in a more profound way than do their real-world counterpart” (DONATH, 1999, p. 22).

¹⁰⁸ “In the electronic domain, the design of the environment is everything. Whether or not you know that other people are present or privy to a conversation, whether you can connect an on-line identity to a real-world person, whether you have only a faint notion of the personalities of those around you or a vibrant and detailed impression – this is all determined by the design of the environment” (DONATH, 1999, p. 22).

convenções e etiqueta sobre o comportamento apropriado entre aqueles/as que conversam. Por exemplo, regras de parentesco podem limitar o que alguém vai dizer de forma tão eficaz quanto os limites tecnológicos. Por isso, como afirmam Miller *et al.* (2016), a comunicação *on-line* pode ser considerada como uma mudança na mediação cultural, mas não faz um relacionamento mais mediado e nem é possível atribuir mais autenticidade à comunicação *off-line*.

Miller *et al.* alertam que existe o perigo de que nossa ansiedade sobre a nova tecnologia nos conduza simplesmente a negligenciar a natureza mediada da sociabilidade *off-line* anterior – agora assumida como não só mais ‘real’, mas também mais ‘natural’. Os/As autores/as comentam que as tecnologias digitais potencializaram, *on-line*, formas de sociabilidade que sem elas não seriam possíveis. Ilustram que, atualmente, há utilização cada vez maior de *webcam* e de câmeras frontais de *smartphones* que permite que casais e outras pessoas, que vivem separados/as, possam se sentir como se estivessem vivendo juntos/as. Ao estudar esta prática, Miller *et al.* (2016) entendem que as formas de interação, evasão e silêncios, que as pessoas adotavam quando viviam anteriormente dentro do mesmo espaço doméstico, foram ressignificadas, automatizaram-se e criaram outros momentos e formas de interação *on-line*.

Eles/as lembram que, comumente, usamos o termo ‘amigo/a do *Facebook*’, mas se torna uma espécie de categoria inferior de amizade e sugere uma oposição entre amizades *on-line* e *off-line*. Após observarem o comportamento de usuários/as em diferentes países, ressaltam que se os/as brasileiros/as tiverem relações cordiais de amizade *off-line*, provavelmente estarão também no *Facebook*. A mídia poderá ajudar a cultivar e melhorar essa amizade; se não há vínculo, o fato de serem ou não amigos/as no *Facebook* pode fazer pouca ou nenhuma diferença para o relacionamento fora da rede. Lembram que, na maioria das vezes, as mídias digitais também podem ser um espaço onde amigos/as de amigos/as e parentes se transformam em amigos/as. Por outro lado, desde o início da internet, as pessoas usaram diferentes estratégias *on-line* para discutirem questões que podem ter achado difíceis de compartilhar com quem conhecem *off-line*. Muitas vezes compartilham segredos íntimos com estranhos/as da vida ‘real’, interagem com eles/as, mostram-se e até exibem seus corpos.

O funcionamento da internet em sua complexidade desestabiliza os conhecimentos e compreensão que tínhamos das mídias, inclusive na relação com o

público. A mídia, como sistema de informação, sempre foi constituída por um público preferida – a quem se dirige. Na rede, como lembra Marquioni (2017), não há nenhum público predefinido, não há audiência específica. "Por mais inusitado que seja o conteúdo oferecido, uma vez que a rede tem alcance global, em algum momento, a postagem alcançará alguém que por ela se interesse" (p. 196). A própria noção dos meios de comunicação como massivos passou a ser ressignificada com o desenvolvimento da rede mundial de computadores "[...] a partir do momento em que as pessoas ganharam autonomia para publicar conteúdos" (p. 221). Isso não significa necessariamente uma ameaça à chamada grande mídia, mas a presença de outra maneira de ter e fazer comunicação.

Para Marquioni (2017), há um processo de reconfiguração do modo de uso de todos os meios. É possível assistir televisão no *smartphone*, acessar a internet na televisão, conectar-se à internet por meio do relógio etc. Isso tem promovido uma constante atualização tecnológica e estratégica. "O fato é que os meios necessitaram se reinventar no transcorrer das décadas e mesmo dos séculos, tornando-se tanto extensões do corpo quanto recursos mais adaptáveis a contextos distintos" (MARQUIONI, 2017, p. 224).

Compreender o funcionamento desses espaços virtuais se constitui um desafio (COSTA, 2005). Para o autor, o fato de os sujeitos estarem cada vez mais conectados e interconectados não significa a imposição de um modelo previamente estabelecido. Entende que a formação dessa comunidade na internet é fruto de uma "ádua e constante negociação" entre sujeitos distintos em suas formações. "E não podemos esquecer que tal negociação não é nem evidente nem tampouco fácil" (COSTA, 2005, p. 236). O pesquisador também ressalta que a própria ideia que se tem de preferências, geralmente apontadas como 'preferências individuais', é equivocada, pois, de fato, são resultado de uma construção coletiva, num constante jogo de confrontos que se dão por meio de sugestões e induções que constitui a "própria dinâmica da sociedade" (COSTA, 2005, p. 236).

Donath (1999, p. 9, tradução minha) acrescenta outro aspecto que, para nossa pesquisa, é bastante significativo: as redes são espaços de manifestação da linguagem e esta "[...] é também um importante indicativo da identidade de grupo"¹⁰⁹. Afirma que, em relação aos membros do grupo, a linguagem é um fator-chave – um

¹⁰⁹ "Language is also an important indication of group identity" (DONATH, 1999, p. 9).

crachá de identificação – tanto para a percepção de si mesmo quanto externa. Padrões de linguagem evoluem dentro dos grupos de discussão conforme os participantes desenvolvem estilos idiossincráticos de interação – especialmente frases e abreviaturas. “Alguns são comuns a todos os grupos [...]. Outros são de extensão limitada” (DONATH, 1999, p. 9, tradução minha)¹¹⁰.

Para Recuero (2009), as redes estão modificando os processos sociais e informacionais da sociedade. Acrescento que isso ocorre numa velocidade difícil de se historicizar – basta notar que até mesmo os dados aqui apresentados certamente estão desatualizados no momento da defesa e publicação desta Tese. Por outro lado, os diferentes fatos históricos circulam pelas redes em gêneros distintos que vão desde a piada, notícias até campanhas de mobilização social. Exemplo disso foram os movimentos que nasceram na internet, especificamente nas redes sociais, e “[...] desafiaram instituições políticas na Europa e nos Estados Unidos” (CASTELLS, 2013, p. 27). Nos últimos dez anos, vários acontecimentos mundiais ganharam força e/ou repercussão significativa na rede. Na Tunísia, uma série de protestos surgiu em 2010, em um movimento denominado “a revolução da liberdade e da dignidade”, que culminou com um novo espaço democrático naquele país e eleições abertas em outubro de 2011. Segundo Castells (2013), na obra *Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet*, o país que sofria com a censura, com o cerceamento de direitos básicos dos cidadãos, abriu-se num projeto de modernidade em virtude de uma nova forma de movimento social nascido nas redes.

Castells (2013) cita outros exemplos que confirmam a tese de Recuero (2009), que aponta uma modificação dos processos sociais e informacionais da sociedade após o surgimento das redes sociais na internet. Castells (2013) trata da chamada “Revolução das Panelas” na Islândia, que, inicialmente, provocou um colapso financeiro naquele país, mas que resultou na aprovação de uma nova Constituição. Aborda a revolução egípcia, ocorrida em 2011, com objetivo de derrubar o regime implantado pelo então presidente Hosni Mubarak, que esteve no poder durante trinta anos; as chamadas insurreições árabes que ocorreram logo após os protestos no Egito; além de movimentos na Espanha, Estados Unidos (com a ocupação de Wall Street) e os protestos de junho de 2013 no Brasil.

¹¹⁰ “Some are common to all groups [...] Others are of limited extent” (DONATH, 1999, p. 9).

Na mesma obra, o autor também menciona os protestos ocorridos no Brasil em junho de 2013, que nasceram e foram organizados a partir das redes sociais na internet. As manifestações, que ocorreram inicialmente em virtude do aumento da tarifa do transporte público em 20 centavos em capitais como São Paulo e Rio de Janeiro, ganharam novas bandeiras e também trataram da corrupção, dos problemas de saúde e educação que afetam o país. Buscando inclusive se desvincularem de qualquer sigla partidária, milhares de jovens saíram às ruas das principais cidades brasileiras¹¹¹.

Mais recentemente, em 2016, as redes foram fundamentais para a campanha presidencial do republicano norte-americano, Donald Trump. O bilionário chegou à Casa Branca após uma campanha sustentada principalmente nas/pelas mídias digitais, com conteúdos controversos e até mentirosos sobre a adversária Hillary Clinton e o então presidente democrata, Barack Obama. Nesse mesmo ano, na Colômbia, após as negociações de paz entre o governo e as Farc (Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia), foi rejeitado um plebiscito que consultou à população sobre o acordo de paz. Embora os conflitos gerados pelos guerrilheiros desde meados da década de 1960 motivassem parte considerável da população a desejar o acordo, notícias falsas publicadas na rede causaram medo e levaram às pessoas a votarem contra a proposta. A internet também foi fundamental para que os britânicos apoiassem o Brexit e escolhessem, num referendo, deixar a União Europeia. A propagação de notícias sensacionalistas distorceram vários dados econômicos, reforçaram posições conservadores sobre a necessidade de uma política migratória restritiva e estimularam o desejo de uma espécie de retomada do país, o que resultou, em 23 de junho de 2016, na escolha da população pela saída do bloco econômico¹¹².

Esses fatos reforçam a ideia de Castells (2013) de que as redes digitais se tornaram um componente indispensável na prática e na organização desses movimentos. Ou seja, os próprios fatos históricos recentes – que vão dos debates políticos até mesmo às questões feministas, de gênero etc. – confirmam o argumento do autor:

¹¹¹ A obra de Castells (2013) trata com detalhes desses movimentos sociais que se desenvolveram a partir da internet. Não é nosso objetivo nesta pesquisa tratar especificamente desse assunto, embora sirva de ilustração de como as redes sociais na internet têm funcionado na mobilização de milhares de pessoas em torno de temáticas variadas.

¹¹² Esses fatos são relatados no caderno *A era da pós-verdade: realidade versus percepção*, organizado por Llorente & Cuenca (2017). Disponível em:

as redes sociais digitais baseadas na internet e nas plataformas sem fio são ferramentas decisivas para mobilizar, organizar, deliberar, coordenar e decidir. Mas o papel da internet ultrapassa a instrumentalidade: ela cria as condições para uma forma de prática comum que permite a um movimento sem liderança sobreviver, deliberar, coordenar e expandir-se. Ela protege o movimento da repressão de seus espaços físicos liberados, mantendo a comunicação entre as pessoas do movimento e com a sociedade em geral (CASTELLS, 2013, p. 171).

Castells (2013) ressalta que embora a tecnologia não determine a ação social, tem permitido um tipo de organização que não existiria sem a internet. O jornalista e editor de mídia *on-line*, Bocchini (2012) sustenta que a rede pode permitir a organização de manifestações e protestos, porém, para gerar uma mobilização popular, há necessidade de a 'bandeira' defendida ter relevância fora da internet; de alguma maneira deve afetar a vida das pessoas. Bocchini (2012) ressalta que muitos temas são discutidos na rede e geram envolvimento de centenas de usuários, mas, quando estes são convidados a se mobilizar no espaço 'real', as pessoas não vão para as ruas. Para Santos (2012, p. 26),

em redes sociais, os usuários se unem em prol de causas de seu interesse, afinidades, preferências. Por mais que o cidadão esteja num ambiente virtual, e mesmo se ele estiver representando uma personagem em seu perfil, devemos lembrar que há sempre uma "pessoa real" por trás de tudo isso.

Na prática, os assuntos em circulação na rede, para repercutirem na sociedade como um todo, precisam gerar engajamento. Devem estar em sintonia com aspirações das pessoas para se propagarem. Quando, por exemplo, usuários/as da rede se manifestam contra a exploração da mulher no mercado de trabalho, o tema só vai gerar debate se houver correspondência entre o que está sendo publicado e os interesses do público que transita pela rede. A internet por si mesma não silencia a discussão, não censura; porém, pela lógica dos algoritmos, o conteúdo ganha mais ou menos visibilidade conforme as preferências temáticas do próprio público. Quando Jenkins, Green e Ford¹¹³ desenvolveram a noção de

¹¹³ Os pesquisadores na área da Comunicação, Henry Jenkins, Sam Ford e Joshua Green, publicaram, em 2014, *Cultura da Conexão: criando valor*. A obra é resultado de pesquisa desenvolvida entre 2005 e 2011 nos Estados Unidos.

propagabilidade (espalhabilidade), sustentaram que os conteúdos na rede circularam de múltiplas maneiras – de cima para baixo e de baixo para cima (MARQUIONI, 2017). Porém, se um conteúdo não se propaga, está morto. É por isso que defendo que a Educação – pensada em sua globalidade – inclua os temas relacionados à mulher, corpo e beleza. Se não houver previamente uma cultura favorável à reflexão sobre essas questões, não repercutirão na rede. Pelo contrário, as verdades que estão em circulação seguirão sustentando as percepções atuais a respeito das mulheres e seus corpos.

Marquioni (2017, p. 205), ao explicar a noção de propagabilidade desenvolvida por Jenkins, Green e Ford, ressalta que "[...] nem todo conteúdo é propagável". Poucos circulam efetivamente e obtêm sucesso. Por isso, atualmente, a publicidade tem estudado os mecanismos da rede a fim de compreender seu funcionamento e os próprios desejos dos/as usuários/as para que os conteúdos divulgados na rede possam gerar o que os autores chamam de "cultura de conexão". Ou seja, que as pessoas consumam e se sintam motivadas a curtir, comentar, compartilhar, reproduzirem tais conteúdos (MARQUIONI, 2017).

Para Rheingold (2004), embora as comunicações estruturadas em redes na internet tenham a capacidade de proporcionar formas democráticas de tomadas de decisão e exemplos positivos de ações coletivas, isso não significa que a organização social em rede seja necessariamente benéfica em todas as situações. O autor comenta que a rede também pode contribuir para ações de guerra ou que resultam em conflitos de diversas naturezas. Na opinião dele, as redes sociais na internet possuem um potencial de violência que se dá também por meios cooperativos. Citei acima, como exemplos, as eleições presidenciais nos Estados Unidos, o Brexit no Reino Unido e o plebiscito da Colômbia, fatos que ganharam novos contornos em função de notícias falsas amplamente divulgadas nas redes. Contudo, "a pós-verdade"¹¹⁴ não é apenas uma prática que se desenvolve no campo da política. É feita também, de forma perigosa e arbitrária, no âmbito da publicidade

¹¹⁴ Em 2016, a *Oxford Dictionaries*, departamento da universidade de Oxford responsável pela elaboração de dicionários, elegeu a palavra *post-truth* (pós-verdade) como a palavra do ano. Zarzalejos (2017, p. 11) define: "a pós-verdade consiste na relativização da verdade, na banalização da objetividade dos dados e na supremacia do discurso emocional". Não se trata, portanto, de um fenômeno recente, mas é fato que, em virtude das redes, foi potencializado e ganhou novos contornos. A política é apenas uma das áreas afetadas. Os estudos de gêneros, campo científico do qual se aproxima esta Tese, têm sido afetados – ou até atacados – por esse fenômeno da pós-verdade com a produção de conteúdos diversos, quase sempre rotulando os conhecimentos produzidos nessa área pela expressão "ideologia de gênero".

e no campo empresarial" (ZARZALEJOS, 2017, p. 12) e, mais recentemente, sustentando-se na lógica da internet, principalmente das mídias digitais.

Pesquisadora da área do Direito, Lucena (2012) confirma que a rede mundial de computadores dinamizou e acelerou todos os tipos de interação humana, inclusive com a ocorrência de crimes que vão de hostilidades, ofensas, estelionato até pedofilia, tráfico de drogas e conspirações. Santos e Silva (2013), também pesquisadores da área, falam em discurso de ódio na internet, principalmente nas redes *Facebook* e *Twitter*. Eles entendem que esses espaços se caracterizam como “terreno fértil para o discurso do ódio, seja por comunidades criadas com este intuito ou o registro de qualquer comentário incitador” (SANTOS; SILVA, 2013, p. 86).

5.2 O FACEBOOK COMO ESPAÇO DE CIRCULAÇÃO DISCURSIVA

Entre os *sites* de redes sociais mais conhecidos está o *Facebook*, criado pelos então estudantes da Universidade de Harvard, Mark Zuckerberg, Eduardo Saverin, Dustin Moskovitz e Chris Hughes. Conforme Kirkpatrick (2011), autor do livro *O efeito Facebook*, o *Thefacebook*, como era chamado, foi lançado no dia 4 de fevereiro de 2004. Durante os primeiros meses do site, segundo Kirkpatrick, Zuckerberg foi acusado de ter roubado ideias de um projeto anterior e há indicações de que houve violação de direitos autorais, quebra de contrato, má fé e abuso de confiança. Entretanto, apesar das denúncias e de sofrer pedido de indenização, o *Facebook* não demorou a chegar aos/às milhões de usuários/as, tornando-se a maior rede do mundo. Em fevereiro de 2014, quando completou 10 anos, o site tinha cerca de 1,23 bilhão de usuários/as; no Brasil, eram 61,2 milhões (FACEBOOK..., 2014)¹¹⁵. Entretanto, como citei há pouco, ao final do primeiro trimestre de 2018, já eram 127 milhões de usuários/as ativos/as no país e, no final de outubro, 2,6 bilhões no mundo. Ainda conforme dados divulgados pelo *Facebook* e publicados na página de notícias *on-line* UOL, 61,5% desse público acessam a rede todos os dias (UM QUINTO..., 2014)¹¹⁶.

¹¹⁵ FACEBOOK tem 1,23 bilhão de usuários mundiais; 61,2 milhões são do Brasil. **UOL**, São Paulo, 3 fev. 2014. Disponível em: <<http://tecnologia.uol.com.br/noticias/afp/2014/02/03/facebook-em-numeros.htm>>. Acesso em: 20 jun. 2014.

¹¹⁶ UM QUINTO da população mundial está no Facebook. **Veja**, São Paulo, 28 out. 2014. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/noticia/vida-digital/um-quinto-da-populacao-mundial-esta-no-facebook>>. Acesso em: 30 out. 2014.

Kirkpatrick (2011) ressalta que o *Facebook* funciona de maneira semelhante às demais redes sociais. Nele, formam-se comunidades *on-lines* interativas compostas por membros que, com frequência, estão em áreas geograficamente distantes, mas que, embora localizados em regiões não comuns a todos, reúnem interesses comuns. Para Kirkpatrick (2011, p. 67), Zuckerberg foi motivado a criar a rede tendo como premissa a ideia de que, por meio dessa tecnologia digital, seria possível colocar em funcionamento a tese do ‘mundo pequeno’. Ou seja, “todas as pessoas no planeta podem ser conectadas por meio de uma cadeia ampliada de relacionamentos que começa com os amigos imediatos, prossegue para o “grau” seguinte – os amigos dos amigos – até chegar ao sexto ‘grau’” (KIRKPATRICK, 2011, p. 67). O *Facebook*, porém, teria conseguido mais do que isso, pois a distância social nesta rede, em 2016, era de 3,57 graus¹¹⁷. A distância social é calculada por uma fórmula matemática que procura identificar qual o grau de separação entre duas pessoas. Embora seja difícil explicar o funcionamento dessa estatística, a ideia básica é observar a distância, no *Facebook*, entre mim e qualquer outra pessoa do planeta, considerando as amizades que tenho no meu perfil, as amizades que meus/minhas amigos/as na rede também possuem e assim por diante. Por meio de um algoritmo, encontra-se o número de intermediários/as entre uma pessoa e outra – na prática, acessando os/as amigos/as certos/as no *Facebook*, estou a 3,57 graus de qualquer pessoa na rede; ou seja, não precisaria falar com mais de quatro pessoas para chegar até o ex-presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, por exemplo.

Conforme mostrou o pesquisador americano Backstrom (2012), junto com outros/as estudiosos/as, em 2011, quando a rede possuía pouco mais de 721 milhões de usuários/as, a distância social era de 3,74 graus – ou seja, com a expansão do *Facebook*, os graus de separação coletivos diminuíram¹¹⁸. O estudo, que analisou variáveis e algoritmos distintos, embora reconheça que existam distâncias muito maiores entre alguns nós dessa rede, reforça a ideia de Zuckerberg de que a rede pode proporcionar relacionamentos entre sujeitos de diferentes partes do planeta.

¹¹⁷ As informações podem ser encontradas na página de notícias do próprio *Facebook*. Link disponível em: <<https://research.fb.com/three-and-a-half-degrees-of-separation/>>. Acesso em: 20 dez. 2017.

¹¹⁸ Uma leitura rápida para compreender melhor o assunto pode ser feita no link: <<https://link.estadao.com.br/noticias/cultura-digital,facebook-derruba-teoria-dos-seis-graus-de-separacao,10000048171>>. Acesso em: 23 jan. 2019

Para Kirkpatrick (2011), inicialmente, o *Facebook* (ainda com o nome *Thefacebook*) era uma espécie de catálogo virtual dos/as estudantes universitários/as com fotos e informações pessoais. Com conotação sexual – já que o cadastro previa que fosse declarado o interesse do/a usuário/a em homens ou mulheres para namoro, diversão aleatória, relacionamento, entre outros –, uma das ferramentas mais usadas era a de ‘cutucar’ (uma cutucada poderia equivaler a um flerte ou apenas um gesto amigável). O autor explica que o recurso de fotografias era – e ainda é – um dos principais atrativos dessa rede e que gera um tráfego diário de milhões de usuários/as.

Até meados de 2005 não existiam muitas outras opções de serviços no *Facebook*. “Espreitar as pessoas de forma sutil tornou-se quase rotina – se alguém parecesse interessante, você começava a procurar um jeito de conhecer a pessoa” (KIRKPATRICK, 2011, p. 88). Em setembro daquele ano, a rede de Zuckerberg acrescentou dois novos serviços que mudariam significativamente as características dessa rede: acrescentou o mural (para publicação de textos no perfil de cada usuário/a) com a possibilidade de receber comentários de outros membros da rede, e a outra novidade eram os grupos. “Agora, qualquer usuário[a] podia criar um grupo no *Thefacebook* por qualquer motivo. Cada grupo tinha sua própria página, assim como um perfil, que incluía seu próprio quadro de comentários” (KIRKPATRICK, 2011, p. 89). Esses grupos se tornaram espaços de diálogos diversos – desde questões cotidianas na universidade (Kirkpatrick cita reclamações como “Eu odeio minha tese”) até temas mais complexos (uma questão científica, por exemplo).

A expansão da rede se tornou uma realidade em pouco tempo. Ainda em outubro de 2005, segundo Kirkpatrick, já existiam mais de 5 milhões de usuários/as e era preciso ampliar os serviços e o grupo de trabalho. Também naquele ano o nome da rede passou a ser apenas *Facebook*. A expansão, no entanto, não ocorreu de forma tranquila, comenta o autor. Nos bastidores, houve disputas, algumas delas, inclusive, mediadas pela Justiça. Outras redes sociais voltadas para o atendimento de estudantes universitários/as estavam sendo criadas e foram se popularizando. “A ampliação da presença desses concorrentes ainda deixava Zuckerberg e seus sócios nervosos” (KIRKPATRICK, 2011, p. 96). Ele conta que várias ações foram desenvolvidas para impedir o avanço dos concorrentes. Parcerias também foram firmadas e Zuckerberg teria criado estratégias para ampliar as publicidades, pois estas garantiriam, na visão dele, os recursos necessários para financiar os projetos

do grupo. O rápido crescimento do número de usuários/as também atraiu investidores/as que aplicaram milhões de dólares. No início de 2006, o site era notícia em capas de jornais e revistas por estar presente em quase todas as universidades americanas e por estar entrando de maneira considerável nas escolas de ensino médio.

Outro movimento no desenvolvimento do *Facebook* a ser considerado foi a criação do *feed* de notícias¹¹⁹. Em 2006, diante do crescimento da rede, os/as principais desenvolvedores/as do serviço decidiram trabalhar num *software* de algoritmos que pudesse mapear as ações dos usuários e organizá-las de forma a criar um conteúdo personalizado para cada membro da rede. “Cada pessoa teria uma página totalmente única, dependendo de quem fossem seus amigos” (KIRKPATRICK, 2011, p. 167). Foi esse sistema que resultou no modelo em funcionamento no *Facebook*: o *software* identifica os gostos, as preferências, as interações entre usuários/as e lhes entrega conteúdos com os quais de certa maneira se identificam. Por exemplo, se o/a usuário/a “x” interage mais com os/as usuários/as “y” e “z”, vai encontrar na *timeline* mais notícias desses/as; se curte e compartilha preferencialmente conteúdos a respeito de estética corporal, o *Facebook* vai entender que esse tema é de seu interesse e vai disponibilizar com maior destaque os assuntos relacionados. “O modelo conceitual para o *Feed* era o de um jornal customizado e entregue a cada usuário. O software que calculava quais histórias deveriam ir para cada pessoa era chamado de ‘o editor’” (KIRKPATRICK, 2011, p. 173).

Em paralelo à criação do *feed* de notícias, Zuckerberg insistia junto aos seus sócios e equipe que promovessem a abertura do *Facebook* para o público em geral. Conforme Kirkpatrick (2011, p. 170), embora houvesse certa resistência à ideia, por receio de fracasso, Zuckerberg acreditava que “o *Facebook* precisava ir além da faculdade e se transformar num site que todo mundo pudesse usar para se conectar com os amigos”. Em função disso, naquele ano de 2006, algumas medidas foram tomadas – que, conforme observamos, ainda funcionam na rede e são conhecidas e utilizadas pelos/as usuários/as. A fim de inaugurar o cadastramento aberto para todo

¹¹⁹ Só é possível analisar o discurso de mulheres a respeito da beleza de seus corpos em virtude do *feed* de notícias, pois assegura que as pessoas se manifestem nesse espaço; por meio das publicações, tornem-se visíveis para amigos e amigas, interajam com outras pessoas, a partir de determinados assuntos de interesse. Na prática, ainda que alguém tenha mil amigos/as no *Facebook*, ele/a consumirá conteúdos apenas daqueles/as com as quais mantém maior contato e/ou relacionados aos temas que geralmente curte, compartilha na rede.

o tipo de público, foi criada uma nova forma de levar o interessado a se tornar membro da rede, iniciando uma rede de contatos, que permitia à pessoa utilizar seu endereço de *email* – de qualquer um dos provedores – e, “com alguns cliques descobrir quais de seus amigos já estavam no *Facebook*. Também poderia enviar e-mails para os que ainda não estivessem, convidando-os a participar” (KIRKPATRICK, 2011, p. 172).

O lançamento do novo *feed* de notícias, porém, antecedeu a abertura do *Facebook* para todos os públicos. A reação dos/as então usuários/as apontou para o que seria uma especificidade dessa rede: as manifestações virtuais. Conforme Kirkpatrick (2011), havia expectativa de que o novo sistema de organização dos conteúdos disponibilizados aos/às usuários/as pudesse agradá-los/as. Afinal, até aquele momento, para ter acesso ao que os/as ‘amigos/as’ publicavam era necessário visitar os seus perfis. Com o *feed*, os conteúdos desses/as ‘amigos/as’ passaram a ser exibidos na linha do tempo do/a usuário/a. Por exemplo, quando um/a amigo/a publicava uma fotografia, a notificação aparecia da *timeline* dos/as usuários/as – algo com o qual estamos acostumados/as, atualmente. Entretanto, na época, conta Kirkpatrick, houve reação negativa ao fato de as informações publicadas se tornarem visíveis para os/as demais, por haver o entendimento de que se tratava de uma invasão de privacidade. Embora Zuckerberg tenha resistido em atender as reclamações, a pressão dentro do *Facebook*, com a publicação de protestos que se transcenderam o virtual e foram parar nas portas da empresa e no noticiário da imprensa, motivou a criação de várias regras de privacidade que ainda estão em funcionamento (KIRKPATRICK, 2011)¹²⁰.

Para Kirkpatrick (2011), a revolta de parcela dos/as usuários/as da rede contra o *feed* não fez Zuckerberg mudar os planos de abrir o *Facebook* para todos os perfis de pessoas. No final de setembro de 2006, o registro estava aberto e os/as estudantes, que até aquele momento eram os/as únicos/as usuários/as, não demonstraram descontentamento pela introdução de um público adulto na rede. Ainda de acordo com o autor, o principal sócio do *Facebook* não insistiu na expansão em virtude da possibilidade de ganhar mais dinheiro. “Ele achava que quanto mais usuários o *Facebook* tivesse, mais útil ele se tornava” (KIRKPATRICK,

¹²⁰ Se uma pessoa não quiser que um texto verbal ou imagético seja público ou mesmo que alguns/as usuários/as não tenham acesso (a pessoa não quer que um/a ex-namorado/a veja sua foto, por exemplo), é possível restringir a visualização do conteúdo.

2011, p. 179). O pesquisador conta que, em menos de um mês, a quantidade diária de pessoas que se cadastrava na rede passou de 20 mil para 50 mil. Em outubro de 2006, o *Facebook* chegava a 10 milhões de usuários/as.

Desde então, o *Facebook* não parou de crescer, o que sugere sua relevância social e importância na circulação de diferentes discursos. Milhões de pessoas acessam diariamente a rede. Kelly (2007) ressalta que o *Facebook* se transformou num canal de comunicação e informação. Por meio dele, e até pela facilidade de usar, os sujeitos interagem, aproximam-se, compartilham conteúdos, aprendem sobre determinados assuntos, debatem questões cotidianas. O site também é usado para divulgação de eventos e desabafos pessoais¹²¹. Alvim (2011, p. 17) destaca que, entre as características do *Facebook*, estão presentes a partilha de experiências, divulgação de conteúdos e opiniões, e isso pode ser feito por qualquer usuário/a, “mesmo que este não possua especialização nas matérias sobre as quais se está a pronunciar”.

Borges e Bastos (2012) compreendem que esses sujeitos, na rede, sentem-se gratificados por exercerem o que entendem ser uma manifestação de liberdade e de individualidade. Temos, portanto, o resultado da fragmentação de um ‘Eu coletivo e solidário’. Isso “cria o sujeito-ilha autogratificante, em meio a um arquipélago de outros sujeitos-ilha, cada um dos quais representando para si mesmo o espetáculo da liberdade de consumir e imerso, galvanizado, no *display*-espelho de seus computadores ou celulares” (BORGES; BASTOS, 2012, p. 142). Esse sujeito que diz, que se manifesta na rede, tem a ilusão de que os/as usuários/as do *Facebook* são ativos/as e racionais, que podem identificar suas necessidades e que sabem como satisfazê-las obtendo a melhor gratificação possível. Desconhece, portanto, que está sob efeito de um saber que o controla e o leva, por exemplo, a exibir seu corpo numa ânsia por buscar uma suposta perfeição estética.

Gonzatto (2011, p. 241) considera que o *Facebook* é relevante nas mudanças políticas, econômicas, sociais e culturais como também se constitui em um espaço para construção de identidades, e interroga: “Qual o impacto na comunidade em sair na coluna social do jornalzinho do bairro? Em dar uma entrevista pelo rádio? Aparecer na televisão? Ter um site? Criar um perfil? Estar *on-line* é estar disponível,

¹²¹ Muitos membros utilizam a rede para falar da própria vida, sobre seus corpos (como discuto), fazer reclamações sobre fatos cotidianos e até para exercer pressão contra empresas, quando se consideram mal atendidos.

é ser informação”. Na perspectiva do autor, os sujeitos se apropriam da antiga lógica massiva de comunicação visando colocar em evidência o que consideram relevante, inclusive a própria imagem e suas relações com o meio.

Você não precisa esperar até o próximo encontro público para mostrar como mudou, que agora é mais profissional ou descolado. Pode começar agora mesmo atualizando seu perfil, escolher os lugares onde deixa comentários, compartilhando informações etc. (GONZATTO, 2011, p. 246).

É neste contexto que surgem ações como a que pesquiso, nas quais mulheres utilizam esse espaço de circulação para dizerem sobre si mesmas a outros/as pessoas numa rede dispersa, em que o acontecimento parece não ter origem, destino e se dissipa deixando poucos rastros na história. O sujeito se dirige a uma plateia, muitas vezes, desconhecida, que, por sua vez, interage por meio de curtidas, comentários e novos compartilhamentos. É a repetição de realizações que não se solidificam, mas que contribuem para a construção de um verdadeiro sobre o corpo.

Constituir-se como ‘ator social’¹²² na internet, principalmente no *Facebook*, implica se constituir como sujeito que participa dessa comunidade. Não basta criar um perfil no site, com fotografia, dados pessoais e compartilhamento ocasional de conteúdos. A fim de não ser ignorado, o sujeito deve subjetivar-se na forma sujeito-usuário da rede e, para isso, deve ter como principal capital a capacidade de produzir suas próprias redes. Isso ocorre, conforme apresenta Recuero (2009), à medida que o/a usuário/a constrói uma imagem social. A construção da reputação se dá com base nas impressões deixadas na rede; impressões essas que os/as outros/as atores/atrizes têm de um/a ator/atriz. Para isso, ele/a precisa ter como características a sociabilidade, a reciprocidade, cooperação, simpatias, gentilezas, pró-atividade, confiança e respeito. “Quando falamos em redes sociais na internet, não há um único tipo de reputação. Cada nó na rede pode construir tipos de reputação baseado no tipo de informação [...] que divulga em seu perfil” (RECUERO, 2009, p. 110).

¹²² Ator social é o nome dado por alguns/as pesquisadores/as de redes sociais na internet para os também chamados usuários. Ou seja, para aqueles/as que possuem perfis em sites como *Facebook*, *Twitter*, *Google+*, *blogs*, entre outros.

As pesquisadoras espanholas Berlanga e Martínez (2010) estabelecem uma comparação entre a retórica grega e a comunicação nas redes sociais, especificamente no *Facebook*. Segundo elas, há a necessidade de os/as usuários/as se exibirem como credíveis, como oradores/as persuasivos/as. Berlanga e Martínez ressaltam que, embora possa haver incoerência nos dizeres, até em virtude da espontaneidade permitida pela rede, o/a usuário/a da rede parece desejar influenciar os demais com os conteúdos que publica. Após analisarem textos em circulação no *Facebook*, entre outras coisas, concluíram que o conteúdo tem função conativa e apelativa; as mensagens geralmente são de instrução, conselhos, perguntas e predominam enunciados exortativos e interrogativos e os modos imperativo e indicativo. Também de acordo com as autoras, a comunicação nesse espaço social funciona para manter relações com outros/as usuários/as e, por isso, é permeada de emoções que geralmente podem ser marcadas pelos chamados *emotions* (figuras que procuram ilustrar de maneira imagética as emoções dos sujeitos) e imagens de um modo geral.

A busca por visibilidade, conforme Berlanga e Martínez (2010, p. 58), torna imperativo o dizer, sendo que, no plano do léxico, “predominam as repetições de palavras, uso de vozes com significado vago, amplo e impreciso, e emprego de expressões parasitas, ou frases feitas”. Já a linguagem visual, como observado pelas autoras, aparece como reforço da situação comunicacional e adquire mais peso que o texto escrito. “Texto¹²³ e imagens aparecem perfeitamente amalgamados e se exigem entre si” (BERLANGA; MARTÍNEZ, 2010, p. 58, tradução minha)¹²⁴. Segundo elas, uma nova forma de comunicar se impõe: brevidade, rapidez e informalidade tornam-se constitutivos desse lugar social. Outro aspecto apontado pelas autoras é que, embora o *Facebook* permita que se estabeleçam relacionamentos mais consistentes entre os/as usuários/as, o predomínio de uma comunicação superficial impede que se firmem laços de amizade sólida.

¹²³ Meu entendimento de texto, nesta pesquisa, se distingue da noção apresentada pelas autoras. Elas apresentam a noção de texto presa a de verbal escrito. Minha compreensão é do texto como unidade imaginária, perspectiva de Orlandi (2000), portadora de sentido, podendo se apresentar na forma de escrita verbal (oral ou escrita), como também na condição de imagem visual (fotografias, *frames*, desenhos e tantas outras formas imagéticas). “Ser escrito ou oral também não muda a definição do texto. Como a materialidade conta, certamente um texto escrito e um oral significam de modo específico particular a suas propriedades materiais. Mas ambos são textos” (ORLANDI, 2000, p. 69).

¹²⁴ “Texto e imágenes aparecen perfectamente amalgamados y se exigen entre sí” (BERLANGA; MARTÍNEZ, 2010, p. 58).

É constitutivo do *Facebook*, portanto, a busca por visibilidade, por se tornar popular – uma regularidade das redes sociais, como observamos anteriormente. Recuero (2009, p. 131) afirma que esses são valores relativos à posição do/a usuário/a dentro de sua rede social e que ele/a publica na expectativa de gerar engajamento – curtidas, comentários, compartilhamentos. Ressalta, assim, que “[...] os atores sociais não são independentes de motivações”. Isto quer dizer que participam e interagem nas redes percebendo os valores constituintes e se apropriam destes numa constante troca de links, postagens, comentários entre outros. Trata-se de uma “[...] normatização silenciosa que vai sendo construída entre os partícipes da rede social” (RECUERO, 2009, p. 131). E quanto maior é a interação, maior é a visibilidade que ganham na rede, justamente pela lógica de funcionamento do *Facebook* previsto desde a criação do *feed* de notícias ainda em 2006.

Quando um conteúdo publicado gera engajamento, outros/as usuários/as curtem, comentam e compartilham-no. Mesmo aqueles/as que não estão na lista de amigos/as também podem visualizar os textos¹²⁵. É assim que surgem campanhas que, muitas vezes, ganham proporções que transcendem o espaço geográfico de um país. Milhares e até milhões de usuários/as da rede se envolvem criando uma espécie de onda – os chamados *memes* – que, por alguns dias, circula por esse espaço virtual. Recuero (2009) conceitua como “*meme* epidêmico” aquelas campanhas que atingem uma grande quantidade de nós (usuários/as). Podem tratar de assuntos tidos como sérios (uma campanha contra pedofilia, por exemplo), mobilizações políticas ou até “brincadeiras”.

Pesquisadores da Sociologia e da Tecnologia, respectivamente, Rodríguez e Hung (2010), atestam que no momento em que o sujeito constrói seu perfil no *Facebook*, a situação é similar a de um quadro em branco no qual se pode criar o retrato de si mesmo/a que mais lhe for conveniente, ressaltando os elementos que quer tornar evidentes e ocultando aqueles que não se considera relevantes que sejam expostos. Esse sujeito que se apresenta na rede é uma virtualidade do sujeito que está fora do *Facebook*. Lévy (2003), ao tratar do que é virtual, aponta que o virtual não é uma mentira ou ocultação. O que falta, conforme o autor, é a materialidade física. As questões que envolvem o sujeito na virtualidade, conforme o

¹²⁵ São os/as usuários/as que controlam nas configurações das publicações se essas serão públicas, privadas ou mesmo personalizadas (direcionadas para apenas alguns/as amigos/as).

filósofo francês, são uma parte essencial de sua determinação histórica. Logo se a mulher discursiviza sobre seu corpo, é possível compreender que a face virtual de certo modo remete a um sujeito, que fora da rede, é vigiado pelo poder que se impõe por meio dos saberes de uma época.

Rodríguez e Hung (2010) sustentam que esse ‘personagem’ que o sujeito cria no espaço virtual possui uma relação de sinergia com o sujeito não-virtual. Ou seja, o perfil construído na rede ainda projeta a subjetividade do sujeito não-virtual, pois este é seu referente e, ao estar no *Facebook*, fala sobre si mesmo/a. Isso confirma que “os significantes de um sujeito dizem dele” (MARIANI, 2012, p. 56). De alguma maneira, os sujeitos se fazem representar na virtualidade por meio dos textos que colocam em circulação e, dessa forma, participam da formulação e constituição de sentidos sobre si e sobre o outro na rede. O que nos leva a entender que o que pode parecer uma simulação (pela criação de um perfil em que o sujeito pensa ter controle sobre o que diz a respeito de si), sugere ser o funcionamento do poder que cria a ilusão de que o sujeito tem controle total dos sentidos e de sua subjetividade. Quando projeta uma imagem no *Facebook*, esse sujeito pensa ser capaz de sustentar, tal qual deseja, um personagem na virtualidade. Porém, conforme Pêcheux (1995, p. 175), a impressão que o sujeito tem de que “sabe do que está falando” se “dá pela ilusão da autonomia do pensamento com respeito ao inconsciente”.

Para Rodríguez e Hung (2010), redes sociais como o *Facebook* participam da reconfiguração da subjetividade desse sujeito – pois este volta o olhar para si na maneira como se vê e como quer ser visto –, procura apontar como quer que as outras pessoas o percebam, reconstrói rede de contatos perdidos (reencontra amigos/as) e amplia os relacionamentos. Isso ocorre, conforme os pesquisadores, porque os sujeitos se encontram imersos em um processo de reconfiguração do mapa comunicativo. Do ponto de vista discursivo, entendemos esse processo sob a perspectiva das mudanças nas condições de produção. Afinal, as pequenas reverberações no mundo do trabalho – inclusive de ordem tecnológica –, o núcleo familiar, o processo educacional entre outros, constituem e provocam mudanças nos processos de significação. Esse sujeito, que hoje está na rede, outrora não estava. Isso afeta sua subjetividade, sua forma de ser e pensar. A identidade desse sujeito está permeada pelas condições sócio-históricas (ORLANDI, 2000).

Como Boyd e Ellison (2007) sugerem, enquanto sites dedicados a comunidades de interesse são organizados principalmente em torno de pessoas, não de interesses. Os sites de redes sociais, por outro lado, são estruturados como pessoais (ou egocêntricos), com o indivíduo no centro de sua própria comunidade. O surgimento das tecnologias do eu, principalmente discutidas por Foucault em seus últimos anos, também significou o surgimento de um novo discurso de autoapresentação, muitas vezes com críticas ao 'egocentrismo' e 'narcisismo', a orientação era conhecer a você mesmo/a. Hoje, no mundo das redes sociais *on-line*, é imperativo mostrar-se. O *Facebook* e outras mídias digitais são sobre mim – tecnologias de subjetividade e subjetivação, de ser e tornar-se o assunto, oferecem novas oportunidades de autoapresentação.

Esses novos dispositivos sócio-tecnológicos têm uma dimensão capacitadora. No entanto, também moldam nossas subjetividades regulando-as e limitando nossa liberdade – impondo certas formas de comunicação, compartilhamento, publicação. Como vimos anteriormente, quando citei Sibilia (2008), redes sociais, como o *Facebook*, afetam nossa subjetividade – nossos projetos de vida – e as novas práticas que, conseqüentemente, devemos desenvolver. Nossas vidas se tornaram saturadas e, pelo menos até certo ponto, controladas pela mídia em que nos envolvemos. Com o surgimento de novas formas de autoapresentação e subjetividade, interação social e formação da comunidade, agora temos que negociar novas dinâmicas e enfrentarmos a (re)criação de novas práticas sociais. Essas novas práticas não são apenas moldadas e usadas ativamente para moldar nossas vidas, mas também os afetos e as ações cotidianas.

A subjetividade do sujeito da rede (que está no *Facebook*) é moldada numa rede de saberes, que o cerca, esquadrinha seus movimentos, adentra suas paixões (WEIZENMANN, 2013. Na imbricação entre saber e poder, têm-se convalidado os objetos e práticas sustentados por discursos, que se constituem no verdadeiro da época – entendendo, porém, que não existem verdades gerais, trans-históricas. Veyne (2009, p. 19) assegura que “as falsas generalidades e os discursos variam através do tempo; mas, em cada época, passam por verdadeiros”. Para ele, “não possuímos uma verdade adequada das coisas, porque só alcançamos uma coisa em si através da ideia que dela construímos em cada época” (VEYNE, 2009, p. 16, grifo meu). E essa ideia é construída discursivamente. A verdade, na perspectiva foucaultiana, não preexiste ao discurso. “Não podemos separar a coisa em si do

‘discurso’ no qual ela se encontra contida para nós” (VEYNE, 2009, p. 16). Isso aponta que, quando uma mulher fala de seu corpo na rede, reproduz e realimenta uma verdade sobre os corpos femininos. Como afirma Pêcheux (1995, p. 295), “os homens estão determinados, na História, a pensar e a fazer livremente o que não podem deixar de fazer e pensar, e sempre através da eterna repetição de evidência descritiva”. De fato, “o sujeito se ‘esquece’ das determinações que o colocaram no lugar que ele ocupa” (PÊCHEUX, 1995, p. 170).

Considero que até mesmo essa vontade de fazer parte das redes sociais, de se expressar, de dizer sobre si, é resultado de um condicionamento histórico que impulsiona o indivíduo a ser sujeito da rede. Sob o saber histórico da internet como espaço democrático e livre, o sujeito se submete a uma condição dada sócio-historicamente. Semelhante ao que Pêcheux (1995, p. 224) discute quando trata do aparelho escolar, a meu ver, no que diz respeito à internet, ao *Facebook* e demais redes sociais, há um processo de “inculcação que trabalha conscienciosamente [...] de modo que, no total, cada ‘sujeito’ saiba e veja que as coisas são realmente assim”. Essas coisas que parecem ser “como são”, de fato, são as “verdades/realidades” que se constituem por efeito do poder, conforme o olhar foucaultiano, e que são naturalizadas discursivamente de diferentes formas no cotidiano da sociedade.

6 ANÁLISE E IMPLICAÇÕES NA/DA EDUCAÇÃO PARA O CUIDADO DE SI

Nesta Seção, procuro descrever e interpretar, por meio dos textos verbais e imagéticos, os discursos de mulheres, materializados em publicações no *Facebook*, que reverberam e produzem verdades sobre o corpo. Para isso, inicialmente, trato dos procedimentos metodológicos, falo do material de pesquisa e, na sequência, desenvolvo a análise do *corpus*. Por fim, com base na análise, proponho uma reflexão sobre educação a fim de mostrar que, partindo desses discursos sobre os corpos tidos como belos (ou não-belos), os/as educadores/as podem desenvolver intervenções que permitam a discussão a respeito dos saberes já construídos/constituídos tendo como objetivo, na microfísica do poder, uma resistência aos discursos dominantes sobre o que é o corpo belo, permitindo o cuidado de si proposto por Foucault.

6.1 METODOLOGIA E PROCEDIMENTOS PARA ANÁLISE

Para o procedimento de análise, retomo o conceito de arquivo, visto que foi necessário reunir e organizar um material que permitisse observar o funcionamento do discurso das mulheres a respeito da beleza de seus corpos.

O conceito de arquivo, semelhante a outros apresentados por Michel Foucault, é abstrato. A definição proposta pelo autor aparece na obra *Arqueologia do Saber*. O conceito é mais facilmente descrito por aquilo que não é do que por aquilo que é. Para Foucault (2008), noutras palavras, o arquivo não é a biblioteca das bibliotecas, nem é a soma de todos os textos que uma cultura manteve como documentos. O arquivo é o que ele chama de sistema de discursividade que estabelece a possibilidade do que pode ser dito.

O arquivo é, de início, a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares. Mas o arquivo é, também, o que faz com que todas as coisas ditas não se acumulem indefinidamente em uma massa amorfa, não se inscrevam, tampouco, em uma linearidade sem ruptura e não desapareçam ao simples acaso de acidentes externos, mas que se agrupem em figuras distintas, se componham umas com as outras segundo relações múltiplas, se mantenham ou se esfumem segundo regularidades específicas; ele é o que faz com que não recuem no

mesmo ritmo que o tempo, mas que as que brilham muito forte como estrelas próximas venham até nós, na verdade de muito longe, quando outras contemporâneas já estão extremamente pálidas (FOUCAULT, 2008, p. 147).

É possível entender que os saberes a respeito de determinados assuntos, por exemplo, formam um arquivo, identificável pelo repetível, pela memória que permite com que se identifiquem certas regularidades nos enunciados. Não se trata da soma de todos os textos; mas o arquivo assegura que o que se diz hoje sobre beleza, por exemplo, em alguma medida dialogue com o que foi dito noutras épocas. O arquivo "[...] é o que, na própria raiz do enunciado-acontecimento e no corpo em que se dá, define, desde o início, o sistema de sua enunciabilidade" (FOUCAULT, 2008, p. 147).

O que ele propõe é, mais precisamente, uma teoria do que pode ser articulado em um dado momento da história: sobre o que é possível falar? O filósofo estava interessado naquelas declarações que, sob um conjunto particular de condições históricas, podem se qualificar como verdadeiras e, além disso, os mecanismos que regulam por que algumas afirmações e não outras podem reivindicar a condição de verdade. Finalmente, ele se concentra na ordem interna que regula a relação entre as declarações que são realizadas. Arquivo, sustenta Foucault (2008), não significa a soma de todos os textos que uma cultura manteve sobre sua pessoa como documentos que atestam seu próprio passado, ou uma evidência de uma identidade contínua; tampouco trata das instituições que, em determinada sociedade, permitem registrar e preservar os discursos que se deseja lembrar e manter em circulação.

Consideramos que os procedimentos designados pelo conceito do arquivo simultaneamente se acumulam e se diferenciam. No entanto, não deve ser concebido como um princípio unificado e não traduz a natureza diversa e multifacetada do que é dito em um dado momento e lugar. O arquivo é, ao contrário, aquilo que diferencia os discursos em suas múltiplas existências e os especifica em sua duração adequada (FOUCAULT, 2008). Deve ser entendido como uma forma de prática, não no sentido empírico e concreto de uma massa de documentos coletados. É, ele especifica, uma espécie de prática de discursos, que tem suas regras, condições, formas de funcionamento e efeitos específicos. Assim, o arquivo gera instruções; é produtivo tanto quanto restritivo. Deve-se notar que o arquivo é

produtivo no sentido de transformar singularidades em afirmações, fornecendo o que aparece como atos da linguagem com formas que o tornam reconhecível como discurso.

O arquivo organiza especificando e diferenciando; daí gera semelhanças e diferenças e contém em si essas semelhanças e diferenças dentro da ordem de sua totalidade. O arquivo é assim, segundo Deleuze (2005), uma multiplicidade. As afirmações produzidas não são meras imagens espelhadas de uma matriz que as tornam possíveis. O que o arquivo faz, ou melhor, os procedimentos para os quais é o nome conceitual, é a regulação do jogo de similitudes e diferenças que são as condições de possibilidade do significado histórico. Em segundo lugar, e isto é em um nível que é ontológico e não histórico, o arquivo serve para contrabalançar a natureza prolífica do discurso, regulando a profusão de atos possíveis e reais da linguagem.

Essa breve contextualização sobre o conceito proposto por Foucault (2008) permite-me sustentar que os saberes históricos que tratam da beleza formam um grande arquivo – com contradições e descontinuidades, mas que define o que poderia e pode ser discursivizado sobre beleza. Esse arquivo, por sua complexidade e dispersão na história, não pode ser acessado em sua completude. "É evidente que não se pode descrever exaustivamente o arquivo de uma sociedade, de uma cultura ou de uma civilização; nem mesmo, sem dúvida, o arquivo de toda uma época" (FOUCAULT, 2008, p. 148). O pensador ressalta que o arquivo se faz observável por fragmentos, níveis, regiões e que seria melhor analisável após estarmos separados cronologicamente dos documentos.

Por não ser possível descrever todo um arquivo, para uma análise, há necessidade da construção de um recorte, que, no caso específico desta Tese, dá-se a partir de um conjunto amplo de publicações selecionadas no *Facebook*.

Tendo dito isso, considerando que tudo que já se disse e o que se pensou ou o que referenciou a beleza da mulher ao longo da história formam, na perspectiva foucaultiana, um certo arquivo, como chamar esse conjunto de publicações de mulheres falando sobre seus corpos? Afinal, não é acessível tudo que já foi dito sobre a mulheres, tampouco o que disseram sobre a beleza de seus corpos. Por isso, sem desconsiderar a definição proposta por Foucault (2008), chamei de

arquivo¹²⁶ todo o material coletado no *Facebook*, tomando de empréstimo a compreensão de arquivo apresentada por outro filósofo francês, Michel Pêcheux. Ou seja, com o propósito de reunir material pertinente à análise proposta nesta Tese – e tendo como base o que formula Michel Pêcheux (1997) em *Ler o arquivo hoje*, entre outros estudos de analistas de discurso –, construí um arquivo¹²⁷ com publicações feitas por mulheres no *Facebook*, conforme descrito e analisado na subseção 6.2.

Aqui, com a intenção de distinguir a definição proposta por Pêcheux (1997) da apresentada por Foucault (2008), trago discussões sobre arquivo com base também nesse pensador francês, entre outros/as analistas, de modo a explicitar as compreensões teóricas que sustentaram os procedimentos metodológicos desde a montagem do arquivo, passando pela seleção do material até a montagem e investigação do *corpus* de análise.

Repito nesta Seção parte da metodologia usada em minha dissertação de mestrado, desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Na ocasião, tratei da formulação, circulação e funcionamento discursivo de fotomontagens, no *Facebook*, envolvendo a então presidente e candidata à reeleição Dilma Rousseff, durante a campanha eleitoral de 2014 (NEZO, 2016). A ausência de uma metodologia para a análise daquele material nos motivou a propô-la de maneira a contemplar as especificidades do funcionamento dessa rede social na internet. Afinal, uma das características observáveis no *Facebook* é a dispersão. Ou seja, não é possível localizar num único lugar, uma página, por exemplo, publicações de mulheres falando sobre seus corpos – como não era possível naquela ocasião encontrar num mesmo espaço fotomontagens da Dilma. Também não parece eficaz selecionar conteúdos que aparecem apenas na *timeline* do pesquisador. Por isso, algumas noções teóricas foram tomadas de vários/as autores e autoras objetivando apresentar uma

¹²⁶ Defendo que não há comprometimento da proposta da Tese em virtude da presença de um mesmo termo, arquivo, conceituado distintamente por esses autores, Foucault e Pêcheux. O uso do termo arquivo proposto por Pêcheux objetiva tão somente responder a demanda de construção da metodologia de análise; e faço isso, inclusive, reconhecendo que o atual discurso de beleza funciona num arquivo histórico sobre beleza que atravessa diferentes épocas – o que remete ao pensamento de Foucault sobre arquivo. Ou seja, penso ser possível este mesmo termo coexistir em ambos sentidos nesta pesquisa de doutoramento, porém, ressalto, todas as vezes que mencioná-lo fazendo referência ao material coletado no *Facebook*, estarei apresentando o arquivo na concepção pechetiana, ou seja, os documentos reunidos para a construção do *corpus* de análise.

¹²⁷ Tendo como referência a concepção de Foucault, poderia dizer que formei um arquivo menor (para análise) partindo de um arquivo – esse que é, segundo o filósofo, impossível de descrever exaustivamente.

metodologia para análise daquele objeto e, tendo em vista seu efetivo funcionamento, retomei-a aqui, pois, embora trabalhe com outro tema e esteja num programa de pós-graduação distinto daquele, entendo que, por seguir estudando publicações no *Facebook*, pode ser replicada de maneira produtiva.

Pêcheux (1997) explica que o analista frequentemente parte de um arquivo. Não se trata da mera reunião de textos. O arquivo, para Pêcheux (1997, p. 56), é o “campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma questão”. Consiste num trabalho metodológico que permite ao analista transpor o que ele chama de “leitura literal (enquanto apreensão do documento) [para] uma leitura interpretativa” (PÊCHEUX, 1997, p. 56). De acordo com o filósofo, esse arquivo também é construído como um gesto de leitura. Ou seja, embora construa um dispositivo analítico, o pesquisador parte de seus saberes, presentes em sua subjetividade. Para o autor, o/a próprio/a analista deve reconhecer suas tomadas de posição e os efeitos de identificação, considerando que ele/a se identifica com determinadas teorias.

Horta Nunes (2005, p. 375) afirma que “o arquivo nesse contexto é tido como um espaço de polêmica, em que se confrontam as posições interpretativas”, não sendo “visto como um conjunto de ‘dados’ objetivos que traz as marcas da constituição dos sentidos” (HORTA NUNES, 2005, p. 374). O que o/a analista reúne não se constitui em algo que evidencia sentidos ocultos. “O material de arquivo está sujeito à interpretação e, mais do que isso, à confrontação entre diferentes formas de interpretação e, portanto, não corresponde a um espaço de ‘comprovação’, onde se suporia uma interpretação unívoca” (HORTA NUNES, 2005, p. 374). Isso significa que cabe ao/a analista observar por que alguns sentidos se põem em evidência enquanto outros são silenciados, favorecendo uma suposta homogeneidade do discurso.

O arquivo, segundo Mittmann (2007), é montado a partir de nossas habilidades de arqueólogos/as¹²⁸. A autora diz que o/a pesquisador/a realiza um trabalho de busca, de resgate, de seleção de materiais. Isola, relaciona, agrupa, organiza recortes de textos. Trata-se de um trabalho norteado por um dispositivo analítico, que tem como referência um recorte teórico. “Costumamos optar por um

¹²⁸ O termo aqui remete ao conceito desenvolvido por Foucault na obra *Arqueologia do Saber*, mas que Mittmann (2007) se apropria para se referir às habilidades do/a pesquisador/a de, minuciosamente, montar o arquivo que possibilitará a análise.

campo discursivo e/ou tema, a partir de uma questão que busca respostas”, sendo que “percorremos cada texto, relacionamos com a história” (MITTMANN, 2007, p. 153). Os momentos de interpretação do/a analista consistem em tomadas de posição e estas se dão no entremeio do método e da teoria. “A teorização determina o procedimento metodológico, da mesma forma que este nos faz refletir sobre a teoria. E ambos levam à constituição do corpus” (MITTMANN, 2007, p. 155). Entretanto, é necessário entender que o *corpus* não está dado. É construído pelos gestos do/a analista.

A Análise de Discurso “não tem uma metodologia única e facilmente descritível” (PETRI, 2013, p. 41). Isso não quer dizer que não exista uma metodologia de análise, mas esta “não para, está em suspenso, em movimento” (PETRI, 2013, p. 41). A afirmação sugere que, na Análise de Discurso, não existe um método pronto do qual o analista se apropria apenas para repeti-lo em sua pesquisa. O/a analista constrói seu dispositivo de análise. Petri (2013) utiliza a ideia de um pêndulo para explicar esse funcionamento. Segundo ela, embora exista uma oscilação e não seja possível estabelecer onde começa e onde termina o movimento pendular, há um ponto de equilíbrio, algo que regula, e a teoria é que funciona como principal fundamento.

Para Horta Nunes (2005, p. 374), os materiais de arquivo devem ser considerados como “gestos simbólicos que se inscrevem na história”. É a história que se faz presente por meio do trabalho da memória, realizado na linguagem. No caso de nosso material, é a inscrição das publicações feitas por mulheres dentro de um contexto histórico que as fazem significar. Por isso, segundo Orlandi (2012, p. 131), o/a analista deve ter em vista os “conflitos de interpretação. Vários direcionamentos de sentidos que funcionam em um mesmo espaço discursivo”. Daí a necessidade de considerarmos, em nossa investigação, “a plurivocidade do sentido”, mencionada por Pêcheux (1997). Por mais que nosso material represente um recorte (no tempo, inclusive), entendemos que “um discurso remete a outros discursos dispersos no tempo, ele pode simular um passado, reinterpretá-lo, projetá-lo para um futuro, fazendo emergir efeitos temporais de diversas ordens” (HORTA NUNES, 2005, p. 376).

Horta Nunes (2005) lembra que Pêcheux, em *Discurso: estrutura ou acontecimento?* (1990), propõe a necessidade de um ir e vir entre descrição e interpretação. O autor inscreve nesse contexto a noção de compreensão apontando

que “descrição, interpretação, compreensão” devem fazer parte dos movimentos do analista diante do arquivo. “A inserção desse terceiro termo se nos afigura como uma marca da incompletude, do silêncio e do possível para o analista”, compreende Horta Nunes (2005, p. 378). A noção de compreensão é mesmo fundamental nos movimentos do/a analista, pois “compreender, na perspectiva discursiva, não é, pois, atribuir um sentido, mas conhecer os mecanismos pelos quais se põe em jogo um determinado processo de significação” (ORLANDI, 1988, p. 115). Isso permite que a análise não se limite apenas à leitura do arquivo, mas compreendendo o arquivo e os materiais ali reunidos como estando atravessados por diversos arquivos e instituições; afinal, o discurso não tem um começo assinalável. Como escreve Orlandi (1988, p. 115), em relação à leitura, todo texto “teria, pois, vários pontos de entrada e vários pontos de fuga”. O trabalho do/a pesquisador/a deve ser um constante “ir e vir da teoria à análise, da descrição à interpretação, caminhando pelo estabilizado e o sujeito a equívoco” (ORLANDI, 2012, p. 10-11). Isso assegura que o/a analista transcenda a interpretação e possa compreender como o texto e os materiais do arquivo produzem sentido. Para tanto, segundo a autora, torna-se fundamental a construção de um dispositivo teórico, como desenvolvido nas Seções anteriores desta pesquisa. É por meio do dispositivo teórico que o/a analista pode sair da posição do/a leitor/a para a posição de pesquisador do discurso, não sendo pego nos “efeitos de evidência produzidos pela linguagem em seu funcionamento” (ORLANDI, 2000, p. 61).

Como se pode observar, na perspectiva pechetiana, o arquivo não é dado *a priori* e nem pode ser tomado como apenas um documento do qual se tiram referências. Em sua materialidade e diversidade, o arquivo “[...] permite uma leitura que traz à tona dispositivo e configurações significantes” (GUILHAUMOU, MALDIDIER, 1997, p. 164). Tendo como base a teoria do discurso e a questão posta pelo/a analista, o arquivo é delimitado e, a partir dele, é selecionado o material destinado à construção do *corpus* que permitirá a análise, considerando as especificidades e objetivos da pesquisa, como veremos a seguir.

6.1.1 Seleção e especificidades do material de análise

Parto da premissa de que as publicações na rede podem ser entendidas na perspectiva de Foucault como uma obrigação e possibilidade de dizer a verdade sobre si, em virtude da pergunta proposta pelo *Facebook* – no que você está pensando? O corpo, que na análise se constitui como texto imagético, geralmente traz consigo a materialidade verbal, que, ao ser publicado na rede social, acompanha a fotografia num imbricamento que produz sentidos sobre o modo de dizer sobre si.

As publicações que compõem o *corpus* de análise foram coletadas durante os meses de janeiro a dezembro de 2017, período que permitiu um olhar amplo, contemplando inclusive as alterações climáticas, as estações do ano, a fim de observar possíveis variações nas práticas discursivas sobre os corpos – minha impressão, antes de iniciar a pesquisa, era de que, talvez, em períodos de temperatura mais elevada os enunciados sobre o corpo pudessem ganhar mais visibilidade. Notei, porém, que o tema é recorrente ao longo de todos os meses do ano. O que há de diferente é a publicação de fotos e vídeos em piscinas e praias durante os dias de calor, mas parte desses conteúdos remetia a outros enunciados: alegria pelas férias, encontro de amigos/as, dias de calor são os melhores para aproveitar a vida etc.

Inicialmente, ainda no projeto da Tese, avaliado por ocasião do processo de seleção para o doutorado, a proposta era selecionar o material entre os meses de janeiro a junho daquele ano. Contudo, durante o percurso da pesquisa, notei que estender o período de seleção tornaria o arquivo ainda mais completo, pois repetiam-se as regularidades nos enunciados de beleza sobre os corpos femininos e, mesmo com maior número de postagens arquivadas, não significaria uma quantidade de textos que inviabilizaria o trabalho de análise, pois seria feito um recorte para composição do *corpus*.

A seleção das publicações foi feita, primeiro, na *timeline* das minhas contas no *Facebook* (posuo dois perfis; um com 5 mil "amigos/as" e outro com cerca de 3,8 mil). Por conhecer o funcionamento do sistema de algoritmos¹²⁹, ao longo do ano

¹²⁹ O *feed* de notícias de cada usuário/a no *Facebook* apresenta publicações de pessoas com as quais interage frequentemente e/ou daquelas que se curte, comenta ou compartilha conteúdos. Os algoritmos também compreendem as preferências por assuntos e temas. Noutras palavras, se curto

anterior, 2016, curti textos verbais e imagéticos que faziam menção ou davam visibilidade ao corpo. Isso fez com que a quantidade de postagens com esse tipo de conteúdo, que aparecia em meu *Facebook*, fosse bastante significativa. Em janeiro de 2017, passei a fazer o *print* dessas publicações começando o arquivo desse material.

Naquelas primeiras semanas, notei que muitas mulheres publicavam fotos e textos verbais acompanhados de *hashtags* – por exemplo, *#corpo*, *#beleza*, *#estougordaentre* outras. As *hashtags* funcionam como um mecanismo que permite encontrar outras publicações semelhantes. Ou seja, o/a usuário/a entra no sistema de buscas, digita a *hashtag* desejada e o *Facebook* permite que os resultados sejam filtrados por publicações de qualquer pessoa, de amigos/as, apenas as do/a próprio/a usuário/a ou ainda escolhendo uma fonte personalizada; também é possível fazer a pesquisa em grupos, escolher a localização das pessoas e a data.

Partindo de análises prévias do material que já estava selecionando, utilizei o sistema de buscas fazendo uso das seguintes *hashtags*: *#beleza*, *#corpo*, *#dieta*, *#foco*, *#gostosa*, *#gordinha*, *#sevalorize*, *#sougostosa*, *#treino*. Mantive-me restrito ao ano corrente, 2017, a perfis pessoais, com publicações públicas (abertas para qualquer usuário/a), considerando toda a extensão do território nacional¹³⁰. A opção por essas "palavras-chave" se deu por diferentes razões. Entre elas, a necessidade de observar se encontraria em funcionamento enunciados do discurso de beleza que apresentei na Seção específica sobre a beleza do corpo feminino – mulher bonita é magra, mulher gorda é feia, para ser bonita é preciso fazer dieta, a beleza é conquistada com esforço (foco, treino) entre outros. Além disso, precisava observar se encontraria enunciados de resistência ao discurso vigente de beleza. Por isso, experimentei também *hashtags* como *#mulheresreais*, *#mulherdeverdade*, *#corposreais*, *#sevalorize*, *#soubonita*. Pude notar que, destas, apenas *#sevalorize* aparecia com certa frequência – ainda que relacionada também a outros enunciados (por exemplo, é possível ser feliz sozinha) –; as demais são usadas geralmente por nutricionistas, empresas de cosméticos e estética que enunciam a ideia "use nosso produto e/ou serviço e fique bem com seu corpo". Ainda assim, justamente pelo potencial de reunir sentidos de resistência ao atual discurso de beleza, escolhi

publicações de mulheres que falam sobre seus corpos, exibem-nos na rede, minha linha do tempo reunirá maior volume desse tipo de publicação.

¹³⁰ É possível restringir a pesquisa apenas a uma cidade, a perfis de amigos/as, grupos etc.

#sevalorize e apliquei no sistema de buscas selecionando algumas postagens em que a *hashtag* aparecia.

De maneira aleatória, mais de 300 publicações foram coletadas e copiadas pelo sistema de captura de tela (*printscreen*) do computador. Quanto à análise, utilizo 38 publicações, mas que são representativas da totalidade do *corpus*, pois identificam, no conjunto de enunciados, as regularidades, afinal ter o discurso como objeto de estudo é estabelecer sua regularidade. “São as relações entre objetos, entre tipos enunciativos, entre conceitos e entre estratégias que possibilitam a passagem da dispersão à regularidade” (MACHADO, 2007, p. 165).

Na obra *Arqueologia do Saber*, Michel Foucault (2008), ao tratar do conceito de Formação Discursiva, explica o que define uma prática discursiva. Ressalta que, para análise do objeto discurso, faz-se necessário investigar não os princípios de unidade nos discursos, aqueles que associam um discurso ao outro. O método, que tem como referência Foucault, parte do entendimento que o discurso é pura dispersão, ou seja, trata-se de um pressuposto que o individualiza para descrevê-lo em sua singularidade. Machado (2007, p. 161-162) afirma que

a descrição procurará estabelecer regularidades que funcionem como lei da dispersão. Investiga-se a possibilidade de estabelecer sistemas de dispersão entre os elementos do discurso, o que significa buscar uma forma de regularidade.

Tendo essa compreensão, fiz o recorte de uma série enunciativa a fim de verificar as relações entre os elementos dessas séries e o modo como elas significam, constroem, produzem sentidos sobre a beleza da mulher. Entendo que a série se encontra numa rede interdiscursiva que mantém relação com outros enunciados e isso permite estudar o funcionamento do discurso sobre a beleza dos corpos em circulação no *Facebook*. O conjunto de enunciados aponta para um discurso. Embora sejam dispersos, heterogêneos, esses enunciados permitem analisar as posições do sujeito instado a se voltar para si e falar de si nesse espaço de circulação que se constitui numa espécie de praça pública digital.

A partir das observações feitas no processo de seleção e das análises do material coletado algumas considerações são possíveis antecipar: primeira, raramente se encontra, textualmente, o enunciado "sou bonita" numa publicação feita por uma mulher – embora algumas delas, inclusive estando acima do peso

visualmente considerado ideal, verbalizem "sou gostosa"; por outro lado, é comum identificar as *hashtags* #gorda, #gordinha e #forabacon mesmo em postagens feitas por mulheres que seriam consideradas magras. Segunda, com exceção de publicações feitas por empresas, raramente uma mulher faz menção ao corpo sem exibi-lo em roupas justas ou que permitam visualizar colo, seios, bumbum e coxas – ainda quando se posiciona contra o imperativo "seja magra", mostra-se parcialmente desnuda; não identifiquei postagens com roupas que poderiam ser consideradas modestas. Terceira, praticamente não se encontram postagens de mulheres mais maduras, acima dos 50 anos, falando sobre seus corpos – estes, com o processo de envelhecimento, parecem deixar de existir; a exceção aparece quando essa mulher mostra-se com corpo aparentemente jovem e sensual. Ressalto que, durante todo o processo de seleção de conteúdos para análise, procurei observar postagens de mulheres de todas as idades. A pesquisa em nenhum momento se propôs a promover um recorte de idade, classe social, raça, cor etc.

Tanto a seleção das publicações quanto a composição do arquivo foram norteadas pelos pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso, em diálogo com o pensamento de Michel Foucault. Para Orlandi (2000), o trabalho do/a analista se constitui num constante ir e vir à teoria. Esse cuidado teve como objetivo não repetir a prática, citada por Pêcheux (1997), dos/as literatos/as, geralmente compostos por historiadores/as e filósofos/as, de produzir um *corpus* que, em análise, muitas vezes reafirmavam leituras consagradas, já estabilizadas. Afinal, sustenta Veyne (2009, p. 16), como já citado, que "[...] não possuímos uma verdade adequada das coisas, porque só alcançamos uma coisa em si através da ideia que dela construímos em cada época (ideia cujo discurso é a formulação última)". Ou seja, procurei evitar partir de uma leitura previamente estabelecida, de um gesto de leitura que mobilizasse sentidos já tomados como verdadeiros.

Veyne (2009) ressalta que Foucault, em vez de tratar de assuntos universais, concentrou-se no particular e específico. A ambição dele era nada menos que analisar documentos históricos e suas declarações, sem recorrer a formas de interpretação já estabelecidas, como contexto, influência, tradição ou agências supra-individuais semelhantes: o que ele sugere como alternativa é tratar o material como uma fonte histórica através do que pode ser chamado de abordagem das regularidades que se repetem por meio de uma memória. As estratégias analíticas que ele propõe, de muitas maneiras, merecem a caracterização de

“desfamiliarização”; o descascamento – tirar a casca – de tudo que se interpõe no caminho de uma análise do material da fonte histórica em seu estado ‘mais cru’ possível – as afirmações em sua facticidade pura.

6.1.2 O recorte para a construção do *corpus*

Parto da noção de recorte de Orlandi (1984; 2000) para construção do *corpus* desta pesquisa. “O recorte é uma unidade discursiva. Por unidade discursiva entendemos fragmentos correlacionados de linguagem-e-situação. Assim, um recorte é um fragmento da situação discursiva” (ORLANDI, 1984, p. 14). A autora diz que, no recorte, “[...] não há uma passagem automática entre as unidades (recortes) e o todo que elas constituem” (ORLANDI, 1984, p. 14). O recorte, portanto, se faz a partir dos objetivos a serem alcançados pela análise e, ao tratar das bases da análise, Orlandi (2000) ressalta que delimitar o *corpus* implica em fazer recortes, tendo como referência critérios teóricos. “Não há discurso fechado em si mesmo mas um processo discursivo do qual se podem recortar e analisar estados diferentes” (ORLANDI, 2000, p. 62). Isso ocorre porque, em AD, não se busca na análise a extensão do material, mas tratar os dados “em profundidade” (ORLANDI, 2000, p. 63).

Inicia-se o trabalho de análise pela configuração do corpus, delineando-se seus limites, fazendo recortes, na medida mesma em que se vai incidindo um primeiro trabalho de análise, retomando-se conceitos e noções, pois a análise de discurso tem um procedimento que demanda um ir-e-vir constante entre teoria, consulta ao corpus e análise (ORLANDI, 2000, p. 66-67).

De acordo com Orlandi (2000, p. 63), “em grande medida o corpus resulta de uma construção do próprio analista”. Trata-se, porém, de um recorte teórico-metodológico, não apenas metodológico, pois se unem o histórico e o linguístico, numa teoria do discurso atravessada pela teoria analítica (MITTMANN, 2007). Na Análise de Discurso, “não fazemos uma descrição do texto, mas uma teorização sobre o discurso, ou seja, tomamos o texto como unidade linguística para análise do funcionamento no discurso e reflexão sobre as condições históricas de produção/leitura” (MITTMANN, 2007, p. 153). Esta teorização, conforme a autora,

não efetua necessariamente uma análise exaustiva, não busca dar conta de todos os aspectos envolvidos, mas o/a pesquisador/a trabalha “profundamente sobre alguns aspectos discursivos inter-relacionando arqueologicamente noções teóricas pertinentes” (MITTMANN, 2007, p. 153).

Norteadado pelo dispositivo teórico, apresentado nas Seções anteriores, o *corpus* de análise foi se construindo em torno, inicialmente, de regularidades de conteúdos a respeito do corpo, mas que já sinalizavam para regularidades discursivas – corpo belo é resultado de esforço físico, academia, dieta; mulheres magras se identificam como “gordinhas”; oposição entre a exposição do corpo e uma frase supostamente de reflexão (algumas vezes, com referências religiosas); indiretas a pessoas não identificadas que, entre outros, colocam em funcionamento enunciado do tipo “eu sou bonita enquanto você é feia”; sentem prazer em exibir seus corpos; e, por fim, mulheres que verbalizam a necessidade de aceitação do corpo que possuem.

Optei, também, para delimitar o material de análise, que trabalharia com postagens do *Facebook* – ainda que originalmente algumas delas tenham sido publicadas noutras redes, principalmente o *Instagram* –, sem identificação dos perfis das usuárias, tampouco seus rostos, que, quando reproduzidos nesta pesquisa, foram cobertos com uma tarja. A fim de compreender o efeito das publicações junto aos/às amigos e amigas que possuem na rede, em alguns casos, incluí comentários na análise. Isso porque, conforme selecionava o material, notei que algumas mulheres pareciam buscar reconhecimento ou elogios como forma de compensação das supostas imperfeições verbalizadas nas publicações. Ilustrando, publicava-se uma foto com corpo à mostra acompanhada da *hashtag* #gordinha. Abaixo do texto, dezenas de curtidas e comentários do tipo “linda”, “gostosa” etc. Essas reações indicam, funcionando como subjetividade, o desejo de aprovação alheia, do reconhecimento da beleza. Ou seja, não basta ser bela, sente-se bela à medida que o outro diz que é.

6.2 ANÁLISE DO *CORPUS*: O CORPO EM EVIDÊNCIA

Considerando esses aspectos, selecionamos para análise 38 postagens. Elas foram agrupadas em cinco séries enunciativas que funcionam também como conjuntos organizadores pelas regularidades discursivas. São elas: “a beleza é

conquistada com esforço"; "magras que se dizem gordinhas"; "provocações"; "mulheres que sentem prazer em se exibirem"; e "mulheres que 'resistem' ao discurso de beleza". A organização em séries se dá pela observação de que alguns enunciados são recorrentes. Identificar e elencá-los não significa manter a análise presa a tais divisões, até porque esses enunciados por vezes se cruzam, mostram-se imbricados num discurso maior que faz referência a um ideal de beleza e verdades que se impõem como norteadoras do desejo de sentirem-se felizes com o corpo que possuem. Também ressalto que "[...] a análise do discurso não está interessada no texto em si como objeto final de sua explicação, mas como unidade que lhe permite ter acesso ao discurso" (ORLANDI, 2000, p. 72). E lembro a relevância, conforme Mittmann (2007, p. 154), de se "[...] desvendar os processos discursivos que levam às imposições como evidência, bem como o que esses mesmos processos deixam de fora".

A divisão teve como objetivo organizar a apresentação das postagens do *corpus* desta pesquisa a fim de descrevê-las para, em seguida, compreendê-las em seu funcionamento discursivo. Os conjuntos organizativos são requeridos para possibilitar a entrada no material de análise já como um movimento, entre outros, de construção do *corpus*, pois funcionam como referências específicas que nos permitem compreender o processo discursivo constitutivo das postagens que remetem ao discurso de beleza. Trata-se, portanto, de um dispositivo construído pelo analista para esta análise em particular.

6.2.1 A beleza é conquistada com esforço

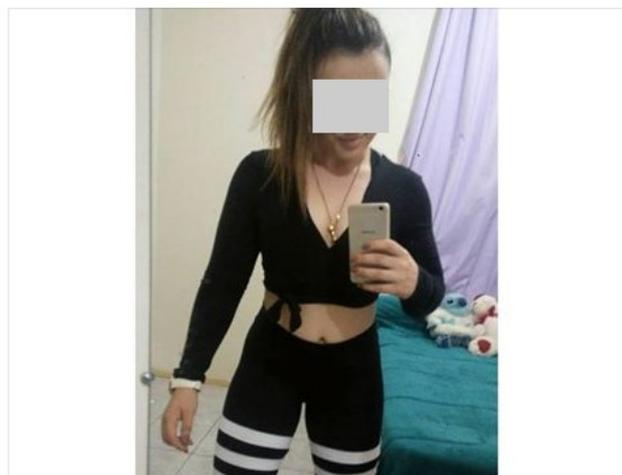
Notamos que, ao longo da história, existem referências bastante distintas sobre o que é o corpo belo. Entretanto, nos últimos séculos, principalmente após o início do século 20, o discurso sobre beleza se presentificou no cotidiano de quase todas as pessoas em virtude, principalmente, do desenvolvimento dos meios de comunicação de massa. Com a chegada da pós-modernidade, Barbosa, Matos e Costa (2011) lembram que o corpo se tornou objeto de culto, uma referência para auto-glorificação e identidade do sujeito. Por outro lado, ressaltam Lima, Batista e Nara Junior (2013, p. 50), o corpo se tornou necessário "[...] para o consumo das mercadorias e para obtenção de prazer e gozo, sendo por essa condição o centro das preocupações".

Sant'anna (2014, p. 178-179) menciona que, “se cada época cria ideais de beleza”, as mulheres superpoderosas de hoje revelam de certo a identidade de um povo. No caso do Brasil, os corpos femininos considerados belos “[...] resultam de muita disciplina e treinos diários”. A autora compara com os antigos soldados e gladiadores, homens que, para o exercício de suas atividades, tinham que treinar intensamente, diariamente e eram bastante disciplinados. Contudo, a mulher contemporânea também se preocupa com dietas especiais, tratamentos estéticos e, por vezes, realiza cirurgias plásticas.

Na série enunciativa que apresento aqui é possível observar em funcionamento o enunciado "corpo belo é resultado da vontade e esforço individual", que confirma as características mencionadas por Sant'anna (2014).

Post 1: Não existe mágica

Não existe mágica. Existe trabalho duro, persistência, renúncia entre muitas outras coisas.
Existe você não se acomodar e viver de desculpas. Desculpas só são o caminho do fracasso 😊👊👊👊
#11 #40 #desafioteamred #PraCima #umdiadecadavez #foco #objetivo #resultado #motivação #treino #academia #alimentação Saudável #hábitos #mudança #estilodevida #musculação #saúde #bemestar #saturday #healthlifestyle ❤️❤️❤️



Fonte: *Facebook*¹³¹

¹³¹Todas as figuras aqui relacionadas têm como fonte os perfis pessoais de usuárias do *Facebook*. Do ponto de vista normativo (ABNT), na indicação de fonte, eu teria que publicar o local de origem do texto. Se eu fizesse isso, apresentaria o nome e o endereço dos perfis pessoais das mulheres que são citadas na pesquisa. Como a proposta é preservar a identidade delas pessoas, não expor seus nomes, rostos, quem são, não farei referência às fontes, inclusive não vou repetir que se tratam de textos desta rede social.

Post 2: Minha meta

Eu estou muito feliz com meus onze kilos a menos, minha meta era de dez a doze kilo perder, mas acho que assim já está melhor, tô mega feliz 🥰 por minhas roupas que não servia mais, guardei todas porque tinha certeza que conseguiria voltar ao peso de antes novamente. eis aí o agora é o antes, quando se assumi uma responsabilidade com a gente mesmo e procura cuidados com especialistas a gente consegue sim, eu consegui e estou radiante 🥰 com minha conquista!
Agradeço também a todos da Clínica [REDACTED] que fiquei aos cuidados deles e porque alcancei meu objetivo!

Post 3: Patinho feio

Eu sempre fui um patinho feio minha vida toda, sempre quis fazer isso, no último ano resolvi mudar tudo, melhorar fisicamente, mentalmente e ir atrás dos meus sonhos e das minhas conquistas, com muito suor trabalho digno e honesto estou conquistando com ajuda do Papai Celestial DEUS.
[REDACTED] obrigada pelo oportunidade

Post 4: Estilo de vida

Genética ou escolhas do seu estilo de vida ?
Seja sua maior inspiração, não queira ter o corpo de outra pessoa, apenas queira chegar em sua própria melhor condição, desafie-se.
Não quero voltar a ser a baleinha que eu era, e quero melhorar ainda mais para passar do shape da terceira e quarta foto. acredite , sua mente é mais capaz do que você imagina. Estou 110% focada em minha dieta e com a ajuda da nutri linda [REDACTED] vou deixar o corpo da última foto no chinelo.
Seus resultados só dependem do seu foco, fortaleça sua mente e você conseguirá o que quiser.
Bom fds e um bjo no coração de cada um 🥰🥰🥰🥰
#sextafeira #fds #ardocelar #descanso #familia #life #love #treino #dieta #foco #determinação #objetivo #resultado #menteblindada #musculação #nutrição #treinolevadoasero #profissão #educaçãofísica #mulheresquetreinem #hardcoreladies #bodybuilding #fit #fitness #gym #health #motivação #blessed #lifestyle

Post 5: Alimentação saudável

13 de julho de 2017

Sem remédio ☹️ sem cirurgia ☹️ sem dieta maluca ☹️
 Com alimentação saudável 🙌 exercícios físico 🏃 muito foco e força de vontade 😊 Já faz quatro anos que mantenho meu foco com alimentação saudável. Com algumas jacadas kk.. mas sempre continuando no foco 😊 comecei a minha reeducação alimentar em agosto de 2013 depois de vários problemas de saúde, pressão alta e etc.. em 5 meses eliminei 22 quilos. E mantive com alimentação saudável. Toda a minha alimentação está aqui no Instagram ([redacted]) e na página [redacted] no facebook. Hoje em dia já acostumei e adoro 😊 Depois da gravidez dos meus filhos ganhei muito peso. Foi difícil, mas é possível para todos. Pra algumas pessoas pode ser rápido, pra outras pode demorar um pouco mais. O importante é manter o foco sempre. No começo também achava impossível. Mas com força de vontade, reeducação alimentar e exercícios a gente chega lá. Foi muito difícil e sofrido, mas o importante é viver um dia de cada vez, quando os resultados começam a aparecer a nossa persistência fica cada vez maior. Pra chegar na minha meta, foram 5 meses de uma alimentação saudável que vou levar pra toda a minha vida. Mudou completamente a minha pra melhor! Não só por causa da estética. Mas minha saúde, minha auto estima, sempre achar o tamanho de roupa que eu gosto, passear, caminhar sem ficar cansada etc.. #reeducaoalimentar #dieta #light #debemcomomeucorpo #boaforma #avitoriadependedevoce #épossivelparatodos #atitudeboaforma #euconsegui #boaforma #mamaefitness #saudeétudo #atitudeboaforma #fitness #vivercomsaúde #exercícioaolivre #exerciteseucorpo #ficarforte #Apenasfaçaisso #vocepodefazermelhor #corpo #exercício #mulheresquetreina #30diasprasecar #perdade peso #wod #estético

Post 6: Colher o que planta

E todo o esforço tem valido a pena...
 Há 2 anos mudei radicalmente minha vida. Com reeducação alimentar agregada a exercícios físicos, tenho alcançado meu objetivo, mas não vou parar por aqui.
 É tudo questão de força de vontade.
 Ao invés de reclamar que as calças estão apertadas ou dizer que vc simplesmente não consegue, ao invés de comer por ansiedade, de se deprimir ao passear pelo shopping e ver vestidos lindos nas vitrines e descobrir que não existem no seu tamanho, ver modelos de biquínis que não lhe caíram bem, dê o primeiro passo, ele é o ponto de partida para que as mudanças comecem a acontecer!
 Ouço muitas mulheres dizendo que não se gostam, que se acham gordas, feias, com auto estima baixa... Amada, você é a imagem e semelhança do Senhor! Você é a obra prima dEle. Pare de bobear e se ame! Se cuide! Você é templo do Espírito Santo!!! Corra atrás do que realmente é importante para você!
 Se você está colhendo algo que não está te agradando, está na hora de você mudar o que está plantando.
 E quando digo de força de vontade, não me refiro somente ao corpo, mas sobre qualquer coisa. Ore, ore muito. Não até que Deus te escute, mas até que vc escute e voz do Senhor.
 Se vc está num emprego que vc não gosta, peça demissão e corra atrás do emprego dos seus sonhos; se vc quer passar num concurso público, dedique-se! Acorde cedo e estude!
 Se vc está desanimado pq está desempregado, invente! Faça pão, bolo, tortas, sanduíches p vender; se disponha p levar os cachorros do seu prédio p passear; corte a grama do seu vizinho; se vc está num relacionamento que te deixa infeliz, jogue tudo p o alto. Vc precisa entender que uma mulher precisa de um homem que borre seu batom e não o seu rímel!!! Agora se vc já é casada, ore mais ainda, pq só o Espírito Santo convence e lembre-se que depois da tempestade, sempre vem a calmaria. Creia! Confie!
 Vc pode ser e fazer o que quiser!!!
 Não se conforme com as coisas que te aconteceram, vc pode muda-las!!
 A única coisa necessária para essa mudança é sua própria atitude...
 O caminho nunca é fácil, mas os resultados são surpreendentes!
 Se desafie, mude!

Post 7: Linda magra

Boa noite menos 10kg a menos !
 mudar de vida não é nada fácil mais é a melhor coisa ver o resultado acontecendo ..
 hoje vai uma foto que vai falar pro sim mesma quem diria que eu ia conseguir , mais com muito esforço, eu consegui e não para por aqui não minha gente hahaha ! e não é fácil é também não vai ser mais quem tem força de vontade e ir a luta porque quer consegue e aí está a prova do resultado , dieta , academia , cortei refrigerante faz uns 5 meses que não vejo mc na minha frente 😊 ! o que fez eu mudar foi meus pensamentos #lindamagra !



A verdade da época em que vivemos é de que cada pessoa é dona do seu próprio destino. Fracasso e sucesso são resultado do esforço individual. Funcionando como clichê, acredita-se que se a pessoa se doa, se dedica, estabelece uma prioridade, alcança o objetivo proposto. Isso valeria também em relação ao corpo. No conjunto de *posts* acima, as mulheres reproduzem a ideia: se há esforço, há conquista. Os textos verbais trazem frases como: *post* 1, “existe trabalho duro, persistência...”, “desculpas são só o caminho do fracasso”; *post* 2, “quando se assume a responsabilidade com a gente mesmo”; *post* 3, “com muito suor, trabalho digno e honesto”¹³²; *post* 4, “seus resultados só dependem do seu foco [...] e você conseguirá o que quiser”; *post* 5, “muito foco e força de vontade”, e reforça um pouco adiante, “com força de vontade”, “quando os resultados começam aparecer, a persistência fica cada vez maior”; *post* 6, “é tudo questão de força de vontade”, “você pode ser e fazer o que quiser”, *post* 7, “com muito esforço, eu consegui”, “quem tem força de vontade e vai à luta porque quer, consegue”.

Como dito na Seção 2, a corporeidade tem a ver com a consciência dos sujeitos, com a construção da subjetividade na relação das pessoas com seus corpos. E, nessas falas que aparecem nas *posts* mencionadas, emerge a ideia de que a beleza é um bem que se conquista a partir de uma decisão pessoal que envolve mudanças nos hábitos alimentares, exercícios físicos regulares e a crença na capacidade de superar-se. “Não existe mágica”, afirma a personagem da *post* 1. Ela ainda diz: “existe você não se acomodar e viver de desculpas”. A ideia de que a conquista do corpo desejado começa numa atitude individual que se dá na forma de pensar é verbalizada por essas mulheres: “o que fez eu mudar foi meus pensamentos” (*post* 7), “fortaleça sua mente” (*post* 4), “acredite, sua mente é mais capaz do que você imagina” (*post* 4), “resolvi mudar tudo, fisicamente, mentalmente” (*post* 3, grifo do autor). Conforme Mota (2012, p. 97), acredita-se que a beleza feminina é produzida com sacrifícios, “[...] relacionando-se a adequações, modificações e montagens de uma figura para a sedução”.

Notamos nas falas dessas mulheres a reprodução de um discurso de beleza que existe fora delas. Noutras palavras, o que publicam não é delas, não é uma fala que tem origem numa possível consciência delas. Assumem como sendo delas uma

¹³² Embora algumas frases tenham sido publicadas pelas mulheres com erros gramaticais, ausência de pontuação adequada etc., pretendo reproduzi-las de forma correta. Entendo que essas alterações não representam manipulação do conteúdo e nem comprometem a análise; por outro lado, trata-se de um cuidado para que não haja ruídos na leitura da análise.

forma de ver o corpo e a beleza que faz parte da trama histórica. Essa forma de pensar a estética, de valorização de uma determinada imagem corporal, é parte do saber da sociedade na qual vivemos (FERREIRA, 2010). "Ética e estética são partes constitutivas de uma mesma percepção de mundo" (FERREIRA, 2010, p. 198). O saber da época constitui a subjetividade delas que se objetiva em ações práticas e manifestações verbais de ordem pública (no *Facebook* e noutras redes sociais). Com isso, contribuem para sustentar esses enunciados como sendo verdadeiros, pois dezenas de outras pessoas acessam tais conteúdos nas redes e, por vezes, espelham-se nessas mulheres como sendo referências de que o corpo, que foi instituído como belo, é possível ser obtido.

Por outro lado, o corpo tido como gordo, feio é apresentado como consequência de certo descuido, de ausência de prioridade no cuidado de si. Na *post* 6, lê-se: "se você está colhendo algo que não está te agradando, está na hora de mudar o que está plantando". Observamos o retorno da ideia "quem faz o seu corpo é você". Logo, se o corpo não é belo a responsabilidade é da própria mulher. Desde o século 20, as pressões coercitivas passaram a recair sobre a subjetividade das mulheres e o corpo ficou sob responsabilidade da própria pessoa – o discurso que impera é "faça você mesmo".

Esse corpo acima do peso ganha conotação inclusive pejorativa: "não quero voltar a ser a baleinha que eu era", afirmou a mulher da *post* 4. A baleia, animal grande, o maior já conhecido, é a figura em que essa mulher se referencia para falar de um passado no qual provavelmente tinha alguns quilos a mais. Contudo, para ela, não eram apenas alguns quilos, era um animal enorme, incompatível com espaços públicos. Afinal, "o corpo ideal é sexual, provocante, esbelto, extravagante, cuja atitude traduz o sucesso estético do mercado na cena social" (BORGES, 2012, p. 9).

A ideia de que a beleza é inerente às mulheres e basta que a busquem por meio de dietas, cuidados estéticos e exercícios emerge em alguns dos textos. Veja a frase: "eu sempre fui um patinho feio na minha vida...". A menção ao "patinho feio" remete à memória da história infantil¹³³ de uma ave que, na infância, é rejeitada, excluída pelos irmãos e inclusive pela mãe por ser diferente dos demais, por ser

¹³³ A história do "patinho feio" pode ser encontrada em livros infantis e também em várias páginas na internet. Caso o/a leitor/a queira consultar, veja aqui: <https://bebeatual.com/historias-patinho-feio_105>. Acesso em: 10 jul. 2018.

visto como feio. Mas a personagem escreve que resolveu mudar. Ou seja, quis deixar de ser feia. Isso confirma a discussão proposta por Sant'Anna (2014), quando indica que as práticas discursivas já no início do século 20 sustentavam que a mulher é bela, e esta beleza talvez não esteja visível apenas por estar escondida embaixo de descuidos com o corpo. Fica implícito o enunciado: só é feia quem quer. Essa ideia é reforçada pelo questionamento inicial no texto de outra mulher: "genética ou escolhas do seu estilo de vida?".

As falas dessas mulheres também remetem ao discurso de que quem está acima do peso é preguiçosa e/ou acomodada. No *post* 1, lê: "existe você não se acomodar e viver de desculpas". Observa-se que quem não tem o corpo belo, é acomodado/a e, se não pratica exercícios, faz dietas etc., é porque não quer – usaria desculpas para não correr no parque, fazer academia, mudar a alimentação. Retorna a ideia de que a responsabilidade é da pessoa, como se a beleza idealizada estivesse à disposição de todos/as. Goellner (2003b) menciona que, quando a mulher não investe em cuidados que busquem a beleza idealizada, o olhar que se tem é de que age com displicência, é desleixada.

No discurso de beleza, também está presente o enunciado "beleza se conquista com sacrifícios". Nos posts acima, lemos: "foi muito difícil, é sofrido" (*post* 5), "trabalho duro" (*post* 1), "o caminho nunca é fácil" (*post* 6), "não é nadinha fácil" e "ir à luta" (*post* 7). Está em funcionamento nesses textos a memória de que sem dor não há ganho. Noutras palavras, é preciso sacrificar-se para alcançar a beleza ideal. Notam-se nos textos acima adjetivos e advérbios que remetem à ideia de que a busca pelo corpo perfeito é uma batalha e, quem o conquista, é heroína. A frase "sacrifício de hoje, coxa grossa amanhã", estampada na camiseta da personagem abaixo, *post* 8, reafirma isso.

Post 8: Determinação



Guiraldelli Jr. (2007) alega que, na sociedade contemporânea, investir em si passou a significar investir em seu corpo. No post acima, a jovem diz “bora [sic] cuidar”. O cuidado para que viva bem está referenciado no cuidado com o corpo. O mesmo filósofo ressalta que nosso eu é assumido como corpo.

Retornam também, por meio das *hashtags*, as expressões foco e determinação, características que são repetidas pelas mulheres como fundamentais para se obter o corpo belo. Este, na beleza da época, inclui coxas grossas. Conforme vimos com Sant’anna (2014), entre as referências de beleza do século 21 estão coxas grossas, bumbuns empinados etc., aspectos físicos que são inspirados nas musas dos carnavais e influenciadoras digitais, frequentemente destacadas pelas mídias. São mulheres que assimilaram o discurso de que apenas a disciplina, o esforço constante e renúncia produzem os resultados desejados.

Um dos aspectos que se renuncia é a alimentação. Embora não mencionem textualmente que itens devem ser abandonados, já faz parte do imaginário popular que massas, frituras, carnes gordas, doces, sorvetes, molhos entre outros não devem fazer parte do cardápio¹³⁴ – esse discurso a respeito dos alimentos que não devem fazer parte da dieta de quem deseja ser bonito/bonita fazem parte inclusive

¹³⁴ Basta uma breve pesquisa no buscador *Google*, a respeito de comidas que engordam, para que esses e outros itens sejam apresentados como respostas em diferentes links – desde notícias até artigos científicos da área de saúde.

do discurso médico. No imaginário, tem-se inclusive a ideia de que deixar de usar esses itens representa um sacrifício, pois seriam alimentos agradáveis ao paladar. Também retorna aqui a ideia de que é preciso esforço, sacrificar-se para ser bela.

O *post 7* coloca em funcionamento o argumento de que a comida é um motivo para ficar feia. Nela, vemos a reprodução de um “antes e depois”: na primeira fotografia, aparece em destaque, próximo da personagem, uma bandeja de salgadinhos fritos. Pelo texto verbal, é possível deduzir que, naquela foto, a jovem sugere estar acima do peso. E não é difícil a/o leitor/a encontrar o “culpado”: a comida; na segunda, exibe-se depois da dieta e ressalta que cortou, inclusive, refrigerantes. Então diz estar dez quilos mais magra e comemora com #lindamagra.

O discurso de que existe uma alimentação saudável coloca em oposição o não-dito: há uma alimentação não saudável, que impede as mulheres de serem belas. É recorrente a expressão “alimentação saudável” em publicações que tratam do corpo e da beleza. “Faz quatro anos que mantenho meu foco com alimentação saudável”, diz a mulher do *post 5*. Além de repetir a expressão outras vezes, também fala em “reeducação alimentar” e perda de 22 quilos em cinco meses. O termo “reeducação alimentar” também aparece no texto do *post 6*. Já a mulher do *post 4* fala em dieta, semelhante à 7.

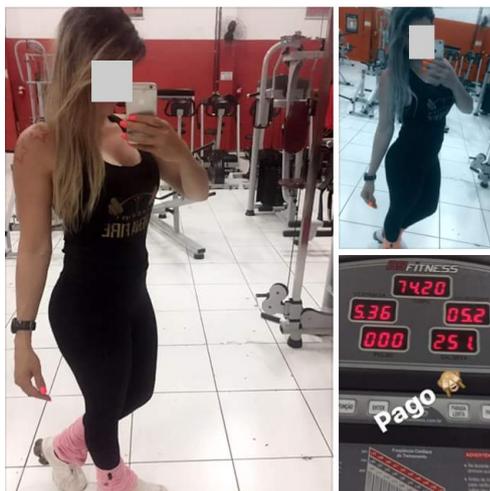
A associação da comida¹³⁵ com gordura, ausência de saúde e, conseqüentemente, com a estética corporal é recorrente nas publicações de mulheres que falam sobre seus corpos. Analisa-se que o saber produzido pelo dispositivo de beleza prende o corpo, inclusive num regime de proibições. Foucault (2014) lembra que o corpo é formado por regimes, intoxicado por venenos, entre eles os hábitos alimentares, valores, entre outros. É este corpo que se revela na rede em busca de uma suposta vida saudável, regido por regras, medidas disciplinares que prometem que a mulher seja, de fato, mulher sendo bela. E, ao publicar fotografias no *Facebook*, submete-se ao olhar do/a outro/a, punindo-se quando não consegue atingir o ideal estético.

¹³⁵ Minha proposta não é questionar o discurso médico, apontar que esteja equivocado ou algo parecido. Muito menos que esses/as profissionais estejam errados/as ao recomendarem que certos alimentos sejam evitados. Contudo, esse discurso produz um saber que tem sido assimilado como verdade objetiva, inclusive com repercussões estéticas referenciando um certo ideal de beleza. É necessário considerar que o próprio discurso médico sobre os alimentos é constantemente atualizado em função de pesquisas científicas que liberam determinados alimentos antes proibidos ou o contrário. Contudo, esse debate geralmente não ocorre e as pessoas assimilam como verdadeiras as informações sobre saúde e norteiam a rotina delas, inclusive culpando-se quando não conseguem adotar determinadas práticas e/ou dietas.

Por outro lado, comer o que supostamente não pode é motivador de culpa e da necessidade de se buscar compensações, como é possível ver a seguir.

Post 9: Depois do chocolate

Pago, depois de tanto chocolate



A academia de ginástica/musculação é o local da penitência. A presença da palavra “pago” indica compensação e, para além disso, de que o exercício não é uma atividade prazerosa (é um sacrifício pelo qual se deve passar para se obter a glória – corpo tido como perfeito); trata-se do custo por ter comido chocolate. Na composição da imagem, com três fotografias, observa-se a reprodução do painel de uma esteira de caminhada/corrida. Nela, identifica-se o tempo de atividade, cerca de 74 minutos, a quilometragem, mais de 5 quilômetros, e as calorias gastas, aproximadamente 250. Está em funcionamento, portanto, o sentido de que o chocolate não deve ser comido pela mulher que quer ser bela; se não resiste à vontade, deve ser punida e a autopunição implica em fazer intensos exercícios físicos. Se durante a Idade Média, o corpo era castigado em função dos pecados da alma como forma de ser purificado (BARBOSA; MATOS; COSTA, 2011), a purificação hoje implica, como sugere a mulher, em caminhar/correr por mais de uma hora numa esteira a fim de libertar-se do “pecado” de comer um chocolate.

A publicação que apresento a seguir mostra que a abstinência à comida é recompensada com o corpo considerado belo. Observe.

Post 10: Mulheres que comem nada



O texto verbal “as mulheres que comem nada #gostosa”, em sua imbricação com o imagético, aponta para o que se tem como a ‘verdade’ a respeito da beleza. A jovem, que em primeiro plano aparece de uniforme, se despe a fim de revelar um corpo magro, ‘barriga tanquinho’, coxas grossas e musculosas. E ela brinca – sentido que emerge pela presença do “hahahahaha”, que se convencionou como sendo uma risada em diálogos virtuais – que isso foi conquistado sem comida. É fato que até por sobrevivência, a jovem se alimenta. Contudo, o texto reforça os sentidos de que a comida é a responsável por impedir que as mulheres sejam belas. O sacrifício, portanto, é recompensado com o corpo perfeito.

O outro lado desse discurso é o possível efeito que causa nas demais mulheres que estão presentes nas redes sociais. Como vimos em Seções anteriores, algumas mulheres são vigiadas e subjetivadas pelo dispositivo de beleza. A exposição de textos como os mencionados acima reforça um modelo de beleza e, no que diz respeito à comida, parece-me, gerar culpa naquelas que não conseguem viver em constante dieta ou abandonarem determinados alimentos. Bordo (1997, p. 25) lembra que “a fome feminina – por poder público, independência, gratificação sexual – deve ser contida”. Observo, porém, que esse processo disciplinar e que afeta as mulheres começa pelo elemento mais básico para a manutenção da vida humana: a alimentação.

Não seguir rigorosamente a dieta, deixar de fazer os exercícios físicos, perder o foco ocorre com mulheres que cedem as tentações, observa-se nos textos dessas mulheres. A personagem do *post* 5 confessa que, no percurso do emagrecimento,

teve “algumas jacadas” – expressão que significa ter comido mais do que deveria e consumido alimentos que engordam. O *post* 11 ressalta a importância de o objetivo – ficar e manter-se bonita – ser mais forte que as tentações.

Post 11: Tentações



A jovem alerta que o fim de semana traz tentações. E embora não os cite, é possível saber que entre elas estão o consumo de bebidas, comidas ‘impróprias’ para quem está de dieta, relaxar com o corpo etc. A motivação deve ser o corpo ‘sedutor’, que ela expõe na *selfie*. A *hashtag* “booty” é uma menção, em inglês, ao bumbum, uma das partes mais valorizadas do corpo feminino – e também foco dos intensos treinos em academias. Com um traje que valoriza a visibilidade do corpo e suas curvas, a moça reforça a importância da dieta e dos treinos, pois, lembram Lima, Batista e Lara Junior (2013, p. 50), “[...] o ato de intervenção e modificação do corpo é uma tentativa simbólica de inclusão no laço social”.

A fala da personagem acima remete ao sentido de priorizar o corpo, como também pode ser notado no *post* 12. A jovem diz: “se você tem tempo para ficar nas redes sociais, tem tempo para ir à academia; na vida, tudo é questão de prioridades” (grifo meu). O texto imagético traz, ao fundo, como cenário, uma academia – o que reforça a ideia de que, sem treinos, não existe corpo bonito. Ao posar para a *selfie* numa academia, a personagem se posiciona como quem tem autoridade para

discursivizar, afinal, ela está na academia priorizando o corpo. Faz ainda referência ao tempo que se gasta nas redes sociais. Logo, no argumento dela, se há tempo para estar nas redes, não existe justificativa para não ser bela.

Post 12: Questão de prioridade

21 de junho de 2017

Se você tem tempo para ficar nas redes sociais, tem tempo pra ir à academia, na vida tudo é questão de prioridades.

#corpo #em #construção.

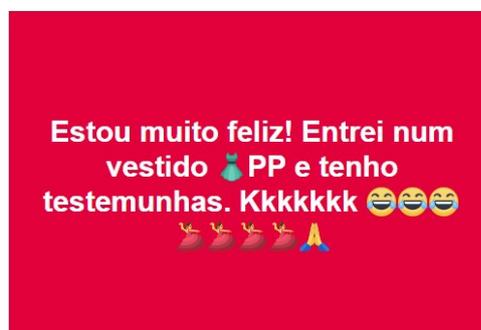
#Boanoite



Tanto o argumento do foco no corpo quanto do melhor uso do tempo funcionam como repetição de um saber que circula em diferentes esferas do espaço público. A jovem recorre aos enunciados “com dedicação ao corpo, toda mulher pode ser bela” e “administre melhor o tempo, saia das redes sociais”. Ao falar das redes sociais, ela mesma se contradiz, pois seu texto foi publicado no *Facebook*. Contudo, é possível que se sinta autorizada a estar presente nas redes, pois ali exerce a função de tutora, conselheira ou mesmo exemplo para outras mulheres.

É recorrente, entre as mulheres que falam de seus corpos magros, manifestações de alegria e/ou felicidade.

Post 13: Vestido PP



A autora¹³⁶ do texto não publicou foto pessoal com o vestido, mas postou sua celebração de felicidade por usar um vestido tamanho “pp”. As roupas também são mencionadas pela mulher do *post 2*: “mega feliz por minhas roupas que não serviam mais”. Ela ainda ressalta que havia guardado todas, pois acreditava que pudesse voltar a usá-las. Já a personagem do *post 5*, publicou um longo texto de estímulo a outras mulheres para que também sejam magras, pois a vida dela mudou para melhor, ganhou autoestima. Entre os motivos, está “sempre achar o tamanho da roupa que eu gosto”.

¹³⁶ Aqui, o termo autor/a é utilizado para indicar quem publicou o texto no *Facebook*. Ressalto, porém, que em Foucault, a noção de autoria é bastante distinta, porém não faço uso desta noção desenvolvida pelo filósofo durante o desenvolvimento da minha pesquisa. Para compreender melhor a concepção de autor/a, sugiro a leitura de *O que é um autor?*, Michel Foucault (2000).

Post 14: O limite está na cabeça

Há exatamente um ano tirei essa primeira foto, apareceu hoje em minhas memórias e ontem eu chorei em um provador de uma loja de roupas no shopping do qual já havia chorado a alguns anos atrás, só que desta vez o motivo foi bem diferente. A saga de comprar um shorts, ontem rendeu lágrimas de alegria é surpresa, quem me conhece sabe a implicância que tenho com minhas pernas (eu estou perdendo ok). Fui com mamis comprar um presente pro meu irmão e peguei algumas peças para provar numeração 40 e M crente que não iriam entrar nemmm na panturrilha kkkkk, e a bela surpresa coxa e bumbum ok!!! Cintura ficou largo... mais mamis falou que arruma!!!! Se eu choreiii... lógico eu nunca usei essa numeração, o motivo do choro da 1 vez era que a 46 não serviu e a loja não tinha maior!!!! Se eu quero mais... simmmm #rumoaoin suportavel o limite sempre vai estar dentro da sua cabeça. #foconosparanaue 😂😂😂😂



A série de fotografias da jovem mostrada acima traz, na terceira imagem, a indicação de uma peça de roupas que está larga na cintura (precisa de ajustes, como a própria personagem indicou). Contudo, mais que o texto imagético, é o texto verbal que reforça a relação existente entre o estar magra, encontrar a roupa considerada da numeração adequada (preferencialmente igual ou abaixo de 40, para as mulheres) e o estado de felicidade. A jovem indica ter chorado de alegria por conseguir vestir pela primeira vez uma peça de número 40. Em oposição, afirma que chorou, triste, num provador de roupas quando o número 46 não serviu e não havia tamanho maior. Isso ocorre porque o corpo passou a "[...] ocupar uma posição de mal-estar na cultura" (LIMA; BATISTA; LARA JUNIOR, 2013, p. 50). Ou seja, se o corpo não está adequado aos modelos estabelecidos culturalmente, a mulher sofre, deixa de aceitar-se até mesmo como mulher.

Ela conclui o *post* com a frase, que remete ao enunciado que se repete, “o limite vai estar sempre na sua cabeça” e a *hashtag* #foconosparanaue. Semelhante às demais publicações, retorna a ideia de que a pessoa terá o corpo belo à medida que isso for uma prioridade, esforçar-se, manter-se focada, mudar a própria forma de pensar, acreditando que é possível ser bela.

Neste conjunto organizativo de publicações, o enunciado “A beleza é conquistada com esforço” atravessa todos os textos, inclusive aqueles que tratam de

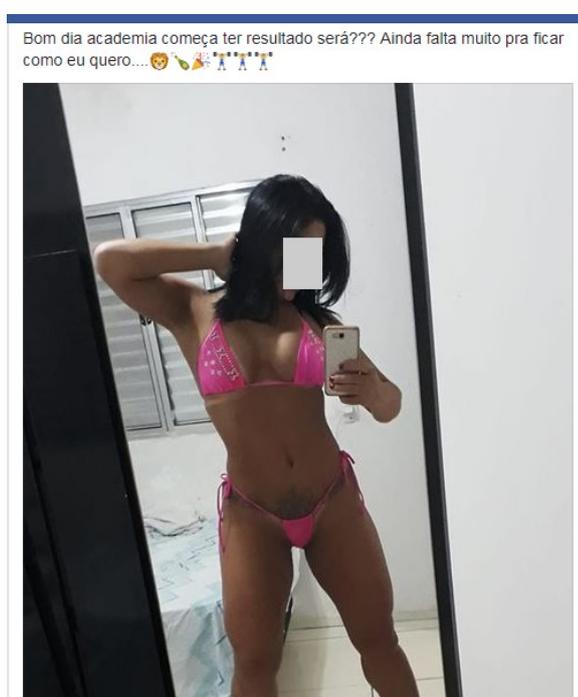
roupas. A mulher do *post* 6 disse: “ao invés de reclamar que as calças estão apertadas [...], de se deprimir ao passear no shopping e ver vestidos lindos nas vitrines e descobrir que não existem do seu tamanho, ver modelos de biquíni que lhe caíam bem...”, ela sustenta: “dê o primeiro passo”. Ou seja, decida ser bela, esforce-se para isso e vai conseguir a recompensa que deseja. Ela associa o uso de determinados tamanhos de roupas à satisfação pessoal, felicidade. E, ao fazer isso, repete o argumento de que a própria mulher é responsável pelo corpo que tem ou terá. Notamos que “[...] a busca pela felicidade na vida se relaciona diretamente com a busca da fruição da beleza” (LIMA; BATISTA; LARA JUNIOR, 2013, p. 50).

Os textos das postagens 6 e 14, porém, colocam em evidência um aspecto que discuti brevemente em Seção anterior: a moda contribui para referenciar o padrão estético. Quando as autoras dizem: “ver vestidos lindos nas vitrines e descobrir que não existem do seu tamanho” e “o motivo do choro da primeira vez era que a [peça] 46 não serviu e a loja não tinha maior”, essas frases apontam que é o corpo que deve moldar-se ao mercado da moda e não o contrário. A ausência de numeração para todos os tamanhos reforça a ideia de que quando uma mulher não encontra um ‘vestido lindo’ ou um short que sirva nela é porque possui um corpo inadequado, maior do que o tido como um tamanho normal. A moda normatiza o que considera apropriado e funciona como um mecanismo disciplinador ao excluir quem possui medidas acima das estabelecidas pelo mercado. Ao não encontrar uma roupa do tamanho do seu corpo ou um biquíni que lhe caia bem, a mulher é confrontada pelo dispositivo de beleza. Bauman (2007) ressalta que o que a pessoa coloca no corpo (veste) é uma forma reconhecidamente conveniente de se manter em dia, ou em sintonia, com o mundo em que se vive.

Dessa maneira, a moda, com suas roupas, calçados, com tamanhos previamente estabelecidos, funcionam dentro do dispositivo de beleza. Por isso, a noção de dispositivo em Foucault (1999a) é tão significativa para esta Tese. Afinal, no que diz respeito à beleza, não se trata apenas de um discurso que referencia, vigia e até mesmo disciplina; outros tantos elementos contribuem para que esse corpo seja moldado, controlado – o tamanho das roupas disponíveis no *shopping*, por exemplo. É necessário compreendermos que o controle dos corpos funciona sob um complexo sistema de vigilância, resultante inclusive dos corpos que se vê, das peças de roupas vendidas nas lojas etc. e, conseqüentemente, do que é incorporado como verdade.

Bauman (2007) ressalta que uma das características da sociedade de consumo é a insatisfação constante. É esta que alimenta o capital. Os desejos nunca são satisfeitos; pelo contrário, ao se atingir um objetivo, outro logo se impõe. Embora já tenha citado a frase do autor, gostaria de repeti-la aqui: “Seu corpo pode estar em excelente forma, não importa – sempre será possível melhorar” (BAUMAN, 2007, p. 123). Ao analisar o conjunto de publicações selecionadas neste *corpus*, notamos que a argumentação de Bauman se confirma.

Post 15: Ficar como eu quero



A mulher, mesmo magra e com curvas definidas pelos exercícios físicos, ressalta que não está satisfeita. Reconhece que a academia tem dado resultados, contudo “ainda falta muito pra ficar como eu quero”, diz. O corpo, que não lhe satisfaz, pode, porém, ser exibido, avaliado pelas quase 5 pessoas de sua lista de amigos/as no *Facebook*. O corpo dela é para alimentar o ego, mas também para ser consumido pelas pessoas; um corpo-mercadoria. A respeito dessa atitude dos sujeitos em relação à estética, Trinca (2008, p. 47), tendo como referência Haug (1997), afirma que

[...] a estética da mercadoria molda as sensações humanas de modo que os próprios sentidos passam a dominar o indivíduo fascinado, isto é, na medida em que a aparência artificial tecnicamente

produzida (tecnocracia da sensualidade) é apresentada como a imagem refletida do desejo, a promessa estética do valor de uso repercute na estruturação das necessidades.

Mulheres, como a retratada, referenciam o cuidado de si numa perspectiva distinta da proposta por Foucault (2004/2006). Nelas o cuidado do corpo emerge como prioridade, sendo a construção da aparência o que lhe dá valor – e que repercutiu, nessa postagem, em mais de 230 curtidas e quase 90 comentários. Considerando o exposto por Trinca (2008), vejo um sujeito que estrutura suas necessidades e desejos na promessa estética, e encontra um sentido para si na fascinação que um corpo artificial, produzido para sensualizar, tem na sociedade contemporânea. Isso porque, para que seja um sujeito-mulher, é necessário assujeitar-se a essa condição: ser bela, conforme os padrões da época. Como vimos há pouco, estar magra, curvilínea é uma condição para a felicidade e autoestima da mulher.

Post 16: Nunca parar

O objetivo não é ser perfeito, mas buscar ficar cada vez melhor e nunca parar, 😊😊💪👊🙌
🙄



👍❤️🙄 134

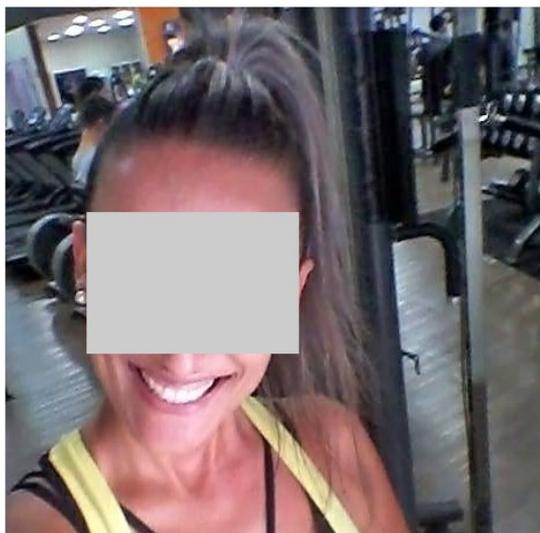
12 comentários

O sentido de insaciabilidade, que projeta a necessidade de seguir buscando um corpo melhor, também aparece no *post* 16. A mulher, que já tem alguns músculos aparentes, verbaliza a impossibilidade da perfeição, mas indica que há

condições de obter um corpo melhor – desde que não pare de exercitar-se, de seguir se esforçando. Essa busca não pode ser interrompida sob nenhuma condição, conforme indica o próximo texto.

Post 17: Vai cansada mesmo

Ta cansada?? Vai cansada mesmo!!!
#saipreguiça #treinotop #saúde #comerbem #qualidadedevida
#proibidoparar #pravidatoda



Com o cenário de uma academia ao fundo, a mulher acima confessa o cansaço, mas, no sorriso, indica que cansaço ou preguiça são recompensados pelo corpo saudável, magro. As *hashtags* reforçam a ideia de que os objetivos de um corpo belo são alcançados apenas por quem mantém a dedicada rotina do esforço – #proibidoparar #pravidatoda. O texto ainda remete ao discurso médico de qualidade de vida e saúde por meio da associação “exercício físico” mais “alimentação saudável”.

Já na década de 1980, como ressalta Sant’anna (2014), a imagem valorizada no cinema, televisão e revistas era de uma mulher permanentemente sedutora. “Os conselhos dirigidos à mulher passaram a enfatizar a possibilidade de qualquer dona de casa ser tão erótica quanto uma modelo das revistas masculinas” (SANT’ANNA, 2014, p. 154). A autora diz que o “[...] o dever de ser sedutora exigia um trabalho muito mais direto e concreto com o erotismo” (p. 154). Isso nos leva a entender que o corpo magro, curvilíneo, a sensualidade e o erotismo não são escolhas; não se trata de uma opção. É um dever. Por isso, cansada ou não, a mulher deve malhar o corpo, exercitar-se. Esse discurso funciona num sistema de vigilância constante

sobre os corpos, afetando a subjetividade. Parece não ser dada à mulher a possibilidade de rebelar-se; é como se estivesse presa, pois o discurso de beleza silencia outras possibilidades estéticas que permitam estar bem com o próprio corpo.

Post 18: Quase tudo duro

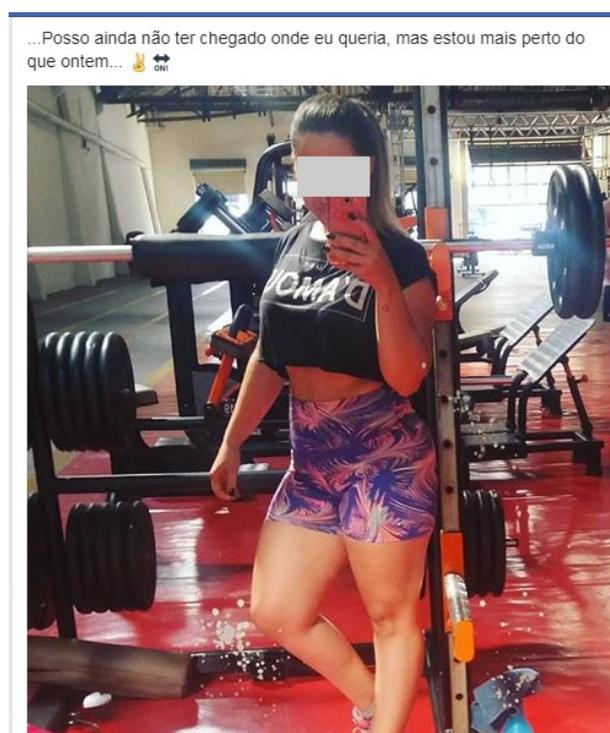
Quase fitnes. 🏋️ Quase tudo duro. Quase
1ano de peleja. 2cm a menos de cintura. ✌️
🏆 Quase 40 🤔😂😂😂😂

O mesmo se dá no texto acima. Mesmo sem mostrar o corpo, a personagem verbaliza que a satisfação está em ter obtido o que considera uma evolução: um corpo “duro”, cintura mais fina e manequim menor – atendendo à lógica de que existem roupas que são adequadas (e os números iguais ou abaixo do 40 são os “perfeitos” para as mulheres). Hoje, impõe-se como padrão estético rígido “[...] barriga zero, chapada, seca, trincada, e talvez a mais trabalhosa de todas, a barriga tanquinho” (SANT’ANNA, 2014, p. 128).

Nota-se, porém, que mesmo após quase um ano de exercícios físicos, o contentamento não é pleno. Para ela, tudo é “quase” – quase *fitness*, quase duro, quase 40. Ou seja, os sentimentos são contraditórios: de comemoração pelo avalia como conquistas, mas a marcação do “quase” somada aos *emojis* que indicam risos, incompreensão do que acontece, entre outros, produzem o sentido de que a personagem gostaria de ter evoluído mais, pois sacrificou-se para isso. Afinal, foi quase um ano de “peleja”. Ou seja, um período de muito esforço, dedicação, empenho, suor, lágrimas.

A personagem do *post 19* (abaixo) demonstra sentimentos semelhantes. Ela afirma: “posso ainda não ter chegado onde eu queria, mas estou mais perto que ontem”, para essas mulheres, não existe um ponto de chegada. Esse “onde queria” é idealizado, uma impossibilidade. Esse corpo que pode ser modelado a ponto de se chegar à perfeição, é uma ilusão, conforme sustentam Lima, Batista e Lara Junior (2013). Há um ‘quase’ em funcionamento no que diz respeito a ser *fitness* – compreendido como uma condição de estar magra, alimentar-se de forma saudável e ter equilíbrio emocional –, ter o corpo duro – ou seja, ausência de flacidez, gorduras etc. –, cintura fina e usar roupas tamanho 40 – indicativo de uma mulher magra, bonita e que encontra vestidos ‘lindos’ no *shopping*.

Post 19: Mais perto



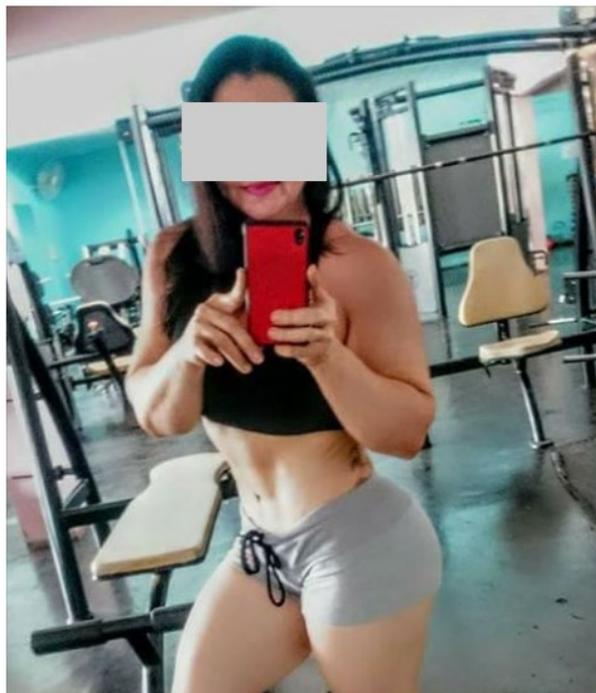
O corpo real é marcado pela falta e essas mulheres são impelidas a não pararem nunca com suas dietas, exercícios físicos e outros tantos procedimentos estéticos, disponibilizados pelo mercado, com a promessa de que serão suficientes para responder aos anseios de beleza. "Nessa lógica da demanda insaciável sempre há uma busca pelo gozo pleno, entendido como 'um lugar perfeito'" (LIMA; BATISTA: LARA JUNIOR, 2013, p. 51).

Por outro lado, a necessidade de publicar verdades a respeito de seus corpos indica, entretanto, certo orgulho do que pode ser considerado como conquistas. Afinal, elas são interpeladas a investirem neles. Cada publicação é uma resposta ao dispositivo de beleza. É como se dissessem "eu estou me cuidando; eu sei o que é ser bela e estou me esforçando para isso". Ao investirem em seus corpos, de certo modo, ganham *status* diferenciado entre as mulheres, pois não podem ser tidas como descuidadas, desleixadas, preguiçosas, feias. Ainda que não estejam magras, o trabalho sobre o corpo justifica a busca de uma condição tida como melhor, superior. Simultaneamente, contribuem para o funcionamento do poder exercido sobre os corpos. Como sustenta Foucault (2014), o poder não tem uma origem, não pertence a uma determinada instituição, Estado, pessoa etc. As postagens delas funcionam numa rede de poder que se espalha, de forma horizontal, exercendo

vigilância e disciplina sobre os corpos femininos. Os textos verbais e imagéticos atuam como “[...] práticas complexamente articuladas na realidade social que objetivam simultaneamente formas de saber, de poder e de subjetivação” (ALVAREZ, 2015, p. 24).

Post 20: Que exemplo

Que exemplo 🍌🍌🍌🍌



O *post 20* encerra essa primeira série enunciativa analisada. Embora possa, em primeiro momento, não parecer tão significativa, a compreensão do contexto – que tive acesso junto com outras fotos da personagem – ajuda-nos a entender a sua relevância nesta análise. Esta publicação foi compartilhada por outra usuária do *Facebook*. A mulher acima é apresentada como tendo 57 anos. É conhecida na rede pelo nome mais o termo “superação” (ilustrando, como se fosse ‘Patrícia Superação’). Os comentários que acompanhavam as publicações dela traziam frequentemente o argumento “dá show em muitas novinhas”.

O corpo dessa mulher remete à juventude, curvas generosas, barriga “tanquinho” – atributos que seriam inerentes às mulheres bonitas. A marcação do texto verbal “que exemplo”, somada aos *emojis* de aplausos, participam dessa rede de poder sobre a mulher, funcionando como um estímulo à busca do corpo tido como perfeito. A personagem é exemplo, porque, estando acima dos 50 anos, ainda

é referência de beleza – algo que não seria comum na idade dela. A mulher bonita, conforme vimos em Seções anteriores, é jovem. A da publicação 20 é exemplo, porque é exceção, porque procura perpetuar a juventude. Esta publicação no *Facebook* provoca as demais mulheres e funciona como um espelho. É como se dissesse: “está vendo como é possível se manter bonita, gostosa, sensual em qualquer idade? É só você querer. Corra para a academia agora”. No dispositivo de beleza, o discurso médico atua como suporte das práticas de mercado. Como já ressaltamos, as indústrias cosméticas e estéticas recorrem aos argumentos apresentados pelos/as profissionais de saúde, educação física, entre outros/as para prometer a eterna juventude. A mulher de 57 anos, retratada como estando bonita e em forma, serve como uma espécie de prova de verdade de que, com esforço, toda mulher pode ser bela. Como tenho ressaltado, ao longo das últimas décadas, passou a ser imperativo: “todo o corpo precisa ser trabalhado” (SANT’ANNA, 2014, p. 129).

6.2.2 Magras que se dizem gordinhas

No percurso de seleção do material no *Facebook*, observei que muitas mulheres, ao exibirem seus corpos, verbalizavam que estariam “gordinhas” – essa foi uma das regularidades presentes nas publicações que remetiam ao discurso de beleza. Das cerca de 300 que archivei, 30 repetiam a expressão numa frase ou com a *hashtag* #gordinha. A fim de confirmar se tratava-se apenas de um acontecimento pontual ou um enunciado que se repete na rede, fiz uso frequente da *hashtag* no sistema de buscas, já no ano de 2018, e notei que, diariamente, mulheres de diferentes lugares do Brasil postam fotos identificadas por esse termo. Como esses textos verbais e imagéticos são bastante semelhantes, trago aqui um recorte de cinco publicações, que fazem parte da série enunciativa organizada em 2017, com essas características.

O *post* 21, logo abaixo, dialoga com o conjunto de textos analisados anteriormente. Em primeiro lugar, há o reconhecimento, expressado na forma de surpresa – os *emojis* sugerem isso –: de que estaria gordinha. Na sequência, a jovem se justifica: “tenho que voltar a malhar”. O corpo, embora magro, é identificado como inadequado, pois não estaria sendo moldado pelo exercício físico.

A sequência de *emojis* que sugerem sorriso e lágrimas reforça a ideia de que, sem o esforço e a disciplina da musculação, resta se contentar com um corpo que não seria o ideal. Mas, ao mostrar-se, confessando aos amigos e amigas de *Facebook* que teria deixado de malhar, assumindo que precisa retornar, a jovem parece buscar nas pessoas a aceitação e empatia com a sua condição; como se desejasse ler: “fique tranquila, você segue linda”.

Post 21: Voltar a malhar



A confissão é um instrumento de controle pelo/a outro/a, mas também uma maneira de receber perdão. Foucault (1999a), em *A vontade de saber*, ainda que tratando da colocação do sexo como discurso, assevera que o dizer é colocado como um imperativo. “[...] Não somente confessar os atos contrários à lei, mas procurar fazer de seu desejo, de todo o seu desejo, um discurso” (p. 24). Deslocando a análise do filósofo para a discussão aqui proposta, a meu ver, a lei aqui está ligada aos saberes normativos a respeito da beleza. A jovem, portanto, identifica-se como estando em contradição à lei e se confessa, exhibe-se e faz de seu desejo de beleza um discurso. “Deve-se falar do sexo [do corpo, da beleza], e falar publicamente” (FOUCAULT, 1999a, p. 27).

Post 22: Coragem pra começar



Para a jovem, não importa não estar presente num cenário de academia, é imperativo dizer que começará o ano cuidando do corpo. Observamos que o texto verbal está no arquivo de dizeres comuns ao início de um novo ano. Entre o final de dezembro e início de janeiro, parte das pessoas faz promessas, assume compromissos e diz que terá novas atitudes – exercitar-se geralmente está entre as promessas de fim de ano. Uma breve pesquisa no *Google* indica que, entre as promessas mais comuns feitas pelas pessoas ao final de cada ano (inclusive pelas mulheres), está a atividade física regular. Fernanda Boito (2018), num texto publicado na página Dicas de mulher, relaciona o exercício como a segunda de uma lista de oito promessas para o Ano Novo¹³⁷.

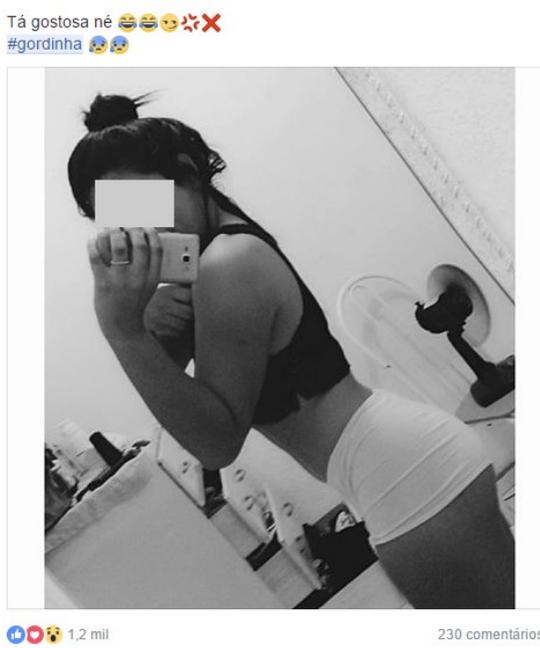
A personagem encena quase de maneira filosófica, mostrando-se, mas verbalizando um suposto saber que atuaria no cuidado de si: “mais importante que a vontade de vencer é a coragem de começar”. A palavra coragem remete a uma memória de valor, de virtude. Aparece na obra de Aristóteles, *Ética a Nicômaco*¹³⁸, como uma das virtudes cardeais; é superior a própria vitória. A coragem, segundo o filósofo, implica também na capacidade de habituar-se a desprezar e enfrentar as

¹³⁷ Disponível em: <<https://www.dicasdemulher.com.br/conheca-as-8-promessas-de-ano-novo-mais-comuns/>>. Acesso em: 31 jul. 2018.

¹³⁸ A obra de Aristóteles pode ser encontrada em versões digitalizadas na rede mundial de computadores. Está disponível em: <http://portalgens.com.br/portal/images/stories/pdf/aristoteles_etica_a_nicomaco_poetica.pdf>. Acesso em 2 ago. 2018.

ao cunhar o conceito da “sociedade do espetáculo”, ressaltou que toda a realidade foi submetida à lógica da aparência; esta passou a ser o seu produto.

Post 24: Tá gostosa?



A personagem joga com a sedução. Afirma-se “gostosa”, mas não se mostra certa disto. A declaração “tá gostosa, né?” aparece em terceira pessoa do singular, o que sugere certo distanciamento de si – ela não se reconhece, é como se falasse de outra pessoa. Como ressaltava Mota (2012), na modernidade, há uma dissociação entre o sujeito e o corpo. Este é objetificado; serve para agradar, para atrair o olhar do/a outro/a para si. Na busca do corpo ideal, “essa modalidade de construção corporal torna-se maior que o corpo, transcende-o e sobrevive a ele” (MOTA, 2012, p. 94). Isso se dá a tal ponto que deixa de existir a pessoa, existe apenas o corpo.

A declaração da personagem é acompanhada de *emojis* que ainda produzem outros sentidos. É como se ironizasse a própria declaração (“tá gostosa”), risse de si mesma e indicasse a insatisfação com o corpo, que é reforçada pela *hashtag* #gordinha e os *emojis* que remetem a sentimentos de choro e esforço, sacrifício – afinal, como vimos, é regular a ideia de que, para estar bela, é preciso sacrificar-se. A jovem também pede a opinião das pessoas. Ao usar a expressão “né?”, há um pedido de reconhecimento. A jovem verbaliza a carência do reconhecimento alheio como se somente o/a outro/a pudesse legitimar a sua beleza – e esta legitimação,

de certo modo, aparece nas curtidas, reações (são mais de 1,2 mil) e nos comentários (230). Como apontei na Seção 2, o corpo pós-moderno se tornou carente de reconhecimento e glorificação. Logo, o corpo não é dela; é controlado por um dispositivo que aponta: seja bela.

Post 25: Feia

~ Tarde 🙌🏻👀👉👈👉👈
 #Gordinha
 #FeiahMrm kk



A obrigação de estar no *Facebook* motiva a jovem a mostrar-se numa publicação que poderia ter sido apenas de boa tarde. O cumprimento, porém, é acompanhado do olhar sobre si: a jovem posa para a câmera do *smartphone*, mas indica estar gordinha, depreciando-se em seguida com a verbalização de que está feia, seguida de um “kkk”, que indica risadas. O “gordinha” talvez seja indicação da pequena dobrinha abaixo do umbigo, no abdome, acima da calça. Embora magra, a jovem não se reconhece como tal. Essa percepção enviesada, como aponta Ferreira (2010), está relacionada à estética contemporânea – que se desenvolve principalmente no século 20. O corpo tido como gordo não é aceito, pois, na ordem estética, “[...] a gordura se transforma em inimigo número um da elegância da felicidade” (FERREIRA, 2010, p. 191). Por outro lado, a personagem não deixa de jogar com o erótico, exibindo parte do colo, de modo a insinuar as curvas dos seios, e também barriga, umbigo. Segundo o autor, a erotização é parte de um movimento que se deu de forma marcante após os anos 1960. “A erotização toma a estética de assalto e os padrões de beleza se tornam mais marcantes” (FERREIRA, 2010, p.

194). Respondendo a uma lógica que trata da liberdade feminina, os padrões estéticos também assumiram desde então uma feição mais sensual em que as próprias roupas deixaram partes do corpo à mostra, como é possível observar na postagem 25. Contudo, ainda que assuma essa posição sujeito-mulher sensual, erótica, magra, não se mostra satisfeita com o corpo, como é notamos nas marcas verbais.

6.2.3 Prazer em se exhibir

Nesta subseção serão analisadas publicações nas quais uma regularidade emerge: o prazer em se exhibir. Muitas delas sequer publicam um texto verbal acompanhando a fotografia; apenas mostram-se à espera dos comentários de outros/as usuários/as da rede. Nestas publicações, observo que “[...] a cultura do corpo se torna o valor absoluto e o uso narcísico do corpo se coloca como instrumento a serviço da máquina de produção de sentidos e desejos” (FERREIRA, 2010, p. 199).

Para Goellner (2003a), o corpo é o que se diz dele por meio da linguagem; e, se entendemos que nem tudo é verbal, quando mulheres expõem seus corpos, quase desnudos, na internet, reafirmam padrões de normalidade e anormalidade a respeito da beleza, sustentando o discurso que relaciona o corpo belo à juventude, magreza, curvas – um corpo moldado pelos exercícios físicos. E é isto que observamos abaixo.

Post 26: Músculos



A mulher, vestindo apenas um biquíni, coloca-se diante do espelho, provavelmente em seu banheiro, e, mais que se olhar, dá-se ao olhar das outras pessoas – não basta olhar-se, é preciso compartilhar seu corpo ao/à outro/a. Pela lente da câmera, usuários/as da rede participam da intimidade dela e podem contemplar seu corpo. Embora o biquíni seja um traje comum, é socialmente aceito como vestimenta para ambientes de piscina e praia. Nas práticas sociais, uma pessoa não se apresenta numa sala de aula, no trabalho e nem recebe amigos/as e familiares em casa vestindo apenas um biquíni – com exceção dos casos em que há um programa em que todos/as também usam trajes semelhantes para um banho na piscina, uma festa particular etc. A foto no *Facebook*, no entanto, pode ser vista, curtida, compartilhada por qualquer um/a que estiver *on-line*, a qualquer hora e lugar – inclusive se o/a outro/a estiver em ambientes tidos como formais (fórum, igreja entre outros ambientes).

A pose da personagem busca valorizar o braço forte, malhado, as curvas do corpo, a ausência de gordura nos quadris e abdome. Essas são características que referenciam o que é ser bela – e feliz – no atual momento histórico. Como ressalta Sant'Anna (2000), o estímulo para que a mulher seja atlética, esportiva, associa tais práticas à produtividade, ao prazer e assegura, inclusive, que será feliz sexualmente. Trata-se de um "[...] culto à performance física" (SANT'ANNA, 2000, p. 242). Justamente por isso não basta se sentir satisfeita com tal conquista, é imperativo

compartilhar com as demais pessoas nas redes sociais a fim de receber aplausos e reconhecimento por tal conquista, como é possível ver em seguida.

Post 27: Comentários I



Embora a proposta não seja focar na análise dos comentários às publicações feitas pelas mulheres, observar algumas reações de amigos/as e/ou leitoras/as dessas postagens parece-me relevante para compreendermos o funcionamento do discurso de beleza nas redes sociais. Notamos, por exemplo, que dos 11 comentários acima, apenas dois foram feitos por mulher (a mesma, por sinal). Menciono que o *print* é apenas um fragmento de aproximadamente uma centena de comentários deixados no *post* 26. Entretanto, o recorte retrata uma regularidade que se repete: tanto no que diz respeito ao gênero que comenta – homem – quanto ao conteúdo dos textos. As falas remetem ao que se tem como alguns dos referenciais de corpo belo: a sensualidade, o corpo produzido pela musculação, magro, firme, sem flacidez. Por isso, é tida como "linda", "você é meu sonho", "delícia", "você é tudo de bom"; também desperta desejo: "deve ser maravilhoso poder tocar nesse

corpo todo durinho". Um dos homens cita o *slogan* de uma campanha publicitária de uma cervejaria "vem verão", que apresenta uma das musas de beleza da televisão, a modelo Aline Riscado, quase sempre com trajes de praia e em cenas que atuam no imaginário da sensualidade¹³⁹.

Referenciados/as no filósofo francês David Le Breton, Maroun e Vieira (2008, p. 2) ressaltam que o corpo se tornou na sociedade contemporânea o "[...] vetor semântico pelo qual a relação do indivíduo com o mundo é construída". Exibi-lo, portanto, é uma maneira de atestar a relevância como pessoa e sua existência no mundo. A mulher do *post* 26 se apresenta na rede para ser consumida, como observamos nos comentários, mas também como afirmação de si mesma, já que lhe é requerida, social e culturalmente, uma adequação aos padrões de beleza. De certo modo, quando se mostra, é como se estivesse reivindicando o sucesso pessoal que parece ser prometido às pessoas que possuem um corpo que se projeta em constante (re)construção da forma física desejável.

¹³⁹ Aline Riscado foi bailarina do programa *Domingão do Faustão*, da Rede Globo, e, em 2017, renovou contrato por mais quatro anos, como garota-propaganda de uma marca de cerveja. Ela é, na peça publicitária, a personagem Verão e geralmente aparece usando biquíni por baixo de top e saia curtinha. Uma das propagandas já foi considerada tão apelativa – excesso de sensualidade e machismo – que chegou a ser suspensa, em 2015, pelo Conselho Nacional de Autorregulamentação Publicitária, o Conar. Geralmente as peças têm os homens como público-alvo. Artigos científicos e estudos monográficos, analisando as peças publicitárias dessa cervejaria, foram escritos tratando da vulgarização da imagem da mulher. Uma breve pesquisa do buscador *Google* com os termos "vem verão", "publicidade" e "mulher" permite identificar vários desses trabalhos científicos. Sobre a renovação do contrato da modelo, é possível consultar no link: <<https://vejario.abril.com.br/blog/beira-mar/aline-riscado-a-verao-do-comercial-de-tv-renova-contrato-com-cervejaria-e-vai-fazer-filme/>>. Acesso em: 16 set. 2018. Já a respeito da propaganda suspensa pelo Conar, é possível consultar: <<https://f5.folha.uol.com.br/voceviu/2015/06/1645377-considerado-sensual-demais-cartaz-da-itaipava-com-aline-riscado-a-verao-e-suspenso.shtml>>. Acesso em: 16 set. 2018.

Post 28: Apaixonada...



O texto imagético se assemelha ao 26 – uma mulher de biquíni, magra, curvas bem definidas, marcas de musculação, que se exhibe diante da câmera. O que difere é o cenário – é possível que seja uma sala, pela presença de um sofá ao fundo –; há a inclusão de um texto verbal que, ao fazer o *print* da tela, foi cortado – nele, escreve: “sou completamente apaixonada pela mulher que me tornei”¹⁴⁰.

No texto verbal, há indicações de que a personagem está satisfeita com os resultados estéticos obtidos. Nota-se, contudo, que ela não era a mulher que desejava ser; ela tornou-se. O esforço dela foi recompensado. Esse posicionamento faz emergir o discurso de que a beleza desejada pode ser alcançada e, conseqüentemente, alimenta o imaginário de outros sujeitos de que existe um corpo que assegura a felicidade, que assegura a satisfação consigo mesmo/a.

Por outro lado, a exibição de suas formas físicas na rede é outra maneira de ser recompensada. Afinal, se ela lutou por se tornar um determinado tipo de mulher, é imperativo dizer e mostrar isso aos/às outros/as. No *Facebook*, o reconhecimento se dá por meio de curtidas – até o momento do *print* da publicação, já eram 198 – e dos comentários, como podemos ver abaixo.

¹⁴⁰ Em função do tamanho da imagem, com o texto verbal, não foi possível num único *print* capturar a publicação por inteiro. Tornou-se necessário cortá-la e capturá-la em dois momentos. Porém, entendi não ser preciso incluir mais uma figura no trabalho apenas para ter o registro do texto verbal apresentado pela personagem.

Post 29: Comentários II

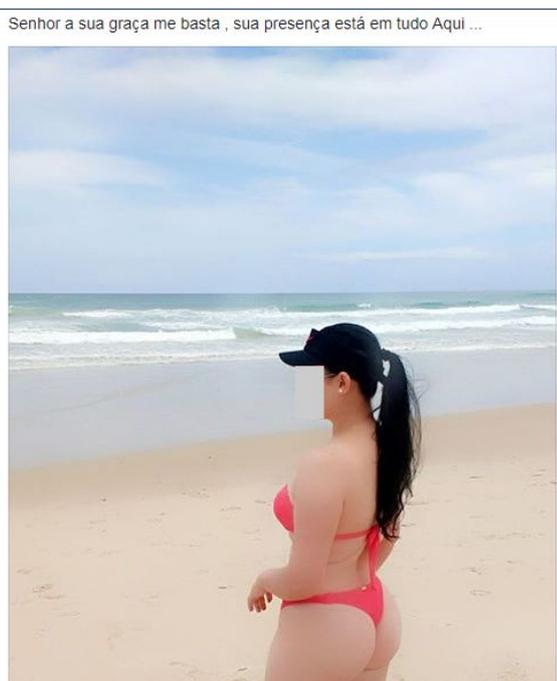


Neste recorte, vemos nove comentários – apenas um feito por uma mulher, uma prima, pela indicação verbal. As curtidas em forma de coração são da própria mulher que publicou a fotografia. Ou seja, a cada comentário recebido, ela reagiu com um “amei” – significado convencionalizado para este ícone – o que reforça a satisfação pelo reconhecimento alheio e também a coloca em concordância com os elogios recebidos: “lindinha”, “maravilhosa”, “perfeita”, “princesa”. Na análise dos comentários, temos a comprovação dos argumentos teóricos desenvolvidos nas Seções 3 e 4: a perfeição do sujeito é física e é conquistada por meio de um corpo magro, curvilíneo, sensual, jovem. Além disso, a beleza se restringe ao corpo; ela é linda na medida em que tem um corpo com as características citadas. As características intelectuais, personalidade, éticas e morais, não são associadas à beleza. Para Guiraldelli Jr. (2007), na contemporaneidade, investir em si tornou-se sinônimo de investir no corpo, pois este é compreendido como peça manipulável, o sujeito confunde-se com o que é seu corpo – ao reinventar-se como mulher, a personagem faz isso por meio da estética corporal.

Estabelece-se também uma relação com o homem – exhibe-se para ser desejada, notada. Ou seja, os anos passaram, mas a prática discursiva ainda se

assemelha ao século 19 e o que fica é a ideia: seja bela e agarre o seu homem. Naquela época, o discurso que se impunha era de que a beleza ajudava a arrumar marido. “Segundo a imprensa, a mulher devia ampliar o interesse masculino por seu corpo” (SANT’ANNA, 2014, p. 93).

Post 30: Sua graça...



O *post 30* remete a uma cena comum em períodos de verão: mulheres de biquíni na praia. Entretanto, entendo que também funciona pelo enunciado “prazer em se exibir” por dois motivos principais: primeiro, trata-se de uma imagem na qual a mulher aparece sozinha e, mesmo estando de costas, posa para que outra pessoa a fotografe (ou seja, não é uma imagem do tipo “álbum de fotografia”, para o registro histórico de família e/ou amigos/as); não se trata de um clique espontâneo – há uma intenção na composição da imagem, mulher, areia, mar, natureza. Segundo, ao longo da seleção de publicações para análise, não encontrei fotos postadas por mulheres consideradas velhas e/ou obesas – ou seja, tidas como não belas – na praia em situações que posam para a câmera. Apenas mulheres que reúnem as características como ser magra, ter curvas, pele sem marcas, juventude se fotografam ou se deixam fotografar, compartilhando tais imagens no *Facebook*. Este também é o caso da personagem acima.

Há, porém, outro elemento significativo na publicação: o texto verbal. Nele, a mulher diz: “Senhor, a sua graça me basta; sua presença está em tudo aqui”. A presença do discurso religioso em imagens no *Facebook* é bastante recorrente – permitiria, inclusive, outro trabalho de análise. Em várias publicações que selecionei durante 2017, há frases que fazem referência ao divino. Também existem frases motivacionais e de autoajuda. A escolha do *post* 30 para estar no *corpus* de análise ocorre também em função dessa regularidade discursiva. No caso específico da personagem, o texto verbal que remete ao discurso religioso se perde em meio à cena. Embora a frase dialogue com o cenário, pois manifesta gratidão a Deus pela existência, pela oportunidade de estar num lugar belo, como é a praia, a presença, na fotografia, da mulher de biquíni produz um deslocamento de sentidos. Afinal, os sentidos não são controlados. Os sentidos são produzidos na relação com o contexto histórico e com o sujeito que lê. O discurso é efeito de sentidos entre locutores (PÊCHEUX, 1995). Justamente por isso, a frase se perde e apenas funciona como espécie de justificativa da mulher para exibir-se para o que demonstra buscar: receber elogios ao seu corpo. Nota-se que a imagem foi feita por outra pessoa. Em situações como esta ou a pessoa pediu que a fotografia fosse feita ou, se não pediu, ainda assim requereu a imagem para publicar na rede pessoal. Ironicamente, ao mostrar-se para o público em seu perfil no *Facebook* e, intencionalmente, disponibilizar a imagem de seu corpo da rede, a "graça do Senhor" parece não bastar. Vejamos as reações de alguns/as de seus/as amigos/as na rede:

Post 31: Comentários III



Neste recorte, 12 dos 13 comentários não fazem menção ao texto verbal. O cenário não é admirado e tampouco há o retorno do discurso religioso na escrita das pessoas. O que emerge é a participação predominantemente masculina e, mesmo quando há mulheres, citam o corpo da personagem. Ao ser feita referência à praia, o homem diz “que paisagem” e acrescenta cinco corações, numa indicação de que amou o que viu. A expressão aqui não pode ser interpretada de maneira literal, ignorando a presença da mulher, pois esta faz parte da “paisagem”. Logo, o sentido que emerge deste comentário específico seria “que bela mulher” ou, numa perspectiva vulgar, “que gostosa”.

Os demais comentários reforçam a leitura de que a mulher se apoia no discurso religioso por meio do texto verbal para justificar a publicação da imagem em que expõe o corpo. Além de encontrarmos palavras como “linda”, são recorrentes outras manifestações de elogios ao corpo como “parabéns”, “perfeita”, linda diva”, que também estão ligadas a outras ideias como “esta foto deixa até meu celular mais bonito”, “menina maravilhosa”, “corpo bonito”. Notamos no comentário “nossa, que saúde, hein? Está de parabéns” que saúde é associada à beleza, mas não no

sentido de vigor físico e ausência de doenças; ganha sentido de sensualidade, remete a um valor sexual.

Conforme Maroun e Vieira (2008, p. 183), a sociedade transformou o corpo em objeto de consumo no qual, por meio dessa cultura, “[...] o imaginário do corpo é dominado pelas imagens que mostram um ideal da estética corporal”. Esse corpo é consumido enquanto pode ser desejado. O sentido não é de contemplação, como se dá com objetos artísticos – ou seja, para fruição. Trata-se de um corpo produzido, modelado, estetizado “[...] para ser visto, admirado, observado” (p. 183). E é isso que gera prazer no sujeito que recebe o olhar, a atenção e/ou o elogio do/a outro/a. “Ascender à representação e posse de sua própria imagem é algo que instiga o sentimento de autoestima” (MAROUN; VIEIRA, 2008, p. 183).

6.2.4 Provoações

Aqui, vamos observar mulheres que não apenas exibem seus corpos; também provocam outras fazendo menção ao corpo e até ao comportamento das supostas rivais. A atitude confirma Ferreira (2010, p. 193) de que o mundo atual é “[...] de competição no qual a beleza ajuda a conquistar e manter espaços, ao preço de uma eterna vigilância e de uma estrita soberania de si”.

pejorativo” (p. 68). De certo modo, cuidar de si é sinônimo de cuidado com o corpo e, o contrário disso, representaria desleixo, preguiça, comodismo e até ausência de saúde.

A associação do corpo magro com a ideia de felicidade e sucesso financeiro é notada também na declaração da personagem de que o guarda-roupas dela está “lotado de roupas e sapatos”. Bauman (2007) lembra que, na sociedade de consumo, os corpos tidos como belos são comprados, por meio da promessa do mercado de produtos e serviços estéticos, ainda roupas, calçados, adereços etc. são símbolos de uma vida prazerosa. O valor das pessoas é medido, conforme o sociólogo, pela capacidade de consumo. Desta forma, “os[as] consumidores[as] são levados pela necessidade de se ‘comodificarem’ – se transformarem em mercadorias atraentes” (BAUMAN, 2007, p. 142). Reproduzindo, portanto, a lógica dessa sociedade, a mulher sente-se no direito de se colocar de maneira superior a alguma outra pessoa para a qual se dirige no *post*, mencionando até mesmo a idade. Afinal, ela tem “36 aninhos”, mas ainda “dá show em muitas” – o que reforça a ideia de que o envelhecimento é um problema para as mulheres, pois lhes rouba a beleza, porém, algumas seriam privilegiadas nesse processo em virtude dos cuidados corporais que permitem que mantenham a juventude.

Post 33: Vestir 36

Falar mal de mim é fácil,
quero ver aos 34 vestir 36!! Kkkkkkk
#bodyby [redacted]



    [redacted] e outras 143 pessoas
27 comentários

Notamos que a provocação se sustenta mais uma vez no enunciado “sou melhor que você, porque sou mais bonita”. Esse “mais bonita” tem como argumento o “manequim 36”, e isso aos 34 anos de idade denota uma vantagem, afinal, historicamente, entende-se que as mulheres perdem a beleza ao longo dos anos. A mulher se mostra superior em função do corpo magro numa idade que, como vimos em Sant’anna (2014), durante mais da metade do século passado, uma mulher já era considerada madura e para a qual a beleza deixava de ser um atributo. Ao ter o corpo magro como referência, nada que outras pessoas venham a falar dela se sobrepõe ao valor estético. Em seu ato discursivo, os sentidos que emergem é que o que porventura for falado a respeito da personagem pouco significa diante do que realmente importa: o corpo magro a ponto de vestir-se com um manequim 36. Para ter autoridade e falar a respeito dela é necessário ser uma pessoa tão magra quanto ela é; do contrário, é desacreditada. Ou seja, o corpo tido como belo ganha mais relevância que valores morais, éticos ou características emocionais, habilidades profissionais, capacidade de relacionamento etc.

Post 34: Vovó enxuta

Posto fotos porque ñ tem nessa vida ninguém que se ame mais do que eu sou bela por dentro e por fora eita chega níver sábado dia 19 de agosto ... futura vovó enxuta me sentindo me achando mesmo e claro mil beijos pra que curte minhas fotos e 2 mil pros que ñ me suportam e tem que me ver linda e bela kkkkk acima de mim só (Deus) 😂😂😂



A provocação funciona no enunciado acima pela referência à idade e a comparação com outras mulheres da idade dela. A mulher, mesmo não mencionando a idade que possui, coloca-se como quase avó, ou seja, no imaginário popular, uma avó não é *sexy*, não posa para fotos mostrando o abdome, umbigo, tatuagem, tampouco puxando a calça em pose sensual. Conforme ressaltai anteriormente, baseado em Moreno (2016), o envelhecimento representa decadência. Porém, na perspectiva dessa mulher, ela será avó, mas é magra, "enxuta", jovem; logo, continua bela e ser bela a coloca numa condição superior às demais mulheres. É isso que a motiva a sentir-se bem, feliz e invejada. Afinal, na sociedade contemporânea, "o corpo físico bonito, jovem e atraente virou um requisito de sobrevivência, uma espécie de obrigação a ser cumprida com direito à culpabilização daqueles[as] que não se entregam a esse fim" (MAROUN; VIEIRA, 2008, p. 180).

Post 35: Minhas curvas



Embora não tenha compartilhado uma imagem fotográfica, a personagem faz menção ao seu corpo numa manifestação pública em que a estética é o valor que a contrapõe a uma outra mulher, que estaria falando dela. Não é possível saber qual a razão do conflito entre elas – talvez, pelo contexto do que foi publicado, haja uma espécie de competição de natureza afetiva, que envolva relacionamentos, algo que diga respeito a questionamentos de ordem moral. Entretanto, ao tentar silenciar as indiretas da outra, refere-se ao próprio corpo como algo que a distingue. Enuncia ter filho, o que comumente é tido como algo que interfere na beleza da mulher. Ela, porém, teria valorizado suas curvas, mantido-se magra, o que a leva a anunciar: "coloco qualquer rapariga no bolso", e ainda, "sou gostosa".

A beleza, conforme lembra Wolf (1992), é associada inclusive ao prazer sexual – dar prazer e sentir prazer. A realização do sexo depende da mulher sentir-se "gostosa" e ser considerada como tal. Por isso, ainda que busque a liberdade como sujeito-mulher, a mulher compete com outras tendo a beleza do corpo como referência. Sentir-se mais bonita ou colocar-se nessa posição garante a ela a superioridade almejada.

Ter o corpo como diferencial do sujeito, ou o próprio valor do que é o ser – a pessoa humana –, é reflexo de um movimento estético da cultura de consumo. O dispositivo de beleza funciona reafirmando saberes e colocando-os em evidência como verdades inquestionáveis a ponto de a mulher não fazer questão de contrapor os questionamentos que estariam sendo feitos a respeito dela. Na prática, o que importa é o que o corpo dela representa. São os atributos de beleza que permitem que provoque a oponente e diga que qualquer outra mulher, que não tem o corpo dela, será colocada em seu bolso.

6.2.5 “Resistência” ao discurso de beleza

Ao propor esta pesquisa, imaginava que muitas mulheres, incomodadas com os ideais de beleza, fariam uso das redes sociais na internet para verbalizarem a insatisfação delas e apresentarem outro olhar a respeito do corpo. Isso, pela suposta liberdade que asseguram às pessoas, para que falem sobre o que pensam. Entretanto, o que há de regular no discurso das mulheres é a preocupação em reproduzir os modelos já instituídos. As poucas que se declararam satisfeitas com seus corpos e/ou sustentaram que as regras sobre o corpo são incompatíveis com a realidade dos corpos femininos estarão reunidas neste conjunto organizador. As falas delas parecem-me fundamentais no movimento de resistência ao dispositivo de beleza, pois, além de verbalizarem que o que se impõe como verdade a respeito dos corpos é incoerente com o que sentem e desejam para elas, oferecem outro olhar para as demais mulheres que circulam no *Facebook* e isso pode provocar questionamentos e até levá-las a se confrontar com os ideais de juventude, magreza etc. Por outro lado, justamente por serem algumas poucas mulheres que se manifestam a respeito do tema, justifica-se a necessidade de um espaço público –

como é a escola – para debater os saberes instituídos e oferecer outros a fim de desestabilizar as verdades impostas nas relações de poder e saber.

Post 36: Me amo

Não chego na frente do espelho e pergunto se há alguém mais bonita do que eu. É claro que existe. Mas e daí? Tem quem me ame do jeito que eu sou.

#SouGordiva

#Sougostósa

#SouLinda

#SouMaravilhosa

#AmorPróprioSempre 🍕🌈



Maffesoli (1999, p. 127) diz que "a forma é formadora". Noutras palavras, o dispositivo de beleza atua de maneira implacável, produzindo subjetividades e motivando que os olhares a respeito dos corpos reproduzam determinados ideais estéticos. Por isso, a resistência ao que se tem como referenciais de beleza é necessária e libertadora. Não é possível saber até que ponto o texto escrito representa o que de fato ela pensa a respeito do corpo – ela, inclusive, oculta o rosto na foto e opta por um traje de banho que não coloca em evidência as características físicas do corpo; ainda aponta que há mulheres mais belas que ela, o que sugere que a personagem tem consigo algum tipo de referencial de beleza que não é necessariamente o dela. Contudo, a verbalização de satisfação com o corpo que possui, e até mesmo a publicação de uma imagem que não reproduz as marcas da beleza contemporânea, já é uma manifestação de resistência e de tentativa de construção de aceitação de um corpo não forjado por dietas, exercícios, cirurgias etc., pois o jogo de aparência que a sociedade oferece se sustenta justamente por meio de um discurso que se dá no verbal e no imagético. Ou seja, quando uma

mulher enuncia satisfação com um corpo que não dialoga com os ideais de beleza contemporâneos marca a possibilidade de se relacionar de outra maneira consigo mesma, rompendo com as estruturas de vigilância que acabam por produzir sofrimento, ansiedade e constante insatisfação consigo mesma.

Post 37: Vergonha de si

Porque a maioria das gordinhas tem medo de mostrar o corpo?
As pessoas tem que te aceitar como você é, e não do jeito que elas querem ver você.
Se você tem vergonha de si mesmo, então quem irá gostar de você?
Não estou falando mal de ninguém, não tenho preconceito. Apenas estou falando uma realidade. A mulher que quer ser valorizada pelos outros, primeiro tem que valorizar a si mesma.
[#sougostosa](#) [#soumaravilhosa](#) [#tudodebom](#) [#plussize](#) [#seamarmais](#)



A mulher acima traz questionamentos relevantes para o discurso de resistência ao dispositivo de beleza. Emerge, principalmente, o apelo para que as mulheres gostem, primeiro, de si mesmas a fim de que sejam valorizadas pelas demais pessoas. Nas *hashtags*, afirma-se "sou gostosa", "sou maravilhosa", "tudo de bom" e inclui-se na categoria "*plus size*" – mulheres tidas como acima do peso –; por fim, volta a sustentar a necessidade de "se amar mais".

Entretanto, embora a compreensão literal do conteúdo verbalizado por essa mulher funcione como resistência ao dispositivo de beleza, o enunciado dela é permeado pelos saberes da estética contemporânea que aprisiona as mulheres de tal maneira que nem sempre notam, conscientemente, que reproduzem os ideais de beleza que lhes são impostos. Por exemplo, questiona a razão de as mulheres gordinhas temerem exhibir seus corpos, mas ela mesma não o faz; restringe-se a mostrar o rosto em quatro imagens, que a apresentam devidamente maquiada –

uma das estratégias estéticas, vendidas pela indústria de beleza, como forma de valorização da beleza feminina.

O cenário no qual está, ainda que não seja nítido no recorte fotográfico que trago aqui, indica que a fotografia pode ter sido feita num salão de beleza, pois há elementos que lembram o lavatório, a mangueira metálica usada para lavar os cabelos, toalhas, espelho e um braço com pulseiras ao fundo, que pode ser a cabeleireira. Teria a personagem feito "chapinha", alguma espécie de alisamento dos cabelos? Ainda que não seja possível responder esta pergunta, nem confirmar se, de fato, a mulher estava num salão, pude observar em diferentes publicações que as manifestações de resistência ao dispositivo de beleza nem sempre se sustentam em práticas efetivas de resistência à estética contemporânea. Por vezes, algo ainda parece falhar e a subjetividade construída e referenciada na exacerbação da aparência acaba por permear as falas de algumas mulheres que pareciam objetivar a resistência, como ocorre com o enunciado abaixo.

Post 38: Uma mulher bonita

Uma mulher bonita não é aquela de quem se elogiam as pernas ou os braços, mas aquela cuja inteira aparência e o coração imensamente bondoso, homem dever respeitar e admirar isso em uma mulher caráter e a bondade..
Se as mulheres não existissem, todo o dinheiro do mundo não teria sentido



Este *post* é representativo de outras publicações selecionadas e que ficaram fora da análise, justamente pela similaridade do ponto de vista do conteúdo. Nela, a

personagem, no ato de fala, posiciona-se num discurso de resistência. Sustenta que "uma mulher bonita não aquela de quem se elogiam as pernas ou braços"; e contrapõe características de personalidade aos atributos de beleza, escrevendo sobre coração bondoso, caráter e, conclui, destacando o valor de todas as mulheres. "Se as mulheres não existissem, todo o dinheiro do mundo não teria sentido". Contudo, semelhante ao que observei noutras publicações, o texto verbal remete à ideia de resistência, mas a imagem coloca em funcionamento o discurso de beleza. A personagem acima é jovem, magra e faz a *selfie* numa academia, espaço tido como requisito para se conquistar a "boa forma". Com isso, o texto imagético se sobrepõe ao verbal e acaba por colocar em funcionamento o discurso de beleza da época: todas os atributos tidos como subjetivos – bondade, humildade, honestidade, empatia etc. – tornam-se menores que o corpo belo. Ao fazer menção ao dinheiro, a jovem também indica uma possível relação entre as mulheres e o capital, sendo que este não se justificaria sem a existência delas. A escrita produz o sentido de que só há razão para o homem ter dinheiro – logo, também gastá-lo – se for aplicado nas mulheres, o que as tornaria uma espécie de mercadoria ou uma forma de investimento financeiro.

6.3 O FACEBOOK COMO CONFESSIONÁRIO

Os discursos dessas mulheres sobre seus corpos funcionam como uma espécie de confissão, na perspectiva elaborada por Foucault (1999a). A partir da pergunta "no que você está pensando?", o *Facebook* convida o/a usuário/a se manifestar num movimento que se assemelha a uma confissão. Embora Foucault não tenha tido a chance de estudar a relação dos sujeitos consigo mesmos após a chegada das tecnologias digitais, especificamente as redes sociais na internet, penso que a noção de confissão apresentada pelo filósofo em *História da Sexualidade: a vontade de saber* pode ser aplicada para compreender o funcionamento dos discursos de mulheres sobre seus corpos na rede.

A confissão, sobre a qual o autor discute, trata de uma prática cristã relevante para a produção de verdades a respeito dos sujeitos. Por considerar que as mulheres, ao falarem sobre seus corpos no *Facebook*, produzem verdades a respeito de si mesmas e de como se relacionam com o dispositivo de beleza, me

aproprio da noção foucaultiana. Afinal, na rede, todo sujeito é incitado a falar sobre si, a produzir um discurso verdadeiro a respeito de si. Isso se estende também ao corpo e a beleza. Ou seja, o *Facebook* atua como um dispositivo de confissão, um aparelho inventado para fazer falar, para que o sujeito fale de si, e que atua para “escutar, registrar, transcrever e redistribuir o que dele se diz” (FOUCAULT, 1999a, p. 35).

No século 18, a verbalização da intimidade dos sujeitos, inclusive sobre o sexo, ocorria através da escuta empreendida por alguém que supostamente possuía autoridade para inquirir e ouvir (o padre). Nas práticas religiosas, a confissão tornou-se um campo de relações sociais objetivas para uma disciplina interiorizada do indivíduo. Esse tipo de confissão geralmente tomava a forma de um encontro entre duas pessoas, o padre e o penitente. Ao confessar-se, o sujeito expunha suas rotinas, comportamentos e verbalizava seus pecados – o que podia lhe garantir o perdão e aceitação junto à comunidade cristã.

Ao tratar especificamente sobre o dispositivo da sexualidade, Foucault (1999a) ressalta que, no século 18, o sujeito era incitado a falar e, para isso, existiam dispositivos para ouvir e registrar, procedimentos para observar, interrogar e formular. A confissão impunha um discurso permanente sobre a sexualidade – um discurso que normatizava, regulava, vigiava. Hoje é possível notar que outros dispositivos – entre eles o midiático – funcionam imbricados ao dispositivo de beleza estimulando que as mulheres falem sobre seus corpos. Há um discurso de beleza na rede que, ao mesmo tempo que sustenta uma verdade sobre a estética dos corpos, estimula que as mulheres busquem reproduzir os padrões já determinados. Parafraseando o filósofo (1999a, p. 56), deslocando o que afirmou a respeito da sexualidade para tratar aqui sobre a beleza, entendo que, em torno da beleza, foi construído um imenso aparelho de produzir a verdade sobre ela. Este saber não é secreto; deve ser externalizado, pois estimula práticas de beleza por outras pessoas e, conseqüentemente, sustenta o consumo de produtos e serviços estéticos.

Com as tecnologias do *Facebook* e de outras mídias sociais, pode-se dizer que o “novo confessionário” combina a autorrevelação com funções que se assemelham amplamente à coleta de dados estratégicos ou à vigilância. Confrontada com a mudança de configurações de tecnologias confessionais da verdade sobre si, não é difícil considerar o *Facebook* como uma tecnologia confessional poderosa, interpeladora. Como apontei anteriormente, esta mídia social

insistentemente cumprimenta seus/as usuários/as com a pergunta: "no que você está pensando?". Ao falar sobre si, a mulher busca uma verdade que a autentica junto aos/as outros/as usuários/as da rede.

Em sua familiaridade e simplicidade – assim como o uso da primeira pessoa – esta pergunta, e as respostas que ela suscita, oferecem muitas conexões com as tecnologias confessionais. No entanto, como os/as usuários/as também lembram, essa plataforma não oferece apenas oportunidades para comunicar o que a pessoa está pensando; também exige que preencha um “perfil”. Isso equivale a um formulário de várias páginas para identificar o trabalho e a educação, além de lugares em que viveu e trabalhou, ainda dá ênfase aos relacionamentos, gostos etc. Além disso, o formulário sugere várias outras respostas enquanto a pessoa digita. Solicita contato e outras informações básicas, eventos da vida e outros “detalhes sobre você”. Para algumas dessas categorias, o *Facebook* será insistente, fazendo perguntas e sugestões.

Desta forma, é possível compreender que os/as usuários/as são interpelados/as no *Facebook* para que falem a respeito deles/as, digam a verdade sobre si mesmos/as. Ao formular ou selecionar respostas para as diversas perguntas, pode-se dizer que são constituídos como sujeitos do *Facebook*, prontos para outras formas de auto-expressão e auto-revelação. Entretanto, esse processo de “subjetivação” não ocorre através de um catecismo pré-roteirizado que pede seu único conforto na vida e na morte, mas através de um tipo de “modelo” de perguntas categorizadas que indagam a respeito de assuntos de importância contemporânea. O sujeito é demandado a revelar-se.

É fato que a dinâmica atual da publicação no *Facebook* não possui as mesmas funções da confissão católica, especificamente as que ocorriam entre os séculos 18 e 19, mencionados por Foucault (1999a). A confissão no *Facebook* parece ter um caráter intimista e sigiloso – o sujeito, sozinho, diante da tela do computador/notebook, smartphone, tablet etc. –, mas o efeito da exposição é público. Há algo de pessoal que permite o entendimento de que as publicações sejam um tipo de confissão que se dá apenas noutro ambiente (as redes sociais). Não há a figura do padre, mas o ritual da verbalização dos desejos, vontades, dos acontecimentos pessoais ocorre no “confessionário digital”, no qual o dispositivo eletrônico toma forma do sujeito que escuta e o público passa a atuar como o dispositivo religioso que vigia, mas também oferece a penitência e o perdão. Isto se

confirma nos conteúdos selecionados e que analisei: os enunciados funcionam como confissões de mulheres sobre seus corpos; ao falarem sobre eles, formulam a verdade sobre os tipos de beleza que entendem ser aceitáveis. Como o próprio Foucault (1999a) observou, a confissão, na esfera religiosa, tornou-se uma das técnicas mais valorizadas para produzir a verdade. E, num sentido amplo – que alcança inclusive as redes sociais na internet – ainda permanece assim hoje.

6.4 EDUCAÇÃO PARA O CUIDADO DE SI E A RESISTÊNCIA

Nesta subseção, a proposta não é retomar os estudos sobre diferentes práticas pedagógicas tampouco fazer uma revisão bibliográfica sobre modelos educacionais. Parto do pressuposto, que já assumiu inclusive caráter de senso-comum, que a educação desenvolvida no ambiente escolar, por meio da ação pedagógica, que reúne professores e professoras, pode – e deve – contribuir para o desenvolvimento humano, para além da mera aquisição do saber específico da língua, da Matemática, Biologia, Física, Química, entre outras disciplinas.

A escola parece-me um lugar privilegiado para resistência aos discursos normativos de beleza que afetam as mulheres, pois se trata de um espaço de produção e reprodução de saberes que pode tomar como referência a vida cotidiana, problematizando-os, ressignificando-os e preparando alunos e alunas para as experiências em sociedade. Significaria então que essa resistência apresentaria a verdade sobre os corpos das mulheres? Partindo da perspectiva foucaultiana com a qual estou trabalhando, a resposta seria “não”. Anteriormente citei que mesmo o movimento de resistência ao poder é estratégico, trata-se do resultado das relações de poder-saber. Ou seja, a resistência oferece um outro saber que se tem a pretensão de se estabelecer como a verdade de uma época. Contudo, defendo a importância de outras formas de pensar a beleza e o corpo, pois, atualmente, a idealização do corpo belo tem aprisionado as mulheres, feito delas reféns do mercado – ainda que nem sempre saibam disso. Notar como funciona o processo de subjetivação dos sujeitos e a construção do que consideram suas consciências, pode ser o primeiro passo para a liberdade das mulheres no que diz respeito aos seus corpos. E este é o movimento defendido por Foucault em seus estudos sobre as técnicas ou cuidado de si.

6.4.1 Os "limites"¹⁴¹ da resistência

Para entendermos o papel que pode exercer para a liberdade das mulheres, a meu ver, é necessário situar a educação na perspectiva que tenho desenvolvido. Por isso, é fundamental problematizar como as noções de saber-poder funcionam no desenvolvimento de propostas pedagógicas que permitam a resistência de saberes dominantes que se apresentam como verdades em nossa sociedade, compreendendo alguns aspectos do pensamento de Michel Foucault (1999a/2005/2008/2014) nos chamados períodos arqueológico e genealógico; os questionamentos feitos por alguns/as autores/as a respeito das teorias foucaultianas e, por fim, refletir sobre a contribuição do pensamento do filósofo nas práticas pedagógicas.

A escola tem sido vista como um ambiente produtivo para a promoção de saberes contra hegemônicos. De certo modo, atribui-se a essa instituição diferentes papéis; mais que o ensino de conteúdos relacionados à língua, matemática, química, biologia, física etc., espera-se que promova a empatia, cooperação, respeito e, mais recentemente, educação sexual, gênero, corpo, entre outros. Ou seja, acredita-se ser capaz de promover a ascensão da criança, do/a adolescente e do/a jovem e, principalmente, a liberdade do ser. Também é neste contexto que defendo a educação como estratégia para a resistência ao dispositivo de beleza.

A seguir apresento brevemente como Michel Foucault (2014) pode ajudar a pensar a resistência por meio da educação. Afinal, Foucault (2014) é capaz de destacar a natureza de todo o conhecimento, desbancando, assim, qualquer forma de teleologia. Os elementos vitais de continuidade no trabalho arqueológico e genealógico de Foucault são temas de poder, saber e corpo, e as relações complexas entre esses conceitos, como aparecem nas práticas discursivas e não discursivas, que remetem às diferentes vivências cotidianas, inclusive educacionais.

Popkewitz e Brennan (1998) ilustram a posição foucaultiana usando justamente o exemplo da aprendizagem, que definem como sendo a capacidade de incorporar uma série de valores historicamente construídos, prioridades e disposições em relação a como alguém deve ver e agir em relação ao mundo. Da mesma forma, o/a aprendiz também é definido/a como constituído/a dentro de uma estrutura de formas historicamente institucionalizadas de saber e poder. Essa

¹⁴¹ A razão das aspas se tornará compreensível durante a leitura deste tópico.

reinscrição problematiza a noção de um sujeito racional e livre, necessitando, assim, que abandonemos tanto a visão do indivíduo, construída como o arquiteto e controlador de uma ordem interna e externa, quanto a visão do indivíduo como um dado a priori – aspectos que abordei ainda na Seção 2, “Abrindo a caixa de ferramentas de Foucault”.

Na perspectiva foucaultiana, o indivíduo é descentrado e o foco da análise passa do estudo de indivíduos (por exemplo, crianças, negros, mulheres) para o estudo do sistema de ideias que constitui a identidade desses indivíduos (por exemplo, infância, negritude, feminilidade). Ao descentrar o assunto, o filósofo ressalta relações de poder anteriormente obscurecidas que perturbam a retórica liberal de progresso e emancipação, e assim abre discursos para alternar concepções de práticas correntes.

Na teoria da educação, a terminologia foucaultiana é aplicada diretamente às práticas educacionais modernas a fim de revelar como a microfísica do poder, como vigilância, exclusão, classificação, distribuição, totalização e regulação (por meio das práticas de escrita, classificação e exame) permeiam o ambiente de aprendizagem. Popkewitz e Brennan (1998) sugerem que as instituições de educação formal são centrais para a disciplina na sociedade, uma vez que nelas a governamentalidade e as técnicas e estratégias das tecnologias disciplinares seriam estimuladas. Essas tecnologias disciplinares, por sua vez, permeariam outras instituições, formando assim as principais potências que definem a sociedade ocidental.

Embora o filósofo francês tenha estudado várias instituições (incluindo o asilo, a prisão e a clínica) para investigar as tecnologias disciplinares em jogo, ele nunca concedeu a qualquer uma delas o *lócus* dominante de disciplina e poder na sociedade. Em vez disso, a genealogia de Foucault (DELEUZE, 1990) é caracterizada por uma descontinuidade entre eventos e tempo, e ele dá muito pouca indicação de quais influências causais estão atuando na sociedade. A razão para isto é que se uma causa ou razão última pudesse ser localizada, então a história poderia ser retratada como contínua (e possivelmente progressiva), o que permitiria que os críticos sociais atuassem e até transformassem a sociedade por meio da identificação e, portanto, da fonte de práticas disciplinares. Isso constituiria um retorno a uma filosofia da consciência. E esta não é a perspectiva do filósofo. Foucault não trabalha com a premissa de um indivíduo consciente, dono de si. A contribuição de Foucault está em desvendar as relações de poder e práticas

disciplinares que subjetivam-nos e funcionam por vezes de maneira inconsciente a ponto de considerarmos normais em nossas práticas, incluindo nossas práticas educacionais – e aqui acrescento também o que acredita-se ser uma mulher bela.

Outra questão levantada por Popkewitz e Brennan (1998) a fim de distinguir a crítica foucaultiana das teorias críticas e liberais tradicionais é a da resistência. Na filosofia da consciência, a resistência é vista como externa ao sistema de relações de poder, ao passo que, para Foucault, a resistência sempre faz parte desse sistema, é inerente ao seu funcionamento. Em *Vigiar e Punir*, Foucault (1999b) argumenta que a resistência é necessária para transformar e afirmar o poder. Em outras palavras, a resistência é tanto um elemento do funcionamento do poder quanto uma fonte de sua desordem perpétua.

Ao entender a resistência como parte dos mecanismos de poder, é fundamental prestar mais atenção aos aspectos performativos do processo de ensino-aprendizagem em sala de aula. A voz do/a aluno/a e do/a professor/a não é mais vista como natural, porque passa a ser compreendida dentro da dinâmica das relações de poder-saber. Em resumo, ao ver as práticas educacionais à luz da obra de Foucault, é necessário levantar questões de saber, poder e resistência como efeitos dessas relações dentro de uma trama histórica. Ou seja, tomado no contexto da genealogia, o sujeito educado é colocado tanto como uma descrição quanto como uma construção de configurações históricas de poder. Somente quando o sujeito e a tradição intelectual à qual o sujeito pertence são problematizados e entendidos no contexto de relações dinâmicas de poder, ajustáveis de acordo com infinitas estratégias, é possível uma crítica eficaz da participação e possível papel da escola. Ou seja, ela tem ou pode ter um papel fundamental para a resistência aos dispositivos e discursos que estão em vigor na sociedade contemporânea.

A elucidação cuidadosa de Popkewitz e Brennan do valor que Foucault oferece na conceitualização da teoria social e política na educação se mostra relevante. No entanto, há questionamentos feitos rotineiramente contra Foucault que também são aplicáveis neste contexto e que, portanto, precisam ser examinados. Essas críticas dizem respeito ao uso e à compreensão do poder de Foucault e a aparente rejeição de Foucault de qualquer noção de verdade objetiva. Afinal, segundo lembra Veyne (2009, p. 19), a originalidade do autor está justamente em trabalhar sobre a verdade no tempo. "[...] O passado antigo e recente da humanidade é apenas um vasto cemitério de grandes verdades mortas".

É possível notar que Foucault recusa uma posição da existência de uma verdade; ele trabalha com o que funciona ou tem efeito de verdadeiro numa determinada época. E essa verdade é construída nas relações de poder. As relações de poder produzem saberes e alguns destes saberes, ao se sobreporem, são dados como a verdade – a verdade só pode ser definida dentro de uma dada tradição intelectual (TAYLOR, 1986).

Esse pressuposto, ao ser aplicado à teoria educacional, sugere a necessidade de ampliar a reflexão sobre as possibilidades da educação como estratégia emancipatória dos indivíduos. Torna-se fundamental compreender a escola e os sujeitos que participam dessa instituição – seja como diretores/as, coordenadores/as, professores/as, alunos/as, funcionários/as etc. – como parte da trama histórica. Essas pessoas não estão fora das relações de poder-saber, nem livres das ações disciplinares que incidem sobre os corpos. A escola não é um espaço neutro. O próprio Foucault (vigiar) aponta que a escola funciona como poder disciplinar. E, conforme Giddens (2008), foi concebida – e é pensada – a fim de atender os interesses políticos e econômicos da sociedade capitalista contemporânea.

A recusa de Foucault em adotar uma posição de valor dos diferentes tipos de saber contribui para o que pode ser considerada certa fragilidade no uso de seu pensamento em teorias educacionais, uma vez que relativizar a noção de verdade parece comprometer a integridade dos juízos de valor de diferentes concepções e manifestações de poder, além de colocar em xeque os próprios saberes apresentados na escola como parte do processo que supostamente busca contribuir para o desenvolvimento de alunos e alunas como pessoas autônomas, livres.

Uma avaliação cuidadosa das obras de Foucault – particularmente *A História da Sexualidade* (1999a) – permite uma descrição do poder que não o apresenta de forma negativa, mas que tenta alertar sobre os perigos da normalização do poder, ao mesmo tempo em que atenta para a possibilidade de novas formas de subjetividade e ética. Essas novas formas de subjetividade são denotadas pela ideia de cuidar de si, que significa não apenas conhecer-se, mas também melhorar, superar e dominar a si mesmo/a. Conhecer a si mesmo/a, na perspectiva do autor, leva a um retorno para si, um voltar a si a ponto de compreender a maneira como somos subjetivados/as. Cuidar de si implica trabalhar ativamente em si mesmo/a.

É para conhecer-se a si mesmo que é preciso dobrar-se sobre si; é para conhecer-se a si mesmo que é preciso desligar-se das sensações que nos iludem; é para conhecer-se a si mesmo que é preciso estabelecer a alma em uma fixidez imóvel que a desvincula de todos os acontecimentos exteriores (FOUCAULT, 2006a, p. 86).

Entendo, na argumentação do filósofo, que a técnica de si consiste inclusive em desligar-se do mundo exterior (não no sentido de fugir dele, mas de não se permitir olhar para si mesmo referenciando-se nas verdades já estabelecidas). Considerando que somos subjetivados/as na relação com o mundo exterior, a tarefa passa a ser compreender que forças funcionaram na construção da nossa identidade como sujeitos; e este papel pode e deve ser exercido pela educação.

A conceituação do poder como força produtiva representa uma saída para os relatos claustrofóbicos de poder, na medida em que o cuidado de si constitui tarefa imensamente difícil. Contudo, torna-se a melhor estratégia para obter a liberdade e evitar as armadilhas da normalização do poder. Como tal, a reinterpretação de Foucault, ao compreender o que se convencionou chamar de "técnicas de si" constitui uma relevante leitura para entender o sistema educacional e o processo de ensino-aprendizagem, sustentando a possibilidade de resistência e ação.

Para Foucault (2006a) – naquilo que se chama de sua última fase (ALVAREZ, 2015) – a necessidade de cuidar de si está vinculada ao exercício do poder, a ética equivale a um estilo de vida, no qual escolhemos cultivar nossas vidas para que possam se tornar obras de arte. Como tal, o indivíduo constitui o foco da análise em seu trabalho em que, semelhante ao princípio da obra de arte, é preciso cuidar; a principal área para a qual se deve aplicar valores estéticos, é você mesmo, a vida, a existência. Retomando os filósofos da Grécia antiga, o autor sustenta que "[...] todo homem, noite e dia, e ao longo de toda a sua vida, deve ocupar-se com a própria alma" (FOUCAULT, 2006a, p. 12).

Diante do exposto, considero que o uso e a compreensão do pensamento de Foucault, principalmente de sua noção de poder, limita o impacto de sua aplicação na educação, pois é necessário considerá-la, como disse anteriormente, dentro da trama histórica, não como um lugar neutro. Tornar o poder, saber e resistência objetos de análise numa perspectiva foucaultiana amplia a compreensão das relações complexas em jogo na educação e deve auxiliar na visibilidade de outros fatores importantes (incluindo fatores sociais, políticos, religiosos, legais, psicológicos e midiáticos) que caracterizam e afetam as instituições e os sujeitos da

educação. Isso não quer dizer que a escola esteja impedida de contribuir para a resistência – inclusive ao dispositivo de beleza, como apresento um pouco mais adiante. Por outro lado, os/as teóricos/as da educação devem ser sensíveis à armadilha que pode se tornar a interpretação simplista dos conceitos e noções elaborados pelo filósofo e procurar reintroduzir ativamente a diferenciação destes ao avaliar seu funcionamento nas estruturas históricas.

Taylor (1986) argumenta que, para que o poder exista como um constructo significativo, a ideia de verdade deve, em princípio, ser possível. Libertação pelo acesso à verdade seria uma condição necessária para uma crítica social eficaz e para a colaboração em nossa própria subjugação-liberação. Se a questão da verdade ou da emancipação não pode ser levantada dentro de um regime (uma vez que a verdade é relativa ao regime em questão), então para que haja práticas de liberdade se faz necessária à substituição de um regime de verdade por outro. No entanto, qualquer ganho em nome da verdade seria impossível de avaliar, uma vez que os padrões de verdade e liberdade são redefinidos dentro de um novo contexto. Consequentemente, a resistência só pode equivaler à ruptura local dentro de uma forma ou regime de poder.

O propósito de Foucault não era formular uma teoria sistemática global que mantivesse tudo no lugar, mas analisar a especificidade dos mecanismos de poder para construir pouco a pouco um conhecimento estratégico que permitisse a emancipação do sujeito (FOUCAULT, 2006a). No entanto, como discuti acima, o conhecimento estratégico requer uma visão coerente da realidade e um senso de propósito humano, por isso o filósofo sustenta a necessidade das "técnicas de si" (que aqui tomo na perspectiva ampla do cuidado de si, propondo que a educação contribua para o cuidado de si como estratégia de resistência). Sem uma visão coerente da realidade e da constituição dos sujeitos, não é possível esperar um impacto significativo sobre as tecnologias disciplinares da sociedade.

Seals (1998) argumenta que Foucault distingue entre o ideal de emancipar a verdade de todo sistema de poder e a tarefa de separar a verdade das formas de hegemonia que dominam em cada momento histórico. Seals (1998) é da opinião de que a visão de Foucault da objetividade e verdade constitui um cartesianismo moderado ou não-político que é superior às explicações objetivistas e pós-modernas da verdade, ambas oferecendo explicações mutuamente exclusivas de objetividade. Quando essas perspectivas são aplicadas ao contexto educacional, a pedagogia

serve como suporte institucional da vontade a um sentido de verdade [grifo meu]. A posição mais moderada de Foucault é preferível precisamente porque nos permite especificar o significado de nossas verdades. A força dessa abordagem no domínio da educação é que professores/as são capazes de examinar com seus/suas alunos/as as lógicas da verdade apropriadas a vários tipos de afirmações e investigar conjuntamente as condições de verdade, especialmente, intersubjetivas – como é o caso dos referenciais sociais e midiáticos para o corpo da mulher. Nessa abordagem pedagógica, os reinos da verdade tornam-se exploráveis como regimes de verdade. Professores/as e estudantes se tornam capazes de problematizar o conhecimento, sendo que eles/as mesmos passam a compreender que não são detentores/as de uma verdade objetiva, absoluta.

Partindo dessa compreensão, é necessário ressaltar que o princípio da resistência em Foucault não é um simples efeito do poder. "Para resistir, é preciso que a resistência seja como o poder. Tão inventiva, tão móvel, tão produtiva quanto ele. Que, como ele, venha de 'baixo' e se distribua estrategicamente" (FOUCAULT, 2014, p. 136). Tal afirmação leva-nos a vincular a ideia de resistência a fins e projetos estratégicos. Em outras palavras, devemos saber que podemos fazer a diferença, não apenas em nossas próprias vidas, mas também no futuro da humanidade. A resistência ao poder produz saberes e estes devem ser empregados em nome de uma alternativa libertadora, caso contrário, não pode servir a nenhuma função quando visto à luz da maior ontologia do poder de Foucault.

6.4.2 A reprodução de práticas pedagógicas

O maior desafio em tornar a escola um lugar de resistência aos discursos normativos e que aprisionam a mulher dentro de determinados referenciais de beleza se deve ao fato de esse espaço, por vezes, reproduzir os discursos dominantes – o verdadeiro da época. Quando trata das questões de gênero e sexualidade, Louro (2003, p. 80-81, grifo nosso) declara que “[...] a escola não apenas reproduz ou reflete as concepções de gênero e sexualidade que circulam na sociedade, mas [...] ela própria as produz”. Parece-me que não é diferente em relação às noções sobre a beleza do corpo feminino – até mesmo os filmes hollywoodianos, quando têm como pano de fundo o cenário escolar, reproduzem os

estereótipos estéticos da beleza contemporânea (as alunas magras, brancas, de pele lisa, cabelos lisos geralmente são as mais influentes). É possível notar que, nesse sentido, a educação também não tem sido um lugar para construção da autonomia.

Ao analisar algumas práticas pedagógicas, Charlot (1983) questiona: a escola é um espaço de liberação ou de alienação? Num posicionamento bastante crítico, o autor ressalta que "a escola transmite um saber fossilizado que não leva em conta a evolução rápida do mundo moderno; sua potência de informação é fraca comparada à dos *mass media*" (CHARLOT, 1983, p. 150). O autor destaca que a escola desenvolve uma prática educativa orientada pelas normas e pelos interesses da burguesia, uma escola que camufla as condições sociais desiguais. Para ele, a escola deve conhecer as formas culturais que cada vez mais tomam lugar em nossa sociedade. Essas afirmações do autor justificam a importância de se pensar a educação nas práticas de resistência.

Para Louro (2003), é possível, a partir do reconhecimento de que a vigilância é constantemente exercida, lutar contra esses saberes que têm sido apresentados de maneira normativa. "Por que se importar com tudo isso? Por que observar a construção das diferenças? [...] Porque esse é um campo político, ou seja, porque na instituição das diferenças estão implicadas relações de poder" (LOURO, 2003, p. 84). Apresentando uma perspectiva em que reconhece as contradições e os jogos de interesse, Freire (2002, p. 22) defende o quanto é fundamental o papel do/a educador/a: "sei que as coisas podem até piorar, mas sei também que é possível intervir para melhorá-las". O que o/a professor/a não pode é acomodar-se.

Se admitimos que a escola não apenas transmite conhecimentos, nem mesmo apenas os produz, mas que ela também *fabrica* sujeitos, produz identidades étnicas, de gênero, de classe; se reconhecemos que essas identidades estão sendo produzidas através de relações de desigualdade; se admitimos que a escola está intrinsecamente comprometida com a manutenção de uma sociedade dividida e que faz isso cotidianamente, com nossa participação ou omissão; se acreditamos que a prática escolar é historicamente contingente e que é uma prática política, isto é, que se transforma e pode ser subvertida; e, por fim, se não nos sentimos conformes com essas divisões sociais, então, certamente, encontramos justificativas não apenas para observar, mas, especialmente, para tentar interferir na continuidade dessas desigualdades (LOURO, 2003, p. 85-86, *italico da autora, grifo meu*).

Na perspectiva de Louro (2003), “a/o nova/o intelectual terá, necessariamente, de se perceber como participando das relações de poder e isso implicará no exercício constante da auto-crítica” (LOURO, 2003, p. 124). Ninguém escapa às relações de poder. Porém, o reconhecimento de participamos de uma rede de poderes e que o poder não se dá de cima para baixo, mas funciona nas relações desiguais, permite ao educador/a observar suas próprias práticas e compreender seu papel na luta pela constituição de novos saberes.

A construção de uma prática educativa não-sexista [podemos acrescentar, não normativa em relação ao corpo da mulher] necessariamente terá de se fazer *a partir de dentro* desses jogos de poder. Feministas ou não, somos parte dessa trama e precisamos levar isso em conta (LOURO, 2003, p. 119, *italico da autora*).

Considero, como sustenta Charlot (1983, p. 213), que a escola não é fonte de alienação, nem produtora de ideologia, também não inventa a cultura. “A cultura é fenômeno social antes de ser fenômeno escolar”. Isso sugere que, mesmo o saber que circula na escola sobre os corpos, a respeito da beleza das mulheres, é uma reprodução de saber da época – que, como temos visto, dá-se no que chamo de dispositivo de beleza.

Entretanto, para Charlot (1983, p. 240), “[...] a educação deve ser preparação, ao mesmo tempo, para a cooperação e para a luta”. Não se trata de uma luta física, mas na ordem dos saberes, da produção de conhecimentos que possam ser socializados, potencializando transformações. O “[...] conflito deve ser social e pedagogicamente codificado e não desembocar na violência e na lei da selva” (CHARLOT, 1983, p. 240).

O desejo – e necessidade – de transformar as realidades sociais passa pela educação, pois os “[...] comportamentos humanos não são predeterminados por instintos” (CHARLOT, 1983, p. 268). Como vimos ao retomar a historicidade dos referenciais de beleza, o que se normatiza hoje como sendo o belo é uma construção social, não é um dado da natureza. O saber “é criado historicamente pela espécie humana, em condições sociais determinadas” (CHARLOT, 1983, p. 279). Esse saber foi aprendido, é resultado de influências sociais – logo é passível de ser questionado e novos saberes podem ser instituídos. Isso também é papel da

educação, especialmente da escola. "A educação não é, portanto, atualização da natureza humana, mas construção de uma personalidade social" (CHARLOT, 1983, p. 258).

Para Bauman (2013, p. 20), a escola é, de fato, um espaço privilegiado nas transformações sociais. "Embora os poderes do atual sistema educacional pareçam limitados, e ele próprio seja cada vez mais submetido ao jogo consumista, ainda tem poderes de transformação suficientes para ser considerado um dos fatores promissores para essa revolução" [grifo meu]. Isso, porém, requer que haja o reconhecimento de que as verdades que nos são apresentadas são efeitos de discursos que, nos jogos de poder, construíram saberes normativos, institucionalizantes. "O mundo não é. O mundo está sendo" (FREIRE, 2002, p. 29).

Já, para Freire (2002), educar é intervir no mundo, é romper com as desigualdades, com as diferenças e, a meu ver, é discutir e questionar as verdades a respeito dos corpos. Para isso, no entanto, a educação tem que ser pensada a partir das realidades vividas pelos sujeitos em suas relações com o mundo. Isso porque, retomando Charlot (1983, p. 237),

não se pode elaborar nem uma concepção do homem[mulher] que faça abstração da sociedade, nem uma concepção da sociedade que faça abstração do homem[mulher]. Isso não quer dizer que o homem[mulher] e a sociedade são complementares; são consubstanciais. O homem[mulher] é inteiramente social e a sociedade é inteiramente humana.

Embora Dewey (2010), na época dele (entre o final do século 19 e início do século 20), não tenha discutido as questões relacionadas aos discursos normativos ou temas ligados à mulher, o filósofo e educador norte-americano também destaca que a educação é o meio pelo qual é possível a construção de uma sociedade mais justa, que respeite as pessoas. Mas, segundo ele, isso requer o esforço de "homens esclarecidos", pessoas que compreendam o papel que podem exercer na transformação da sociedade. "Só é possível à natureza humana aproximar-se gradualmente de seus fins por meio dos esforços de pessoas capazes de compreender o ideal de uma futura condição melhor" (DEWEY, 2010, p. 104).

Dewey, porém, criticava a preocupação dos pais em educar os/as filhos/as apenas para o mercado de trabalho enquanto os governos, geralmente, educam para manter o sistema de dominação vigente. "Cada geração propende a educar os

jovens, para agir no seu tempo, em vez de atender à finalidade mais própria da educação, que é conseguir a melhor realização possível da humanidade como humanidade" (DEWEY, 2010, p. 103). Por isso, questiona: "Será possível, para um sistema educativo, ser dirigido pelo estado nacional e, mesmo assim, conseguir-se que não seja restringida, constringida e deturpada a perfeita finalidade social da educação?" (DEWEY, 2010, p. 106). Ainda que não estivesse tratando da educação pensando nas desigualdades de gênero, tampouco refletisse sobre a pedagogia do corpo, creio ser possível nos apropriarmos do questionamento feito pelo autor para problematizar o modelo educacional contemporâneo. Por publicações feitas por mulheres, como as analisadas anteriormente, deduzimos que a prática pedagógica tem pouco contribuído para assegurar liberdade às mulheres no que diz respeito aos seus corpos.

Não poderemos criar, com as nossas imaginações, alguma coisa que consideremos uma sociedade ideal. Nossa concepção deve basear-se em sociedades que existam realmente, de modo a obtermos alguma garantia da exequidade de nosso ideal. Mas, por outro lado, o ideal não pode limitar-se apenas a reproduzir os traços que encontramos na realidade (DEWEY, 2010, p. 87, grifo meu).

Entendemos que é possível deslocar aqui a noção de "realidade" apresentada pelo filósofo e educador para aplicá-la a realidade do dispositivo de beleza que emergem em discursos e outras ações não enunciativas observadas no que diz respeito aos corpos das mulheres. Por isso, a partir de Dewey (2010), compreendemos que, não podemos nos acomodar com os modelos ou referências de sociedade (inclusive de beleza) que estão hoje normatizados. É fato que o autor está propondo uma discussão noutra contexto, mas é possível deslocá-la e aplicá-la nesta perspectiva. Afinal, a educação precisa estar conectada ao mundo, problematizar os fatos do mundo; partindo de 'sociedades que existam realmente', não pode aceitar os modelos vigentes sem propor transformá-los.

Monasta (2010), ao retomar alguns dos princípios de Gramsci para a educação, lembra que a escola não é o único espaço que educa. Explica que existem ações permanentes de persuasão que ocorrem "[...] à margem do sistema educativo formal" (p. 32). O autor também cita que há um novo tipo de intelectual que atua nas empresas, indústrias, nos altos cargos etc. que – ainda que não ajam de maneira consciente – contribuem para a formação de um determinado tipo de

cultura. Aqui acrescento os agentes midiáticos de modo geral – apresentadores/as, atores, atrizes, cantores/as, jornalistas e, mais recentemente, os/as *youtubers*, blogueiros/as, os/as chamados/as *influencers*. Esse conjunto de pessoas, ao tratar dos corpos, participa da formação de um olhar a respeito do corpo belo. Até mesmo a repetição de enunciados como os que vimos analisados, por essas mulheres em publicações no *Facebook*, colabora na estabilização de verdades.

Para Gramsci (2010, p. 116), o saber de uma criança não é individual; “[...] é o reflexo da fração da sociedade da qual participa”, das relações que estabelece com o meio em que vive – família, vizinhos, cidade etc. Por isso, para o filósofo italiano, o fundamento da escola é, por meio do corpo de professores/as, assegurar a crítica social, a capacidade de compreensão das forças que afetam todas as pessoas, em especial os/as alunos/as. Contudo, diz, o corpo docente, por vezes, não é uma expressão vanguarda, mas sim atua de forma “amesquinhada” (GRAMSCI, 2010, p. 116). Embora não trata neste termo, o autor critica o ensino conteudista, que não promove a reflexão filosófica, que promoveria a liberdade do ser. “Se o corpo docente é deficiente e o nexos instrução-educação vem dissolvido, visando resolver a questão do ensino de acordo com esquemas no papel [...] a obra do[a] professor[a] se tornará ainda mais deficiente” (GRAMSCI, 2010, p. 117).

Em Charlot (1983), encontramos que a escola é bastante frágil quando comparada aos meios de comunicação. De fato, nos jogos de poder, temos relações bastante desiguais quando pensamos na complexidade do processo educacional. Por isso, Gramsci, conforme Monasta (2010, p. 34), defende a tomada de consciência por parte do/a mestre/a com referência a todo o processo de aculturação dos sujeitos. Esse “[...] poderia ser o ponto de partida de um novo profissionalismo dos[as] mestres[as] e dos[as] educadores[as]”. Conforme aponta Bauman (2013), embora os poderes do sistema educacional hoje sejam cada vez mais limitados, ainda é por meio da educação que se pode desenvolver a construção de novas formas de pensar. “O único propósito invariável da educação era, é e continuará a ser a preparação desses jovens para a vida segundo as realidades que tenderão a enfrentar” (BAUMAN, 2013, p. 15).

6.5 EDUCAÇÃO PARA O CUIDADO DE SI

Considerar a escola tão somente como lugar para preparação formal para o mercado de trabalho é reduzir sua importância; tampouco deve ser um espaço apenas para formação na Gramática, Matemática, Física, Química, Biologia e outras matérias curriculares. Embora o domínio desses conhecimentos tenha sua relevância, não habilitam o sujeito a se conhecer e nem a entender o funcionamento da trama histórica que o leva a ser governado por forças externas que sequer conhece. "A escola não é só um lugar para estudar, mas para se encontrar, conversar, confrontar-se com o[a] outro[a], discutir, fazer política. Deve gerar insatisfação com o já dito, o já sabido, o já estabelecido", escreve Gadotti (2007, p. 12) em *A escola e o professor Paulo Freire e a paixão de ensinar*.

Ainda que sua ação para a resistência seja limitada por outros dispositivos e pelo próprio contexto histórico – afinal, "a escola não pode mudar tudo e nem pode mudar a si mesma sozinha" (GADOTTI, 2007, p. 12) –, defendo que a escola é um lugar que deve privilegiar os diferentes saberes, inclusive retomando valores defendidos na antiguidade clássica grega, a fim de oferecer subsídios que permitirão a autonomia do sujeito. Compreendendo que as relações de poder implicam necessariamente em práticas de resistência, sustento que a escola deve agir com objetivos claros e, neles, contemplar a formação para um sujeito que entenda que ser livre é também (re)conhecer as práticas discursivas que funcionam no dispositivo de beleza. "[...] Agir com um objetivo é o mesmo que agir inteligentemente. Prever o término de uma ação é contar com uma base de onde se observam, selecionam e ordenam os objetivos e as próprias capacidades" (WESTBROOK; TEIXEIRA, 2010, p. 76).

Sustento que a liberdade dos indivíduos – inclusive no que diz respeito ao dispositivo de beleza – passa pela compreensão do sentido atribuído pelos gregos ao cuidado de si. Um cuidado de si que remete a necessidade de confrontar-se com a verdade de si. Trata-se de um pacto consigo mesmo de "obrigar-se à verdade" que, por vezes, carece ser arrancada do próprio sujeito¹⁴² (FOUCAULT, 2010, p. 64). Neste aspecto, a escola – e essencialmente o/a professor/a – tem papel

¹⁴² A ideia de que a verdade, às vezes, necessita ser arrancada do sujeito aparece na aula do dia 26 de janeiro de 1983 ministrada por Foucault e é ilustrada por uma das tragédias gregas (FOUCAULT, 2010).

fundamental. Foucault (2006a, p. 73), ao estudar o tema, lembra que, na compreensão da filosofia grega, "o mestre é aquele cuida do cuidado que o sujeito tem de si mesmo" e que faz isso por amar; um amor desinteressado. Segundo Foucault (2006a), o cuidado de si passa pela relação com o/a outro/a, que é o/a mestre/a – em meu entendimento, o professor, a professora que exercem esse papel.

Entendo que ocupar-se de si permite a resistência ao dispositivo de beleza, pois, como mostrado nas Seções 3 e 4, e confirmado pelas análises do arquivo, as mulheres têm projetado uma imagem distorcida a respeito de si mesmas. O dispositivo de beleza, por meio de inúmeras estratégias – inclusive sustentando-se no discurso médico –, tem forjado uma imagem ideal que tem sido assimilada e motivado que muitas delas vivam como personagens de um mundo idealizado no qual não há espaço para uma diversidade de corpos em suas formas plurais, concretas.

Uma educação para o cuidado de si contribui para a resistência aos saberes instituídos pelo dispositivo de beleza sobre o corpo da mulher, pois, ao ocupar-se de si, o sujeito-mulher não terá a beleza do corpo físico como finalidade última. Conhecerá suas paixões, vontades, desejos, as imagens que possui de si, as imagens que têm de si em função das outras pessoas, os saberes que a constituem como sujeito, os jogos de verdade que permeiam o cotidiano e até que orientam a respeito do corpo. Enfim, o cuidado de si envolve o ser por completo – a relação consigo mesmo/a, com o/a outro/a e com o mundo. A beleza física deixa de aprisionar, de referenciar as atitudes, as escolhas de consumo; não atua como critério de comparação, de competição e muito menos como valor de si, pois o desenvolvimento das técnicas de si permite que o sujeito transcenda as questões físicas, de uma estética corporal. Tais técnicas tratam de "[...] de um exercício de si sobre si mesmo através do qual se procura elaborar, se transformar e atingir um certo modo de ser" (FOUCAULT, 2004, p. 100).

O filósofo francês lembra que a noção do cuidado de si, num primeiro momento, mais especificamente nos diálogos de Sócrates apresentados por Platão, dizia respeito a um princípio de racionalidade moral e se referia a práticas que permitiriam o melhor governo de si para que o sujeito pudesse governar o outro. Ou seja, o objeto do cuidado de si era, com efeito, o governo da cidade. Contudo, "[...] no curso da história, a noção ampliou-se, multiplicaram-se suas significações,

deslocaram-se também" (FOUCAULT, 2006a, p. 14). E, no que tange à resistência ao dispositivo de beleza, compreendendo práticas educativas, aproprio-me das significações para o cuidado de si que conduzem para atitudes que levem o sujeito a ocupar-se de si, do/a outro/a e do mundo, como afirmei há pouco. Por isso, o cuidado de si não pode se resumir a um cuidado com o corpo, no sentido da estética contemporânea. Como anuncia Foucault (2004, p. 114), "[...] viso ao conjunto das práticas pelas quais é possível constituir, definir, organizar, instrumentalizar as estratégias que os indivíduos, em sua liberdade, podem ter uns em relação aos outros".

A resistência é estratégica; dá-se por sujeitos instrumentalizados, capazes de identificar o funcionamento das relações de poder e, por conta disso, fazerem valer a liberdade. Estimular e educar para o cuidado de si, hoje, é pensar em práticas que envolvam a subjetividade, motivando a pessoa a entender a formação do que pensa, dos discursos que chegam até ela. As técnicas de si são, de certo modo, práticas de liberdade, uma vez que podem permitir que os indivíduos definam por eles mesmos formas aceitáveis da sua existência – e até da sociedade política que, juntos, constituem (FOUCAULT, 2004). E falo aqui em formas *aceitáveis*, porque, como ressalta o filósofo francês, a condição de liberdade não é a liberação plena do sujeito; o sujeito não define por si mesmo *todas* as formas práticas de liberdade (grifos meus). É por isso que Foucault (2004) relaciona o cuidado de si com a ética, já que, para ele, a ética é a prática da liberdade, a prática refletida da liberdade. Nos/as gregos/as,

[...] para se conduzir bem, para praticar adequadamente a liberdade, era necessário se ocupar de si mesmo, cuidar de si, ao mesmo tempo para se conhecer [...] e para se formar, superar-se a si mesmo, para dominar em si os apetites que poderiam arrebatá-lo (FOUCAULT, 2004, p. 104).

O cuidado de si diria respeito a um modo de viver. Neste contexto, o cuidado de si envolve a necessidade de reflexão sobre a própria educação. Quando Foucault (2006a) resgata os textos de Platão, mostra que a importância de voltar a si, conhecer-se, também estava vinculada à insuficiência da educação recebida. Quer dizer que, quando o indivíduo busca conhecer-se, há um processo de identificação também dos saberes que o formam no interior da escola. Nesta perspectiva, não apenas no interior do projeto político, mas também como déficit pedagógico. Isso

remete, portanto, a prática de autocrítica constante do sujeito-educando/a, do sujeito-professor/a e da própria escola.

O/a educando/a carece do/a mediador/a (professor/a) também em função disso. É no diálogo o/a outro/a que é levado/a a conhecer-se. Esta relação permitirá ao sujeito alcançar a verdade a respeito de si mesmo. "[...] Quando prescindimos do juízo dos outros pela opinião que temos de nós mesmos, caímos frequentemente" (FOUCAULT, 2010, p. 44). Mas esse/a outro/a, conforme ressalta Foucault, após ter estudado Platão, deveria possuir algumas qualidades: ter idade (ou seja, experiências de vida), boa reputação e *parresía* (falar francamente)¹⁴³. Esses critérios são fundamentais para o/a professor/a. Quando este/a reúne tais qualidades o/a aluno/a pode ser efetivamente ser tocado/a para o exercício do cuidado de si.

A dinâmica existente nas redes sociais na internet, especificamente no *Facebook*, não favorece o confronto que permitiria ao sujeito ter acesso a verdade de si. Pelas especificidades da rede, mencionadas na Seção 5, observa-se que o que impera no *Facebook* é o jogo da superficialidade, sedução, exagero, conquista e, principalmente, da aparência – tanto como efeito quanto como estética na ordem do imagético. A rede se tornou o lugar de idealização de uma imagem que o sujeito projeta a respeito de si mesmo. Logo, a verdade que a mulher diz a respeito de si naquele espaço não é a verdade que a leva a conhecer-se; o que se identifica no discurso que reproduz é a objetivação, por meio de textos verbais e/ou imagéticos, de uma subjetividade construída por saberes históricos que tornaram a beleza do corpo uma mercadoria, produto de consumo e que, para continuar a ser atrativa, precisa de constantes investimentos em produtos e serviços ofertados pela sociedade de consumo.

A verdade que a mulher diz a respeito de si, nas postagens no *Facebook*, não é a verdade que ela pensa expressar. Para Pêcheux (1990), ao verbalizar, o sujeito tem a impressão da realidade de seu pensamento; como se soubesse o que está falando. Trata-se, no entanto, de uma ilusão; ao dizer, são reproduzidos discursos outros que o subjetivam, mas que são tidos pelo sujeito como sua forma particular de pensar. Fischer (2001, p. 207) explica que "[...] o sujeito da linguagem não é um

¹⁴³ A noção de *parresía* apresentada por Foucault é bastante ampla e merece um estudo específico, que não cabe ser feito neste momento. Sugiro aos/às interessados/as a leitura de *O governo de si e dos outros* (2010).

sujeito em si, idealizado, essencial, origem inarredável do sentido: ele é ao mesmo tempo falante e falado, porque através dele outros ditos se dizem". A mulher, que discursiviza um saber histórico que a governa e governa o corpo dela motivando a busca frenética por uma beleza idealizada, revela a face de um dispositivo mais abrangente, o do consumo, que norteia as ideias que faz de si e até mesmo do que seria sua liberdade e, por que não dizer, de sua felicidade.

Quando a escola promove o confronto nos saberes, como menciona Gadotti (2007), e motiva o/a educando/a a ocupar de si, contribui para que ocupe-se da própria ignorância – "ignorância, ao mesmo tempo das coisas que se deveria saber e ignorância de si mesmo enquanto sequer se sabe que se as ignora" (FOUCAULT, 2006a, p. 57). As mulheres mencionadas durante a análise, em sua maioria – subseções 6.2.1 a 6.2.4 –, não sabem que estão sob efeito do discurso de beleza e ignoram que não sabem. Por outro lado, não me parece que as relações de poder, no que diz respeito à beleza, sejam cristalizadas, bloqueadas. Há espaço para estratégias que as modifiquem. Entretanto, estas só podem ser constituídas quando, efetivamente, as mulheres souberem quem são, quais os saberes em circulação na sociedade e como se dá o processo de subjetivação dos indivíduos. Isto é dado por Bordo (1997, p. 21, grifo da autora) como uma urgência na contemporaneidade: "[...] necessitamos desesperadamente de um discurso *político* eficaz sobre o corpo feminino, um discurso adequado a uma análise dos caminhos insidiosos e muitas vezes paradoxais do moderno controle social".

A resistência ao dispositivo de beleza, que tem funcionado conforme apresentei nas Seções 3 e 4, passa pela problematização desses saberes que têm tido efeito de verdade junto às mulheres. Os discursos sobre os corpos femininos ao longo da história produzem uma memória que retorna, ainda que por vezes ganhem novos sentidos e sofram deslocamentos. "O que fomos e o que somos, o que foram e o que disseram nossos ancestrais, tudo isso marca nossos corpos, penetra-os e os produz, para o bem e para o mal" (FISCHER, 2001, p. 217).

Para Foucault (2004, p. 105), "[...] não é possível cuidar de si sem se conhecer". O pensador francês ressalta que esse conhecimento de si é também "[...] o conhecimento de um certo número de regras de conduta ou de princípios que são simultaneamente verdades e prescrições" (p. 105). Depois de compreendermos o funcionamento do dispositivo de beleza e os discursos que produz, é necessário concluir que os saberes sobre o corpo e a beleza da mulher funcionam como

verdades e prescrições, inclusive de conduta – há uma descrição de um ideal estético para as mulheres, que supostamente assegura a elas o reconhecimento e a ascensão social (BORDO, 1997). E, neste aspecto, se temos uma educação para o cuidado de si, temos a abertura para que meninos e meninas, desde os primeiros anos de vida, conheçam as verdades e prescrições que permeiam a vida deles/as e norteiam suas práticas. Conhecer permite resistir. Parafraseando Foucault (2004), cuidar de si é uma maneira de controlar e limitar o poder.

As técnicas de si, na perspectiva grega, eram práticas da vida adulta; necessárias, inclusive, em função da deficiência pedagógica na formação dos sujeitos. Todavia, hoje, em função do acesso ao saber histórico, à filosofia, da produção de conhecimento sobre a sociedade, das teorias e reflexões do ensino e da aprendizagem, entendo que a educação escolar hoje pode ser mais ousada e ir além do que se convencionou nos currículos escolares assimilando o cuidado de si nas práticas pedagógicas. Foucault (2004, p. 106) apresenta que "[...] para cuidar bem de si é preciso ouvir as lições de um[a] mestre[a]". Por isso, penso que, com a presença do/a mediador/a, crianças e adolescentes podem – e devem – compreender que a própria informação científica é resultado das relações de poder e funcionam como jogos de verdade. Ou seja, não significa que o conhecimento produzido pela ciência seja mentira, ou que não possua validade, mas que está ligado a uma série de processos sociais, também de ordem econômica, e ainda às estruturas de poder, que determinam o que cabe e o que não cabe ser ensinado, que recomenda o que é necessário saber.

Reafirmo que essa ousadia nas práticas educacionais cabe ao professor, à professora. Este/a necessita reconhecer que os sujeitos são condicionados e que o próprio sistema educacional funciona dentro de determinadas estruturas de poder. É isto que leva Freire (2002, p. 23) a defender que ensinar exige do/a educador/a que seja consciente – consciente do condicionamento e "consciente do inacabamento", que o/a leva a refletir sobre suas práticas, atualizando-se constantemente, aprofundando o conhecimento de mundo, dos fatos, dos acontecimentos, o que resulta em um/a mestre/a que ultrapasse seus limites e, em sala de aula, ensine, de forma respeitosa e ofereça perspectivas diversas que motivem cada aluno e aluna a identificar inclusive os saberes que transgridem os princípios éticos fundamentais da existência de cada pessoa (FREIRE, 2002).

Professores/as não se formam sozinhos/as. Faculdades e universidades, que atuam na formação de docentes, oferecem as primeiras ferramentas que podem auxiliar no despertar da responsabilidade de tão nobre tarefa: educar pessoas. Entretanto, a formação se dá diariamente na relação com outros/as mestres/as, com alunos/as e no diálogo com pensadores/as de todas as épocas. "[...] Quem forma se forma e re-forma ao formar e quem é formado forma-se e forma ao ser formado" (FREIRE, 2002, p. 12). Provocações como as de Paulo Freire e de tantos/as outros/as autores/as permitem que o sujeito-professor/a acesse saberes que podem se tornar ferramentas importantes na reprodução, atualização e/ou construção de teorias, métodos e práticas de ensino/aprendizagem.

Aqueles/as que porventura defendam uma escola "neutra", que ensina apenas os conteúdos programáticos das disciplinas, talvez questionem a razão de se de propor uma educação que confronte os saberes que estão em circulação na sociedade sobre a beleza, especialmente do corpo feminino. Argumento, com base em Gadotti (2007, p. 11), que "como espaço de pessoas e relações, [a escola] é também um lugar de representações sociais". Ou seja, de certo modo, reproduz a dinâmica da sociedade. Crianças e adolescentes não dividem o espaço escolar como se este fosse uma bolha, indiferente às contradições da sociedade; pelo contrário, alunos e alunas levam para dentro da escola suas vivências, experiências e conhecimentos já adquiridos – o dispositivo de beleza, com suas inúmeras estratégias, atua em espaços diversos e apresenta referências estéticas para o corpo desde os primeiros anos de vida do indivíduo. O ambiente escolar tem a função de organizar esses saberes e, por vezes, confrontá-los e ressignificá-los.

Freire (2002) lembra que, do ponto de vista dos interesses dominantes, a educação deve ser uma prática imobilizadora (no sentido de uma educação que impede a autonomia do sujeito, à defesa dos interesses humanos), estimulando uma formação tão somente para o trabalho, como mão-de-obra e/ou especialistas em atividades que, conseqüentemente, assegurem a expansão do mercado. Contudo, o educador brasileiro defende que o professor, a professora tenham uma presença ética, transformadora junto aos/as alunos/as. Ainda que reconheça a necessidade de ensinar certo e bem os conteúdos de uma determinada disciplina, Freire (2002, p. 40) diz: "[...] não posso, por outro lado, reduzir minha prática docente ao puro ensino daqueles conteúdos. Esse é um momento apenas da minha atividade pedagógica". Para ele, tão importante quanto os conteúdos é o testemunho ético do/a professor/a

ao ensiná-los. A meu ver, isto implica numa prática pedagógica em que o ensino dos mais diferentes conteúdos formais de uma matriz curricular seja atravessado por um olhar crítico, no qual o/a educador/a problematize as experiências, vivências dele/a e de seus/as alunos/as dando visibilidade às contradições e aos jogos de verdade que permeiam a própria existência – isso permitiria o exercício do conhecer-se.

Entendo que, embora sejam relevantes, não há necessidade de matérias específicas no currículo, livros, apostilas ou manuais para que meninos e meninas tenham acesso às técnicas de si. As práticas pedagógicas, os discursos de educadores e educadoras são os principais testemunhos éticos. E o contrário também ocorre. Ao longo dos anos, mesmo sem aulas diárias ou semanais, corpos foram e têm sido disciplinados, adestrados nas escolas. Louro (2003, p. 61) cita que, no passado recente, professores/as foram orientados/as sobre os cuidados que "[...] deveriam ter com os corpos e almas de seus[as] alunos[as]". Mesmo numa aula de Matemática ou de Geografia, tratavam sobre o "[...] modo de sentar e andar, as formas de colocar cadernos e canetas" (p. 61). Tais ações produziam um corpo escolarizado. Retornar a essa história, me motiva a sugerir que as intervenções em sala de aula que podem educar para o cuidado de si – também tendo como foco a resistência ao dispositivo de beleza – não carecem de um horário determinado das aulas e nem um/a docente especializado/a; reclamam sim um questionamento, por parte do/a docente, sobre o que é ensinado, como é ensinado, como os/as alunos/as aprendem e os sentidos possíveis dos discursos. "Atrevidamente é preciso, também, problematizar as teorias que orientam nosso trabalho" (LOURO, 2003, p. 64).

O ato de educar implica numa ação consciente e ativa – também por parte do/a educando/a. Por isso, Gadotti (2007, p. 82-83) reitera que

a libertação é o fim da educação. [...] A educação visa à libertação, à transformação radical da realidade, para melhorá-la, para torná-la mais humana, para permitir que os homens e as mulheres sejam reconhecidos como sujeitos da sua história e como não como objetos.

Tendo em vista a complexidade de uma educação para o cuidado de si, e da própria noção iniciada pelos gregos e retomada por Foucault, pensar uma educação para o cuidado de si seria uma utopia? Entendo que sim, mas considerando a utopia, como fez Paulo Freire: a utopia como o sonho possível. O renomado educador brasileiro ensinou que "sem sonho e utopia, sem denúncia e anúncio, só

resta o treinamento técnico a que a educação é reduzida" (FREIRE, 2000, p. 124). Para ele, a educação deve ser libertadora – e este pode até ser um sonho utópico, mas é um sonho possível de uma possível de uma sociedade que se deseja livre, de pessoas que deixem de ser reféns de um sistema que as aliena e as valorize apenas como consumidoras e mão-de-obra para a produção. "A educação como um instrumento eficaz de transformação é essencialmente utópica" (GADOTTI, 2007, p. 18).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora o tema do poder apareça em parte expressiva da obra de Michel Foucault, a resistência também está presente – e talvez até de maneira mais evidente no que se convencionou chamar de última fase do autor – quando se dedica ao estudo da filosofia grega na antiguidade clássica e neoclássica, também resgatando parte do pensamento de Immanuel Kant, para tratar das técnicas ou tecnologias de si.

A insistência de Foucault em falar sobre a resistência me leva a concluir esta pesquisa com olhares de esperança. O dispositivo de beleza é poderoso, principalmente por ser sustentado por um dispositivo ainda maior e que atravessa quase que a totalidade das relações na contemporaneidade, o dispositivo do consumo. Entretanto, a possibilidade do sujeito compreender os jogos de verdade por meio do cuidado de si permite pensar práticas de liberdade que assegurem à mulher o direito sobre seu próprio corpo na perspectiva de vivê-lo na integralidade, respeitando a saúde física, emocional, tendo-o como parte de si e não como a finalidade última de suas vivências (ou seja, libere-se de ser governada pela obrigação de estar bela – jovem, magra etc.).

Ao iniciar esta pesquisa, questionei **como a educação para o cuidado de si pode contribuir para a resistência aos saberes produzidos pelo dispositivo de beleza sobre o corpo da mulher?** Antes de responder a pergunta e problematizar as questões relacionadas à educação, apresentei o cenário histórico, estudado por autores e autoras, a fim de mostrar que, mais que um gosto estético por um determinado tipo físico, há toda uma rede formada por discursos, instituições, enunciados científicos, proposições filosóficas e morais etc. que atuam sustentando saberes, flexionando outros, ampliando os campos de possibilidades, que resultam, por fim, em referenciais de beleza que são tomados como verdadeiros pelas mulheres.

A análise das publicações feitas por mulheres, de diferentes idades, falando sobre seus corpos em textos verbais e/ou imagéticos, no *Facebook*, comprovou que os discursos delas reproduzem os saberes históricos a respeito da beleza feminina. A resistência ainda é pequena – pelo menos conforme as séries enunciativas analisadas. Na prática, embora possa resistir ao dispositivo de beleza, ela assume o

discurso de que o corpo feminino deve ser magro, jovem, malhado e ainda o associa à ideia de saúde, bem-estar e felicidade.

Argumento que essa mulher que está presente nas redes sociais pode resistir ao dispositivo de beleza baseado em alguns pressupostos. O primeiro deles, já demonstrado por Foucault, dá-se em virtude de que, se existem relações de poder, há possibilidade de resistência; se a resistência não for possível, o que se tem é dominação. "Se não há possibilidade de algum tipo de liberdade, algum foco de resistência, não se trata de uma relação de poder, mas de um estado de dominação" (LOPONTE, 2003, p. 76). Após estudar autores e autoras, citados/as ao longo desta pesquisa, entendo que não existe dominação no que diz respeito à beleza da mulher. Ainda que o dispositivo de beleza seja poderoso, como disse há pouco, a mulher poderia escolher que corpo ter, que roupas usar e, de forma consciente, tornar isso um ato político – e embora tenha ocorrido praticamente apenas no discurso da mulher que aparece no *post* 36, tem-se o exemplo de que há liberdade e espaço para a resistência. Segundo, não apenas numa ou noutra publicação como as analisadas, mas o movimento de resistência aos padrões de beleza já tem acontecido em alguns outros espaços. A produção acadêmica – geralmente ligada aos pesquisadores e pesquisadoras de gênero e/ou feministas, também dos setores de mídia e comunicação – em diferentes momentos trata de como o tema da beleza funciona como estratégia de controle sobre os corpos das mulheres. Esses saberes têm circulado nos últimos anos em salas de aulas nas universidades, em reportagens e debates na mídia tradicional e até nas redes sociais. Terceiro, as páginas de redes sociais na internet, ainda que sejam lugares que ecoam saberes já constituídos noutros lugares e tenham uma lógica de visibilidade que potencializa o jogo da aparência, do espetáculo, da superficialidade, permitem que as pessoas se manifestem em oposição às verdades sedimentadas. Por exemplo, algumas mulheres, em vídeos e publicações, têm contribuído para o debate a respeito da beleza. Não é difícil encontrar fotos, posts em *blogs* e até *youtubers* que ressaltam a necessidade de repensar os padrões estéticos. Ou seja, a resistência ao que denominei de dispositivo de beleza já existe, mas, pelo que observei ainda não se tornou parte das práticas cotidianas da maioria das mulheres. Elas continuam sofrendo quando não correspondem aos padrões estéticos e, principalmente, assumem como sendo responsabilidade delas dar conta de serem "belas".

Por que isso ocorre, mesmo já existindo movimentos de resistência ao dispositivo de beleza? Porque o olhar delas para os corpos ainda é referenciado pelos saberes construídos historicamente e dados a conhecer principalmente pela mídia em geral. Elas não reconhecem que as verdades que possuem a respeito do corpo delas são verdades produzidas fora delas. De certo modo, quando a mulher convive relativamente bem com um corpo que não corresponde ao que é tido como belo, o que ela frequentemente faz é aceitar-se como imperfeita. É como se dissesse: "meu corpo não é bonito, mas estou bem com ele". Noutras situações, até entende-se como "gostosa", porém também enuncia que haveria espaço para melhorar a sua estética. Noutras palavras, parte expressiva das mulheres tem como verdade a respeito do corpo aquilo que o dispositivo de beleza apresentou como referencial de belo – ela pode até aceitar o corpo que tem, mas não se considera bonita, perfeita.

É por isso que defendo uma educação para o cuidado de si como estratégia de resistência ao dispositivo de beleza. É fundamental que, desde os primeiros anos, a criança compreenda quem é, comece a estabelecer uma relação produtiva consigo mesma e com o mundo, ter consciência dos saberes que a subjetivam, do que é seu corpo etc. Para Foucault (2006a), o cuidado de si, após Platão, passou a ser compreendido como uma obrigação permanente, para durar toda a vida – nunca é demasiado cedo para cuidar de si, nunca é demasiado tarde. Semelhante a tantos outros saberes que são repetidos, que recaem sobre as pessoas como disciplina, treinando-as, as técnicas de si são também processos disciplinares, mas de uma disciplina que permite ao sujeito voltar-se para si, para o exame de si mesmo. Ocupar-se consigo, preocupar-se consigo, cuidar de si é, segundo Foucault (2006a, p. 104), um exercício, um treino. Trata-se de uma atividade de espírito, "[...] uma forma de atividade, atividade vigilante, contínua, aplicada, regrada etc."

Os efeitos de uma educação para o cuidado de si transcenderiam a resistência ao dispositivo de beleza; permitiriam também a compreensão do funcionamento do dispositivo de consumo, por exemplo. Bauman (2007) lembra que a vida hoje é uma vida para o consumo. Até mesmo a educação, segundo ele, sustenta os saberes que remetem à imagem de que uma vida de sucesso é aquela que permite ao sujeito comprar tudo que o mercado oferece e isso, por consequência, garante a felicidade. Por outro lado, a individualidade tem sido uma das características da contemporaneidade, mas uma individualidade na qual o

indivíduo não existe. Ser indivíduo é uma ideia, uma projeção, referenciada por discursos que alimentam o imaginário do sujeito de que, se ele se diferenciar dos demais, será único. Esse discurso também funciona na perspectiva do corpo, da estética das mulheres, pois a beleza do corpo se torna um valor que supostamente as diferenciam, tornam-nas "especiais". Tudo isso apenas motiva comportamentos individualistas, que favorecem ao mercado de consumo, mas que fragilizam vínculos afetivos e sociais.

Uma educação para o cuidado de si é estratégica para que o homem e a mulher, de fato, encontrem-se, por meio de práticas da subjetividade, consigo mesmos/as, identifiquem o que não lhes faz bem, corrijam o "mal que já está lá" (FOUCAULT, 2006a, p. 116), aprendam a conviver com as dores, sofrimentos, façam o julgamento adequado do que dá alegria, satisfação de viver, reconhecendo que a vida boa é aquela em que o cuidado de si também é o cuidado dos outros. Loponte (2003, p. 76) explica que, na ética grega, as práticas de liberdade, que remetem ao cuidado de si, não se constituem em práticas isoladas, egoístas, centradas nos interesses, gostos e prazeres do indivíduo, "[...] mas sim numa prática social".

É necessário ressaltar que a proposta de uma educação para o cuidado de si como estratégia de resistência ao dispositivo de beleza não significa um retorno aos modelos gregos, tampouco a reprodução do pensamento esboçado por Foucault em suas últimas obras. O próprio Foucault ensinou que uma obra se encerra quando termina de ser escrita e, depois disso, deve ser deixada para trás. Na prática, as contribuições da filosofia antiga e dos textos do autor francês no que diz respeito ao cuidado de si devem referenciar o desejo de elaborarmos nossa própria ética, a invenção da nossa existência agora, no contexto em que vivemos, considerando as relações de poder nas quais estamos inseridos hoje.

A realidade da sociedade grega era muito distinta da nossa; a França de Foucault não se assemelha ao Brasil de hoje. Nenhuma dessas outras culturas conheceu a comunicação como nós conhecemos. E só isto – a quase onipresença da mídia na vida das pessoas – já demandaria respostas muito mais ousadas para os problemas dos sujeitos hoje. O cuidado de si deve ser pensado como um conjunto de técnicas e práticas para o tempo presente. Os gregos já sugeriram isso: a noção do cuidado de si em Platão se distingue do que defendiam estóicos ou epicuristas (FOUCAULT, 2006a). Os saberes histórico e filosófico nos auxiliam a

pensar as questões do tempo presente, porém não podem ser tomadas como fórmulas prontas. Cabe a nós respondermos a pergunta: que faremos de nós hoje? Só quem se conhece é capaz de saber o que deseja para si, para os/as outros/as e para o mundo em que vive.

A elaboração de educação para o cuidado de si como estratégia de resistência ao dispositivo de beleza também deve ser entendida como uma ferramenta à disposição de educadores e educadoras, no trabalho com educandos/as, que estará em funcionamento numa sociedade em que as relações de poder seguirão existindo. O cuidado de si não põe fim às relações de poder. Estas nunca deixam – e/ou deixarão – de existir. "[...] A impressão de que o poder vacila é falsa, porque ele pode recuar, se deslocar, investir em outros lugares... e a batalha continua" (FOUCAULT, 2014, p. 83). O filósofo mostra que, ao longo da história, o corpo sempre foi alvo de um trabalho obstinado, meticuloso do poder. E, justamente pelo investimento no corpo pelo poder, homens e mulheres tomaram consciência de seus próprios corpos. Na prática, o corpo que é vigiado, disciplinado, contido, também é um corpo que resiste. Para resistir, produz saber. Por isso, Foucault diz que a batalha continua.

As relações de poder produzem discursos de verdades. "As relações de poder não podem se dissociar, se estabelecer nem funcionar sem uma produção, uma acumulação, uma circulação e um funcionamento do discurso" (FOUCAULT, p. 101). Nesses jogos de verdade, o corpo da mulher emerge como um dos objetos de investimento das lutas pela subjetividade e a resistência não está fora das relações de poder; participa deste jogo, produz suas verdades. Neste sentido, Foucault (2004, p. 114) explica que as relações de poder são jogos estratégicos entre liberdades, nos quais "[...] uns tentem determinar a conduta dos outros, ao que os outros tentam responder não deixando sua conduta ser determinada ou determinando em troca a conduta dos outros". Entretanto, insisto, só existe lugar para uma consciência de liberdade quando há o cuidado de si, pois é a partir das práticas de si que consegue impor regras de direito, técnicas de gestão e também de moral. "A prática de si permitirá, nesses jogos de poder, jogar com o mínimo possível de dominação" (FOUCAULT, 2004, p. 114).

Acrescento que, embora minha pesquisa tenha tido o objetivo de propor uma educação para o cuidado de si como estratégia de resistência ao dispositivo de beleza, creio que o/a leitor/a talvez tenha refletido sobre outras questões relevantes

da contemporaneidade. Uma educação para o cuidado de si, de fato, não se restringiria apenas às mulheres, ao corpo e a beleza. O sujeito em toda sua complexidade e na complexidade de suas relações estaria em pauta. Um exemplo: como citei noutros momentos, já em Platão, o cuidado de si se referia ao conhecer-se para bem governar a cidade (FOUCAULT, 2006a). Portanto, é inegável que educar para práticas de liberdade envolveria pensar a relação do sujeito com a política e com os poderes políticos.

Refleti a respeito disto durante o desenvolvimento desta pesquisa. Como mencionei na introdução, durante o mestrado, pesquisei o discurso político na campanha presidencial de 2014. Escrevi a dissertação em pleno período de disputa eleitoral. Curiosamente, o mesmo se deu no processo de produção da Tese. Embora o objeto de análise seja outro, não pude ignorar tudo que acontecia. A eleição de 2018 provavelmente entrará para a história em virtude de um cenário muito peculiar: a campanha do candidato vencedor foi construída nas redes sociais, fazendo circular uma quantidade expressiva de informações falsas, distorcidas e de cunho conservador, violento, machista, discriminatório, preconceituoso, homofóbico, elitista. Mesmo ocorrendo forte campanha na tentativa de demonstrar que tais discursos eram nocivos para o desenvolvimento da sociedade brasileira e, principalmente, por representarem uma agressão às pessoas, na condição delas como seres humanos, com possibilidade de retrocessos em conquistas históricas, o político venceu a disputa com quase 58 milhões de votos – mais de 55% dos votos válidos.

As primeiras indicações de que os/as eleitores/as podem ter escolhido uma política que lhes será nefasta – principalmente para aqueles/as que não pertencem às classes mais altas na pirâmide econômica e social – apareceram já nos primeiros dez dias no novo governo, em janeiro de 2019. Alguns exemplos¹⁴⁴: o novo governo anunciou que o país deixará o pacto de imigração, documento internacional que define diretrizes para o acolhimento de imigrantes¹⁴⁵; o governo transferiu para o Ministério da Agricultura a atribuição de demarcar terras indígenas, num evidente

¹⁴⁴ Para não poluir visualmente o texto e por se tratar apenas de ilustrações numa discussão complementar à pesquisa, optei por, em notas de rodapé, simplificar a indicação das referências mencionadas neste parágrafo; apenas link e o dia de acesso.

¹⁴⁵ Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/01/08/em-comunicado-a-diplomatas-governo-bolsonaro-confirma-saida-de-pacto-de-migracao-da-onu.ghtml>>. Acesso em: 09 jan. 2019.

conflito de interesse entre o agronegócio e a proteção dos povos indígenas¹⁴⁶; a secretaria de diversidade, ligada ao Ministério da Educação e responsável por temáticas de direitos humanos, educação étnico-racial e diversidade, foi extinta¹⁴⁷; os bancos públicos cobrarão taxa de mercado da classe média no financiamento habitacional, aumentando os juros pagos¹⁴⁸. Por outro lado, o governo atende aos interesses dos/as especuladores/as do mercado – a bolsa de valores de São Paulo bateu sucessivos recordes atingindo mais de 93 mil pontos no dia 9 de janeiro¹⁴⁹.

É possível notar que a Educação poderá ser uma das áreas mais afetadas pelo governo federal, eleito para o mandato 2019-2022. O jornal *Folha S. Paulo*, em editorial publicado no dia 8 de janeiro de 2019, ao avaliar as primeiras ações do MEC, sustentou que o novo ministro tem dado "[...] grande peso ao embate ideológico em suas manifestações"¹⁵⁰. O impresso ressaltou que o titular da pasta tem falado em combater o que chama de "marxismo cultural", "ideologia de gênero" – "cujos objetivos incluiriam solapar 'a família, a igreja, a escola, o Estado e a pátria" – e as "pautas nocivas aos nossos costumes"¹⁵¹.

Reações como estas por parte do governo federal podem ser interpretadas como movimentos do poder que se dão em lutas intermináveis de diferentes interesses representados por instituições, grupos políticos, empresariais e da própria população, que também é plural, contraditória. Este movimento contínuo aponta o quão urgente é que educadores/as se reconheçam como parte deste processo histórico e que, no ato ensinar, conforme Freire (2002), reflita criticamente sobre suas práticas e até mesmo a respeito do que lhe é recomendado que ensine em sala de aula. No cenário que se forma no Brasil, desenvolver práticas de resistência, parece-me, será ainda mais necessário. Isso dependerá da tomada de posição por parte do/a professor/a. Não me parece, pelo menos por ora, que as resistências

¹⁴⁶ Disponível em: <<https://g1.globo.com/politica/noticia/2019/01/02/bolsonaro-transfere-para-a-agricultura-as-atribuicoes-sobre-demarcacao-de-terras-indigenas-e-quilombolas.ghtml>>. Acesso em: 09 jan. 2019.

¹⁴⁷ Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/educacao/2019/01/velez-desmonta-secretaria-de-diversidade-e-cria-nova-subpasta-de-alfabetizacao.shtml>>. Acesso em: 09 jan. 2019.

¹⁴⁸ Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/economia/2019/01/07/internas_economia,729516/financiamento-habitacional-tera-juros-reajustado-para-a-classe-media.shtml>. Acesso em: 09 jan. 2019.

¹⁴⁹ Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2019-01/indice-da-bolsa-de-valores-bate-novo-recorde-acima-de-93-mil-pontos>>. Acesso em: 09 jan. 2019.

¹⁵⁰ FANTASMAS do ensino. **Folha S. Paulo**, São Paulo, 8 jan. 2019. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/opiniaio/2019/01/fantasmas-do-ensino.shtml>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

¹⁵¹ Idem nota anterior.

serão encorajadas por políticas públicas. Uma educação para o cuidado de si não será desenvolvida por meio de livros, manuais ou outros instrumentos. A resistência se dará nas práticas pedagógicas de cada professor e professora.

Por fim, algumas outras considerações pontuais sobre a pesquisa realizada. Primeira, o estudo de Michel Foucault proporcionou crescimento acadêmico e intelectual, principalmente contra certo dogmatismo ou pragmatismo da produção científica. A caixa de ferramentas do filósofo parece inesgotável e se abre para ser aplicada em variados contextos. A impressão é que sempre é possível tirar dela novas ideias, provocações, questionamentos. Ao mesmo tempo, o francês ajuda a pensar que os saberes que produzimos após anos de pesquisa participam dos jogos de verdade e, como intelectuais, também fazemos parte deste sistema de poder. Segunda, minhas impressões anteriores ao início do projeto, a respeito da relação das mulheres com seus corpos, confirmaram-se durante a análise das publicações no *Facebook*: ainda há pouca resistência ao dispositivo de beleza. Os saberes a respeito dos corpos, como apresentei nas Seções 3 e 4, subjetivam-nas; elas assimilam os estereótipos que foram construídos e os tomam como verdade e as mídias, também a internet, têm papel relevante nesse processo.

O *Facebook*, como site de rede social na internet, como mostrei na Seção 5, assegura visibilidade aos discursos – inclusive de resistências. Porém, em virtude do sistema de algoritmos – que privilegia as publicações mais curtidas, comentadas, compartilhadas etc. –, os movimentos de resistência ao dispositivo de beleza, que ainda estão em minoria *off-line*, também são pouco visíveis *online*. De certo modo, isto contribui para sustentar as imagens já constituídas a respeito do que são os corpos belos. Há um aspecto que acrescento: se propusesse hoje o início desta pesquisa, é possível que consideraria analisar também o *Instagram* como lugar para circulação dos discursos sobre os corpos das mulheres. Isto porque esta mídia digital tem crescido de forma expressiva como ambiente no qual as pessoas publicam conteúdos pessoais e em que mostram seus corpos. A projeção de uma imagem idealizada parece ser uma das especificidades do site.

Penso que a Tese está aberta a outras reflexões. A subjetividade do sujeito-pesquisador afeta o olhar, as escolhas, os argumentos. As opções teóricas e a leitura que estabeleci de Foucault seriam distintas e poderiam levar a considerações diferentes (quem sabe, opostas) das apresentadas, se feitas por outro/a pesquisador/a. E o aspecto que considero mais significativo neste processo – o fato

de um homem tratar de questões relacionadas à beleza da mulher – produz sentidos nos resultados. O que sei a respeito dos sentimentos causados pelo dispositivo de beleza é o relatado por mulheres e autores e autoras que já trataram do tema. A relação que estabeleço com as mulheres é de empatia, mas não mais que isso. Contudo, este distanciamento também é produtivo. Permite-me uma análise distanciada, científica, interessada tão somente em questionar o funcionamento do dispositivo, a vigilância sobre os corpos femininos e em propor uma outra maneira de relacionarem consigo mesmas.

Também sei que a proposta de uma educação para o cuidado de si pode parecer um tanto utópica. Ainda assim, acredito que, como pesquisador, este é meu papel: apresentar reflexões que motivem certos incômodos e promovam interrogações. Ao longo dos séculos, foram as perguntas que motivaram a produção de conhecimento, o desenvolvimento de saberes e construíram o mundo em que vivemos. A educação não deve trabalhar com fórmulas prontas. É necessário estar aberta para um diálogo constante com a realidade das pessoas, buscando respostas para os problemas que as afetam.

Concluo reiterando que há muito trabalho a fazer. Educadores e educadoras de diferentes épocas, e, para mim, em particular, do eterno mestre Paulo Freire, deixaram como legado o sonho de uma Educação transformadora, emancipadora. E embora seja um fato que a Educação tenha limites, pois funciona num contexto sócio-histórico e político que condiciona as práticas pedagógicas e as ações de professores e professoras em sala de aula, penso que, seja na luta contra os discursos de beleza ou noutros campos de luta, o esforço de todos/as deve ser (re)inventar-se ou, como cita Loponte (2003, p. 78), "pensar a nós mesmos como obras de arte", "sermos artistas da nossa própria docência", não esperando que algo de fora, do além, possa mostrar o caminho e resolver todos os problemas que enfrentamos. Quanto aos/as pensadores/as e intelectuais da contemporaneidade, cabe o desafio, como aponta Foucault (2014, p. 42), de compreender que são, hoje, "[...] ao mesmo tempo, o objeto e o instrumento, na ordem do saber, da 'verdade', da consciência', do 'discurso'". Ou seja, as condições de possibilidade que se apresentam são da resistência por meio da produção de conhecimentos que devem ser comunicados, divulgados, publicizados, discursivizados para acesso de todos/as.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Sonia. Redes sociais na internet: desafios à pesquisa. In: XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2007. **Intercom**, Santos, 29 de agosto a 2 de setembro de 2007. Disponível em:

<<http://portcom.intercom.org.br/navegacaoDetalhe.php?option=trabalho&id=35506>>. Acesso em: 20 jun. 2014.

ALVAREZ, Marcos César. Michel Foucault e a Sociologia: aproximações e tensões. **Estud. sociol.** Araraquara, v. 20, n. 38, p. 15-33, jan. / jun. 2015.

ALVIM, Luísa. Impossível não estar no Facebook! O nascimento das bibliotecas portuguesas na rede social. **Cadernos Bad.** Lisboa, n.1/2, 2011. Disponível em: <<http://www.bad.pt/publicacoes/index.php/cadernos/article/view/737>>. Acesso em: 17 ago. 2014.

ANDRELO, Roseane; ALMEIDA, Ligia Beatriz Carvalho de. A mídia e a representação do corpo: leitura crítica dos meios de comunicação. **Comunicação, mídia e consumo**, São Paulo, v. 12, n. 34, p. 46-66, mai. / ago. 2015.

ARAÚJO, Edna Maria Nóbrega. Subjetividades e corporeidades nas construções dos conceitos de corpo e de beleza na cultura midiática contemporânea. In: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA CULTURAL, 6, 2012. **Anais eletrônicos...** Teresina, PI, 2012. Disponível em: <<http://gthistoriacultural.com.br/VIsimposio/anais/Edna%20Maria%20Nobrega%20Araujo.pdf>>. Acesso em: 10 ago. 2016.

BAMBI, Lisete. Governo, subjetivação e resistência em Foucault. **Educação & Realidade**, v. 27, n. 1, p. 127-150, jan. / jun. 2002.

BARBOSA, Maria Raquel; MATOS, Paula Mena; COSTA, Maria Emília. Um olhar sobre o corpo: o corpo ontem e hoje. **Psicologia & Sociedade**. Porto, Portugal, 23(1), p. 24-34, 2011.

BACKSTROM, Lars; et al. **Four degrees of separation**. 2012. Disponível em: <<http://arxiv.org/abs/1111.4570>>. Acesso em: 18 jun. 2014.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade: a busca por segurança no mundo atual**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.

_____. **Sobre educação e juventude**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. Ebook.

_____. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

_____. **Vida para consumo: a transformação das pessoas em mercadoria**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2008.

_____. **Sobre educação e juventude**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. Ebook.

BERLANGA, Immaculada; MARTÍNEZ, Estrella. Ciberlenguaje y principios de retórica clásica. Redes sociales: el caso Facebook. **Enl@ce Revista Venezolana de Información, Tecnología y Conocimiento**, ano 7, n. 2, p. 47-61, mai. / ago. 2010.

BOCCHINI, Lino. Mobilização e protestos nas redes sociais. In: **Para entender as mídias sociais 2**. Salvador: Edições NVI, 2012.

BORDO, Susan R. O corpo e a reprodução da feminidade: uma apropriação feminista de Foucault. In: JAGGAR, Alison M.; BORDO, Susan R. **Gênero, corpo e conhecimento**. Rio de Janeiro: Editora Rosa dos Tempos, 1997. p. 19-41.

BORDO, Susan. **The flight to objectivity: essay on cartesianism and culture**. 1987. Disponível em: <<https://philpapers.org/rec/BORTFT>>. Acesso em: 10 jan. 2017.

BORGES, Luiz Carlos; BASTOS, Ana Lucia Gondim. Nas malhas das redes sociais: discurso e sujeito narcísico. In: MARIANI, Bethania; MEDEIROS, Vanise (org). **Discurso e...** Ipanema (RJ): 7Letras, 2012.

BORGES, Naranda Costa. O corpo feminino na contemporaneidade: entre ausências e afetos, lapso ou refúgio? In: III Encontro Baiano de Estudos em Cultura. Cachoeira, BA, 18 a 20 de abril 2012. Disponível em: <<http://www3.ufrb.edu.br/ebecult/wp-content/uploads/2012/04/O-corpo-feminino-na-contemporaneidade-entre-ause%C3%83%C3%87ncias-e-afetos-lapso-ou-refu%C3%83%C3%85gio.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

BOYD, D. M; ELLISON, N. B. Social network sites: Definition, history, and scholarship. **Journal of computer-mediated communication**, Springhouse, PA, n. 13(1), article 11, p. 210–230, 2007. Disponível em: <<http://www.socialcapitalgateway.org/content/paper/boyd-d-m-ellison-n-b-2007-social-network-sites-definition-history-and-scholarship-jour>>. Acesso em: 20 jun. 2014.

BRÍGIDO, Edimar Inocêncio. Michel Foucault: uma análise do poder. **Rev. Direito econ. socioambiental**, Curitiba, v. 4, n. 1, p. 56-75, jan. / jun. 2013.

BROWN, Amy, & DITTMAR, Helga. Think "thin" and feel bad: The role of appearance schema activation, attention level, and thin-ideal internalization for young women's responses to ultra-thin media ideals. **Journal of social and clinical psychology**, v. 24, n. 8, p. 1088-1113, 2005.

BRUCK, Mozahir Salomão. Rádio e televisão: mídia eletrônica e cultura no Brasil. In: PINTO, Júlio; SERELLE, Márcio. **Interações midiáticas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

CANDIOTTO, César. Verdade e diferença no pensamento de Michel Foucault. Belo Horizonte: **Kriterion: Revista de filosofia**, Belo Horizonte, v. 48, n. 115, p. 302-217, 2007.

CARDOSO JR., Hélio Rebello. Para que serve uma subjetividade? Foucault, tempo e corpo. **Psicologia: reflexão e crítica**, Porto Alegre, v. 18, n. 3, p. 343-349, set. / dez. 2005.

CARMO, Miguel Ângelo Oliveira do. A ética diferencial de Michel Foucault: a questão do sujeito e do humanismo. **Polymatheia: revista de filosofia**, Fortaleza, v. 5, n. 8, p. 231-247, 2009.

CARVALHO, Alexandre Filordi de. **História e subjetividade no pensamento de Michel Foucault**. 2007. 242 f. Tese (Doutorado). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Filosofia. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

CASTRO, Ana Lúcia de. Corpo, consumo e mídia. **Revista Comunicação, Mídia e Consumo**. São Paulo, v. 1, n. 1, 2004. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/viewFile/2/2>>. Acesso em: 20 jul. 2016.

CASTRO, A. L. de; BUENO, M. L. Introdução. In: BUENO, M. L.; CASTRO, A. L. de (Orgs.). **Corpo, território da cultura**. São Paulo: Annablume, 2005, p. 9-10.

CEVALLOS, Milena; SERRA, Bernardita. La materialidade del poder: una reflexión em torno al cuerpo. **A parte rei**, Espanha, n. 47, p. 1-12, set. 2006. Disponível em: <<http://serbal.pntic.mec.es/~cmunoz11/cevallos47.pdf>>. Acesso em: 21 ago. 2017.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.

CHARLOT, Bernard. **A mistificação pedagógica: realidades sociais e processos ideológicos na teoria da educação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

CONTRERA, Malena Segura. **Mídia e pânico: saturação da informação, violência e crise cultural na mídia**. São Paulo: Annablume, 2002.

COSTA, Marisa Vorraber; SILVEIRA, Rosa Hessel; SOMMER, Luis Henrique. **Estudos culturais, educação e pedagogia**. Porto Alegre, mai. / ago. 2003.

COSTA, Rogério. Por um novo conceito de comunidade: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência coletiva. **Interface - Comunicação, Saúde, Educação**, v. 9, n. 17, p. 235-48, mar. / ago. 2005.

COSTA, Vani Maria de Melo. Corpo e história. **Revista Ecos**, Cuiabá, n. 10, p. 245-258, jul. 2011.

COURTINE, Jean-jacques. **Decifrar o corpo: pensar com Foucault**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo**. Campinas, SP: Papirus, 1995.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. EbooksBrasil, 2003. Disponível em: <<https://www.marxists.org/portugues/debord/1967/11/sociedade.pdf>>. Acesso em: 3 jun. 2017. Ebook.

DELEUZE, Gilles. **El saber**: curso sobre Foucault. Tomo I. Buenos Aires: Editorial Actus, 2013.

_____. **FOUCAULT**. 5 ed. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DELEUZE, Gilles; et all (Orgs.). **Michael Foucault, filósofo**. Barcelona: Gedisa, 1990.

DEL PRIORE, Mary. **Histórias e conversas de mulher**: amor, sexo, casamento e trabalho em mais de 200 anos de história. 2 ed. São Paulo: Planeta, 2014.

DEWEY, John. A concepção democrática da educação. In: WESTBROOK, Robert B.; TEIXEIRA, Anísio (Org.). **John Dewey**. Recife: Editora Massangana, 2010.

DIAS, Cristiane. A língua em sua materialidade digital. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO, 3, 2007, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** Porto Alegre, 2007. Disponível em: <<http://anaisdosead.com.br/3SEAD/Simposios/CristianeDias.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2014.

DIAS, Cristiane; COUTO, Olivia Ferreira do. As redes sociais na divulgação e formação do sujeito do conhecimento: compartilhamento e produção através da circulação de ideias. **Linguagem em (Dis)curso**, vol. 11, n. 3, p. 631-648, 2011.

DIAS, Rosa Maria. Arte e vida no pensamento de Nietzsche. **Cad. Nietzsche**, São Paulo, v. 36, n. 1, p. 227-244, 2015.

DONATH, Judith. Identity and deception in the virtual community. In: SMITH, Marc A.; KOLLOCK, Peter. **Communities in Cyberspace**. New York: Routledge, 1999.

ECO, Umberto. **História da beleza**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

ELIAS, Norbert. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. Vol. 1. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1994a.

_____. **O processo civilizador**: formação do Estado e civilização. Vol. 2. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1994b.

FERREIRA, Francisco Romão. Corpo feminino e beleza no século XX. **Alceu**, v. 11, n. 21, p. 186-201, jul. / dez. 2010.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Foucault e a análise do discurso em educação. **Cadernos de Pesquisa**, n. 114, p. 197-223, nov. / 2001.

FLOR, Gisele. Beleza à venda: o corpo como mercadoria. **Comtempo**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. dez. 2010.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária: 2008.

_____. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: **Ditos e Escritos V: ética, sexualidade, política**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004. p. 99-116.

_____. **A hermenêutica do sujeito**: curso dado no College de France (1981-1982). São Paulo: Martins Fontes, 2006a.

_____. **A história da sexualidade**: a vontade de saber. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999a.

_____. **A ordem do discurso**. 5 ed. São Paulo: Loyola, 1999c.

_____. Gerir os ilegalismos. In: _____. **Michel Foucault**: entrevistas a Roger Pol-Droit. São Paulo: Graal, 2006c. p. 41-52.

_____. **Ditos e escritos I**, problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

_____. **Ditos e escritos II**: Arqueologia das Ciências Humanas e História dos Sistemas de Pensamento. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.

_____. **Ditos e escritos III, estética**: literatura e pintura, música e cinema. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

_____. **Ditos e escritos V**: ética, sexualidade e política. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

_____. **Microfísica do poder**. Versão digital. Disponível em: <www.portalentretextos.com.br/livros-online-dw.html?id=160>. Acesso em: 10 abr. 2014.

_____. **O governo de si e dos outros**. São Paulo: Martins Fontes: 2010.

_____. FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. **Michel Foucault**: uma trajetória filosófica. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

_____. **Sexualidade e solidão**. São Paulo: Perspectiva, 1994.

_____. **Vigiar e punir**. 20. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1999b.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 25. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002. Versão digital.

_____. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos.** São Paulo: Unesp, 2000.

FREITAS, Clara Maria Silveira Monteiro de; et al. O padrão de beleza corporal sobre o corpo feminino mediante o IMC. **Revista Bras. Educ. Fís. Esporte.** São Paulo, v. 24, n. 3, p. 389-404, jul. / set. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbefe/v24n3/a10v24n3.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2016.

GADOTTI, Moacir. **A escola e o professor Paulo Freire e a paixão de ensinar.** São Paulo: Publisher Brasil, 2007.

GIACCAGLIA, Mirta A. Sujeto y modos de subjetivación. **Ciencia, Docencia y Tecnología,** Entre Ríos (Arg.), n. 38, ano 20, p. 115-147, may. 2009.

GIACÓIA JUNIOR, Oswaldo. Fragmentos póstumos Friedrich Nietzsche. **Trans/Form/Ação.** Universidade Estadual Paulista, Departamento de Filosofia, v. 13, p. 139-145, 1990. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/10654>>. Acesso em: 27 dez. 2017.

GIACÓIA JUNIOR, Oswaldo. **Nietzsche: o humano como memória e como promessa.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade.** Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

_____. **Sociologia.** 6 ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2008.

GLOECKNER, Ricardo Jacobsem; AMARAL, Augusto Jobim do. **Criminologia e(m) crítica.** Porto Alegre: Edipucrs, 2013.

GOELLNER, S.V. A produção cultural do corpo. In: LOURO, G.L.; NECKEL, J.F.; GOELLNER, S.V. (Orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação.** Petrópolis: Vozes, 2003a.

_____. **Bela, maternal e feminina: imagens da mulher na Revista de Educação Physica.** Ijuí: EdUnijuí, 2003b.

GOLDENBERG, Mirian; RAMOS, Marcelo Silva. A civilização das formas: o corpo como valor. In: GOLDENBERG, Mirian (Org.). **Nu & Vestido: dez antropólogos revelam a cultura do corpo carioca.** Rio de Janeiro: Record, 2002.

GONZATTO, Rodrigo. Globalização e identidade. In: BRAMBILLA, Ana (org.). **Para entender as mídias sociais 2.** Salvador: Edições NVI, 2012.

GRAMSCI, Antonio. Observações sobre a escola: para a investigação do princípio educativo. In: MONASTA, Attilio. **Antonio Gramsci.** Recife, PE: Massangana, 2010. *Ebook.*

GRIGOLETTO, Evandra. A autoria no hipertexto: uma questão de dispersão. **Hipertextus,** n. 2, jan. 2009.

GUILHAUMOU, J.; MALDIDIER, D. Efeitos do arquivo: a análise do discurso no lado da história. In: ORLANDI, E. (Org.). **Gestos de leitura: da história no discurso**. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p. 163-187.

GUIRALDELLI JR., Paulo. **O corpo, filosofia e educação**. São Paulo: Ática, 2007.

HALL, Stuart. A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. **Educação & Realidade**. Porto Alegre, v. 22, n. 2, jul. / dez. 1997.

HAUG, Wolfgang Fritz. **Crítica da estética da mercadoria**. São Paulo: Ed. UNESP, 1997. 210p.

HEIDEGGER, Martin. **Nietzsche**. Vol. II. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

HORTA NUNES, José. Leitura de arquivo: historicidade e compreensão. In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO, 2, 2005, Porto Alegre. **Anais eletrônicos...** Porto Alegre, 2005. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/analisedodiscurso/anaisdosead/2SEAD/SIMPOSIOS/JoseHortaNunes.pdf>>. Acesso em: 10 jun. 2015.

JOANILHO, André Luiz; JOANILHO, Mariângela P. Galli. Enunciado e sentido em Michel Foucault. **Revista Línguas e Instrumentos Linguísticos**. n. 27 / 28, p. 27-41, jan. / jun. 2007; jul. / dez. 2007.

KELLY, Brian. **Introduction to facebook: opportunities and challenges for the institution**. 2007. Disponível em: <<http://www.ukoln.ac.uk/web-focus/events/meetings/bath-facebook-2007-08>>. Acesso em: 20 jun. 2014.

KIRKPATRICK, David. **O efeito facebook: os bastidores da empresa que conecta o mundo**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2011.

LACHI, Poliana; NAVARRO, Pedro. O corpo moldado corporeidade mediada e subjetivação. In TASSO, Ismara; NAVARRO, Pedro (Orgs.). **Produção de identidades e processos de subjetivação em práticas discursivas [on-line]**. Maringá: Eduem, 2012. p. 15-39.

LE GOFF, Jacques; TRUONG, Nicolas. **Una historia del cuerpo en la Edad Media**. Madri: Paidós, 2005

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na Era da Informática**. 34. ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

_____. **O que é o virtual**. São Paulo: Editora 34, 2003.

LIMA, Aluísio Ferreira de; BATISTA, Karina de Andrade; LARA JUNIOR, Nadir. A ideologia do corpo feminino perfeito: questões com o real. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 18, n. 1, p. 49-59, jan. / mar. 2013.

LIMA, André Militão de. **Genealogia do poder em Michel Foucault: dispositivo de controle social**. André Militão de Lima: São Paulo, 2015. Ebook.

LIMA, Mariana. Brasil já tem mais de um smartphone ativo por habitante, diz estudo da FGV. **Estadão**, São Paulo, 19 abr. 2018.

Disponível em: < <https://link.estadao.com.br/noticias/geral,brasil-ja-tem-mais-de-um-smartphone-ativo-por-habitante-diz-estudo-da-fgv,70002275238>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

LOPONTE, Luciana Gruppeli. Do Nietzsche trágico ao Foucault ético: sobre estética da existência e uma ética para docência. **Educação & Realidade**, v. 28, n. 2, p. 69-82, jul. / dez. 2003.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.

LUCENA, Mariana Barrêto Nóbrega de. **O desvio social na rede mundial de computadores**. [2012]. Disponível em: <<http://www.egov.ufsc.br/portal/conteudo/o-desvio-social-na-rede-mundial-de-computadores>>. Acesso em: 25 abr. 2015.

LÜDKE, Sérgio. Internet sob medida. In: BRAMBILLA, Ana (Org.). **Para entender as mídias sociais 2**. Salvador: Edições NVI, 2012.

MAFFESOLI, Michel. No fundo das aparências. 2. ed. Petrópolis (RJ): Vozes, 1999.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

MACHADO, Roberto. **Foucault, a ciência e o saber**. 3.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

MAIORES jornais do Brasil. **Associação Nacional dos Jornais**. São Paulo, 2015. Disponível em: <<http://www.anj.org.br/maiores-jornais-do-brasil/>>. Acesso em: 20 ago. 2016.

MARIANI, Bethania. Análise do discurso e psicanálise. In: MARIANI, Bethania; MEDEIROS, Vanise (Orgs). **Discurso e...** Ipanema, RJ: 7Letras, 2012.

MAROUN, Kalyla; VIEIRA, Valdo. Corpo: uma mercadoria na pós-modernidade. **Psicologia em revista**, Belo Horizonte, v. 14, n. 2, p. 171-186, dez. 2008.

MARQUIONI, Carlos Eduardo. **Teorias contemporâneas da comunicação**. Curitiba: Intersaberes, 2017.

MARTINO, Luis Mauro Sá. **Teoria das mídias digitais: linguagens, ambientes, redes**. Petrópolis (RJ): Vozes, 2014.

MILLER, Daniel; et al. **How the world changed social media**. London: UCLPress, 2016.

MITTMANN, Solange. Discurso e texto: na pista de uma metodologia de análise. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Orgs.). **Análise do discurso no Brasil**: mapeando conceitos, confrontando limites. São Carlos, SP: Claraluz, 2007.

MONASTA, Attilio. **Antonio Gramsci**. Recife, PE: Massangana, 2010. Ebook.

MORAN, José Manuel. As interferências dos meios de comunicação no nosso conhecimento. **Intercom**. São Paulo, v. 7, n. 2, p. 38-49, jul. / dez. 1994.

MORENO, Rachel. **A beleza impossível**: mulher, mídia e consumo. São Paulo: Ágora, 2016. Epub.

MOTA, Maria Dolores de Brito. Beleza e disciplina: panoptismo, produção e controle do corpo de modelos profissionais. **Iara, revista de moda, cultura e arte**, São Paulo, v. 5, n. 1, p. 90-109, mai. 2012.

MOYA MOLINA, R.G.; SALA PÉREZ, G. La belleza del cuerpo: arte y pensamiento em la Grecia Antigua. **MARQ**, Alicante (Esp.), 2009. Disponível em: <<http://www.marqalicante.com/Guiasdidacticas/es/LA-BELLEZA-DEL-CUERPO-ARTE-Y-PENSAMIENTO-EN-LA-GRECIA-ANTIGUA-G17.html>>. Acesso em: 10 mai. 2017.

MÜLLER, Leonardo. Big Data: entenda como ela pode mudar a internet como aconhecemos hoje. **TecMundo**, São Paulo, 12 mai. 2016. Disponível em: <<https://www.tecmundo.com.br/ciencia/104750-big-data-entenda-ela-mudar-internet-conhecemos.htm>>. Acesso em: 19 set. 2017.

MUÑIZ, Elsa. Pensar el cuerpo de las mujeres: cuerpo, belleza y feminidad. Una necesaria mirada feminista. **Revista Sociedade e Estado**, Brasília, v. 29, n. 2, p. 415-432, mai. / ago. 2014.

NEZO, Ronaldo; MAIO, Eliane Rose. A constituição de verdades sobre o corpo da mulher pela imprensa esportiva. In: MAIO, Eliane Rose (Org.). **Educação, gênero e feminismos**: resistências bordadas com fios de luta. Curitiba: CRV, 2017.

NEZO, Ronaldo. **Formulação, circulação e funcionamento discursivo da fotomontagem no Facebook na des-estabilização de imagens de Dilma Rousseff como sujeito-político**. 2016. 195 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Letras. Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2016.

NIETZSCHE, **Além do bem e do mal**: ou prelúdio de uma filosofia do futuro. Curitiba: Hummus, s.d. Disponível em: <https://neppec.fe.ufg.br/up/4/o/Al__m_do__Bem_e_do_Mal.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2017.

OLIVEIRA, Ana Cláudia de; FERNANDES, Cíntia SanMartin; SILVA, Simone Bueno da. A construção do corpo feminino na mídia semanal. **Comunicação, Mídia e Consumo**, São Paulo, v. 6, n. 17, p. 11-36, nov. 2009.

OLIVEIRA, Filipe. Facebook chega a 127 milhões de usuários mensais no Brasil. **Folha S. Paulo**. São Paulo, 18 jul. 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/tec/2018/07/facebook-chega-a-127-milhoes-de-usuarios-mensais-no-brasil.shtml>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

ORLANDI, Eni P. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. 2. ed. Campinas: Pontes, 2000.

_____. **Discurso e leitura**. São Paulo: Cortez, 1988.

_____. **Discurso e texto**: formulação e circulação dos sentidos. 3 ed. Campinas (SP): Pontes, 2008.

_____. **Discurso em análise**: sujeito, sentido, ideologia. Campinas (SP): Pontes, 2012.

_____. Segmentar ou recortar. **Linguística**: Questões e Controvérsias, Centro de Ciências Humanas e Letras da Faculdades Integradas de Uberaba. Série de Estudos n. 10, p. 9-27, 1984.

ORY, Pascal. El cuerpo ordinario. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs.). **Historia del cuerpo**: las mutaciones de la mirada el siglo XX. Vol. 3. Madrid: Taurus Historia, 2006.

PÊCHEUX, Michel. **O discurso**: estrutura ou acontecimento. Campinas: Pontes, 1990.

_____. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E. (Org.). **Gestos de leitura**: da história no discurso. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. p. 55-65.

_____. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. 2. ed. Campinas (SP): Editora da Unicamp, 1995.

PERROT, Michelle. Os silêncios do corpo da mulher. In: MATOS, Maria Izilda Santos de; SOIHET, Rachel. **O corpo feminino em debate**. São Paulo: Ed. Unesp, 2003.

PETRI, Verli. O funcionamento do movimento pendular próprio às análises discursivas na construção do “dispositivo experimental” da Análise de Discurso. In: PETRI, Verli; DIAS, Cristiane (Orgs.). **Análise de discurso em perspectiva**: teoria, método e análise. Santa Maria, RS: Editoraufsm, 2013.

PETRY, Analídia Rodolpho; MEYER, Dagmar Elisabeth Estermann. Transexualidade e heteronormatividade: algumas questões para a pesquisa. **Textos & Contextos**, Porto Alegre, v. 10, n. 1, p. 193 - 198, jan. / jul. 2011.

POPKEWITZ, T. S., BRENNAN M. **Foucault's challenge**: discourse, knowledge and power in education. Columbia: Teachers College Press, 1998.

POZZEBOM, Rafaela. Pesquisa mostra quanto tempo brasileiro passa na internet por dia. **Oficina da Net**. Santa Cruz do Sul, RS, 17 mai. 2018. Disponível em:

<<https://www.oficinadanet.com.br/internet/22763-pesquisa-mostra-quanto-tempo-brasileiro-passa-na-internet-por-dia>>. Acesso em: 25 jul. 2018.

PRADO FILHO, Kleber; TRISOTTO, Sabrina. O corpo problematizado de uma perspectiva histórico-política. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 13, n. 1, p. 115-121, jan. / mar. 2008.

RECUERO, Raquel. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

REVEL, Judith. **Foucault: conceitos essenciais**. São Carlos (SP): Claraluz, 2005.

RHEINGOLD, Howard. **Multitudes inteligentes: la próxima revolución social**. Barcelona, Gedisa Editorial, 2004.

_____. **Realidad virtual**. Barcelona: Gedisa Editorial, 1994.

ROCHA, Everardo. A mulher, o corpo e o silêncio: a identidade feminina nos anúncios publicitários. **Alceu**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, p. 15-39, jul. / dez. 2001.

ROCHA, Everardo; RODRIGUES, José Carlos. **Corpo e consumo: roteiro de estudos e pesquisas**. Rio de Janeiro: PUC Rio, 2012.

ROCHA, Jorge Alberto da Costa. **Michel Foucault: crítico-esteta-cínico mitigado**. Campina Grande, PB: EDUEPB, 2014.

RODRÍGUEZ, Daniel E. Aguilar; HUNG, Elias Said. Identidad y subjetividad en las redes sociales virtuales: caso de Facebook. **Zona Próxima**, Trujillo (Peru), n. 12, p. 190-207, 2010.

ROSA, André. Engajamento. In: BRAMBILLA, Ana (Org.). **Para entender as mídias sociais 2**. Salvador: Edições NVI, 2012.

RUIZ, João Álvaro. **Metodologia científica: guia para eficiência nos estudos**. 4.ed. São Paulo: Atlas, 1996.

SANTAELLA, Lúcia. O corpo como sintoma da cultura. **Comunicação, mídia e consumo**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 1-18, 2004. Disponível em: <<http://revistacmc.espm.br/index.php/revistacmc/article/view/17/17>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi de. **História da Beleza no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2014.

SANTOS, Christiano. Marketing colaborativo. In: BRAMBILLA, Ana (Org.). **Para entender as mídias sociais 2**. Salvador: VNI, 2012.

SANTOS, Helena Miranda dos. A construção da imagem "ideal" da mulher na mídia contemporânea. In: FAZENDO GÊNERO 8, CORPO, VIGILÂNCIA E PODER. Florianópolis, 25 a 28 de agosto 2008. Disponível em:

<www.fazendogenero.ufsc.br/8/sts/ST39/Helena_Miranda_dos_Santos_39.pdf> . Acesso em: 10 mar. 2016.

SANTOS, Mauro Aurélio Moura dos; SILVA, Mônica Teresa Mansur. Discurso do ódio na sociedade da informação: preconceito, discriminação e racismo nas redes sociais. **Direito e novas tecnologias**. In: XXII Encontro Nacional do CONPEDI / UNINOVE. Curitiba, 2013. Disponível em: <<http://www.publicadireito.com.br/artigos/?cod=dc1f1e86d49bb24c>>. Acesso em: 25 mar. 2015.

SARTI, Cynthia Andersen. O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória. **Estudos feministas**, Florianópolis, v. 12, n. 2, p. 35-50, mai. / ago. 2004.

SEALS, Greg. Objectively yours, Michel Foucault. **Educational Theory**, University of Illinois, v. 48, n. 1, p. 59-66, 1998.

SETTON, Maria da Graça. **Mídia e educação**. São Paulo: Contexto, 2010.

SIBILIA, Paula. **O homem pós-orgânico: corpo, subjetividade e tecnologias digitais**. Rio de Janeiro: Relume Dumara, 2002.

_____. **O show do eu: a intimidade como espetáculo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SILVA, Ana Cristina Teodoro da. **Temporalidades em imagens de imprensa: capas de revista como signos de olhares contemporâneos**. Maringá: EdUEM, 2011.

SILVA, Gislane Francisca da; MACHADO JÚNIOR, Sérgio da Silva. A construção do sujeito em Michel Foucault. **Entreletras**, Araguaína (TO), v. 7, n. 1, p. 200-210, 2016.

SOIHET, Rachel. A pedagogia da conquista do espaço público pelas mulheres e a militância feminista de Bertha Lutz. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 15, p. 97-117, set. / dez. 2000.

SOUSA, Kátia Menezes de. Discurso e biopolítica na sociedade de controle. In: TASSO, Ismara; NAVARRO, Pedro (Orgs.). **Produção de identidades e processos de subjetivação em práticas discursivas**. Maringá (PR): Eduem, 2012. Suny Press, 1987, p. 41-56.

STEPAN, N. L. Eugenia no Brasil, 1917-1940. In: HOCHMAN, G., and ARMUS, D., orgs. **Cuidar, controlar, curar: ensaios históricos sobre saúde e doença na América Latina e Caribe [on-line]**. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2004. Ebook.

SWAIN, Tania Navarro. A invenção do corpo feminino ou “a hora e a vez do nomadismo identitário?”. **Textos de história**, vol. 8, n. 1/2, 2000.

TAMES, Genevieve Galan. Uma mirada a la historia del cuerpo como objeto de estudio de la disciplina histórica. **Universidad Iberoamericana**, México, 2008.

Disponível em: <<https://sye.uchile.cl/index.php/RSE/article/download/18073/19207/>>. Acesso em: 10 jun. 2017.

TAYLOR, Charles. Foucault on freedom and truth. In: HOY, D. C. (Org.). **Foucault: a critical reader**. New York: Basil Blackwell, 1986.

TRINCA, Tatiane Pacanaro. **O corpo-imagem na “cultura do consumo”**: uma análise histórico-social sobre a supremacia da aparência no capitalismo avançado. 2008. 163 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências da Universidade Estadual Paulista. Marília, 2008. Disponível em: <https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciasSociais/Dissertacoes/trinca_tp_ms_mar.pdf>. Acesso em: 10 out. 2017.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade**: uma teoria social da mídia. 15ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

TOKARNIA, Mariana. Unesco defende que educação em sexualidade e gênero esteja prevista em lei. **Agência Brasil**, Rio de Janeiro, 8 jun. 2016. Disponível em: <<http://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2016-06/unesco-defende-que-educacao-em-sexualidade-e-genero-esteja-prevista-em-lei>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

VASCONCELOS, Naumi A.; SUDO, Iana; SUDO, Nara. Um peso na alma: o corpo gordo e a mídia. **Rev. Mal-Estar e Subj.** v. 4, n.1, p. 65-93, mar. 2004. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482004000100004>. Acesso em: 22 set. 2018.

VEYNE, Paul. **Foucault: o pensamento, a pessoa**. Lisboa: Edições Texto & Grafia, 2009.

VIGARELLO, Georges. **Corregir el cuerpo**: historia de un poder pedagógico. 2005. Buenos Aires: Nueva Visión, 2005.

VIGARELLO, Georges. Entrenarse. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs.). **Historia del cuerpo**: las mutaciones de la mirada el siglo XX. Vol. 3. Madrid: Taurus Historia, 2006.

WALZER, Alejandra. La beleza: de la metafísica al spot. Barcelona: Ediciones Octaedro, 2009. Ebook.

WEIZENMANN, Mateus. **Foucault: sujeito, poder e saber**. Pelotas: NEPFil *on-line*, 2013.

WESTBROOK, Robert B.; TEIXEIRA, Anísio. **John Dewey**. Recife: Editora Massangana, 2010.

WHISNANT, Clayton. Foucault & Discourse. **A Handout for HIS 389**, n. 9, nov. 2012. Disponível em:

<http://webs.wofford.edu/whisnantcj/his389/foucualt_discourse.pdf>. Acesso em: 8 mar. 2018.

WITHAKER, Francisco. Rede: uma estrutura alternativa de organização. **Revista Mutações sociais**, Rio de Janeiro, ano 2, n. 3, mar. / mai. 1993.

WOLF, Naomi. **O mito da beleza**: como as imagens de beleza são usadas contra as mulheres. Rio de Janeiro: Rocco, 1992.

ZARZALEJOS, José Antonio. Comunicação, jornalismo e '*fact-checking*'. **Uno**. A era da pós-verdade: realidade versus percepção. N. 27. São Paulo: Llorente & Cuenca, 2017. Disponível em:

<http://www.revista-uno.com.br/wp-content/uploads/2017/03/UNO_27_BR_baja.pdf>. Acesso em: 20 jun. 2017.